

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

Lucimar Lacerda Machado Coelho

**NELSON DE SENNA, HISTORIADOR:
Colombo do Mediterrâneo em Minas**

Belo Horizonte
2025

Lucimar Lacerda Machado Coelho

**NELSON DE SENNA, HISTORIADOR:
Colombo do Mediterrâneo em Minas**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de doutora em História.

Linha: História e Culturas Políticas

Orientadora: Dra. Ana Paula Sampaio Caldeira

Belo Horizonte

2025

907.2
C672n
2025

Coelho, Lucimar Lacerda Machado.

Nelson de Senna, historiador [recurso eletrônico] : Colombo do Mediterrâneo em Minas / Lucimar Lacerda Machado Coelho. - 2025.

1 recurso online (310 f.): pdf.

Orientadora: Ana Paula Sampaio Caldeira.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.História – Teses. 2. Historiografia - Teses. 3.Intelectuais – História - Teses. 4. Senna, Nelson de, 1876-1952. I. Caldeira, Ana Paula Sampaio . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FAFICH - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - SECRETARIA
ATA DA DEFESA DE TESE EM HISTÓRIA DE LUCIMAR LACERDA MACHADO COELHO
Nº REGISTRO: 2020657621

Aos **27** dias do mês de **maio** de **2025 (dois mil e vinte e cinco)**, reuniu-se a Comissão Examinadora composta pelos professores doutores **Ana Paula Sampaio Caldeira** (UFMG), **Giselle Martins Venâncio** (UFF), **Alessandra Soares Santos** (UFMG), **Ivana Denise Parrela** (UFMG) e **Ricardo Alexandre Santos de Sousa** (UESB), para julgar o trabalho final intitulado: **NELSON DE SENNA, HISTORIADOR: COLOMBO DO MEDITERRÂNEO EM MINAS**, requisito final para a obtenção do grau de **DOCTORA EM HISTÓRIA**. Abrindo a sessão no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Área de Concentração: História, tradição e modernidade: política, cultura e trabalho - Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas, a Presidente da Comissão, professora **Ana Paula Sampaio Caldeira**, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata, para a apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição de resultado final. A candidata foi considerada **APROVADA**. O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ata, que foi assinada pelos examinadores participantes. Belo Horizonte, 27 de maio de 2025.

Observação da Banca: *A banca ressaltou a qualidade do texto final da tese e a habilidade de Lucimar Lacerda Machado Coelho no trabalho com o arquivo pessoal de Nelson de Senna, sobretudo por se tratar de um conjunto documental volumoso e disperso. Foram ressaltadas também a boa organização do trabalho e a análise que a estudante realizou acerca do tema dos Africanismos. Por fim, os membros da banca fizeram sugestões para futuros desdobramentos da pesquisa.*

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Sampaio Caldeira, Professora do Magistério Superior**, em 28/05/2025, às 10:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alessandra Soares Santos, Professora Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 29/05/2025, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivana Denise Parrela, Professora do Magistério Superior**, em 02/06/2025, às 13:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Alexandre Santos de Sousa, Usuário Externo**, em 07/10/2025, às 14:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giselle Martins Venancio, Usuário Externo**, em 20/10/2025, às 19:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4177806** e o código CRC **25A5FD3E**.

Referência: Processo nº 23072.227402/2025-78

SEI nº 4177806

**NELSON DE SENNA, HISTORIADOR:
Colombo do Mediterrâneo em Minas**



Nelson Coelho de Senna
Fonte: APCBH, NCS.7 (10)143.

Seja qual for o futuro que nos espera – e, de certo, os nossos votos e os nossos esforços de bons patriotas são porque nos sorria o mais ditoso porvir –, pode-se, de antemão, augurar para esta terra de Minas Gerais espantoso e irreprimível surto ascendente na escala industrial da civilização.

Do ventre metálico das nossas serras têm de sair em breves tempos partos fecundos, que animem usinas e estaleiros e movimentem frotas e arsenais, enriquecendo o comércio e aperfeiçoando as artes e os ofícios em nosso país.

Uma nova fase de expansão do trabalho e da indústria exigirá também um novo cenário para a atividade material das gerações que nos forem sucedendo aqui nestes vales amplíssimos do Brasil Central.

Ferrovias enroscarão o seu traçado por quantos desfiladeiros existam no alpestre território de Minas, sem temor de obstáculos nos pontos de maior encurtamento de seu percurso; hão de se construir ao norte e ao sul, ao nascente e ao poente, túneis e viadutos mil, muralhas de arrimo e estradas de rodagem sem conta; pontes numerosas se estenderão sobre as correntes de tantos rios nossos; e obras de arte infinitamente multiplicadas irão afeiçoando os mais ásperos e bizarros trechos da nossa decantada natureza, para que em toda parte o homem colha proveito imediato e útil da terra, da água, da montanha, da floresta, da luz e do ar, conseguindo aqui o caminho, ali o movimento, acolá o espaço, mais além a matéria prima, o calor, a vida...

(Discurso do orador oficial Nelson de Senna, na sessão inaugural da Academia Mineira de Letras, em Juiz de Fora, em 13 de maio de 1910)

AGRADECIMENTOS

Lendo uma nota de agradecimento, chamou-me a atenção a referência a uma passagem do livro *Mongólia*, do romancista brasileiro Bernardo Carvalho, em que dizia: “acontece que esse percurso depende das pessoas que encontramos no caminho”. Pois bem, neste momento ocorre-me lembrar das pessoas que encontrei no meu caminho e que estão ligadas direta ou indiretamente a esse percurso.

Inicialmente, quero agradecer à professora e orientadora Dra. Ana Paula Sampaio Caldeira, pela disposição em dialogar sempre. Pela leitura atenta e sugestiva dos capítulos, indicando-me as possibilidades e as fragilidades do texto com sugestões e apontamentos valiosos. Obrigada por tanta generosidade!

Agradeço à equipe do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) na gestão de seu diretor, Yuri Mello Mesquita, em especial à Gabriella Mansur e Michelle Torre, que, em meio à Pandemia, possibilitaram o meu acesso ao acervo. A equipe da sala de consulta, Círlei Aparecida Rocha e Ana Paula Silva, pelo empenho e dedicada atenção no atendimento às minhas demandas de pesquisa. Ao Demilson Vigiano, do setor de conservação, e a Giselle Ribeiro, do setor de digitalização, por providenciar e disponibilizar as cópias dos documentos. Todo este auxílio iluminou o meu caminho, tornando-o menos arenoso. Minha gratidão!

Agradeço à equipe do Arquivo Público Mineiro (APM), do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), na pessoa de Paula Nogueira e à Academia Mineira de Letras (AML), por intermédio de Soraia Lara, por facilitarem o acesso ao fundo documental. Agradeço ainda, à Olívia Almeida pela atenciosa leitura e revisão da tese.

Agradeço aos professores e colegas do Programa de Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), com quem tenho o prazer de trabalhar. Em especial à coordenadora Vânia Aparecida de Jesus e aos amigos “puro ovos”, pelos agradáveis cafés na sala dos professores. Aos meus alunos que acompanharam esses últimos anos e foram, a seu modo, lugar de aprendizado e partilha.

Agradeço à banca de qualificação, composta pelas professoras Dra. Giselle Martins Venâncio e Dra. Ivana Stolze Lima, pelas indicações de leitura, observações e sugestões que me ajudaram a organizar esta tese, apontando questões que me acompanharam até a finalização da pesquisa. Aproveito para agradecer aos professores, membros da banca de defesa desta tese, Dra. Ivana

Denise Parrela, Dra. Giselle Venâncio Martins, Dra. Alessandra Soares Santos e Dr. Ricardo Alexandre Santos de Souza.

Agradeço a Paula Gabriella G. P. da Silva, sua sensibilidade e empatia foram fundamentais na minha jornada. Obrigada por todo apoio! E, propositadamente, por último, àqueles que fazem parte do convívio quase diário e familiar, cujo afeto e generosidade tornaram possíveis os “dias difíceis”: aos meus pais, Araci e Antônio, por ser presença silenciosa, aos meus irmãos pelo apoio e, ao Weder Fernando Coelho, pela compreensão e paciência. A vocês, minha gratidão!

RESUMO

A figura do obreiro incansável, consciente de seu dever, parece ser uma imagem que contorna e dá sentido à extensa trajetória político-intelectual de Nelson Coelho de Senna (1876-1952). Resultado do empenho pessoal bem como das oportunidades construídas, sua atuação é analisada nesta tese a partir das instituições às quais pertenceu, dos vínculos sociais estabelecidos e das ocupações e práticas instituídas que conformam sua atuação como historiador. Isso significa explorar o modo como construiu um lugar de relevo, buscando dar visibilidade ao seu projeto escriturário. Para isso, analisamos parte de seu acervo pessoal dedicado à construção do *Elucidário de africanismos*. Diante das possibilidades investigativas atribuídas ao expressivo valor informativo, objetivamos analisar os africanismos no diálogo com uma certa produção historiográfica, que, à época, assumiu estreita relação com a Filologia. Da problemática que envolve nosso objeto de pesquisa, buscamos demonstrar como a questão da língua assumiu a tônica na busca pela construção de modelos filológicos capazes de explicar ora a existência de uma antiguidade brasileira vinculada aos povos indo-europeus, ora a presença de uma brasilidade marcada pelas especificidades regionais. Estas últimas apresentam importantes desdobramentos nos debates da década de 1930, período em que um conjunto de elementos simbólico-discursivos foram responsáveis por conformar um ideal nacional. Dessa intenção, apontamos a figura de um intelectual cuja atuação fez parte de uma tradição e de um modo de fazer história que pertencem ao seu tempo. Para isso, focalizamos o contexto de produção e circulação de suas ideias, dispendo da maneira como soube aproveitar-se da ocasião, tornando-se um importante nome em torno dos estudos africanistas.

Palavras-chave: História da Historiografia. Africanismos. Nelson de Senna.

ABSTRACT

The figure of the faithful minister and fellow servant, aware of his duty, seems to be an image that captures and gives meaning to the extensive political-intellectual trajectory of Nelson Coelho de Senna (1876-1952). A result of both personal commitment and the opportunities built, his performance is analyzed in this thesis based on the institutions to which he belonged, on the established social bonds, as well as on the occupations and instituted practices that shape his performance as a historian. This means exploring how he built a prominent place, seeking to give visibility to his scriptural project. To do so, we analyze part of his personal collection, dedicated to the construction of the *Elucidário de africanismos* (Elucidations of africanisms). Given the investigative possibilities attributed to the expressive informative value, we aim to analyze the Africanisms in interface with a certain historiographical production that, at the time, established a close relationship with Philology. Concerning the research problem, we seek to demonstrate how the issue of language gained prominence in the search for the construction of philological models capable of explaining both the existence of a Brazilian antiquity linked to the Indo-European peoples and the presence of a brazilianness marked by regional specificities. The latter had important reverberations in the debates of the 1930s, a period in which a set of symbolic-discursive elements were responsible for shaping a national ideal. In this respect, we highlight the figure of an intellectual whose performance was part of a tradition and a way of making history unique to his time. To this end, we focus on the context of production and circulation of his ideas, exploring how masterful he was at taking advantage of the occasion, thus becoming an important name within Africanist studies.

Keywords: History of Historiography. Africanisms. Nelson de Senna.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AML	Academia Mineira de Letras
APCBH	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
APM	Arquivo Público Mineiro
APN	Arquivo Público Nacional
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGBA	Instituto Histórico e Geográfico da Bahia
IHGMM	Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais
PCM	Partido Conservador Mineiro
PRM	Partido Republicano Mineiro
UMG	Universidade de Minas Gerais

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do álbum 5, de 1900 em diante	28
Figura 2 – Folheto de apoio à candidatura de Nelson de Senna.....	35
Figura 3 – Carta endereçada aos filhos (1906)	39
Figura 4 – Carta endereçada à Emília Gentil Senna.....	42
Figura 5 – Contracapa do álbum/caderno de família.....	44
Figura 6 – Primeira folha do álbum/caderno de família	45
Figura 7 – Folhas internas do álbum/caderno de família.....	46
Figura 8 – Livro de família.....	56
Figura 9 – Capas dos cadernos/álbuns.....	58
Figura 10 – Caderno-álbum nº 12.....	59
Figura 11 – Trecho do recorte de jornal ampliado	60
Figura 12 – Fragmento escrito por Múcio Teixeira.....	60
Figura 13 – Estampilhas	62
Figura 14 – Caderno-álbum Notas biográficas.....	62
Figura 15 – Caderno-álbum Notas biográficas.....	63
Figura 16 – Caderno-álbum Notas biográficas.....	66
Figura 17 – Correspondências institucionais.....	67
Figura 18 – Cartas de familiares e pessoais.....	68
Figura 19 – Carta familiar do filho Lúcio para D. Maria Emília.....	69
Figura 20 – Álbum com recortes de fotografias	70
Figura 21 – Fotos publicadas em diferentes jornais	71
Figura 22 – Fotos de diferentes jornais presentes nos álbuns.....	72
Figura 23 – Capas de obras completas	73
Figura 24 – Recortes de jornal referente às doações realizadas por Nelson de Senna ao Arquivo Público Mineiro	85
Figura 25 – Recortes de jornal sobre doações de Nelson de Senna ao IHGMG	94
Figura 26 – Recorte de jornal referente ao envio de projeto de lei ao Congresso Mineiro para a criação e organização de um museu mineiro	98
Figura 27 – Recorte de jornal em apoio ao projeto de criação de um museu mineiro	100
Figura 28 – Homenagem ao acadêmico Nelson de Senna.....	109
Figura 29 – Recorte de jornal sobre a Exposição de S. Luiz.....	111
Figura 30 – Núcleo político-intelectual de Nelson Coelho de Senna.....	116

Figura 33 – Caderno, volume I.....	129
Figura 34 – Caderno, volume II	130
Figura 35 – Caderno de volume I (A-D) composto pelos vocabulários de africanismos na Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 1931	132
Figura 36 – Cadernos de volume III (P-Z) composto pelos vocabulários de africanismos na Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 1931	133
Figura 37 – Folha do receiturário do filho Lúcio de Senna com anotações para o <i>Elucidário</i>	134
Figura 38 – Reprodução ampliada dos verbetes <i>amulambado</i> , <i>amulêto</i> , <i>amulú</i> , <i>amundiçado</i> e <i>amunhecado</i>	136
Figura 39 – Folha avulsa de número 21 da versão datiloscrita do <i>Elucidário</i>	138
Figura 40 – Folhas avulsas da versão datiloscrita do <i>Elucidário de Africanismos</i>	139
Figura 41 – Folha avulsa datiloscrita do <i>Elucidário</i> correspondente ao verbete <i>balangandã</i>	140
Figura 42 – Folha avulsa de número 297 da versão datiloscrita do <i>Elucidário de Africanismos</i>	141
Figura 43 – Folha avulsa pautada contendo anotação sobre a crítica direcionada ao lexicógrafo brasileiro Antenor Nascentes.....	152
Figura 44 – Contracapa do catálogo da Biblioteca Brasiliano-Americana	155
Figura 45 – Capa do catálogo dos títulos que compõem a Biblioteca de Nelson de Senna, 1904	157
Figura 46 – Recorte da capa do segundo catálogo da Biblioteca Brasiliano-Americana de Nelson de Senna	158
Figura 47 – Catálogo da Biblioteca do Dr. Nelson de Senna	159
Figura 48 – Abertura da letra ‘E’ do catálogo dos títulos que compõem a Biblioteca de Nelson de Senna, datado de 1904	161
Figura 49 – Catálogo dos títulos da Biblioteca Brasiliano-Americana de Nelson de Senna .	162
Figura 50 – 1º Congresso Afro-Brasileiro. <i>Jornal do Povo</i> , Rio de Janeiro, n. 8, 17 out. 1934	178
Figura 51 – Notícia do 2º Congresso Afro-Brasileiro, <i>Jornal Estado da Bahia</i> , 14 jan. 1937	184
Figura 52 – Capa do livro <i>Africanos no Brasil</i>	205
Figura 53 – Homenagem ao filho Mucio Emilio Nelson de Senna.....	207
Figura 54 – Homenagem do autor ao IHGB.....	208
Figura 55 – Homenagem do autor à memória dos escravizados	209
Figura 56 – “Carta ao leitor”	210
Figura 58 – Primeira página do sumário	212
Figura 59 – Recorte de jornal <i>O Diário</i>	226

Figura 60 – Recorte do <i>Jornal do Brasil</i>	228
Figura 61 – Recorte de jornal <i>Correio da Manhã</i>	229
Figura 62 – Recorte do Jornal Minas Gerais.....	230
Figura 63 – Recorte – Revista da ABL.....	231

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
VIVER PARA CONTAR.....	26
CAPÍTULO 1 – MEMÓRIAS DE PAPEL: BIOGRAFIA E ARQUIVO PESSOAL	27
1.1 Ilustre serrano	27
1.2 Uma vida exemplar	37
1.3 Escritas de si/escritas do outro: breve análise dos arquivos privados pessoais	48
1.4 Na trilha do arquivo pessoal de Nelson de Senna	53
1.4.1 Recortar e colar: o colecionismo como prática	57
1.4.1.1 Os cadernos-álbuns	58
1.4.1.2 As correspondências.....	67
1.4.1.2.1 Cartas de associações científico-culturais	67
1.4.1.2.2 Cartas de familiares e/ou pessoais.....	68
1.4.1.3 As fotografias	70
1.4.1.4 As publicações.....	72
CAPÍTULO 2 – AÇÃO INSTITUCIONAL E PRÁTICAS HISTORIOGRÁFICAS: CAMINHOS CRUZADOS.....	75
2.1 O sentido das práticas.....	75
2.2 Abrir a arca, tocar os ossos.....	79
2.3 Um historiador em cena	89
2.4 Fiandeiro das palavras.....	102
2.5 Redes e sociabilidades intelectuais.....	109
FEITO COM ESPÍRITO DE BRASILIDADE	117
CAPÍTULO 3 – NA ARTE DE FAZER: OS AFRICANISMOS COMO ARTESANATO INTELECTUAL	118
3.1 A propósito do <i>Elucidário de Africanismos</i>	118
3.1.1 Criando tessitura: a construção de um vocabulário	120
3.2 No ninho das águias	143
3.3 O intelectual e sua biblioteca.....	154
CAPÍTULO 4 – HISTÓRIA E LÍNGUA: EM TORNO DE UM DOMÍNIO HISTORIOGRÁFICO	165
4.1 No subterrâneo da língua.....	165
4.2 Amolecendo a língua nas folhas de bananeira	174
4.3. Colombo mineiro: construindo significados	188
4.4 A toponímia africana em Minas Gerais.....	194
CAPÍTULO 5 – <i>AFRICANOS NO BRASIL</i> : A CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR NA HISTÓRIA	201
5.1 A ocasião faz a obra	201
5.2 À margem do texto.....	204

5.3 Com a palavra, o autor	213
5.4 Uma nação mestiça.....	219
5.5 Recepção e circulação da obra <i>Africanos no Brasil</i>	225
CONSIDERAÇÕES FINAIS – UM PROJETO INACABADO	234
REFERÊNCIAS.....	238
ANEXOS A – CRONOLOGIA DE NELSON DE SENNA	260
ANEXO B – OBRAS DE NELSON COELHO DE SENNA	266
ANEXOS C – IMAGENS E FOTOGRAFIAS.....	271

INTRODUÇÃO

*A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.*¹

À primeira vista, o título que inspirou esta tese faz referência a um dos criadores da Escola Naval em Pirapora,² Minas Gerais: Nelson Coelho de Senna (1876-1952). Mas não apenas. A imagem do desbravador de montanhas que almejou explorar as riquezas do estado natal em meio à tranquilidade de seu gabinete vai sendo contornada junto àquele almirante genovês e visionário partícipe das navegações espanholas.

A exemplo de Colombo, o “descobridor” mineiro parece inaugurar uma certa concepção de desbravamento que organiza e dá sentido à sua própria atuação político-intelectual. Se distanciados no tempo, o excessivo otimismo que os une permite-nos situá-lo mar adentro, colocando em relevo uma ambiciosa empreitada rumo ao “Mediterrâneo em Minas”.

À luz desse imaginário, sua trajetória lhe permitiu navegar por uma intrincada geografia de interesses, ora acompanhando o fluxo natural das marés, ora na contramão das embarcações. Todavia, seguir rumo à direção desejada pressupõe planejamento, colocando à prova uma habilidade política aliada à inclinação letrada, ambas construídas entre sociabilidades e instituições.

Essa ideia se confirma na maneira como buscou explorar a terra mineira,³ assumindo a missão de “desvendar o *ethos* da nacionalidade brasileira e indicar o caminho do progresso do país, a partir de Minas Gerais”.⁴ Uma imagem reveladora do desejo de conquista pessoal, cujo fascínio pelo progresso e pela modernização do estado assumiu centralidade em seu discurso e produção intelectual.⁵

¹ GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *Viver para contar*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 5.

² Escola criada no governo de Afonso Augusto Moreira Penna (1847-1909), por indicação do Congresso Mineiro, através da iniciativa do então deputado Nelson de Senna. Sua implantação esteve ligada ao ideário progressista de modernização das cidades brasileiras e à política de interligação do território nacional, visando o melhor escoamento de mercadorias pelo país e aos avanços econômicos da região mineira. Em 1908, Senna foi nomeado vice-presidente, membro efetivo e delegado geral da Liga Marítima Brasileira e membro efetivo da Comissão de Marinha e Guerra.

³ SENNA, Nelson Coelho. *A terra mineira*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1926. Tomo I.

⁴ SOUZA, Fabíula Sevilha de. *Astros, órbitas e poderes: modernidade, desenvolvimentismo e modernização na Primeira República*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. p. 371.

⁵ Em um contexto propício para a defesa de seus ideais, Nelson de Senna mostrou-se um entusiasta da mineração e siderurgia, mobilizando pesquisas (laudos técnicos, dossiês, estudos corográficos) sobre a mineração na região

No oceano de significados que dão forma à sua trajetória, a figura do político engajado e do homem de ação vai sendo edificada junto aos caminhos cruzados e aos ofícios polivalentes,⁶ sendo eles indicativos do modo como mobilizou recursos e estratégias que

marcam sua extensa atuação pública, na mesma medida em que contribuem para explicar seu “modo de viver e ver o mundo”.

Quanto aos equívocos de rota, há de se enfrentar com profundidade as criaturas que circundam esse arquipélago. Nesse mergulho, três elementos se misturam e confundem-se: os relatos pessoais, entrecortado por suas reminiscências; o labor de sua atuação pública; e a conjuntura político-intelectual em que esteve inscrito. Ao trazer para o centro dessa análise seu engajamento, buscamos fazê-lo juntamente com a apreciação de seu exercício memorialístico. Isso porque seu arquivo pessoal permite-nos vislumbrar uma escrita de si que se estabelece na ingerência da vida público-privada.

No ato mnemônico que envolve o universo particular de Nelson de Senna, salta aos olhos o modo singular com que organiza seu arquivamento, deixando em evidência o desejo de permanência. Aqui, o que se vê é a vida inscrita no papel, atravessada por uma intimidade que se encena numa firme intenção protagonista. Em seu arquivo pessoal está presente as marcas de seu produtor, acompanhada de uma identidade que se deixa mostrar-se.

Não parece ter sido tarefa fácil. Construído ao longo de mais de cinquenta anos de dedicação acumulativa, o *Arquivo Pessoal Nelson Coelho de Senna* é um fundo privado composto por uma volumosa e diversificada documentação pessoal e profissional recolhida pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH). Dada as possibilidades investigativas atribuída ao expressivo valor informativo, centramos esforços na análise de sua trajetória a fim de demonstrar um conjunto de práticas e modos de atuar que lhe conferiu uma identidade historiadora. Essa é uma questão que percorre toda a tese e orienta na compreensão de seu projeto escriturário.

Da problemática que envolve nosso objeto de pesquisa, há de se perguntar, entre outras coisas, de que maneira sua atuação concedeu-lhe reconhecimento entre seus pares, bem como sua inserção na cultura historiográfica da época. Se sua atuação remonta aos dilemas da própria

do Rio Doce. O período foi marcado pela criação da Companhia Siderúrgica Mineira (1917), da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira (1921) e do início das atividades da Usina Sabará (1925).

⁶ BRÖNSTRUP, Gabriela D'Ávila. *Um ofício polivalente: Rodolfo Garcia e a escrita da história (1932-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

natureza e estatuto desse ofício em aberto,⁷ também podemos indicar outras questões fronteiriças.

O período marcou a presença de um diversificado ambiente de produção e sistematização do conhecimento histórico, construído numa linha tênue entre saberes e instituições culturais. Em meio ao heterogêneo universo intelectual, buscamos situar nosso personagem junto àqueles que se encarregaram da escrita da história, cuja atividade se desdobrava entre o exercício parlamentar e intelectual, os chamados polígrafos.⁸

Nessa direção, sua própria atuação aproxima-nos desse debate, sendo expressa ora dentro de uma cultura letrada mais ampla, ora restrita ao imperativo institucional. Com isso, pretende-se colocar em análise o lugar institucional, as práticas e o projeto escriturário defendido pelo historiador. Assim, direcionamos nossa atenção para uma dimensão operacional da história, identificada no modo como suas experiências particulares conformaram práticas e solidariedades comuns.⁹

Esses aspectos foram observados através do trabalho cotidiano, evidenciado pelas diferentes atividades e formas de “fazer” história à época. Tal escolha contribuiu para localizar uma certa visão do trabalho historiográfico, cujas práticas foram muito recorrentes durante o período, mas que, aos poucos, foram perdendo espaço no “estrito mundo” acadêmico. Desse modo, a criação das principais instituições mineiras, às quais participou ativamente, ganha relevo junto às disputas em torno da escrita da história no/do estado de Minas Gerais.

Diante desse quadro institucional, cabe ainda realçar sua sólida cultura e erudição, toda ela atravessada pelas atividades exercidas no magistério, na jurisprudência e no congresso mineiro e federal. Na prática, trata-se de posições ocupadas e/ou disputadas no meio social às quais conferir-lhe prestígio e visibilidade na carreira pública.

Como artífice da história, o artesanato intelectual de Nelson de Senna é indicativo do processo de construção de seu projeto historiográfico. Seu trabalho assemelha-se ao de um artesão, no sentido daquele que emprega sua força e habilidade na fabricação de sua obra. Assim, em consonância com a análise de Albuquerque Jr.,¹⁰ que coteja a figura do historiador

⁷ Sobre as indefinições desse campo do conhecimento, anterior à emergência e especialização universitária. Ver: FERREIRA, Marieta de Moraes. *A história como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

⁸ GOMES, Ângela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2009.

⁹ CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011. p. 45-108.

¹⁰ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019.

com a metáfora do “tecelão dos tempos”, buscamos acompanhar o artesanato de Senna junto aos fios que tecem e amarram sua urdidura.

É com esse olhar que percorreremos seu arquivo, atentos às práticas e aos métodos de pesquisa, bem como aos movimentos e às ideias que conformam sua escritura. Por meio dessa análise, observa-se a busca por uma cientificidade comprometida com o desenvolvimento econômico e cultural do estado mineiro. Assim, ao longo desta tese, o leitor perceberá que a figura do historiador vai sendo justaposta à do parlamentar, sendo apresentada não propriamente como um especialista de área, mas do erudito cuja postura pragmática resultou numa extensa produção de estudos e dados sistemáticos.¹¹

De sua atuação historiadora, pode-se avistar, com maior força, os trabalhos relacionados aos *indigenismos* e *africanismos* presentes na língua portuguesa falada no Brasil. Esses estudos integram a maior parte de seu acervo, indicando uma expressiva catalogação manuscrita e datiloscrita composta por verbetes, listas de palavras, termos e expressões organizadas em folhas avulsas e cadernos. Um convite ao desbravamento étnico-linguístico e cultural que conformam o vasto território nacional.

Tributário de uma ideia de raça e miscigenação que, em certa medida, remonta às primeiras décadas do século XX, construiu seu pensamento na esteira dos debates e teorias raciais do período,¹² ocasião em que assumiu posição fortemente regionalista, buscando consolidar-se em torno dos estudos linguísticos. Essa escolha proporcionou-lhe um domínio de ação e de trabalho que lhe conferiu um ponto de referência nos estudos filológicos e linguísticos posteriores.

Muito embora seja um nome quase desconhecido pela historiografia, identificamos alguns trabalhos sobre Nelson de Senna, apresentados abaixo de acordo com a ordem cronológica de publicação. O primeiro deles é parte integrante do projeto *Memória Política de Minas Gerais: Milton Campos, Raul Soares e Nelson de Sena*, da Fundação João Pinheiro. Publicado em 2006, na Coleção Mineiriana, o livro foi organizado pelos historiadores Fádua Maria de Sousa Gustin e Mário Cléber Martins Lanna Júnior e, reúne a análise e transcrição de 39 discursos parlamentares representativos de seu pensamento político.

¹¹ Na estrutura de arranjo, encontra-se organizado na série Estudos Temáticos (NCS.3) estudos e pesquisas sobre siderurgia, mineração, toponímia e corografia do estado de Minas Gerais e do Brasil, além de estudos etnográficos e linguísticos dedicados aos indigenismos, africanismos e brasileirismos idiomáticos. Ver: ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE (MG). *Inventário do arquivo pessoal Nelson Coelho de Senna* (1876-1952). Belo Horizonte: APCBH, 2000. p. 40-51.

¹² No limiar do século XX, as teorias raciais difundidas pelas escolas de Direito e Medicina produziram importantes estudos que foram responsáveis por conduzir o desenvolvimento do país através de ações e políticas públicas abalizadas pelo racismo científico. Ver: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

No capítulo dedicado ao estudo crítico produzido por Vera Alice Cardoso Silva, a autora explorou os interesses e preocupações que conformam as principais ideias políticas defendidas por Nelson de Senna em torno de sua concepção sobre “a sociedade, o Estado e a política”.¹³ Apoiando-se num sólido conjunto documental, esse trabalho dedicou-se à sistematização de seu pensamento, oportunizando nosso primeiro contato com sua trajetória e memória política, bem como, na compreensão de parte de sua construção discursiva que se estabelece entre ações e posicionamentos.

O segundo trabalho refere-se à dissertação de mestrado de Maristela Martiniano, intitulada *O arquivo privado de Nelson Coelho de Senna como possibilidade de pesquisa etnográfica*. Em sua pesquisa, buscou realizar um estudo acerca da aquisição do acervo pessoal de Nelson de Senna pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, com ênfase nos procedimentos metodológicos de organização do fundo na instituição. Através da pesquisa etnográfica, propõe uma análise dos aspectos da cultura afro-brasileira presentes na constituição da identidade brasileira e sua relação com o contexto histórico-social de produção do arquivo. Ainda que em outra direção, seu trabalho nos possibilitou uma aproximação inicial com os estudos sobre os *africanismos* produzidos por Senna.

O terceiro trabalho é a tese de doutoramento de Fabíula Sevilha de Souza, *Astros, órbitas e poderes: modernidade, desenvolvimentismo e modernização na Primeira República*, defendida em 2017. Em sua análise, a autora expõe uma intrincada rede de contato inraelite mineira que se destacou em torno do projeto de modernização econômica do estadista João Pinheiro da Silva (1860-1908). Na tese, examina o projeto pinheirista à luz das contribuições de seus continuadores, sendo eles Raul Soares, Arthur Bernardes e Nelson de Senna. Através da análise de documentos oficiais, dentre eles, anais da Câmara dos Deputados, leis e decretos, a pesquisadora coloca em perspectiva a participação desses intelectuais como parte dos “novos personagens que deram continuidade à agenda pinheirista”.¹⁴ Na tese, a participação de Senna é reivindicada como parte do “trio” responsável por continuar o projeto desenvolvimentista. Esse foi um ponto-chave para a compreensão do movimento político construído por Nelson de Senna em defesa de um ideário de progresso e modernização do estado mineiro.

O quarto e último trabalho de que temos conhecimento, acende mais de perto uma centelha em direção à nossa temática. Defendida em 2021, a dissertação de mestrado de Olívia Nogueira de Almeida, intitulada *Elucidário de africanismos: resultados de um garimpo no*

¹³ GUSTIN, Fádua Maria de Souza; LANNA JR. Mário Cléber Martins (Org.). *Memória política de Minas Gerais: Nelson Coelho de Senna*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2006. (Coleção Mineiriana). p. 31-53.

¹⁴ SOUZA. *Astros, órbitas e poderes*, 52.

Arquivo Pessoal de Nelson de Senna, apresenta uma exploração crítico-genética do trabalho lexicográfico produzido por Nelson Coelho de Senna na construção do *Elucidário de Africanismos*. A pesquisa de Almeida é expressão de um dedicado trabalho de transcrição e análise, cuja intenção primeira foi a tentativa de edição de parte desse acervo composto por mais de duas mil páginas manuscritas e datiloscritas. Um trabalho engenhoso, porém, inviável, segundo a própria autora.

Sua dissertação, vinculada ao campo da Filologia e Língua Portuguesa, abriu caminho para uma aproximação junto ao amplo repertório lexical e linguístico existente nos estudos sobre os *africanismos* produzidos por Nelson de Senna. Através do estudo dos “incidentes redacionais”, que contornam o processo de construção e escrita do estudioso, a pesquisadora faz uma análise em que se dedica ao processo de construção vocabular de Senna. Ainda que em outra direção, sua pesquisa contribuiu para o enfrentamento e compreensão de parte dos aspectos filológicos presentes no acervo intitulado *Elucidário de Africanismos*.

Desse modo, indicamos que, em alguma medida, esses estudos compartilham de interesses comuns e reafirmam a relevância de novos trabalhos nessa direção. Ao mesmo tempo, expõem o interesse cada vez maior por figuras locais, buscando validar sua presença em espaços de menor projeção, se comparado com figuras estelares. Logo, acreditamos que sua trajetória e produção intelectual merecem ser investigadas por possibilitar a análise de múltiplos significados construídos em torno de suas ideias e ações.

Portanto, essa investigação se justifica, primeiro, porque fez parte de um projeto de integração regional que se pretendia nacional e, em segundo, porque sua atuação permite-nos recuperar uma dimensão do seu trabalho em perspectiva historiográfica. É nessa lacuna que esta tese se insere e dá sentido à problemática que organiza e coteja os cinco capítulos. Desse modo, sua atuação possibilita-nos compreender parte do universo político-intelectual das primeiras décadas do século XX, período em que se discutia no país diferentes projetos de identidade nacional, fortemente marcados pelas teorias raciais e higienistas.

Margeando essas ideias, sem, contudo, entregar-se totalmente a elas, podemos assinalar a presença de intelectuais que, como Nelson de Senna, estiveram preocupados com a formulação de projetos em que a contribuição étnico-cultural africana foi incorporada ao ideal nacional de brasilidade, buscando, assim, definir um conjunto de características próprias dos regionalismos marcados pelos aspectos culturais e linguísticos provenientes do processo de miscigenação.

Nessa direção, procuramos seguir uma linha de análise que entrelaça e amarra as ideias dos capítulos, a fim de dar sentido e unidade à tese. Para isso, organizamos esse trabalho em

duas partes que se cruzam e se complementam. Na primeira delas, intitulada *Viver para contar*, planeamos um caminho cujo potencial das fontes materiais possibilitou-nos percorrer a trajetória e a atuação político-intelectual de Nelson de Senna. Paralelamente à construção de sua imagem pública, procuramos acompanhar os elementos que conformam sua identidade historiadora. Esses objetivos encontram-se contemplados nos dois primeiros capítulos da tese, conforme abordaremos a seguir.

No primeiro capítulo, “Memórias de papel: biografia e arquivo pessoal”, buscamos traçar um panorama de quem foi Nelson de Senna, como atuou e como pretendeu mostrar-se publicamente. Como fio condutor de sua narrativa, optamos por apresentar a memória autobiográfica de Senna, considerando-a nos planos individual e coletivo. Diferentemente de uma cronologia mais sistemática, a imagem do “ilustre serrano” vai sendo construída na esteira dos movimentos e ambiguidades que conformam sua atuação.¹⁵ A partir de seu exercício memorialístico, pretendemos acompanhar também uma dimensão plástica que se processa na maneira como ele organizou a sua “memória de papel”. Aqui, a experiência vivida assume caráter analítico numa estreita relação com os estudos teórico-metodológicos.¹⁶

No segundo capítulo, “Ação institucional e práticas historiográficas: caminhos cruzados”, analisamos a atuação intelectual de Nelson de Senna construída entre os diferentes ofícios e vínculos institucionais.¹⁷ Esses parecem-nos reveladores da figura multifacetada que compõe as muitas instâncias desse sujeito, colocando em relevo uma dimensão bastante representativa do modo como pretendeu ser reconhecido por seus pares – *um obreiro incansável*. Longe de apontá-lo como uma figura modelar, o desafio que se colocou foi percorrer sua atuação como historiador, trazendo um homem de seu tempo, cuja atuação fez parte de uma tradição e de um modo de fazer história à época. Nesse sentido, o capítulo assume uma estreita relação entre a história da historiografia e a história dos intelectuais, na medida em

¹⁵ Consideramos sua autobiografia no entrecruzamento com a memória coletiva, entendida como a experiência vivida por um grupo ou comunidade que compartilham sociabilidades e itinerários, circunscritos por uma identidade comum. Nesse sentido, as regras de arquivamento saltam-se da objetividade para escolhas que, na maioria das vezes, não estão aparentes, pois encontram-se nas subjetividades, nas idas e vindas comum a qualquer trajetória. Para essa análise, tomamos como chave de leitura o conceito de espaço biográfico. Ver: ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010.

¹⁶ Valendo-se de uma historiografia mais contemporânea que tem se dedicado à análise de arquivos pessoais na construção de trajetórias intelectuais, indicamos os trabalhos de: VENÂNCIO, Giselle Martins. *Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015; ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a história da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011; GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

¹⁷ Essa análise se constitui entre percursos justapostos e interdependentes, ora pelas estratégias construídas, ora pela alternância de posições que se constituem em redes de sociabilidades. Ver: SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

que possibilita acessar um conjunto de práticas exercidas por ele, associado à de outros tantos que estiveram comprometidos com a escrita da história no/do estado.

A segunda parte da tese, intitulada *Feito com espírito de brasilidade*, é dedicada à análise do projeto escriturário formulado por Nelson de Senna. Organizada em três capítulos, dedicamos atenção ao processo de construção de seu artesanato intelectual numa intrínseca relação com o debate nacional étnico-linguístico. Desse modo, no terceiro capítulo, intitulado “Na arte de fazer: os africanismos como artesanato intelectual”, acompanhamos o trabalho de feitura intelectual na construção de uma escrita historiográfica. Nele, estão presentes os bastidores da oficina do historiador, cujo labor contorna um método e um modo de fazer história. Comparado a uma atividade de garimpo, o esforço de extração e lapidação da matéria bruta vai ganhando forma e conteúdo por meio de um exaustivo trabalho de organização artesanal, construído sistematicamente ao longo de décadas de pesquisa. Na construção de seu pensamento, estão imbricados os bastidores de sua produção associados às condições de elaboração. Isso implica acompanhar um texto inacabado, num constante movimento de escrita e reescrita.

No quarto capítulo, “História e língua: em torno de um domínio historiográfico”, localizamos parte do debate sobre a língua na construção dos projetos de nação. Essa questão, orientou os trabalhos junto ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que desembocaram em estratégias teórico-discursivas para a consolidação de uma antiguidade para o Brasil. Estiveram à frente desse projeto, o médico e botânico alemão Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) e, posteriormente, o diplomata e historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), o visconde de Porto Seguro, ambos renovadores dos estudos históricos à época. Mais tarde, durante a década de 1930, parte da elite intelectual esteve preocupada em pensar a identidade nacional a partir dos aspectos que definiam a singularidade brasileira. Nessa direção, buscamos demonstrá-los através dos regionalismos linguísticos, dando ênfase aos principais congressos afro-brasileiros de que fizeram parte figuras como Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) e Gilberto de Mello Freyre (1900-1987), dentre outros. Em perspectiva relacional, buscamos demonstrar que o interesse de Nelson de Senna pelos estudos filológicos não se revelou casualmente, antes, acompanhou os debates que circulavam à época nos principais centros intelectuais do país.

No quinto capítulo, “Africanos no Brasil: a construção de um lugar na história”, apresentamos a análise da obra *Africanos no Brasil: estudos sobre os negros africanos e influências afro-negras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro*, entendida por nós, como síntese de seu pensamento. Publicada em 1938, a obra traz importantes referências

teórico-bibliográficas que nortearam sua perspectiva de história, permitindo-nos acompanhar o modo como esse historiador mobilizou e tornou pública as críticas direcionadas aos renomados filólogos Antônio Pereira Cândido de Figueiredo (1846-1925), Antenor Nascente (1886-1972) e Jacques Raimundo Ferreira da Silva (?-1960) estabelecendo assim, a mesma ousadia com que buscou transitar no “ninho das águias”. Trata-se, portanto, de compreender as questões que perpassam seu posicionamento, com destaque para a singularidade de sua narrativa, suas lutas e disputas que contornam a busca por reconhecimento entre seus pares. Para tal, enfatizamos o contexto de produção e circulação de suas ideias, dispondo do modo como soube aproveitar-se da ocasião para dar visibilidade ao seu projeto escriturário.

Assim, na condição de retomar o aparato simbólico com que iniciamos essa introdução, seguimos em direção à travessia do explorador de montanhas rumo ao descobrimento do “Mediterrâneo em Minas”. Trata-se de seguir um caminho cuja análise buscou acompanhar seu percurso que, mesmo em meio aos desvios e/ou equívocos de rota, foi impulsionado pelo firme desejo de seguir sempre adiante. Nesse sentido, ligamos a figura de Nelson de Senna à do *passeur*,¹⁸ do barqueiro, do atravessador, no sentido daquele que criou as condições que lhe permitiu atravessar para o outro lado da margem, “navegando de uma ilha a outra”, mesmo que interpelado pelas ingerências do próprio trajeto. Essa é uma possibilidade e um modo de atribuir sentido à trajetória e atuação de Nelson Coelho de Senna.

¹⁸ A expressão francesa refere-se a “uma espécie de contrabandista: desconsidera e desafia as fronteiras e limites estabelecidos, passando pessoas e mercadorias sub-repticiamente e subvertendo as possibilidades de estar. Na contramão da ordem, o passeur se mostra como um extremo das artes de fazer: frente às imposições objetivas colocadas em seu caminho, ele cria atalhos, desloca certezas e subverte o status quo.” Ver: OHARA, João Rodolfo Munhoz. *O historiador como passeur*: considerações sobre Michel de Certeau e o ofício do historiador. Caderno de Pesquisa CDHIS, Uberlândia, v. 25, n. 2, jul./dez. 2012, p. 454.

VIVER PARA CONTAR

CAPÍTULO 1

MEMÓRIAS DE PAPEL: BIOGRAFIA E ARQUIVO PESSOAL

1.1 Ilustre serrano

Arquivamos portanto nossas vidas, primeiro, em resposta ao mandamento "arquivarás tua vida" – e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade.¹⁹

Os diários constituem-se em um gênero textual narrativo e, por vezes, estabelecem uma intrínseca relação com a escrita autobiográfica. Como exercício memorialístico, são capazes de capturar sensibilidades, gestos e intencionalidades que projetam para o futuro o desejo de perpetuar-se. Além disso, compactuam de um ato coletivo de organizar pensamentos e ideias que são atravessados pelos dilemas do mundo em que se insere. Seja no âmbito pessoal e/ou profissional, produzem diferentes modos de subjetivação do indivíduo ligando-o a uma lógica própria de escrita.

Foi, portanto, através de seus cadernos de notas, orgulhosamente construídos em meio às elogiosas descrições sobre seu titular, que percorremos a biografia do mineiro Nelson Coelho de Senna,²⁰ nascido na cidade do Serro em 4 de outubro de 1876. Esses, revelam uma escrita memorialística em que expõe sua intensa atuação pública estabelecida ao longo de décadas de muito trabalho.

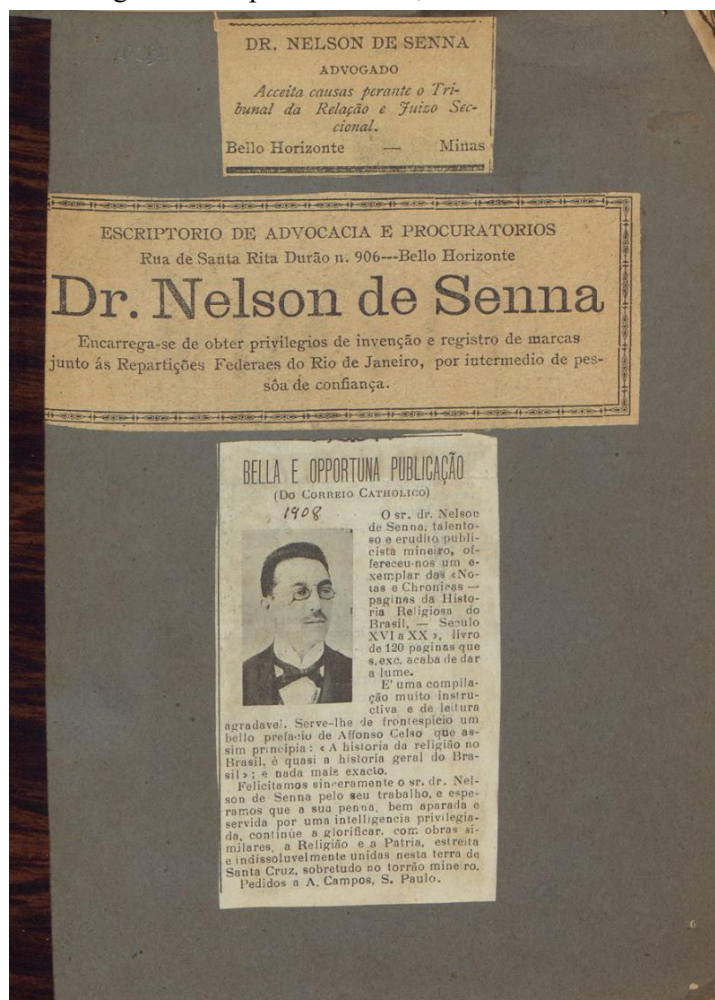
Ao registrar sua vida nas páginas dos “cadernos-diários”, sistematicamente etiquetados e datados, o autor parece eleger a escrita memorialística como mote de sua prática escriturária. Neles, uma cuidadosa e seletiva colagem vai preenchendo as linhas, dando lugar ao exercício de narrar a si mesmo. No exemplo abaixo, o *álbum* de capa cinza com recortes de jornais indicando sua atuação como advogado e intelectual, abre a sua autobiografia. Numa estreita relação de complementaridade biográfica os recortes dão destaque à sua projeção pública

¹⁹ ARTIÈRE, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, v. 11, n. 21, p. 11, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061>. Acesso em: 20 set. 2022.

²⁰ No acervo, encontramos duas formas ortográficas para a grafia de seu sobrenome *Senna* e *Sena*, privilegiamos aquela em que o próprio produtor do arquivo utilizava em sua assinatura.

destacando as habilidades do “talentoso e erudito publicista mineiro”, conforme indicado abaixo.

Figura 1 – Capa do álbum 5, de 1900 em diante



Fonte: Álbum 5: 1900 em diante. Álbum (n. III), ano de 1900, em Deante. Referências, Críticas e Notícias (a mim, pessoalmente, ou a meus trabalhos). Nelson C. de Senna. APCBH, NCS.1.6.5, C003.

Em seu acervo estão presentes mais de 20 cadernos-álbuns autorreferenciais contendo anotações pessoais, assentamentos íntimos, fotos, recortes e pensamentos que testemunham sua narrativa e legitimam sua escrita de si. Aqui, a escrita é contornada por um modo de subjetivação em que contempla importantes aspectos da vida pessoal e profissional, servindo-nos de matéria-prima na análise de sua autobiografia.

Tal qual um “caderno de nota grego”, definido por Foucault²¹ como hypomnêmata, Nelson de Senna constrói sua escrita marcada por um conjunto de memórias “das coisas vividas

²¹ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade e Política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Coleção Ditos e Escritos). p. 147.

e pensadas,” que expressam uma forma de escrita estética e ética. Como um guia de conduta ou um *livro da vida*, seus cadernos expressam uma interessante construção autobiográfica, sendo conduzido por uma escrita que se constitui como uma importante ferramenta tanto para o autoconhecimento quanto para o efetivo uso da razão. Nas palavras de Foucault:

Não haverá que considerar esses hypomnémata como um simples suporte de memória, que poderia consultar a cada tanto, caso se apresentasse a ocasião. Eles estão destinados a substituir a recordação eventualmente débil. Eles constituem, antes, um material e um quadro para os exercícios a realizar frequentemente: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com os outros etc. Trata-se de constituir um logos boéthikos; um equipamento de discursos que servem de ajuda, suscetíveis, como diz Plutarco, de levantar eles mesmos a voz e de fazer calar as paixões, como um amo que com uma palavra aplaca o latido dos cães.²²

Desse modo, ao buscar narrar sobre si mesmo, Nelson de Senna sublinha uma diversidade de escritas que refletem a escolha e o caminho mobilizado por ele na composição de sua imagem pública. São memórias que deixam entrever uma construção “de si e para si” que apontam para uma lógica e intenção próprias de arquivamento. Nessa direção, a experiência vivida vai ganhando tessitura num cuidadoso trabalho artesanal de seleção pessoal.

Observa-se, ao longo do material analisado, uma característica comum atribuída aos arquivos autobiográficos, qual seja, a preocupação do titular em conduzir sua trajetória de maneira linear. Embora o faça perseguindo esse intento, os arquivos pessoais se constituem em meio às representações e subjetividades de seus acumuladores, contornando uma lógica própria que orienta e dá sentido à escolha de arquivamento.²³

No caso de Nelson de Senna, a figura do homem público que construiu sua trajetória no entrecruzamento de ofícios polivalentes²⁴ pode ser retomada quando, ainda muito jovem, o filho do coronel da Guarda Nacional, Cândido José de Senna (1846-1911), natural de Vila Velha do Rio das Contas, interior da Bahia, e da professora Maria Brasilina Coelho de Senna (1847-1908), natural de Guanhões, em Minas Gerais, enveredou-se pelo caminho das letras.²⁵

²² FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 2009. p. 221.

²³ HEYMANN, Luciana Quiller. Arquivamento, indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Estudos históricos*, v. 19, n. 19, p. 41-66, 1997.

²⁴ Ao trazer a ideia de ofícios polivalentes, estabelecemos diálogo com o trabalho de Brønstrup, no qual a autora chama a atenção para uma geração de intelectuais que se constituíram na “brecha” de outras atividades profissionais, conformando uma condição de trabalho entre os eruditos e letrados do período. Ver: BRÖNSTRUP. *Um ofício polivalente*.

²⁵ É possível que Nelson de Senna tenha construído seu interesse pelas letras através de seus pais, ambos foram professores e tiveram projeção pública. D. Maria Brasilina Coelho, conhecida pelo apelido de “Mariquinha”, pertenceu a uma das principais famílias de Guanhões (MG), tendo importante atuação na formação da sociedade de São João del-Rei (MG). Quando foi criada a escola do sexo feminino, foi designada para ser sua primeira professora. Cândido José de Senna atuou como professor em diversas vilas e cidades mineiras, como Serro Frio, Guanhões e São João Evangelista, nesta última, foi designado para instalar e reger a escola primária do sexo

Pertencente a uma família do interior do estado de Minas Gerais, realizou o curso primário em São João Evangelista entre os anos de 1884 e 1890. No ano seguinte, iniciou o curso secundário em Humanidades no Externato e Escola Normal de Diamantina, sendo esse concluído no Externato do Ginásio Mineiro na cidade de Ouro Preto em 1893.²⁶ Ainda no colegial, manifestou interesse pela escrita, participando da fundação do jornal *O Aprendiz*, em Diamantina.

Mais tarde, o interesse pela escrita foram reforçados nos tempos de estudante de Ciências Jurídicas e Sociais em Ouro Preto, colaborando como editor-chefe do jornal *Academia*. Um folheto dos discentes do curso de Direito, no qual também participavam Artur da Silva Bernardes (1875-1955) e Raul Soares de Moura (1877-1924), esses despontaram-se na cena pública alcançando projeção nacional.

Seus primeiros passos profissionais encaminharam-se, quando de sua nomeação, por concurso público, para amanuense da Secretaria de Polícia em 1894, mesmo ano em que assumiu o cargo de professor das classes preparatórias no Externato do Ginásio Mineiro, em Ouro Preto. No ano seguinte, transferiu-se da Secretaria de Polícia para a Secretaria de Agricultura como adido ao gabinete do secretário de Estado. Concomitante ao trabalho na repartição pública, inaugurou sua carreira de escritor com a coletânea “Memória histórica e descritiva da cidade e município do Serro”.²⁷

Rumo ao magistério, o ano de 1896 revelou-se bastante profícuo. Ainda em Ouro Preto, foi nomeado por concurso público²⁸ para assumir a vaga de professor substituto de História Universal e História do Brasil no Externato e Ginásio Mineiro, ocupando a cadeira de Afonso Arinos de Melo Franco (1868 – 1916). Posteriormente, assumiu o cargo de professor interino naquela instituição e, na mesma época, publicou as seguintes obras: “Páginas Tímidas: contos

masculino. Também exerceu o cargo de inspetor de Ensino do Estado de Minas, transferindo-se para Belo Horizonte em 1908. Disponível em: <https://ihgmg.org.br/sme/conteudoinstitucional/menuesquerdo/SandBoxItemMenuPaginaConteudo.ew?idPaginaItemMenuConteudo=7580>. Acesso em: 20 ago. 2022.

²⁶ Fundado em 1892 na cidade de Ouro Preto (MG), o Externato e Ginásio Mineiro teve sua transferência para a nova capital, Belo Horizonte, no ano de 1897. O edifício, construído para abrigar a instituição escolar, foi projetado pelo arquiteto Edgar Nascentes Coelho (1853-1917), mais tarde, abrigaria o Instituto de Educação de Minas Gerais. Ver: VIANA, Natercia Micheletti. *Juventude, cidade e educação: a experiência do ginásio mineiro em Belo Horizonte (1898-1914)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

²⁷ O folheto com 22 páginas pertence ao gênero textual memorialístico, constituindo-se de dados sistemáticos e descritivos sobre sua cidade natal, Serro. Ver: SENNA, Nelson Coelho de. *Memória histórica descritiva da cidade e município do Serro*. Ouro Preto: Ferreira Lopes & C., 1895.

²⁸ SENNA, Nelson Coelho. *Programa de História do Brasil apresentado no Externato do Ginásio Mineiro*. Folhas Avulsas, 1897. APCBH, NCS.5.1.

e escritos” e “Efemérides e fatos mineiros”. Sem deixar de lado a vida privada, ainda nesse ano, constituiu-se em matrimônio com Emília Gentil Horta Gomes Candido (1875 – 1939).²⁹

Em 1897, com então 21 anos, assumiu o cargo de professor titular da cadeira de História do Externato e Ginásio Mineiro, diplomando-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, em Ouro Preto. Paralelamente às atividades do magistério, participou, em 1898, como relator da Comissão Estadual de História de Minas Gerais para dar parecer sobre a obra “Ephemérides Mineiras” de Xavier da Veiga.³⁰ Mudou-se para a nova capital mineira, onde atuou como editor-chefe do jornal *Bello Horizonte*. Sua atuação também foi notada em outros jornais, como *Quinzenário*, *A Província* e *Diário de Minas*.³¹

Entre os anos de 1900 e 1902, foi nomeado como vice-presidente do Conselho Superior de Instrução Pública de Minas Gerais, tornando-se membro efetivo em 1904. Impulsionando sua atuação pública, nesse mesmo ano foi nomeado juiz de Direito de Minas Gerais. Em 1906, colaborou com a fundação da primeira fábrica da capital, a Companhia Industrial Belo Horizonte, considerada, à época, um dos maiores empreendimentos têxtil.³² Essas atuações lhe permitiram envolver-se na defesa do progresso econômico e social do estado, chamando atenção para a criação de instituições fundamentadas na capacitação técnico-científica, de modo a garantir o desenvolvimento das regiões mineiras menos favorecidas.³³

²⁹ Pertenceu a uma família tradicional da cidade de Mariana (MG), filha do deputado e ex-chefe político do Império, o coronel Antônio Gentil Gomes Cândido e sobrinha-neta do ilustre Dr. Francisco de Paula Cândido, figura de relevo no Império brasileiro casado com Maria Benedita Andrade, filha do Marquês de Itanhaém (Manoel Ignacio de Andrade Souto-Maior Pinto Coelho). Dentre as posições ocupadas por seu tio-avô, destacamos aqui a de preceptor de Línguas e Ciências Naturais das princesas Dona Isabel e Dona Leopoldina. Dada a proximidade familiar, é possível que seu pai tenha contribuído com a inserção político-social de Nelson de Senna na vida pública. Ver: SENNA, Nelson Coelho de. Um mineiro Ilustre – Conselheiro Francisco de Paula Candido. 1897, p. 397-401. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1119.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

³⁰ José Pedro Xavier da Veiga (1846-1900) foi um intelectual, historiador, jornalista e político mineiro, fundador e primeiro diretor do Arquivo Público Mineiro (APM), tendo cedido a parte térrea da sua própria casa para abrigar a instituição nascente. Ver: SILVA, Marisa Ribeiro. *História, memória e poder*: Xavier da Veiga, o Arconte do Arquivo Público Mineiro. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

³¹ COLEÇÃO LINHARES. *Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte* (1895-1954). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. O Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte é uma coleção de exemplares de todas as publicações periódicas – jornais, revistas, boletins e panfletos – que circularam na cidade durante o período de 1895 a 1954.

³² Localizada no entorno da Praça da Estação, em Belo Horizonte, a indústria recebeu grandes incentivos municipais para sua consolidação. No processo de modernização e desenvolvimento urbano, a indústria contribuiu para inaugurar na capital mineira uma nova dinâmica social. Ver: RAGGI, Mariana Guedes. Belo Horizonte e a produção da primeira centralidade econômica da capital: a Praça da Estação. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 17, 2016, Diamantina. *Anais [...]*. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2016. Disponível em: https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/2016/anais/historia/385-657-1-RV_2016_10_09_00_45_41_033.pdf. Acesso em: 9 jan. 2025.

³³ SENNA, Nelson Coelho de. Discurso na Câmara Federal em 3 de outubro de 1928. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano XXIII, 1929.

Como parlamentar, utilizou-se de sua posição para buscar, junto ao legislativo, projetos de leis e subvenções estatais. Essa postura ganhou forma e corpo político através de uma ampla e diversificada *rede* de contatos.³⁴ Inicialmente, sua aproximação com a política se deu através da estreita relação junto à figura do político João Pinheiro da Silva (1860-1908),³⁵ quando ainda era aluno na escola de Direito em Ouro Preto. Posteriormente, aquele o convidou para a candidatura ao legislativo. Em 1907, já eleito deputado estadual, teve sua carreira construída em torno do projeto pinheirista, também encabeçado por Raul Soares e Arthur Bernardes. O trio, como enfatizou Souza,³⁶ estabeleceu importantes relações com a política mineira, assumindo, mais tarde, posições de relevo no legislativo e no executivo federal.

Na Câmara Estadual, foi deputado por três legislaturas consecutivas, permanecendo entre os anos de 1907 e 1922, período em que se dedicou também ao magistério, assumindo o cargo de professor substituto em 1912 e, mais tarde, em 1919, o cargo de professor catedrático de Economia Política, ambos na Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais (UMG). Nesse período, destacou-se como um político de carreira, “do intelectual que serve ao partido e oferece o seu cérebro aos chefes”.³⁷ Essa característica pôde ser evidenciada nos inúmeros discursos apresentados ao congresso mineiro, assegurando-lhe reconhecimento e competência entre seus pares. Como exemplo, apontamos o trecho do discurso sobre o desenvolvimento industrial e urbano de Minas Gerais, quando discorreu sobre as riquezas do território mineiro:

Senhoras e Senhores,
Seja qual for o futuro que nos espera – e, de certo, os vossos e os nossos esforços de bons patriotas são porque nos sorria o mais ditoso porvir –, pode-se, de antemão, augurar para esta terra de Minas Gerais espantoso e

³⁴ Estamos operando com a categoria *redes de sociabilidades*, afim de explicar os vínculos estabelecidos, bem como, os círculos pertencentes e/ou disputados e os grupos de interesses, possibilitando-nos entender os movimentos e estratégias utilizadas por Nelson de Senna no meio político-intelectual de que fez parte para consolidar-se publicamente. Ver: SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1986.

³⁵ João Pinheiro da Silva foi um político de elevada projeção na história republicana mineira, sendo um dos pioneiros nos projetos de desenvolvimento econômico do estado. Diplomou-se em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de São Paulo (1887). Como defensor do ideal republicano, foi um dos organizadores do Clube Republicano em Ouro Preto (1888), liderando a fundação do primeiro Partido Republicano Mineiro (PRM) em 1888. Em 1889, foi nomeado pelo chefe do Governo Provisório da União, Marechal Deodoro da Fonseca, a secretário do Estado de Minas Gerais. Foi vice-governador de Minas Gerais durante o governo de José Cesário de Faria Alvim (1839-1903). Exerceu interinamente o governo de Minas Gerais (1890), elegeu-se deputado federal (1891), senador da República (1905) e presidente de Minas Gerais (1906-1908), suas atividades foram interrompidas com o seu falecimento. Como presidente de Minas, buscou alavancar o desenvolvimento econômico do estado, empenhando-se em buscar estratégias e ações políticas. Ver: JOÃO Pinheiro da Silva. In: Sistema de Acesso Integrado do Arquivo Público Mineiro. [s.d.].

³⁶ SOUZA. *Astros, órbitas e poderes*.

³⁷ WIRTH, Jonh D. *O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira, 1889-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

irreprimível surto ascendente na escala industrial da civilização. Do ventre metálico das nossas serras têm de sair em breves tempos partos fecundos, que animem usinas e estaleiros e movimentem frotas e arsenais, enriquecendo o comércio e aperfeiçoando as artes e os ofícios em nosso país. [...] Ferrovias enroscarão o seu traçado por quantos desfiladeiros existam no alpestre território de Minas, sem temor de obstáculos nos pontos de maior encurtamento de seu percurso; hão de se construir ao norte e ao sul, ao nascente e ao poente, túneis e viadutos mil, muralhas de arrimo e estradas de rodagem sem conta; pontes numerosas multiplicadas irão aperfeiçoando os mais ásperos e bizarros trechos da nossa decantada natureza.³⁸

Com uma visão técnica e econômica, mostrou-se um entusiasta e defensor da exploração de recursos minerais e das atividades industriais no norte de Minas Gerais.³⁹ Esse posicionamento vinha acompanhado de sua visão empresarial, impelindo-o a alavancar os negócios e potencialidades do estado. Junto ao Partido Republicano Mineiro (PRM), fez coro com outros parlamentares, tornando-se um representante de seu estado natal.

Sua atuação e habilidade retórico-discursiva faz jus à imagem do desbravador de montanhas, cujo otimismo permitiu-lhe uma atuação visionária rumo ao progresso e à modernização do estado mineiro. Essa postura assumiu centralidade em seu discurso e projetos político-intelectuais, sendo bastante representativa daquele que seguiu os passos de Colombo, em direção ao “Mediterrâneo em Minas”.

Nessa direção, podemos indicar um homem entre “dois mundos”, cuja dualidade faz uma alusão àquele que se encontra em trânsito entre a necessidade de buscar novos caminhos para alavancar o progresso de Minas, ao mesmo tempo, em que constrói sua atuação e discurso atravessado por uma visão política conservadora, dependente das interações e relações político-econômicas estabelecidas. Em outro discurso proferido no Congresso Nacional, essa ideia ganha reforço ao mostrar-se solidário ao compatriota e político mineiro, Antônio Augusto de Lima (1859-1934), na expansão econômica de Minas:

O assunto bastante me atrai, por ser eu filho da mesma região percorrida pela cadeia do Espinhaço, onde, em Minas, a natureza colocou as rochas matrizes auríferas mais notáveis; onde os geólogos determinaram uma formação especialíssima da nossa constituição mineral [...] Representante que sou de um remoto e amplo distrito eleitoral da terra mineira, preso pelos laços da contiguidade geográfica, de um lado, a Goiás, de outro, a Bahia, e por outro ainda, ao Espírito Santo, eu devo falar em nome daquele território, onde dois milhões de mineiros representam, ainda hoje, nas bacias do Jequitinhonha, do

³⁸ SENNA, Nelson Coelho de. O Desenvolvimento de Minas e sua riqueza literária. In: SENNA, Nelson Coelho de. Discurso de abertura da assembleia inaugural da Academia Mineira de Letras. Belo Horizonte, maio 1910. p. 3-4.

³⁹ SENNA, Nelson Coelho de. *Texto sobre estradas que ligam redes mineiras do norte da República e sobre a importância da mineração de alguns locais mineiros*. Folhas Avulsas, 1907, Série Estudos Temáticos. Mineração e Siderurgia. APCBH, NCS.3.6.4.

rio Doce e do majestoso São Francisco [...] E nessa região, Senhor Presidente, que constitui o Sétimo Distrito Federal de Minas Gerais, ainda é a indústria da mineração, juntamente com a criação de gado e com a agricultura, a principal preocupação do labor quotidiano dos meus compatriotas, distanciados das ferrovias e obrigados a um esforço constante para arrancar da terra o pão à custa do suor das suas fadigas, sem trégua nem descanso.⁴⁰

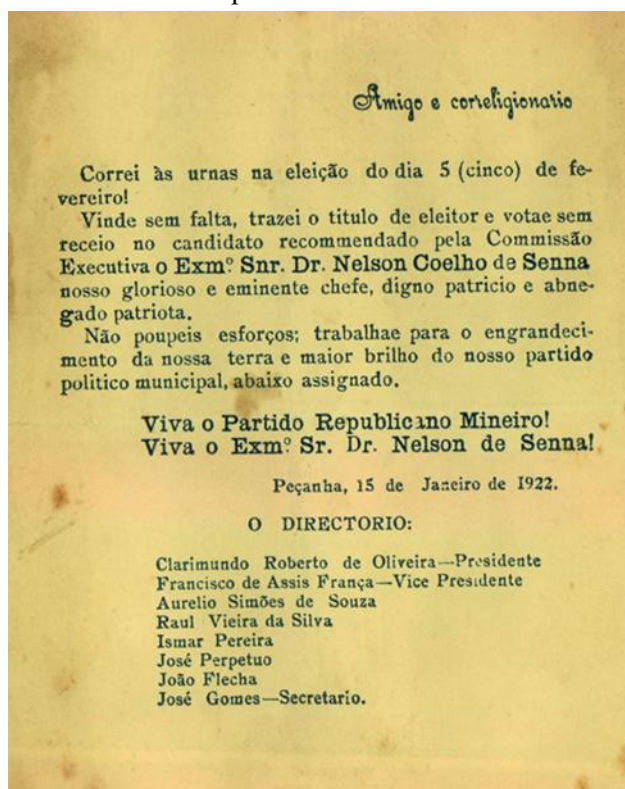
Esses exemplos apontam para um político que se pretendeu arrojado, de acentuada projeção no estado e notável interesse econômico, embora o fizesse assumindo a postura de um republicano conservador. Nesse sentido, Senna defendia o progresso sem perder de vista as instituições como garantia da ordem, reconhecendo, assim, a importância do intervencionismo estatal e creditando ao papel do Estado o agenciamento da economia.⁴¹ Em sua atuação pública, buscou apresentar-se como um homem que prezou pela coerência, trazendo elementos que privilegiassem sua solidez e comprometimento no debate político-econômico – marcas de seu engajamento político-social.

Ainda na política, como herdeiro da tradição político-mineira, em 1922 teve seu nome indicado pelo diretório do Partido Republicano Mineiro à vaga de deputado federal. Seus apoiadores mobilizaram-se em defesa de sua candidatura, evocando suas qualidades de homem público dedicado ao estado. É o que se nota, por exemplo, no documento abaixo.

⁴⁰ SENNA, Nelson Coelho. *Synopse das principais quedas d'água existentes no Estado de Minas Gerais e instalações hydro-electricas nella realizadas*. Incompleto. Folhas avulsas, 1911. APCBH, NCS.3.6.5.

⁴¹ GUSTIN; LANNA JR. *Memória política de Minas Gerais*.

Figura 2 – Folheto de apoio à candidatura de Nelson de Senna



Fonte: Álbum 10: 1916 1919. Álbum de referências ao Dr. Nelson de Senna (Retratos e ilustrações).
Annos de 1916 a 1919. Bello Horizonte. APCBH, NCS.1.6.10.

[TRANSCRIÇÃO]⁴²

Amigo e correligionário

Correi às urnas na eleição do dia 5 (cinco) de fevereiro!

Vinde sem falta, trazei o título de eleitor e votae sem receio no candidato recomendado pela Comissão Executiva o Exmo. Snr. Dr. Nelson Coelho de Senna nosso glorioso e eminente chefe, digno patricio e abnegado patriota.

Não poupeis esforços; trabalhae para o engrandecimento da nossa terra e maior brilho do nosso partido político municipal, abaixo assignado.

Viva o Partido Republicano Mineiro!

Viva o Exmo. Sr. Dr. Nelson de Senna!

Peçanha, 15 de Janeiro de 1922.

O DIRECTORIO:

Clarimundo Roberto de Oliveira – Presidente
Francisco de Assis França – Vice-Presidente
Aurélio Simões de Souza
Raul Vieira da Silva
Ismar Pereira
José Perpetuo
João Flecha
José Gomes – Secretario.

⁴² Para as transcrições documentais foram preservadas a grafia original.

Durante o período em que esteve no Rio de Janeiro, por ocasião de seu mandato de deputado federal (1922-1929), também dedicou-se ao magistério, atuando como professor de História da Civilização na Faculdade de Filosofia e Letras do Rio de Janeiro. Ali, estabeleceu contato com parte da intelectualidade carioca, mobilizando espaço para a circulação e divulgação de suas ideias. Em alguns jornais fluminenses, ambiente propício para a atividade intelectual à época,⁴³ ganhou visibilidade através da exposição crítica de seus trabalhos literários e históricos, tendo algumas de suas obras analisadas por nomes como o biógrafo e jornalista Paulo José Pires Brandão (1884-1953) e o jurista e escritor Roberto Lyra (1902-1982), ambos colonistas.

Sem abandonar a atividade política, a atenção dada à atividade intelectual rendeu-lhe algumas homenagens, como o título de *Doutor Honoris Causa* pela Faculdade de Filosofia e Letras do Rio de Janeiro em 1924 e a condecoração do Instituto Americanista da Universidade de Wurzburg, na Alemanha em 1927, ambos pela relevância de seu trabalho acadêmico. Além de sua agremiação em mais de 40 instituições histórico-culturais brasileiras e estrangeiras, contribuindo com publicações, pareceres e participação em congressos e eventos acadêmicos.⁴⁴ Tal reconhecimento reforça seu comprometimento com uma atuação pública realizada no cruzamento de múltiplos ofícios e ocupações.

Em 1929, sua atividade política foi interrompida quando teve seu nome “incluído entre os parlamentares depurados pela Comissão de Verificação de Poderes”.⁴⁵ A partir de então,

⁴³ Durante o período, os impressos destacaram-se como espaços privilegiados de divulgação de ideias e circulação intelectual, tornando-se um importante veículo para a formação da opinião crítico-literária. Ver: LUCA, MARTINS. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

⁴⁴ Abordaremos algumas delas no segundo capítulo, à medida que sua atuação for ganhando forma e consistência, permitindo-nos a análise de sua projeção nelas. Nelson de Senna foi sócio correspondente das seguintes instituições: Asociación de la Prensa, Santiago do Chile (1899); ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1901); Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (1903); Academia Nacional de la Historia, Venezuela (1905); Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco (1906); Academia Colombiana de Jurisprudência, Bogotá (1906); Instituto Histórico e Geográfico do Ceará (1907); Sociedade de Geografia, Lisboa (1907); Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1907); Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1908); Academia Mineira de Letras (sócio titular perpétuo, 1910); Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (1911); Société Americanistes da França (1912); Asociación Dátiloscópica, Argentina (1912); National Geographic Society, Washington (1913); Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1915); Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (1915); Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (1915); Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (1915); Sociedade de Homens de Letras do Rio de Janeiro (1915); Museu Nacional (1916); Academia Brasileira de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais do Rio de Janeiro (1924); Comissão Defensora do Patrimônio Artístico de Minas Gerais (1925); Instituto Geográfico da Universidade Alemã de Wurzburg (1927); Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1928); Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (1928). Foi, ainda, sócio honorário do Instituto de Proteção aos Indígenas Brasileiros (1903), da Academia Pernambucana de Letras de Recife (1904), do Centro Beneficente Paraense (1912), e sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (1907), do Instituto Varnhagen (1923) e do Instituto Americanistas do Brasil (1923).

⁴⁵ Nelson de Senna foi um dos parlamentares que apoiou a Aliança Liberal, movimento político que representou a aliança entre políticos de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, apoiadores da candidatura de Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) e João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1878-1930), contra Júlio Prestes de Albuquerque (1882-1946), apoiado por Washington Luís Pereira de Sousa (1869-1957). Ver: MONTEIRO, Norma de Góis.

dedicou-se exclusivamente à produção intelectual até 1952, ano de seu falecimento.⁴⁶ Como escritor, literato, pesquisador e historiador, publicou dezenas de obras completas, artigos e coletâneas que indicam sua vasta e volumosa produção intelectual.⁴⁷ O conjunto de sua produção, abrange uma temática bastante diversificada, que vão desde os estudos linguísticos, corográficos, etnográficos aos estudos ligados à mineração e siderurgia, que refletem seu interesse na promoção do estado mineiro.⁴⁸

Na trilha de historiador, buscou unir seu interesse pela escrita da história aos projetos que se iniciavam no estado com a criação de importantes instituições culturais mineiras. Destacando-se como membro-fundador do Arquivo Público Mineiro (1895) e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (1907), bem como, sócio correspondente da Academia Mineira de Letras (1909). Atuações que marcaram seu envolvimento com a institucionalização da escrita da história de/em Minas Gerais.

1.2 ‘Uma vida exemplar’

*Aquele que viveu talvez menos, porém fotografou muito mais e nos diverte com a perfeição dos detalhes; este nos entrega uma galeria de fantasmas sacudidos pelo fogo e a sombra de sua época.*⁴⁹

Percorrendo o arquivo pessoal de Nelson de Senna, tem-se a impressão de que seu exercício memorialístico foi pautado sob a forte intenção de dar veracidade documental à experiência vivida. Dessa constatação, buscamos visibilizar o expressivo trabalho de escrita de si, construído na evocação das muitas vozes que compõem seu arquivamento.⁵⁰ Nesse sentido, as páginas amareladas dos álbuns e cadernos que narram sua vida também atestam e se assemelham às diferentes formas e modos de existir compartilhados.

Somos, então, apresentados a uma dinâmica e exibição de si, persuadidos pela tentativa de influir à vida pessoal a mesma coerência com que acreditou conduzir a vida pública. Nessa

(Coord.). *Dicionário biográfico de Minas Gerais: período republicano 1889-1991*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994. p. 628.

⁴⁶ Buscamos apresentar a trajetória de Nelson de Senna através da imagem que ele mesmo construiu no intuito de torná-la pública. Essa escolha, reflete uma seleção documental marcada pelos relatos autobiográficos, impregnados de uma lógica que parece linear, livre de embates e disputas institucionais. Contudo, sabemos que os “fios” dessa trama encontram-se nas profundezas, mergulhados nas muitas contradições e rivalidades político-intelectuais às quais Nelson de Senna não esteve isento.

⁴⁷ A lista completa de suas publicações encontra-se em anexo.

⁴⁸ APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. *Inventário do arquivo pessoal Nelson Coelho de Senna*. Belo Horizonte: APCBH, 2000.

⁴⁹ NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi: memórias*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: DIFEL, 1974.

⁵⁰ GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

direção, estão imbricados valores éticos e morais, pressupostos valiosos à sua memória-narrativa. Esses aspectos puderam ser apreciados através do modo com que desejou ser lembrado, atribuindo à sua conduta público-privada uma espécie de caráter modelar.

Se observados a tentativa de vocacionar sua atuação e trajetória pública, esses valores assumem um tom quase messiânico. Esse sentido se constrói na escolha dos argumentos que validam e atribuem caráter persuasivo ao modo exemplar com que buscou mostrar-se.⁵¹ Ao contornar uma lógica própria de escrita de si, que orienta e dá sentido às escolhas de arquivamento, podemos chamar a atenção para o exemplo abaixo, em que Nelson de Senna utiliza-se de sua condição paternal para demonstrar comprometimento com a formação ético-moral de seus sete filhos.⁵² Para reforçar essa ideia, a carta transcrita abaixo nos ajuda nessa compreensão.

⁵¹ Na análise foucaultiana, o autor concebe o discurso como uma proposição que adquire caráter de verdade. Logo, apresenta-se na maior parte das vezes em sua intencionalidade, buscando dar sentido ao que se narra. Nessa direção, a relação dialógica se estabelece nas vozes presentes e indissociáveis que contornam o exercício escriturário de seu remetente. Ver: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 114, p. 197-223, 2001.

⁵² São eles: Caio Nelson de Senna (1898-1963), Mucio Emilio Nelson de Senna (1900-1938), Yolanda Consuelo Nelson de Senna (1901-?), Maria Emilia Nelson de Senna (1903-?), Fábio Nelson de Senna (1904-1964), José Flávio Nelson de Senna (1905-?) e Lúcio Octavio Nelson de Senna (1906-1964).

Figura 3 – Carta endereçada aos filhos (1906)

2

„Nil sine magno vita labore
„dedit mortaliibus“
(Horacio - Sat. IX - Liv. I)

Meus Filhos,

Glorias pelo renome, pelo talento, pelas riquezas
não as tenho eu, para vol-as transmittir.
Nestas paginas encontrareis a auto-biogra-
phia do vosso pai: - independencia, for-
ça d'animo, grande temor em Deus, in-
mensissimo affecto pela minha fami-
lia e desculpavel orgulho por todos vós
que sois a continuação de meu sangue,
já antes derivado do tronco modesto e
horradiissimo de meus Pais.
Eil-a, pois, requemida, como vâdes.
Outros galardões não consegui eu.
Mas esses, por certo, humilhes predica-
dos, espero que d'elles vos arneis na vida,
e o verso do conhecido barão Vemusino, de
propósito o escolhi, para que não temaes
as agonias que na via accidentada da

Fonte: Álbum3: 1894-1930. Livro de Família – Para meos filhos. Nelson de Senna. Notas biográficas e Assentamentos íntimos. APCBH, NCS. 1.6.3. (Folha 01).

3.

existência terão de vos assaltar, sempre que,
 escutando os avisos rectos da consciencia,
 vos curvareis aos rigores (sempre bem-
 ditos!) da virtude, do patriotismo, da ~~honra~~.

Recebi a minha benção.

Nelson Senna de Senna

Bello Horizonte, 11-X-1906

Fonte: Álbum3: 1894-1930. Livro de Família – Para meus filhos. Nelson de Senna. Notas biográficas e Assentamentos íntimos. APCBH, NCS. 1.6.3 (Folha 02).

[TRANSCRIÇÃO]

‘Nil Sine magno vita labore Devit mortalibus’
(Horácio – Sat. IX – Liv. 1)⁵³

Meus filhos,

Glorias pelo renome, pelo talento, pelas riquezas não as tenho eu, para vol-as transmitir. Nestas páginas encontrareis a auto-biographia do vosso pae: – independência, força máxima, grande temor em Deus, imensíssimo affeto pela minha família e descupável orgulho por todos vós, que sois a continuação de meu sangue, já dantes derivado do tronco modesto e honradíssimo de meus Paes.

Eil-a presumida como vocês. Outros galardões não consegui eu.

Mas esses, por certo, humildes predicados, espero que deles vos armeis na vida, e o verso do conhecido brado Venusino, de proposito o escolhi, para que não temaes as agonias que na via accidentada da existência terão de vos assaltar, sempre que escutando os avisos nectos da consciência, vos cuardes aos vigores (sempre bem sictos!) da virtude, do patriotismo, da honra.

Recebei a minha benção.

Nelson Coelho de Senna

Bello Horizonte, aos 11-X-1906

Na esteira de seu exercício memorialístico, Senna buscou apresentar-se sempre como um homem dedicado à família. Casado com Emília Gentil, construiu uma aparente solidez matrimonial que parece revelar-se nas correspondências trocadas. Em uma delas, distante em razão dos compromissos públicos, escreveu à “Milota”, como era carinhosamente chamada, perguntando-lhe sobre os filhos e as demandas da vida familiar. Sem, contudo, deixar de dar atenção às bodas matrimoniais, afirmando que festejava ainda que sozinho o “nosso 42º. aniverssario de noivado, eu festejei, jantando sozinho (ninguém aqui veio!) e bebendo uma ‘Barbera’ à saúde de nós ambos, de mim e de você, que graças a Deos vamos rompendo a vida”.

⁵³ Tradução livre: “Nada é sem grande trabalho na vida. É por causa dos mortais”.

Figura 4 – Carta endereçada à Emília Gentil Senna

APCBH/NCS.2(1042)
[ca 1938]

Bittu 27 abril, 4.ª fe.

Milota, acabo de receber uma 3.ª carta, agora é tarde,
e folgo em saber que v. continua bem disposta.
Aproveito a ida de Dona Julia para levar-lhe esta carta
e uma lata de biscoitos de cá, conforme Amanda pediu
a ella. A data de antehontem, nosso 42.º anni-
versario de noivado, eu a festejei, juntando sozi-
nhos (ninguém aqui veio!) e bebendo uma "Barbiera"
à saúde de nós ambos, de mim e de você,
que graças a Deus vamos rompendo a vida.
Vae um jornal, que interessa a Rouan, a quem
já mandei outros recortes para Darréto.
Preciso das informações de Mucio para po-
der ir mostrá-las ao Dervaldo, sempre tão
attencioso para você, como medico.
Estou vendo que todos "traem" a sua demora,
ahi, por mais dias do que eu calculava.
No mesmo dia que a Escola me pagou, farei
remessa do saque a Fabio para entregar a
você os 500\$ para suas despesas de regresso.
O vestido da "Moda" já deve estar pago, não?
Elizama e Maria Emilia vão juntas comigo, ago-
ra (6 1/2 da tarde). Você não imagina como
tenho trabalhado para pôr-sei consigo preparar
parte de meu trabalho para o proximo Congresso Afri-
canista, promovido aqui p.º 13 de Maio.
Não tenho tido com esses estudos.
Lembranças para Maria Emilia, Mercedes, Lybinka,
Mucio e Fabio e Franciscode. Saudades do seu
Netuno. 3/11
30/11

Fonte: Correspondências. APCBH, NCS.2. (1035), 1938.08.05.

[TRANSCRIÇÃO]

Belo Horizonte, 27 de abril, 4^a. feira

Milota, acabo de receber essa 3^a. carta, agora é tarde, e folgo em saber que v. continua bem disposta. Aproveito a ida de D. Julia para levar-lhe esta carta e uma lata de biscoitos de cá, conforme Amanda pediu a ela. A data de anteontem, nosso 42^o. aniverssario de noivado, eu festejei, jantando sozinho (ninguém aqui veio!) e bebendo uma ‘Barbera’ à saúde de nós ambos, de mim e de você, que graças a Deos vamos rompendo a vida”. Vae um jornal que interessa a [Ronam] a quem já mandei outros recortes para Barretos. Preciso das informações de Mucio apra poder ir mostral-as ao Oswaldo, sempre tão atencioso para você, como médico. Estou vendo que todos “tramam” a sua demora, ahi, por mais dias do que calculava. No mesmo dia que a Escola me pagar, farei remessa do saque a Fabio para entregar a você os 500 f para suas despesas de regresso. O vestido da “Moda” já deve estar pago, não? Eliana e Maria Emilia vão juntas comigo, agora (6 1/2 da tarde). Você não imagina como tenho trabalhado para ver si consigo preparar parte de meo trabalho para o proximo Congresso africanista, promovido aqui para 13 de maio. Não tenho sossego com esses estudos.

Lembranças para Maria Emilia, Mercêdes, Sylvinha, Mucio, Fabio e Franscicóte. Saudades do seo Nelson.

Na carta acima, podemos observar que o exercício memorialístico de narrar a si mesmo vai se misturando com as ocupações da vida pública e as responsabilidades da vida doméstica, numa aparente familiaridade que seduz. Contudo, seu emolduramento é contornado por uma intimidade que pretende-se objetificada⁵⁴ e desempenha um papel fundamental na constituição de sua imagem pública. São memórias que deixam entrever uma certa concepção moral muito defendida pela elite da época.⁵⁵

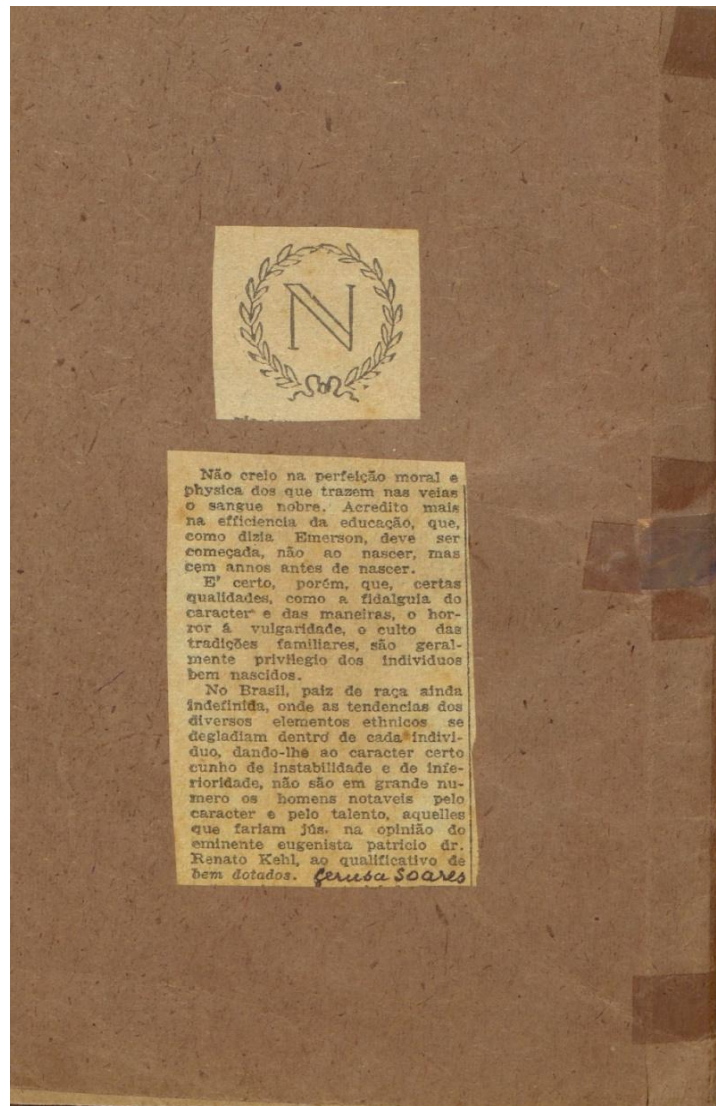
Para sustentar seus argumentos e reforçar a defesa de certos valores sociais e familiares, Senna utiliza-se de um conjunto retórico-discursivo que permite dar forma e conteúdo ao seu emolduramento. No *Livro de família: notas biográficas e assentamentos íntimos*, endereçado aos filhos, um cuidadoso artesanato vai contornando uma estética que explica suas atitudes e interesses. Na contracapa um recorte de jornal com a letra inicial de seu nome “N” vem acompanhada de um segundo recorte contendo apreciações de caráter ético-moral, sendo defendidas como privilégios dos indivíduos “bem-nascidos”.

Se tomados como balizadores do modo de pensar e de posicionar-se publicamente, essas ideias tornam-se ainda mais expressivas na primeira página do álbum, onde uma sequência de citações textuais, tomadas como referências diretas, reforçam o significado da “fidalguia de nascimento”. Conforme exposto abaixo,

⁵⁴ Essa análise se constrói em diálogo com o debate formulado pelo historiador francês sobre a invenção da intimidade. Ver: PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George (Org.). Dirigido por Roger Chartier. *História da vida privada*. Tr. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2006[1992]. p. 13- 19.

⁵⁵ Chamamos a atenção para um conjunto de valores morais compartilhados pelos membros de uma elite que conferem a esses, identificação e pertencimento de grupo.

Figura 5 – Contracapa do álbum/caderno de família



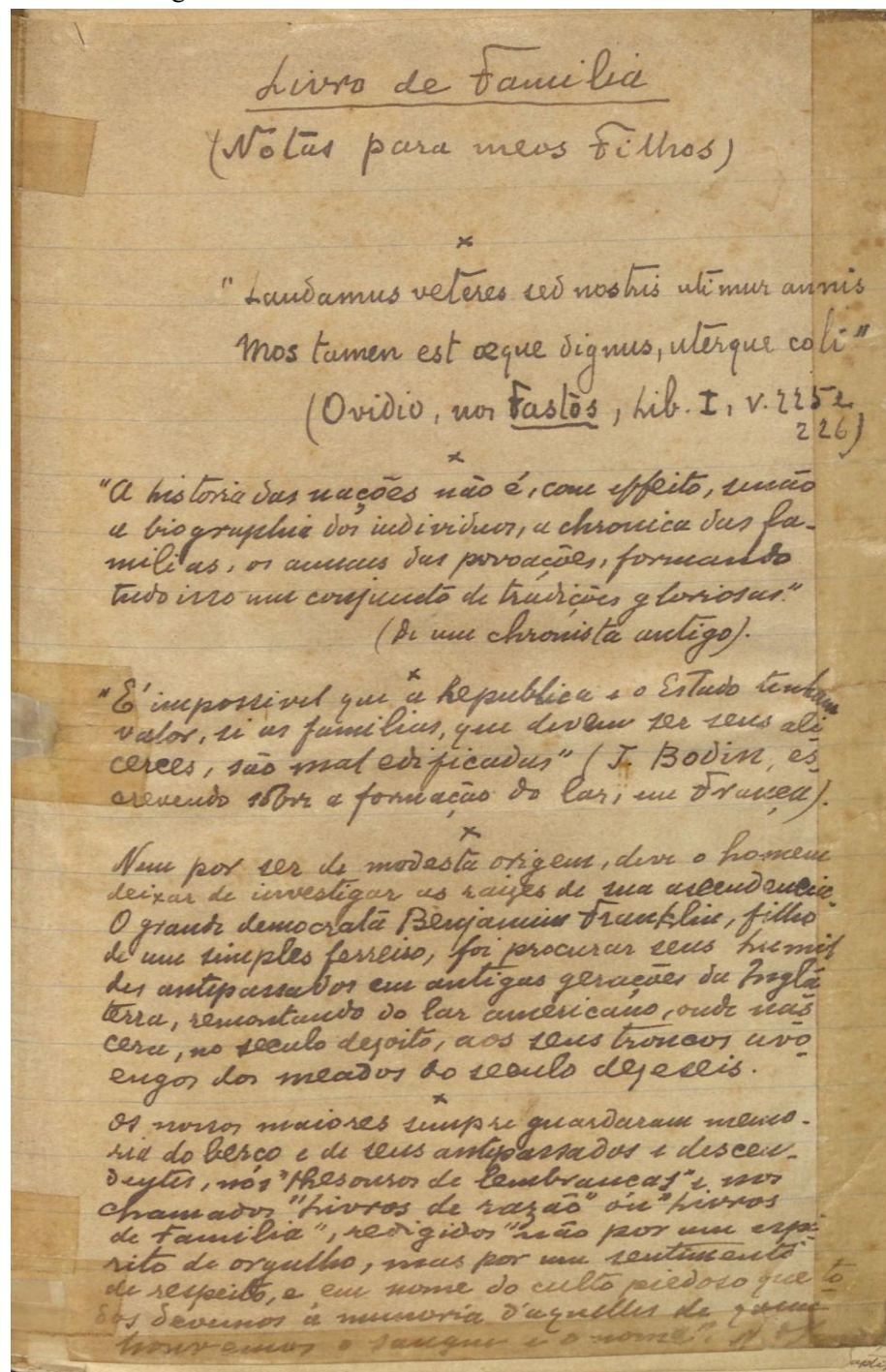
Fonte: Álbum 3: 1894-1930. Livro de família: Para meus filhos. Nelson de Senna. Notas biográficas e Assentamentos íntimos. APCBH, NCS.1.6.3.

[TRANSCRIÇÃO]

Não creio na perfeição moral e physica dos que trazem nas veias o sangue nobre. Acredito mais na efficiencia da educação que, como dizia Emerson, deve ser começada, não ao nascer, mas cem annos antes de nascer. E' certo, porém que, certas qualidades, como a fidalguia do caracter e das maneiras, o horror à vulgaridade, o culto das tradições familiares, são geralmente privilegio dos individuos bem nascidos. No Brasil, paiz de raça ainda indefinida, onde as tendencias dos diversos elementos ethnicos se degladiam dentro de cada individuo, dando-lhe ao caracter certo cunho de instabilidade e de inferioridade, não são em grande numero os homens notaveis pelo caracter e pelo talento, aquelles que fariam jús, na opinião do eminente eugenista patricio dr. Renato Kehl, ao qualificativo de bem dotados.⁵⁶

⁵⁶ Álbum de família 3: 1894-1930. Livro de família: Para meus filhos. Nelson de Senna. Notas biográficas e assentamentos íntimos. APCBH, NCS1.6.3.

Figura 6 – Primeira folha do álbum/caderno de família



Fonte: Álbum 3: 1894-1930. Livro de família: Para meus filhos. Nelson de Senna. Notas biográficas e Assentamentos íntimos. APCBH, NCS.1.6.3.

Seguindo essa lógica de arquivamento, pode-se vê uma curiosa construção mental, em que os recortes e as citações textuais aparecem de forma complementar ao seu pensamento e fundamentam suas convicções pessoais e ético-morais de maneira a dar veracidade à memória de papel. Avançando um pouco mais, observa-se em um outro álbum-caderno, contendo referências à sua autobiografia, a presença de registros fotográficos publicados em jornais,

como é o caso da composição abaixo, em que a foto dos filhos é posicionada no centro da página, acompanhada de elogiosos enfechos de conquistas pessoais e profissionais. Na sequência, a nota faz referência à diplomação em Direito do filho primogênito Caio Nelson de Senna, em seguida, o nome da filha Maria Emília de Senna, diplomada no Ginásio do Colégio Santa Maria, em Belo Horizonte.

Na segunda exibição, encontra-se uma foto da filha Yolanda Consuelo Nelson de Senna com sua primeira neta Verena Silviano.⁵⁷ Em seguida, os recortes de folhinhas de calendários fazem indicação aos eventos considerados memoráveis, como é o caso do nascimento de sua neta e à sua partida para a cidade de Blumenau, em Santa Catarina. Na terceira folha do caderno, duas fotos publicadas em jornal fazem referência ao ambiente familiar - a primeira, em seu gabinete de trabalho, a segunda, na varanda de sua residência em Belo Horizonte, ambas acompanhadas da esposa e dos filhos. Segue reprodução abaixo.

Figura 7 – Folhas internas do álbum/caderno de família



Fonte: Álbum 10: 1916-1919. Álbum de referências ao Dr. Nelson de Senna (Retratos e ilustrações). Anos de 1916 a 1919. Belo Horizonte. Acervo: APCBH, NCS 1.6.10, P0004, P0010.

⁵⁷ Verena Silviano era filha de Yolanda Consuelo Nelson de Senna e Marcelo Silviano de Almeida Brandão, ou seja, neta do médico e político mineiro Francisco Silviano de Almeida Brandão (4º presidente do estado de Minas Gerais e vice-presidente eleito do Brasil, não tendo tomado posse devido ao seu falecimento).



Fonte: Álbum 8: 1909-1911. (1909-1910) No. IV – Álbum de referências e juízos críticos sobre Nelson de Senna. APCBH, NCS1.6.8, P002.

É possível observar que a imagem sisuda e austera do homem dedicado à vida pública vai se despiando numa íntima e reveladora dose de afeiçoamento e orgulho dos seus. Se, por um lado, apresenta-nos como uma forma privilegiada de acesso à sua privacidade, por outro, há de se destacar uma dimensão intencional com que sua intimidade se presta à estilização pública. Nessa direção, a experiência vivida vai ganhando forma num cuidadoso trabalho de arquivamento pessoal, indicativo do modo como mobilizou múltiplos recursos na construção de sua imagem. Esse caminho, reflete os processos pelos quais certas memórias, individuais e/ou coletivas foram intencionalmente silenciadas, deixadas de lado.⁵⁸

Ao buscar narrar a si mesmo, Nelson de Senna sublinha diferentes estratégias que refletem a escolha e o caminho mobilizado para a composição de sua imagem. No “jogo” social, a fronteira entre o público e o privado se misturam, dando contorno ao modo como pretendeu exhibir-se publicamente. Os estudos historiográficos indicam que a “realidade” não é um dado

⁵⁸ Ao explicitar a lógica de produção do arquivo e da memória de Nelson de Senna, buscamos fazê-lo percorrendo sua própria perspectiva e retórica. Essa escolha implica admitir ações deliberadas e estratégias de consagração em que ele mesmo buscou para moldar o passado ao seu próprio interesse. Não obstante ao reconhecimento de outras possibilidades de análise e leitura crítica, admitimos os diferentes significados que perpassam essa dinâmica. Ver: ABREU, Regina. 1996. *A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco. 225 pp.

natural, mas forjado historicamente e, portanto uma construção social. Nesse sentido, colocamos em perspectiva o modo como os sujeitos atribuem sentido aos fatos e acontecimentos, sendo esses, história e ficção, realidade e ilusão, ou seja, “tanto verdade quanto invenção”.⁵⁹

Portanto, chamamos a atenção para uma narrativa em que a vida do indivíduo apresentasse monumental nas páginas do caderno-diário. Em meio às trivialidades do cotidiano, o gesto organizador de Nelson de Senna inspira grandiosidade e mostra seu valor e relevância. Como uma escrita autoral, a vida privada se confunde com a vida pública, assumindo limites fronteiriços.⁶⁰

No livro organizado por Gomes e Schmidt,⁶¹ os autores trazem suas contribuições chamando a atenção para as diferentes estratégias construídas na “produção do eu”. A partir de uma reflexão sistemática, apontam para a ideia de uma “invenção de si”, em que múltiplas linguagens constituem as narrativas autobiográficas. Trata-se, portanto, de uma realidade planeada sob a ótica do sujeito que se narra, assumindo subjetividades diversas. Nesse sentido, reafirma-se a concepção de “ilusão biográfica”⁶² marcada pelo desejo de linearidade, coesão e coerência do indivíduo.

1.3 Escritas de si/escritas do outro: breve análise dos arquivos privados pessoais⁶³

No ato mnemônico,⁶⁴ a narrativa nem sempre assume a pulsação de seu titular. Isso porque dependerá dos movimentos e ingerências político-institucionais em que encontram-se inserido. Nesse sentido, pode-se afirmar que os indivíduos constroem suas memórias na dependência de outros, interligados direto ou indiretamente. Portanto, a construção da memória autobiográfica envolve diversas ações e agentes que assumem, na maioria das vezes, parte na

⁵⁹ Ver: WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: Edusp, 1995.

⁶⁰ Ver: PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George (Org.). Dirigido por Roger Chartier. *História da vida privada*. Tr. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2006[1992]. p. 13- 19.

⁶¹ GOMES, Ângela M. de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. p. 366-402.

⁶² BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). *Uso & abuso da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

⁶³ Adotamos a classificação de Bellotto, para quem os arquivos pessoais privados abarcam um acervo produzido pelo próprio titular, reunindo uma documentação diretamente ligada à vida familiar, às atividades profissionais e à produção laboral do sujeito em sua atuação pública, podendo ainda, conter documentos administrativos. Ver: BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais como fonte de pesquisa. In: *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 263-278.

⁶⁴ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007; GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

narrativa. É, pois, a partir de uma leitura de si, dos outros e do mundo que o sujeito imprime o caráter de verdade, dando significado próprio.⁶⁵

Por meio do exercício memorialístico, os sujeitos anunciam ideias, assumem posições e compartilham valores com os grupos de identificação. A experiência narrada encontra-se então, articulada à maneira como seu titular irá conduzir os registros de memória em meio ao contexto político-intelectual de cada época. Como afirma Artières:

Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação, uma prática de construção de si mesmo e de resistência [...] Arquivar a própria vida é pôr-se no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.⁶⁶

Nos estudos historiográficos, o conceito de memória tem revelado importantes contribuições, sendo, portanto, concebido como um fenômeno dinâmico e complexo. Jacques Le Goff⁶⁷ chama a atenção para a dimensão social da memória, enfatizando a intrínseca relação existente entre a memória individual e a memória coletiva. Nesse sentido, o autor parte do princípio de que toda memória individual é também coletiva, pois partilha de experiências que pertencem não somente a si, mas envolve dimensões coletivas.

Ao afirmar a intrínseca relação existente entre a memória e a sociedade, Halbwachs⁶⁸ também defendeu a ideia de que a memória não é exclusivamente um fenômeno individual, mas uma construção mediada pelas dinâmicas e interações sociais. Portanto, a formação social é imprescindível na construção da memória individual, sendo essa construída coletivamente por sujeitos inseridos em seus grupos de referências.⁶⁹

Ainda na literatura especializada, os estudos dedicados à análise de arquivos pessoais têm admitido uma intrínseca relação com a memória, sendo compreendidos como indissociáveis, pois encontram na prática o sentido mnemônico dessa ação.⁷⁰ Nessa direção,

⁶⁵ Para Ricœur, a narrativa possui um papel elementar que capacita o sujeito a uma leitura de si e do mundo, sendo, portanto, “o primeiro laboratório do juízo moral”. Ver: RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*.

⁶⁶ ARTIÈRES. Arquivar a própria vida, p. 11.

⁶⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

⁶⁸ HALBWACHS. *A memória coletiva*. Ver também: POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

⁶⁹ Entende-se como grupo de referência o compartilhamento de ideias e pensamentos que influenciam significativamente as aspirações, escolhas e comportamentos dos indivíduos. O grupo está presente para o indivíduo, não necessariamente pela sua presença física, mas pela possibilidade que tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum do grupo.

⁷⁰ BARROS, Dirlene Santos; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e memória: uma relação indissociável. *TransInformação*, Campinas, v. 21, n. 1, p. 55-61, jan./abr. 2009.

despontam-se como possibilidade de análise e compreensão dos fenômenos e/ou contextos sociopolíticos e culturais. Sobre esses estudos, destacamos alguns trabalhos que serviram de base para esta investigação.

Ao ocupar-se da análise do arquivo e da biblioteca pessoal do historiador Francisco José de Oliveira Vianna (1883-1951)⁷¹, Venâncio propõe investigar a construção memorialística no confronto com a imagem de decadência intelectual atribuída a ele no final de sua vida. Para tal, empenhou-se na análise de sua escrita autobiográfica construída na esteira do processo de arquivamento de si. Para a autora, esse processo encontra-se imbricado a uma lógica própria de organização e acumulação documental.

Em contato com o arquivo de Oliveira Vianna, Venâncio chamou a atenção para os aspectos que envolvem essa escrita, sendo contornada pela tentativa de dar linearidade aos acontecimentos que conformam sua trajetória. Em sua análise, enfatizou a necessidade de relativização dos arquivos pessoais, buscando identificar os processos sociais de construção e produção do acervo. Devendo esses, serem lidos como uma *escritura*, posto que possuem um conjunto de regras e categorizações próprias que anunciam “uma ‘vontade de guardar’, de tornar público o privado, de exibir a exemplaridade da própria história”.⁷²

Em seu livro, *Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara*, a autora reforça essa ideia de que no processo de arquivamento, os sujeitos encontram-se diante do espelho, contrapondo uma imagem socialmente construída, na pluralidade dos acontecimentos e particularidades históricas. A máscara seria então marcada pela representação do indivíduo para si e para os outros, mas que diante do espelho poderá encontrar a imagem de um outro, ou ainda, reconhecer-se no lado mais oculto de si, revelador de sua própria “alma”.

Nota-se, há algumas décadas, a relevância dos arquivos pessoais para os estudos historiográficos. Como possibilidade investigativa, Heymann⁷³ ressalta que os arquivos privados estabelecem um importante diálogo com a sociedade, possibilitando revelar escolhas das ações e estratégias de seus titulares. Constituem-se, dessa forma, como meios privilegiados de “escritas de si e dos outros”, pois elaboram discursos, linguagens e valores que se estendem a uma determinada coletividade. A autora faz uma crítica à ideia de unidade biográfica,

⁷¹ VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

⁷² VENÂNCIO, Giselle Martins. *Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 26, 2001.

⁷³ HEYMANN, Luciana (Org.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, p. 131-163; HEYMANN, Luciana. *Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 1997.

apontando que todo processo de arquivamento de si depreende-se de um conjunto de recortes, escolhas e intenções de modo a dar sentido ao seu arquivamento.

Na análise sobre o arquivo pessoal do político brasileiro Filinto Müller (1900 – 1973),⁷⁴ Heymann enfatizou ainda, a necessidade de compreensão das singularidades que acompanham o processo de acumulação e arquivamento documental, sendo caracterizado como uma prática dinâmica que opera através de diferentes temporalidades e constitui em significados diversos. Nessa direção, destaca a necessidade de “investimento nas intenções, projeções e expectativas depositadas no arquivo” por seus titulares, bem como nas “possibilidades de atribuir a seu acúmulo documental um valor histórico ou patrimonial”.⁷⁵

Os autores Iumatti e Nicodemo⁷⁶ concebem os arquivos pessoais como parte de uma “memória retrospectiva”. Segundo eles, a história de cada arquivo deve abranger sua constituição e os movimentos de transformações sociais que incidiram sobre o processo de guarda e seleção documental. Nessa perspectiva, está presente a ideia de uma arquitetura do arquivo como um processo técnico e criativo que envolve sua edificação. Esses são reveladores do método de trabalho e dos bastidores de sua produção. Segundo os autores:

Um dos pontos de interseção mais frutíferos entre história da historiografia e arquivos pessoais é o da reflexão sobre a constituição do acervo pessoal como um ato de memória, que opera ativamente nos significados que atribuímos a autores e problemas. Dessa perspectiva, a investigação sobre o arquivo pessoal pode contribuir para compreender melhor como certas interpretações sobre o Brasil se tornaram predominantes, na medida em que foram construídas na agregação de estratos de tempo e de significados.⁷⁷

Com efeito, podemos indicar a contribuição dos arquivos pessoais na busca por respostas às questões mais amplas (macro), relativas ao contexto social e conjunturas político-intelectuais, às filiações e vínculos institucionais, aos interesses de diferentes grupos. Portanto, o diálogo com essa historiografia nos ajuda na análise do arquivo pessoal de Nelson de Senna e na construção de sua memória e projeção pública. Assim, buscamos acompanhar parte do processo de acumulação, seleção e organização de seu arquivo no sentido de atribuir significado à sua extensa trajetória político-intelectual.

Desse modo, a memória emoldurada de Senna pode ser acompanhada através de um cuidadoso trabalho de feitura artesanal, em que ganham relevo as estratégias discursivas e os

⁷⁴ HEYMANN. Indivíduo memória e resíduo histórico, p. 45-56.

⁷⁵ HEYMANN, Luciana Quillet. O indivíduo fora do lugar. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 2, n. 45, p. 55, 2009.

⁷⁶ IUMATTI, Paulo Teixeira; NICODEMO, Thiago Lima. Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico. *Revista Brasileira de História*, v. 38, n. 78, p. 97-120, 2018.

⁷⁷ IUMATTI; NICODEMO. Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil, p. 109.

recursos plástico-visuais que caracterizam a materialidade do acervo. Ao dispor de atenção na escolha dos diferentes materiais e suportes, a experiência vivida transforma-se em apreciação, fazendo dela uma “obra de arte”. De outro modo, demonstra a firme intenção testemunhal de dar veracidade à sua memória autobiográfica.

Para nos ajudar nessa análise, lançamos mão do conceito formulado por Foucault,⁷⁸ que, embora compreenda outro contexto, serviu-nos para a compreensão de uma certa concepção de escrita de si. Ao trabalhar com o conceito de *estética da existência*,⁷⁹ o autor chamou a atenção para os diferentes modos de invenção de si e de sua existência, como formas de subjetivação da vida. A estética da existência⁸⁰ se apresentaria como um cuidado de si, que define os critérios éticos e estéticos capazes de conduzir a ação do sujeito.

Essa é uma apropriação livre, representativa do modo como Nelson de Senna pretendeu construir uma estética “de si e para si”. Nessa direção, o arquivo pessoal deve ser compreendido como uma prática racional e seletiva, estando diretamente implicada a uma produção e uma invenção de si. Como um modo singular de compartilhamento, abre espaço para pensar não apenas a criação de um estilo próprio, mas um conjunto de aspectos discursivos e visuais estabelecidos em seu emolduramento.

Assim, na estilização da própria vida, a memória seria, então, transformada em matéria-prima, e o arquivo, em um artefato cuja materialidade organiza e orienta a produção de sentido.⁸¹ Ao definir desse modo, podemos afirmar que o autoarquivamento de Nelson de Senna enseja e propõe sua subjetivação através de um consciente projeto e exercício plástico-visual, aspectos que serão abordados na próxima seção.

⁷⁸ FOUCAULT, Michel. *O cuidado de si*. 8 ed. São Paulo: Edições Graal, 1985. (A História da Sexualidade, 3).

⁷⁹ A estética da existência tem origem na antiguidade clássica, estando diretamente relacionada com a criação de um estilo próprio, através da prática e do cuidado de si. A constituição de si se daria, então, pela construção de uma autonomia e liberdade quanto ao domínio e as regras de conduta. Ao se dedicar à escrita da história da sexualidade, Foucault apoiou-se nesse conceito a fim de discutir os aspectos éticos que os sujeitos estabelecem nas diferentes relações consigo mesmo no seu processo de produção de verdade, o que o autor denominou como “governo de si”. Ver: REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Paulo: Clara Luz, 2005.

⁸⁰ Esse é também um conceito ainda pouco contemplado nos estudos historiográficos, mas que vem ganhando espaço nos estudos literários. Ver: NUNES, Valentina da Silva. *Baú de máscaras. O arquivo da cantora e compositora Maysa*. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2010.

⁸¹ Podemos pensar a materialidade da memória na constituição dos arquivos. Portanto, a história de cada arquivo deverá abranger os movimentos de transformação social e institucional que incide sobre o processo de guarda e seleção documental. Ver: ABREU, Regina. 1996. *A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco. 225 pp.

1.4 Na trilha do Arquivo Pessoal de Nelson de Senna

O *Arquivo Pessoal Nelson de Senna* é um fundo documental recolhido pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) no ano de 1999, sob doação da neta de seu produtor, Eliana Ahouagi.⁸² Foi organizado numa estrutura de arranjo, que considerou os princípios básicos da arquivística, estabelecendo-se os seguintes critérios: primeiramente, seu ordenamento se deu através da identificação das séries, compostas pelos *Documentos Pessoais*, *Correspondências*, *Iconografias* e *Exéquias*. Em segundo, dedicou-se a reunir os documentos referentes à atuação pública e às atividades intelectuais, sendo agrupadas nas séries: *Estudos Temáticos*, *Atividades Parlamentares* e *Atividades Acadêmicas*. Em terceiro, a série *Publicações* é composta por obras completas do titular e de escritores nacionais e estrangeiros.

De acordo com o inventário, as séries e subséries foram descritas e ordenadas cronologicamente, respeitando a lógica de organicidade acumulativa de seu titular. Embora, destaca-se a utilização de critérios diferenciados na descrição de cada série, de modo a respeitar o formato e a natureza dos registros.⁸³ Segue abaixo o desenho esquemático do arranjo,

- NCS.1 Documentos Pessoais (1887. 11.03-1956.03.27)
 - NCS.2 Correspondências (1829.01.28-1952.05.20)
 - NCS.3 Estudos Temáticos (1892.04-1947.07.02)
 - NCS.3.1 Biografia (1906.06.30- 1947.07.02)
 - NCS.3.2 Indigenismo (1904.07-1930?)
 - NCS.3.3 Africanismo (1931-1942)
 - NCS.3.4 Brasilidades Idiomáticas (1930-1945)
 - NCS.3.5 Toponímia e Corografia Mineira e Brasileira (1892.04-1945)
 - NCS.3.6 Mineração e Siderurgia (1900.10.05-1933.04.25)
 - Mineração na Região do Rio Doce (1900.10.05- 1924.08.10)
 - Siderurgia no Brasil (1903.03.3 I -193.04.25)
 - NCS.3.7 Estudos para Anuários (1911-1942)
 - NCS.3.8 Estudos Literários (1888-1921.11)
 - NCS.4 Atividades Parlamentares (1903.03.19-1931.04.04)
 - NCS.5 Atividades Acadêmicas (1897-1946.1 1.21)
 - NCS.6 Publicações (1824-1952)
 - NCS.6.1 Obras do Autor (1895-1949)
 - NCS.6.2 Obras de Terceiros (1872-1951)
 - NCS.6.3 Periódicos (1824-1952)
- Folhetos

⁸² O projeto de preservação, organização e acesso do acervo foi coordenado pela historiadora Clotildes Avelar Teixeira, sendo aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura com patrocínio do Banco Itaú. Organizado numa estrutura de arranjo, considerou os três principais critérios de agrupamento documental, a saber: o primeiro, refere-se à metodologia de arquivos privados, compostos pelos documentos pessoais; o segundo, marcado por sua atuação político-intelectual, ligado às atividades acadêmicas e parlamentares; e o terceiro, organizado pelas publicações, com obras completas, periódicos e manuscritos. Ver: APCBH. *Inventário do arquivo pessoal Nelson Coelho de Senna*.

⁸³ APCBH. *Inventário do arquivo pessoal Nelson Coelho de Senna*, p. 19-20.

Jornais
Revistas
NCS.7 Iconografia
NCS.8 Exéquias (1952.06-1976).⁸⁴

Assim, no movimento de leitura do arquivo pessoal de Nelson de Senna, buscamos percorrer o processo artesanal de acumulação e organização de sua *memória de papel*. Seu exercício memorialístico constitui-se numa laboriosa escrita de si e, ao mesmo tempo, aponta para uma prática e um projeto escriturário. Desse arquivo, explorou-se a figura do acumulador, acompanhando o modo como buscou organizar e dar plasticidade ao seu arquivo.

Esse é um meticuloso trabalho artesanal cuja intenção de arquivamento se deu na esteira de sua atuação político-intelectual, estabelecida em mais de 50 anos de vida pública.⁸⁵ Da qualidade e da intensidade dessa prática, deve-se o reconhecimento de um olhar pretérito, que se prestou à monumentalidade de seu passado materializado.

Frente à complexidade da ação colecionista, que se constitui entre representações, arranjos e negociações de poder, buscamos acompanhar a perspectiva adotada por ele na edificação de sua memória. O destaque dado ao seu colecionismo⁸⁶ encontra assento junto ao modo como buscou organizar, classificar e categorizar seu acúmulo documental. Frente às inúmeras ações que contornam essa atividade, a prática colecionista faz parte de um intrincado processo de criação e pesquisa, acompanhado dos interesses que se pretendeu alcançar.

Na relação estabelecida entre o indivíduo e a coleção, considera-se as intenções e desejos manifestos no próprio exercício acumulativo, empenhando-se em aproximar os materiais à sua retórica de vida. Nessa direção, observa-se no universo colecionista de Nelson de Senna, as ambiguidades e contradições que contornam a sua memória autobiográfica.⁸⁷ Desse modo, ao buscar desvelar as motivações que envolvem tal atividade, chamamos a atenção para os primeiros passos desse arquivamento.

Inicialmente, esse trabalho se deu através da aquisição de um pequeno acervo construído por sua mãe, D. Maria Brasilina, composto por documentos pessoais e familiares como: boletins

⁸⁴ APCBH. *Inventário do arquivo pessoal Nelson Coelho de Senna*, p. 25.

⁸⁵ O conjunto documental representa a trajetória do titular e, por isso, é restrito ao período em que ele viveu.

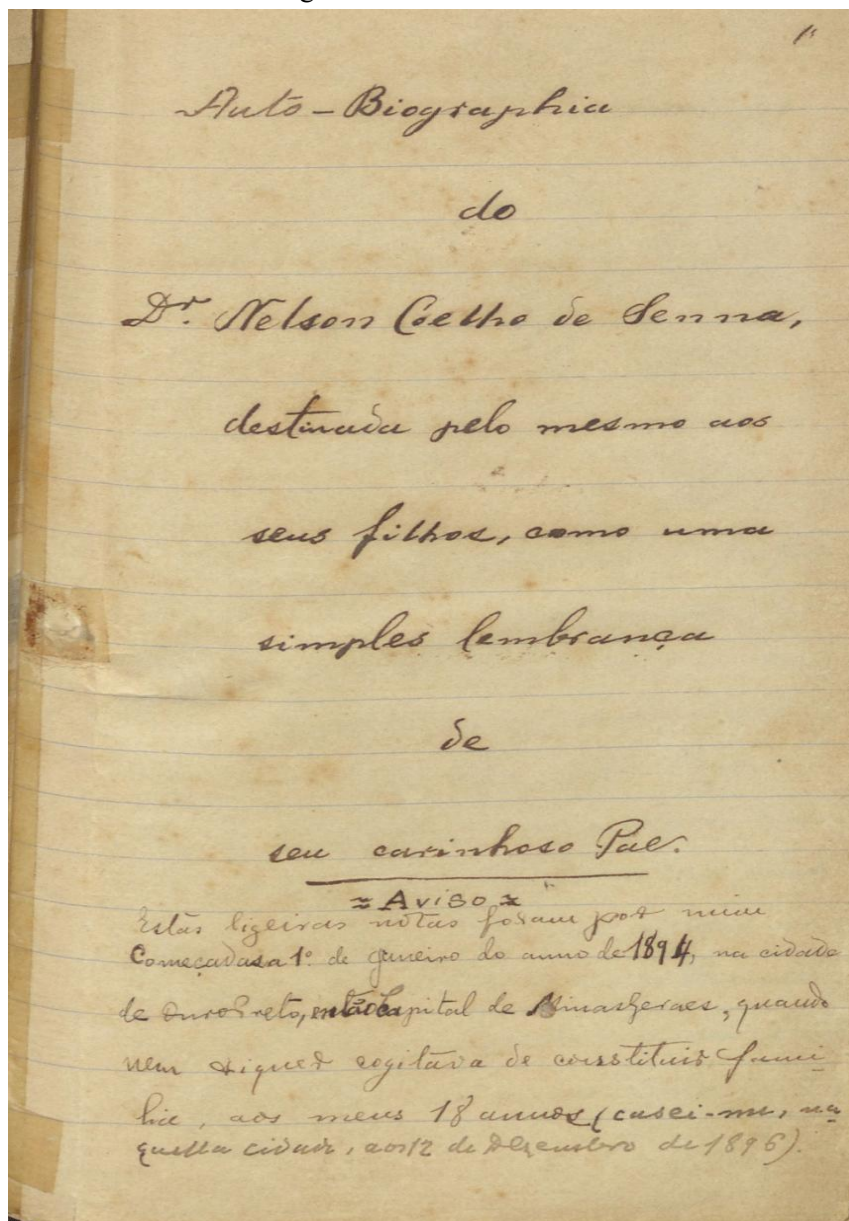
⁸⁶ Os conceitos de *coleção/colecionismo* foram compreendidos como um conjunto material apreendido por uma ação e organicidade. Buscamos explorar essa ideia tomando como mote uma prática e um método em suas proposições narrativas. Ver: BENJAMIN, W. Obra das Passagens, 1927-40, trechos selecionados. In: SCHOLZ, L.A. *Noite do colecionar*. Bonn: InterNacioniones, 1999.

⁸⁷ Ao analisar o perfil e o comportamento do colecionador, o crítico literário e filósofo Walter Benjamin chama a atenção para a percepção de que nada é aleatório na reunião de documentos produzidos ou adquiridos por um indivíduo. Ver: SILVA, Armando Malheiros da. O colecionador segundo Walter Benjamin ou um texto proto-sistêmico. *Revista Fontes Documentais*, v. 3, n. ed. especial, p. 602-615, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/57724>. Acesso em: 19 dez. 2023.

e cadernos escolares, cadernetas, certidão de batismo, documentos pessoais e esparsas fotografias familiares, que testemunham as primeiras informações sobre seu titular. Aos poucos, o exercício memorialístico foi assumindo atitude própria, de maneira consciente, ganhou forma e conteúdo. No exemplo abaixo, o *Livro de Família* exhibe seus primeiros apontamentos e escritos pessoais, quando ainda muito jovem, com então 18 anos.⁸⁸

⁸⁸ Essa ideia aproxima-nos de uma certa concepção memorialística, que parece projetar o futuro, permitindo-nos acessar o significado de suas ações, conduzidas por interesse de reconhecimento posterior. Portanto, existe uma intencionalidade de seu titular em deixar um legado para a geração de seus filhos. Ver: ARTIÉRRES, Philippe. Arquivo-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, JoËlle; HEYMANN, Luciana (Org.). *Arquivos pessoais: reflexões e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013. p. 45-54.

Figura 8 – Livro de família



Fonte: Álbum 3: 1894-1930. Livro de família: Para meus filhos. Nelson de Senna. Notas biographicas e Assentamentos íntimos. APCBH, NCS 1.6.3.

[TRANSCRIÇÃO]

Auto-Biographia do Dr. Nelson Coelho de Senna destinada pelo mesmo aos seus filhos, como uma simples lembrança de seu carinhoso Pai.

Aviso

Essas ligeiras notas falam por mim

Começava 1º de janeiro do anno de 1894, na cidade de Ouro Preto, então capital de Minas Geraes, quando nem si quer cogitava de constituir família, aos meus 18 annos (Casei-me, com Ma. Emília, aos 12 de dezembro de 1896).

Datado entre os anos de 1894 e 1930, o álbum, que contém 137 páginas manuscritas, interpostas por recortes de jornais informativos sobre sua atuação pública, parece trazer uma

certa condução e linearidade ao seu exercício profissional. Numa espécie de direção narrativa, as colagens e textos dedicados a testemunhar sua trajetória, acompanham diferentes planos, cores e sobreposições na construção de sua imagem.

Do que deixou escrito nas páginas amareladas dos cadernos-álbuns se desprendem indicações que apontam para uma materialidade que impressiona, dado o expressivo trabalho artesanal. No arquivo pessoal de Nelson de Senna há esse aspecto de deleite contemplativo, em que a vida por escrito exhibe-se à exemplaridade. Como *artesanato da beleza* de sua vida, coubermos atentar para o processo de colagem composto por uma variedade de recursos, conforme veremos a seguir.

1.4.1 Recortar e colar: o colecionismo como prática

*Construo um mundo à minha imagem, um mundo onde me pertenço, e é um mundo de papel [...] Recorte e colagem são as experiências fundamentais com o papel, das quais a leitura e a escrita não são senão forma derivadas, transitórias, efêmeras.*⁸⁹

Aqui a vida de papel assume protagonismo por meio de um espetáculo plástico-visual. No ato de guardar, recortar e colar estão imbricados o caráter intencional e simbólico na construção de sua imagem. Resultado de uma certa intuição prática, adquirida habilmente ao longo de décadas de trabalho, o processo de colagem enseja um modo particular e instrumental de dar veracidade ao seu emolduramento. Ao “recortar e colar”, exhibe-se um mundo à sua imagem, contornado por uma forma singular de edificação.

Para dar visibilidade à tipologia material, utilizamos de uma subdivisão em que exibimos parte do arquivo como coleções, apresentando-o em miniatura. Porém, sem perder de vista os motivos pelos quais seu titular organizou sua memória, buscamos dar organicidade ao seu “quebra-cabeça” através das peças que vão se encaixando, de modo a constituir-se num “inteiro harmonioso”, conforme segue abaixo.

⁸⁹ COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 10-11.

1.4.1.1 Os cadernos-álbuns

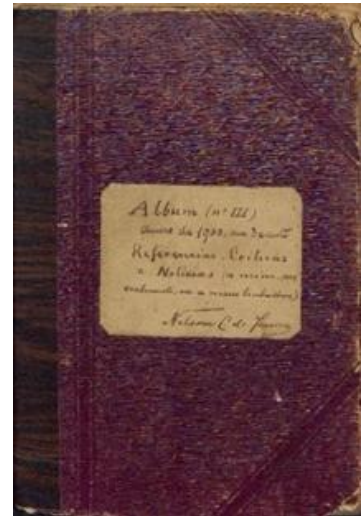
Figura 9 – Capas dos cadernos/álbuns



Fonte: APCBH, NCS.1.6.2.



Fonte: APCBH, NCS.1.6.4.



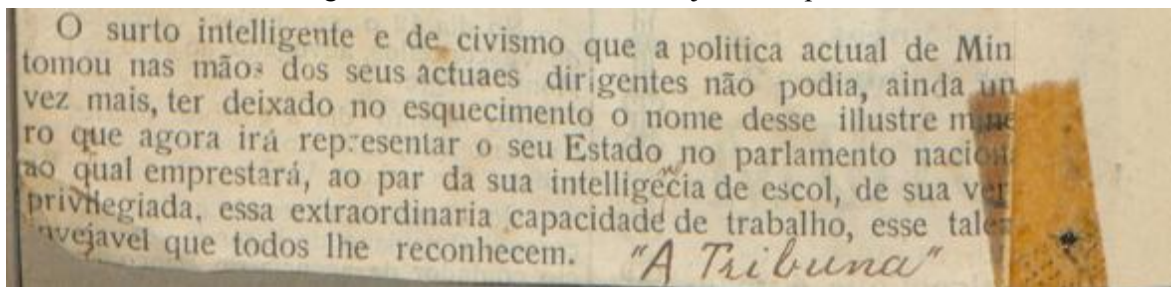
Fonte: APCBH, NCS.1.6.5.

Um certo padrão estilístico parece conduzir a narrativa autobiográfica de Nelson de Senna de modo a indicar também uma organização própria. Os cadernos-álbuns, em brochura e capa dura, com medidas aproximadas de 15x22 cm, seguem acompanhados de uma etiqueta centralizada indicando o seu conteúdo. Como esses, cerca de 20 cadernos autorreferenciais exibem uma obstinada tentativa de permanecer-se postumamente.

Embora distanciado de um processo formal de edição, sua escrita aponta para uma disposição física em que se manifesta uma intenção editorial, sugerida pelos elementos pré-textuais existentes, como: a identificação do autor, o local e a natureza do trabalho; a folha de rosto; as dedicatórias; as epígrafes; os agradecimentos; as citações literárias, religiosas e/ou filosóficas. Ainda na parte interior, as folhas amareladas do caderno pautado oferecem diferentes ritmos e temporalidades, que estampam uma lógica e um sentido próprios de ordenamento. São registros e anotações pessoais e profissionais que desempenham mais do que uma escrita autobiográfica, imprimindo ao seu modo de pensar valores, ideias e representações. Para trazer uma ideia desse universo documental, abrimos alguns desses cadernos na intenção de expor parte desse raciocínio, conforme pode ser visto abaixo.

Ao assumir força e direcionamento próprios, o exemplo acima indica um pouco desse movimento. No álbum intitulado *Caderno de Pensamentos, Referências e Idéas* está estampado um recorte de jornal com sua foto em pose, quando de sua eleição para deputado federal por Minas Gerais no ano de 1922. Abaixo, uma descrição laudatória faz referência à sua trajetória pública, destacando seus atributos intelectuais e sua competência profissional. Esses parecem compactuar da sua ilusão biográfica,⁹⁰ sendo assim notabilizado:

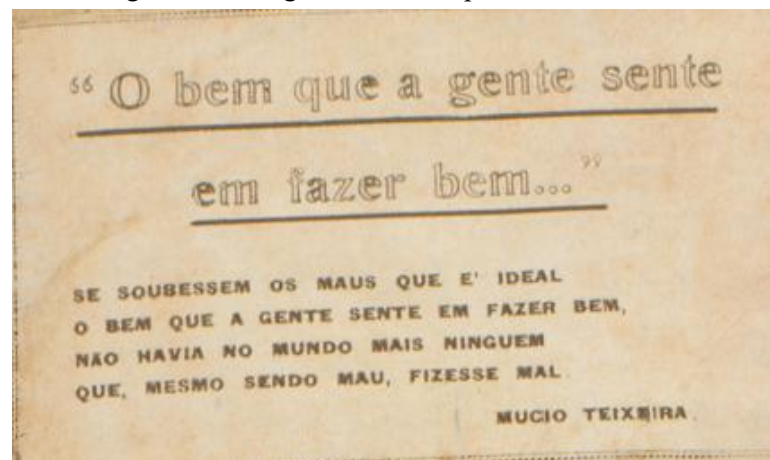
Figura 11 – Trecho do recorte de jornal ampliado



Fonte: Álbum 12: 1922-1928. Caderno de Pensamentos, Referências e Idéas. 1922 a 1928. Nelson de Senna. APCBH, NCS.1.6.12.

Adiante, dois recortes de jornal na página seguinte apontam para um conjunto de valores e princípios ético-morais bastante significativos do modo como buscou pertencimento. No primeiro, a referência ao governo de Augusto César – Imperador Romano –, cujo modelo de conduta foi exibido como legado para as gerações futuras; no segundo, o fragmento escrito pelo jornalista e escritor brasileiro Mucio Scevola Lopes Teixeira (1857 – 1926) traz uma concepção fundamental da experiência humana, o princípio da moralidade.

Figura 12 – Fragmento escrito por Múcio Teixeira



Fonte: Álbum 12: 1922-1928. Caderno de Pensamentos, Referências e Idéas. 1922 a 1928. Nelson de Senna. APCBH, NCS.1.6.12.

⁹⁰ BOURDIEU. A ilusão biográfica.

A alusão acima serve como mecanismo de retórica e reforça a exemplaridade, colocando-se em comparação com uma conduta que deseja assemelhar-se. Nesse desenho moral, estão imbrincados aspectos político-sociais de uma época, mas também revela-se sua erudição e sua inserção na cultura letrada da época. Assim, ao permitir-se à exposição pública, Nelson de Senna encena uma “vida de holofotes” e entra no jogo da representação-contemplação.⁹¹ Em outras palavras, podemos dizer que seu arquivamento obedece a um projeto particular de escrita, sendo amplamente explorado ao longo de sua atuação pública. Nas palavras de Barthes: “Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a ‘posar’, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem”.⁹²

Avançando um pouco mais para o miolo dos cadernos-álbuns, outros indicativos apontam para essa pretensão, dedicando-se ao firme propósito de perpetuação da memória. Ao retornar ao caderno *Livro de Família - apontamentos autobiográficos*, outras questões permitem análise, como a incumbência endereçada aos filhos. Nela, a solicitação para entregar seus escritos ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) aparece formalmente. Se lido de outro ponto de vista, como sócio correspondente, parece requerer um direito de contrapartida, visando reconhecimento institucional por sua contribuição intelectual.

Buscando construir sua memória sob solo ilustrado, a estampilha adesiva colada na primeira página de alguns livros e cadernos-álbuns representa bem essa imagem. Trazendo uma significativa referência ao exaustivo trabalho intelectual, a locução latina escolhida, *Mens et Labor, ex-libris*,⁹³ reforça e imprime o desejo de reconhecimento daquele que foi, segundo ele, um “trabalhador incansável”, que viveu obstinadamente “entre os livros”. Segue abaixo,

⁹¹ BARTHES, Roland. *A câmara clara*: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

⁹² BARTHES. *A câmara clara*, p. 22.

⁹³ A expressão latina *ex-libris*, que significa ‘dos livros’, ‘de entre os livros’, foi bastante utilizada entre a elite político-intelectual brasileira até as primeiras décadas do século XX. Não raro, as insígnias vinham acompanhada de um jogo de palavras, como é o caso daquela escolhida por Nelson de Senna: *Mens et labor* (latim) – ‘Mente e trabalho’, que significa que o foco está na atividade intelectual em conjunto com o trabalho árduo. Disponível em: <https://yausha.com.br/wp-content/uploads/2023/12/DICIONARIO-DO-LATIM-ESSENCIAL.pdf>. Acesso: em 10/01/2023.

Figura 13 – Estampilhas



Fonte: APCBH, NCS.1.6.3.

A representação plástica acima tem sua marca e identidade visual. Ao buscar assemelhá-la ao envelope timbrado, Senna parece conferir oficialidade ao conteúdo de sua escrita, indicando-lhe um destino. Ainda nesse caderno-álbum, é possível visualizar uma intervenção mais direta e consciente, ao fazer uso político e social de sua ancestralidade, uma prática comum entre a elite político-econômica, como forma de demarcar posição e distinção social. Através de um complexo arranjo, desafia a lógica linear e recupera sua linhagem na fronteira do tempo. Como exemplo dessa construção plástico-mental, exibimos abaixo parte desse material.

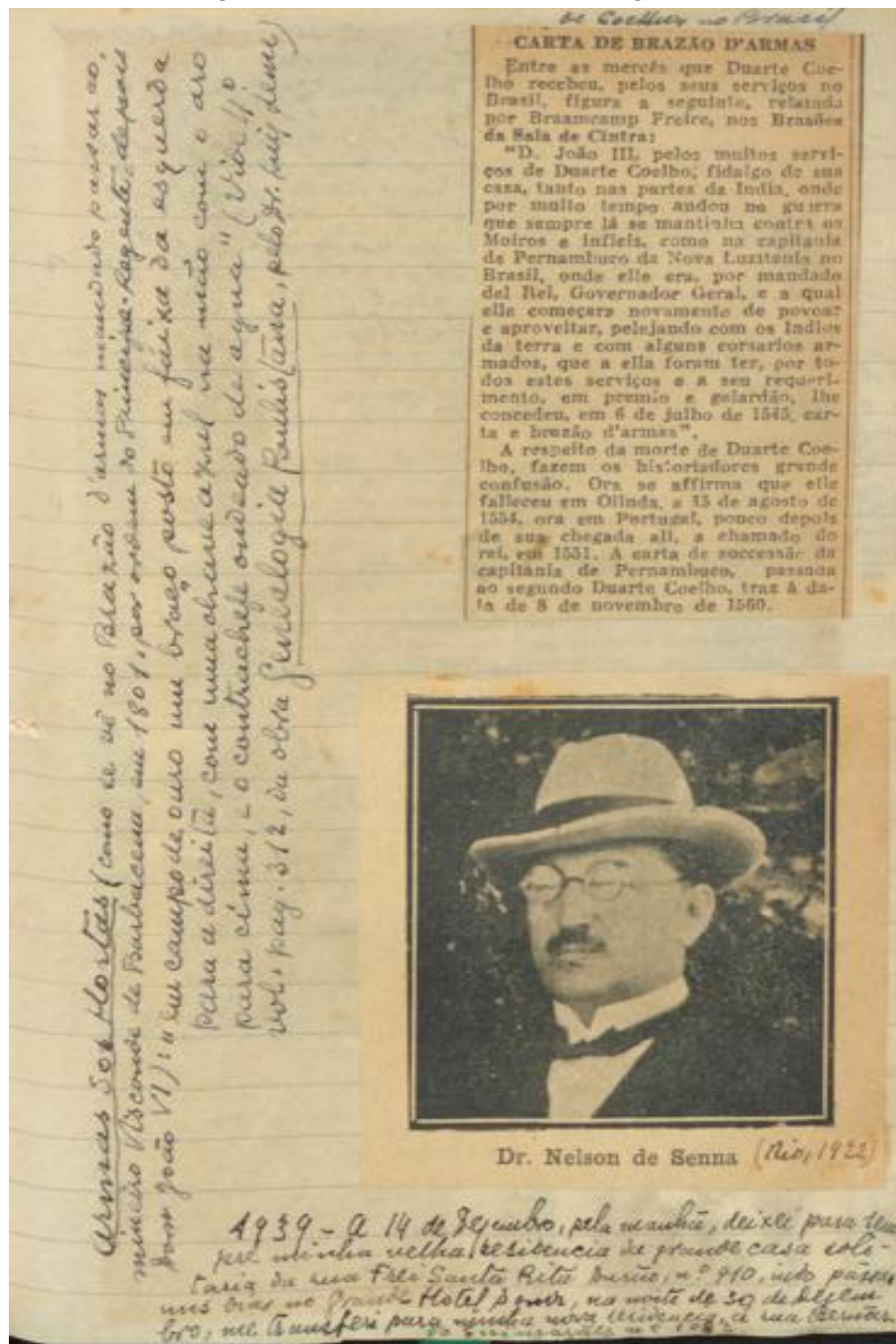
Figura 14 – Caderno-álbum Notas biográficas



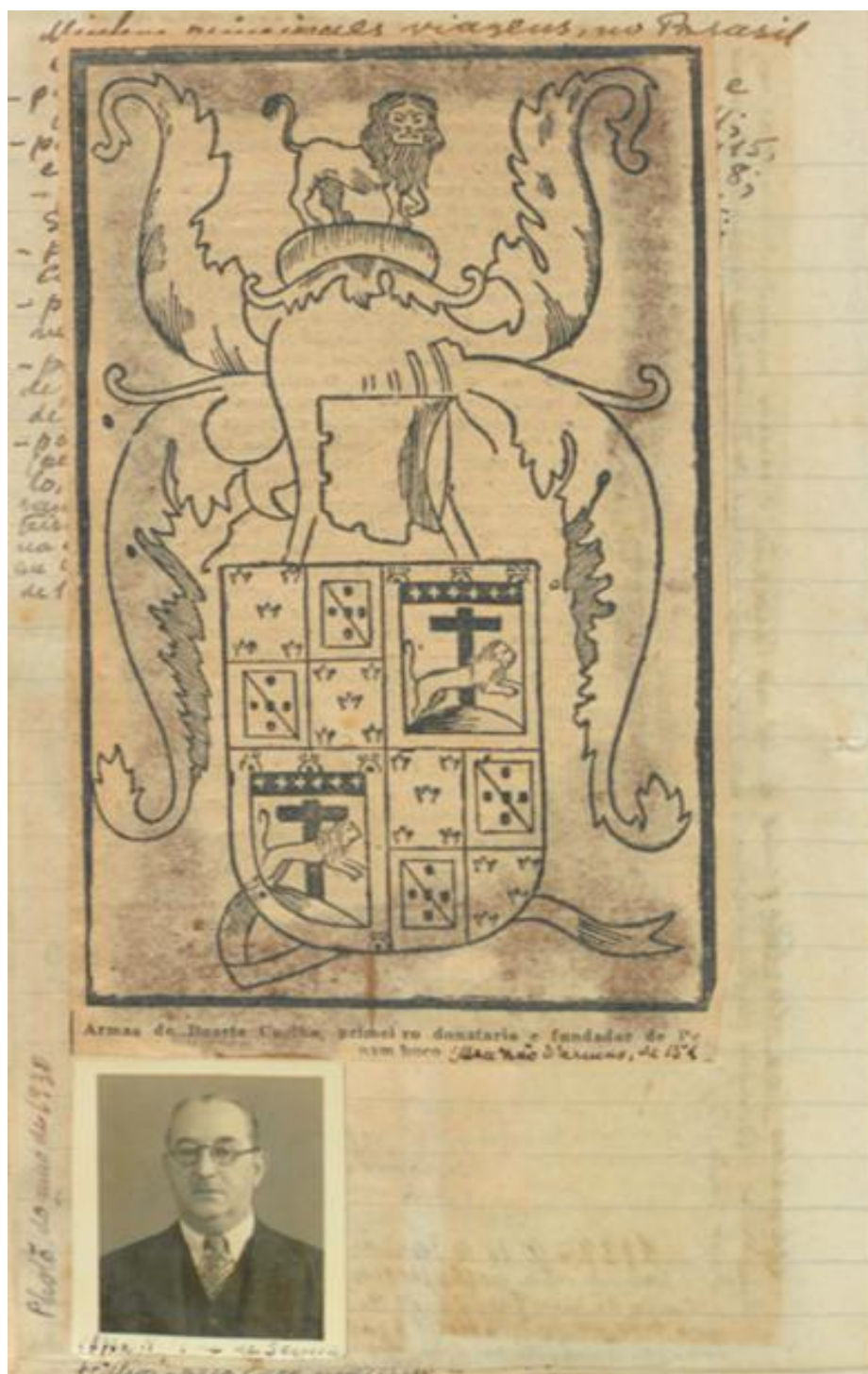
Fonte: APCBH, NCS.1.6.3.

Na arte de fazer, utilizou-se de materiais diversos que indicam um colecionismo próprio. Trata-se, portanto, de um acervo composto por uma extensa exposição cronológica com mais de 20 páginas, indicando uma ramificação parental em que recupera o Brasão D'Armas, símbolo da fidalguia portuguesa, conforme pode-se observar em tamanho ampliado:

Figura 15 – Caderno-álbum Notas biográficas



Fonte: Álbum 3: 1894-1930. Livro de família: Para meus filhos. Nelson de Senna. Notas biográficas e Assentamentos íntimos. APCBH, NCS.1.6.3.



Fonte: Álbum 3: 1894-1930. Livro de família: Para meus filhos. Nelson de Senna. Notas biográficas e Assentamentos íntimos. APCBH, NCS.1.6.3.

O recorte de jornal faz menção honrosa ao navegador e militar português Duarte Coelho Pereira (1485 – 1554) por sua atuação como primeiro capitão-donatário da Capitania de Pernambuco e fundador de Olinda. Em carta emitida pelo regente D. João III, a Coroa concedeu a ele o Brasão D’Armas Duarte Coelho,⁹⁴ pelos serviços prestados no Brasil durante o século XVI. Logo abaixo, faz uma associação direta ao posicionar o desenho do Brasão D’Armas junto à sua fotografia, reforçando o título nobiliárquico de sua ascendência.

Ao recobrar para si pertencimento, Nelson de Senna parece desafiar a dinâmica temporal, estabelecendo uma espécie de unidade fluída entre passado, presente e futuro.⁹⁵ Aqui, a valorização da ancestralidade é projetada num complexo metafórico, em que parece determinar sua sucessão por meio de um contínuo entre ascendentes e descendentes. Senna vincula a foto do diplomata e general português Gomes Freire de Andrade (1685 – 1763), o Conde de Bobadela,⁹⁶ a uma foto de suas netas, intencionalmente, recortado em formato de buquê. Veja:

⁹⁴ “Brasão de Duarte Coelho: o Rei D. João III conferiu-lhe êste brasão, em 1545, como prêmio aos serviços prestados no Oriente e em Pernambuco. Os cinco castelos lembram as cinco povoações, por êle fundadas, e das quais conhecemos apenas Igaraçu, Olinda e Paratibe”. Ver: DIAS, Carlos Malheiro (Org.). *História da colonização portuguesa do Brasil*. ed. fac-sím. Brasília: Senado Federal, 2022. v. 3.

⁹⁵ O ponto de partida da análise refere-se ao ensaio escrito por Koselleck, em que o historiador desenvolve suas principais considerações sobre as dimensões da temporalidade, utilizando os conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. Ver: KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativas. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto. p. 311-337.

⁹⁶ Nomeado por D. João V, o Conde de Bobadela foi governador e capitão-geral do Rio de Janeiro, quando ocorreu a criação do Vice-Reino do Brasil. Nesse período, administrou, paralelamente, as Capitanias de Minas Gerais e de São Paulo. Atuou como diplomata e destacou-se na defesa dos interesses portugueses na demarcação dos limites meridionais do Brasil com as colônias espanholas. Recebeu a homenagem de patrono do Departamento de Ciência e Tecnologia do Exército. Ver: GENERAL Gomes Freire de Andrade. In: Departamento de Ciência e Tecnologia do Exército Brasileiro. Disponível em: <http://www.dct.eb.mil.br/index.php/patrono>. Acesso em: 20 set. 2022.

Figura 16 – Caderno-álbum Notas biográficas



Fonte: Álbum 3: 1894-1930. Livro de família: Para meus filhos. Nelson de Senna. Notas biográficas e Assentamentos íntimos. APCBH, NCS.1.6.3.

[TRANSCRIÇÃO]

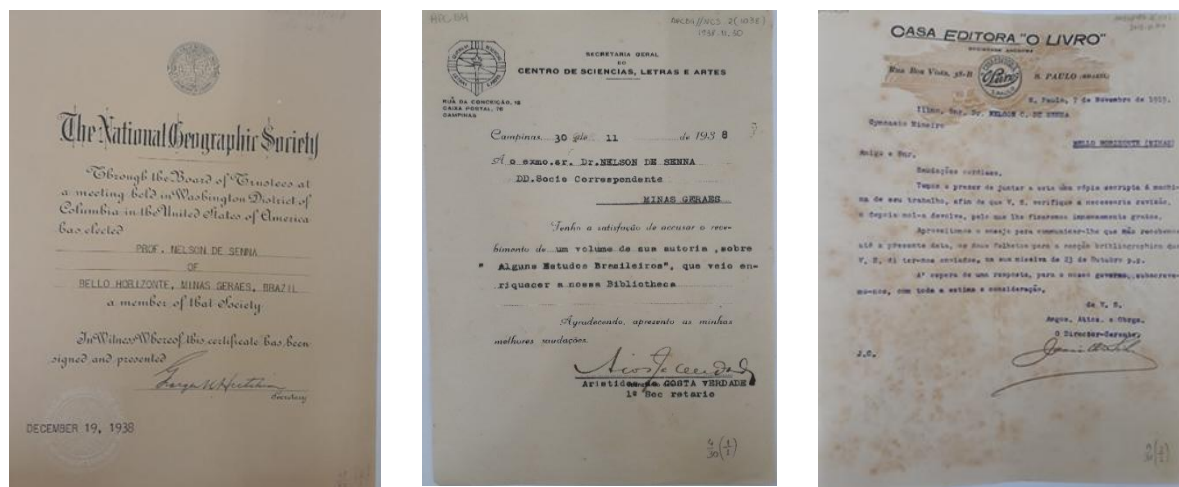
Vêr sobre armas, brasão ou escudo, é origem nobre da família "Coelho", a obra: "Resenha das famílias titulares e grandes de Portugal" por Adriano da Silveira Pinto e continuada pelo Visconde de Sanches de Baena, edição de Lisboa.

A "Encyclopedia e Dicionario Internacional" traz os dados bio-bibliográficos do Dr. Nelson Coelho de Senna (às pags. 10.533 – 10554 do volume XVIII, [com] de 1922).

Capitaneado por conexões simbólico-discursivas, seu arquivamento converte-se em um artefato e a vida público-privada, numa apreciação visual. Numa exposição de fatos e acontecimentos, o valor narrativo guarda relação com o seu projeto de vida e ajuda a explicar sua lógica de organização.⁹⁷ Nessa direção, indicamos outros fundos documentais que acompanham esse raciocínio.

1.4.1.2 As correspondências

Figura 17 – Correspondências institucionais



Fonte: APCBH, NCS.2 (1026).

Fonte: APCBH, NCS 2 (1038).

Fonte: APCBH, NCS.2 (883).

As correspondências constituem um amplo acervo contendo mais de mil cartas, organizadas de acordo com a sua natureza documental: abaixo-assinado, ata, aviso, carta, certidão, certificado, circular, convite, ofício, parecer, portaria, postal, requerimento, resolução e telegrama. Considerando o conteúdo do conjunto analisado, encontram-se cartas institucionais, com referências aos compromissos de carreira, pedidos de favores, doações, cartas familiares e/ou pessoais, telegramas com votos e saudações festivas. É um *corpus* documental que permite-nos localizar parte do contexto histórico-cultural de uma época, bem como da visão de mundo de seu remetente. Para se ter uma ideia de sua variedade, destacamos algumas a seguir.

1.4.1.2.1 Cartas de associações científico-culturais

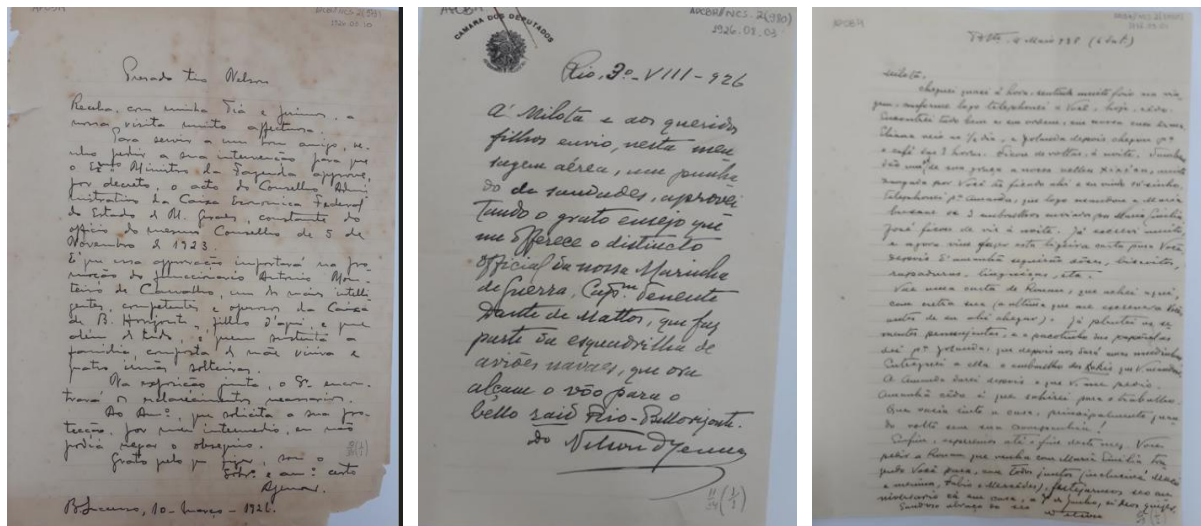
Em sua maioria, são correspondências institucionais datadas e datilografadas em papel ofício timbrado, com referências a pedidos ou agradecimentos de exemplares de obras

⁹⁷ BRITO, Augusto César Luiz; Corradi, Analaura. O valor narrativo em arquivos pessoais compreendidos como “escrita de si”. *Ponto de Acesso*, v. 14, n. 2/3, 2020.

publicadas pelo titular do acervo. Caracterizam-se por abordar questões de natureza acadêmica, referentes à vida intelectual, algumas delas encontram-se em espanhol, francês e inglês, referentes às instituições estrangeiras às quais estabeleceu vínculo. Essas são indicativos de uma ampla rede de sociabilidade formada por sujeitos letrados e intelectuais situados no Brasil e no exterior. Indicando um panorama dos diferentes modos de interação social, as cartas configuram espaços de troca de informações e compartilhamento de ideias, que se constituem como importantes formas discursivas e identitárias.⁹⁸

1.4.1.2.2 Cartas de familiares e/ou pessoais

Figura 18 – Cartas de familiares e pessoais



Fonte: APCBH, NCS.2 (978).

Fonte: APCBH, NCS 2 (979).

Fonte: APCBH, NCS 2 (1010).

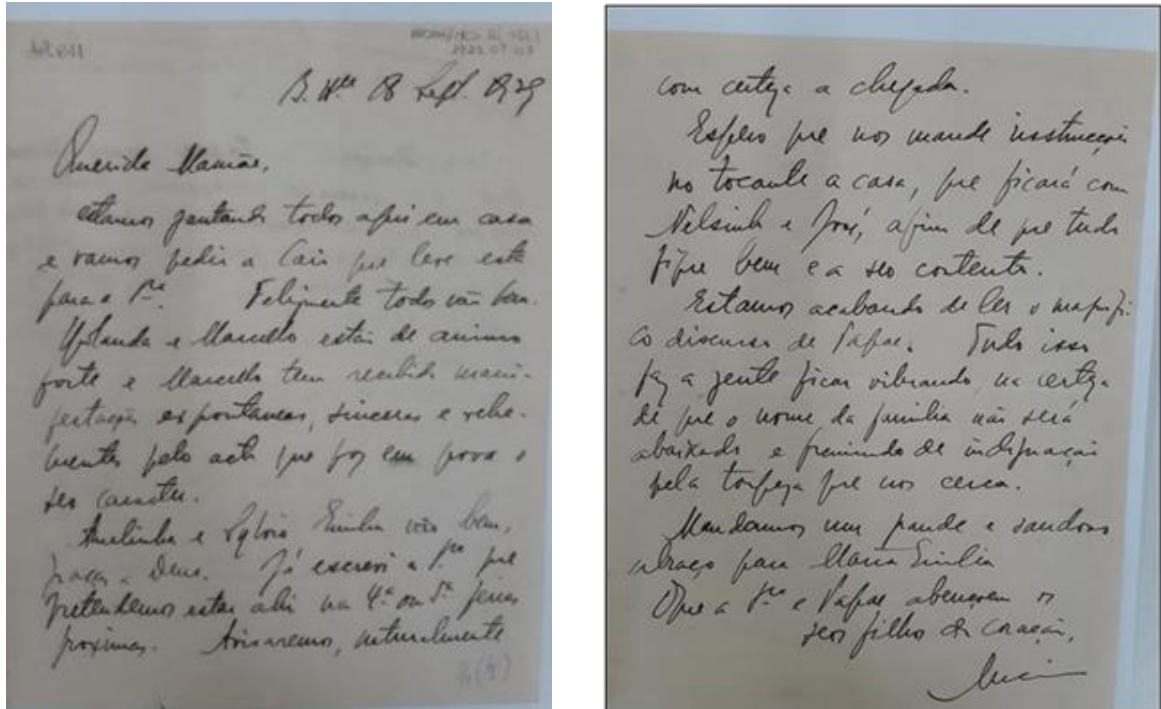
Essas compõem uma parte mais restrita do acervo, mas não menos importante. Escritas à mão em folha de papel pautado ou ofício, com tinta preta ou azul, possui assinatura, data e local. Embora dispensem algumas formalidades, predomina o uso da norma culta da língua portuguesa. Seu conteúdo dirige-se ao cotidiano, interpelado por um conjunto de obrigações do remetente para com os seus familiares. Nessa perspectiva, a prática epistolar⁹⁹ evidencia particularidades que se revelam no intercâmbio de sentimentos e juízos. Como exemplo, a carta transcrita abaixo traz como remetente o filho Lúcio Nelson de Senna e tem como destinatário sua mãe, D. Maria Emília. Na missiva, Lúcio escreve dando notícias da família e demonstrando-

⁹⁸ BAZERMAN, Charles. Cartas e a base social dos gêneros diferenciados. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução de Judith C. Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 83-99.

⁹⁹ VENÂNCIO. Presentes de papel.

se agradecido pelo legado deixado pela família Coelho, referindo-se à integridade do pai no desempenho das atividades políticas.

Figura 19 – Carta familiar do filho Lúcio para D. Maria Emília



Fonte: APCBH, NCS 2. (981).

[TRANSCRIÇÃO]

Querida mamãe,

Estamos jantando todos aqui em casa e vamos pedir a Caio que leve esta para a Sra. Felizmente todos vão bem. Yolanda e Marcello estão de animo forte e Marcello tem recebido manifestações espontaneas, sinceras e [?] pelo acto, que faz em favor de seu caráter.

Aurelinha e Sylvia Emília vão bem, graça a Deus. Já escrevi à Sra. que pretendemos esta ahi na 4ª ou 5ª feiras próximas. Avisaremos, naturalmente com certeza a chegada.

Espero que nos mande instruções no tocante a casa, que ficará com Nelsinho e José a fim de que tudo fique bem e a seo contento.

Estamos acabando de ler o magnifico discurso de papae. Tudo isso faz a gente ficar vibrando, na certeza de que o nome da minha família não será abaixado e ferido de indignação pela tarefa que nos cerca.

Mandamos um [?] e um saudoso abraço para Maria Emilia. Que a Sra. e papae abençoem seos filhos de coração,

Lúcio [assinatura]

1.4.1.3 As fotografias

Figura 20 – Álbum com recortes de fotografias



Fonte: APCBH, NCS.7.3.

Fonte: APCBH, NCS.7.3.

Fonte: APCBH, NCS.7.3.

De natureza diversa, as fotografias constituem grande volume junto ao acervo.¹⁰⁰ Em sua maioria, foram retiradas de recortes de jornais e caracterizam-se por registrar sua trajetória pública. Através delas é possível observar seu ordenamento e classificação cronológica, indicados pelas descrições das legendas e das complementações realizadas pelo titular. Observa-se que, embora não exista propriamente uma divisão entre a vida pública e a privada, elas indicam uma tentativa de imprimir coerência e unidade às duas instâncias. Dentre elas, encontram-se fotos consideradas profissionais ou públicas, ou seja, aquelas que assinalam mais diretamente sua atuação político-intelectual, geralmente em eventos e/ou acontecimentos públicos. As fotos pessoais, como é o caso dos álbuns de família, são aquelas que registram o titular em pose familiar.

1) Fotografias de família: marcados por um conjunto de fotografias que ilustram sua trajetória pessoal e familiar, os álbuns trazem fotos da infância e da juventude, de sua cidade natal, da casa onde morou, no Serro, bem como fotos da cidade de Diamantina durante o período escolar. Do acervo pessoal, algumas foram cedidas para publicidade jornalística e se misturam àquelas produzidas em eventos públicos, parlamentares ou civis. A seguir, pode-se ver a foto de sua esposa Milota ladeada pelos filhos Lúcio e Caio. Em ambiente doméstico, Senna aparece em seu escritório juntamente com os filhos e a esposa. Em outra, na varanda de sua casa em Belo Horizonte, ele encontra-se em torno de sua família. Uma intimidade que se encena e se

¹⁰⁰ Em sua prática memorialística, também podemos pensar em uma ação colecionista, reunindo fotos de eventos, personalidades, objetos, documentos oficiais e de terceiros, que refletem uma certa dimensão de sua produção historiográfica.

oferece para representação. São documentos que contêm um valor simbólico-representativo do modo que desejou ser visto e lembrado.

Figura 21 – Fotos publicadas em diferentes jornais



Fonte: Album de referências ao Dr. Nelson de Senna (Retratos e ilustrações). Anno de 1916 a 1919. Bello Horizonte. APCBH, NCS.1.6.10.



Fonte: Album de referências ao Dr. Nelson de Senna (Retratos e ilustrações). Anno de 1916 a 1919. Bello Horizonte. APCBH, NCS.1.6.10.

2. Fotos públicas: no conjunto iconográfico, encontram-se fotos em poses para divulgação pública. A partir delas foi possível identificar um acervo que abrange uma interessante exposição de si em eventos comemorativos, inauguração de obras e participação em congressos. Denominamos essas aparições de *foto-performance*,¹⁰¹ por entender que, ao se oferecer à apreciação pública, Nelson de Senna constitui-se como um personagem. A seguir, as três primeiras fotos referem-se ao seu retrato em diferentes fases de sua trajetória profissional. O figurino, composto pelo terno preto bem alinhado, e a gestualidade contida numa feição sóbria e sisuda complementam a cena. Nas duas fotos seguintes, o intelectual mineiro participa de dois eventos, o primeiro refere-se ao Congresso de Instrução Secundária, realizado em São Paulo no ano de 1911, quando nomeado representante oficial de Minas Gerais e presidente

¹⁰¹ Faço referência ao trabalho de Roland Barthes: ao oferecer-se como um personagem para si e para os outros, Senna revestiu-se de uma performance, de uma pose, na medida em que o sujeito se torna objeto, ao ser flagrado pela lente das câmaras (BARTHES. *A câmara clara*).

honorário. Na segunda, em 1928, foi nomeado relator no Congresso de Municipalidades do Norte de Minas, realizado em Diamantina.

Figura 22 – Fotos de diferentes jornais presentes nos álbuns



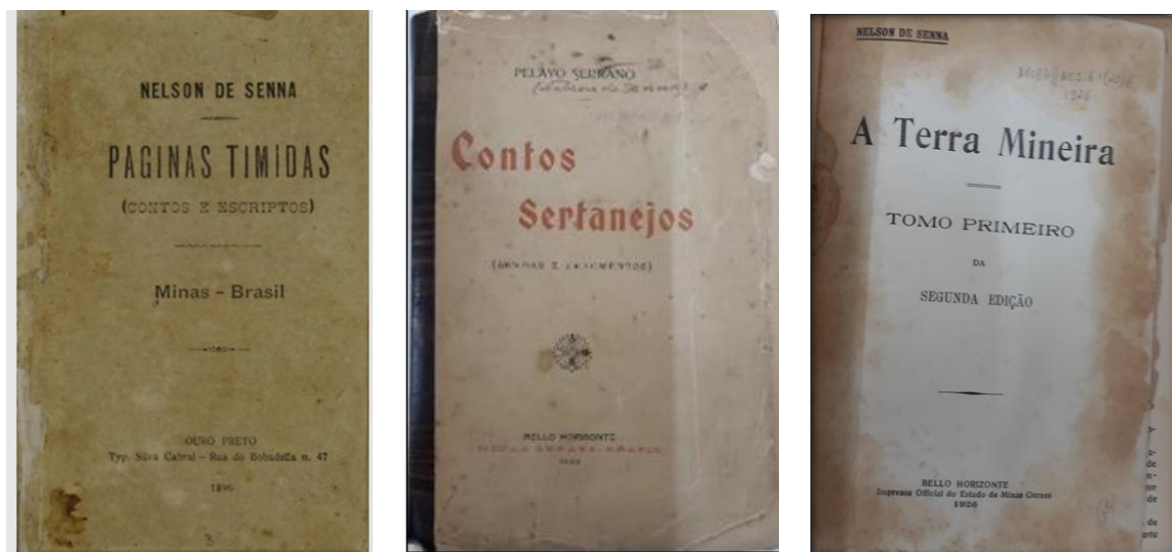
Fonte: Album de referências ao Dr. Nelson de Senna (Retratos e ilustrações). Anno de 1916 a 1919. Bello Horizonte. APCBH, NCS.1.6.10.

Fonte: Album de referências ao Dr. Nelson de Senna (Retratos e ilustrações). Anno de 1916 a 1919. Bello Horizonte. APCBH, NCS.1.6.10.

1.4.1.4 As publicações

O fundo é composto pelas obras do autor (1895-1949), obras de terceiros (1872-1951) e periódicos (1824-1952), dentre eles: folhetos, jornais e revistas. Compondo uma vasta e extensa produção, em sua maioria, com vínculo editorial e/ou institucional, identificamos exemplares de obras completas de literatura, história, etnografia, bem como, discursos, teses e conferências sobre diversos assuntos. Abaixo a capa de três de suas obras.

Figura 23 – Capas de obras completas



Fonte: APCBH, NCS.6.1 (1); (2); (25).

Podemos concluir que no ato de colecionar de Nelson de Senna estão imbricados escolhas e estratégias que indicam o modo como desejou ser lembrado. São memórias que ganham múltiplos significados e representações na construção de uma imagem pública. Nessa direção, buscamos analisar a prática de arquivamento junto às experiências vividas, de modo a refletir sobre o processo de acumulação e fabricação de uma escritura de si.

Permeada por uma figura multifacetada, o gesto de autoarquivamento revela-se por meio de um espetáculo plástico-visual, que se processa na maneira como materializou sua memória de papel. Disso decorre uma prática e um projeto autobiográfico consolidado ao longo de décadas de acumulação documental. Como resultado do exercício memorialístico, o *Arquivo Pessoal de Nelson de Senna* mostra-se como um fundo representativo das memórias pessoais e profissionais de seu titular, bem como de seu pensamento político-intelectual.

Não obstante à compreensão de que se deve matizar tal análise, recuperando outras vozes em perspectiva relacional, no primeiro capítulo, buscamos analisar a construção de uma imagem pública, dando “voz” ao próprio colecionador e titular do arquivo. Essa escolha, evidencia a tentativa de acompanhar os movimentos e impulsos viscerais com que ousou narrar a si mesmo, muitas vezes, reagindo de forma profunda e intensa, escapando à razão e/ou a lógica. Trata-se de um comportamento, por vezes, quase impossível de controlar, dado o empenho e a insistência com que pretendeu assumir a direção narrativa.¹⁰²

¹⁰² Em resposta à visceralidade, considerada uma manifestação autêntica de seu comportamento, essa leitura compete outras possibilidades de análise e pesquisas futuras, que permitam dar visibilidade aos embates, disputas e enfrentamentos vivenciados por Nelson de Senna nos diferentes grupos sociais aos quais pertenceu.

Por outro lado, não se submete ao acaso, antes busca construir o seu caminho através do próprio esforço, assumindo posturas e confessando renúncias, que nos convida a estabelecer um paralelo com um tipo de comportamento e/ou caráter específico - *o egoísta*.¹⁰³ Entendido como aquele cujos interesses particulares são determinados por princípios que guiam suas ações e escolhas. Desse modo, à suposta naturalidade do gesto organizador, o controle exercido na construção de sua imagem revela a força do nome próprio em meio às tensões e embates que contornam a vida pública.

No próximo capítulo, abordaremos sua trajetória profissional, procurando acompanhar sua atuação nos múltiplos ofícios e instituições que caracterizam a sua atuação como historiador. Essa análise se constitui entre percursos justapostos e interdependentes, que compõem as muitas instâncias desse sujeito, colocando em relevo uma dimensão bastante representativa do modo como pretendeu ser reconhecido por seus pares – *um trabalhador incansável*.

Perfis Rimados

X

Guapo rapaz, talento de primeira,
Operoso, gentil, de ameno trato,
Conheci-o sofrendo um desacato
Que repellio com mascula maneira.
Pertence à joven geração mineira
De homens cujo valor proclamo e acato,
Por isso palmas satisfeito bato
Vendo-o de deputado na cadeira.
Nelson de Senna é filho do trabalho,
Do próprio esforço, seu merecimento
(Quem o diz não sou eu, que nada valho).
Dizem os homens de conhecimento
E eu com prazer por toda parte espalho
E'que subio nas azas do talento.¹⁰⁴

¹⁰³ Esse é um conceito em que acreditamos ter nos ajudado na análise da atuação e trajetória profissional de Nelson de Senna, impulsionando certas ações que marcaram o seu modo de agir, pensar e posicionar-se, numa estreita relação com os valores ético-morais defendidos por ele. Ver: SENRA, Franciny Constantin. *O egoísmo enquanto virtude: considerações acerca da filosofia moral objetivista de Ayn Rand*. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2017.

¹⁰⁴ Coluna Registro – Perfis Rimados, jornal *A Separação*, Uberaba, autoria não identificada, s.d. Álbum 14: 1930 a 1934. Referências de Imprensa. Notas e recortes de vários jornais. Nelson de Senna, 1930-1934. APCBH, NCS.1.6.14.

CAPÍTULO 2

AÇÃO INSTITUCIONAL E PRÁTICAS HISTORIOGRÁFICAS: CAMINHOS CRUZADOS

2.1 O sentido das práticas

*Pesei as minhas palavras, fria, calma, demoradamente. Lancei-as no papel com segurança, mais que certo de não errar. Nelson de Senna é, indubitavelmente, um intelectual de grande mérito. É duplamente talentoso. Tem talento, essa aptidão distinta, essa disposição preciosa, essa faúlta incomparável, dom supremo da natureza, e, ao mesmo passo, tem o talento, essa 'longa paciência' de que fala Buffon. A formosura do seu espírito é realçada pelo mais intenso amor ao trabalho. Raro se encontra, posso affirmar-o, um trabalhador assim. Não se fatiga. Sem cessar, pesquisa, indaga, lê, medita, pondera. Como que o seu entendimento permanece, dia e noite, acordado.*¹⁰⁵

A figura do *trabalhador incansável* e consciente de seu dever parece ser uma imagem que contorna e dá sentido à extensa trajetória intelectual de Nelson Coelho de Senna. Desejoso de intervenção pública, construiu seu percurso na esteira de múltiplas ocupações exercidas ao longo de sua vida. Nelas, estão imbricadas o exercício profissional e as práticas que constituem parte de seu fazer historiográfico.

Tomemos como fio condutor a intrínseca relação existente entre as instituições e a escrita da história, sob a condição de explorar as atribuições que conformam a atuação do historiador à época, diante das indefinições que marcaram o ofício.¹⁰⁶ Assim, buscamos refletir sobre os elos que unem a prática aos princípios epistemológicos que orientam a escrita histórica durante as primeiras décadas do século XX.

Interpretado à luz do conceito de *operação historiográfica*,¹⁰⁷ veremos, ao longo do capítulo, um conjunto de atividades que situam a atuação de Nelson de Senna no interior desse ofício, a fim de indicar as condições e os movimentos estabelecidos por ele junto aos seus pares. Desse modo, a escrita da história produzida por uma plêiade de intelectuais, notadamente

¹⁰⁵ Álbum 10: 1916-1919. Álbum de referências ao Dr. Nelson de Senna (Retratos e ilustrações). Anos de 1916 a 1919. Bello Horizonte. APCBH, NCS.1.6.14.

¹⁰⁶ Durante o período, o conhecimento histórico não se constituía como um campo de saber especializado e autônomo. É somente após a criação dos primeiros cursos universitários de História que a atuação do historiador assume uma identidade profissional. Ver: FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.

¹⁰⁷ CERTEAU. *A operação historiográfica*.

reconhecidos pelo prestígio social, tem sido pensada em meio a uma multiplicidade de experiências que regulam discursos e orientam ações. Nas palavras de Certeau:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da “realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada “enquanto atividade humana”, “enquanto prática”.¹⁰⁸

A partir dessa concepção, podemos assinalar a presença de um conjunto de práticas e procedimentos compartilhados institucionalmente. Nesse sentido, Certeau concebe os lugares e as práticas como indissociáveis, estabelecendo, assim, um certo caráter normativo que permeia a própria escrita histórica. Logo, podemos afirmar que as estratégias que configuram os lugares de produção dependerão dos regimes de saberes e experiências definidas por seus agentes.

Portanto, estando a prática historiográfica associada a um contexto que se define por sua dimensão espaço-temporal, deve-se priorizar as relações e os processos que marcam as trajetórias coletivas. Isso implica o reconhecimento dos movimentos que se estabelecem no interior de diferentes grupos sociais, sendo eles, empreendidos “dentro e fora” dos âmbitos institucionais, possibilitando definir uma identidade individual com significados coletivos.

Definido dessa maneira, podemos empreender que os modos de atuar de seus membros também operam dentro de uma disposição pessoal de construir-se nesse espaço.¹⁰⁹ Essa afirmação permite-nos dar visibilidade ao conjunto de atividades e ocupações desenvolvidas por Nelson de Senna que contorna sua atuação como historiador. Nessa escolha, buscamos atribuir sentido às práticas coletivas que permitem reconhecer figuras muitas vezes desconhecidas e/ou de menor projeção, mas que tiveram relevância nos espaços em que constituíram-se intelectualmente.

Nessa direção, chamamos a atenção para o seu envolvimento em projetos político-historiográficos coletivos que conferem relevo e alcance público à sua trajetória intelectual. Ele próprio buscou situar-se *geracionalmente* demonstrando seu envolvimento com a institucionalização da escrita da história no/do estado, bem como na tentativa de ampliar a participação e o reconhecimento de Minas Gerais junto ao panorama nacional.¹¹⁰

¹⁰⁸ CERTEAU. A operação historiográfica, p. 46-47.

¹⁰⁹ Para explicar as práticas cotidianas que envolvem o trabalho do historiador, reconhece-se também a presença de estratégias e ações individuais que são mobilizadas para dar visibilidade e projeção pública.

¹¹⁰ No Congresso Mineiro, defendeu ações legais para o desenvolvimento econômico e industrial de Minas, dando destaque ao crescimento e progresso de regiões desfavorecidas no norte do estado. Fez uso de seus conhecimentos,

Isso pressupõe afirmar que as práticas individuais carregam em si múltiplas interações que se naturalizam no pertencimento institucional, nos grupos sociais e em filiações políticas. Essa parece ser uma ação e uma escolha que reflete no modo de operar de uma determinada coletividade. Nesse sentido, entende-se que as trajetórias individuais comportam contextos amplos de interações, sendo responsáveis por organizar as ações que se estabelecem na sua relação com outras trajetórias.

Essa ideia abrange um universo de elementos comuns e determinados pelos grupos sociais envolvidos, de modo a desvendar determinados padrões de sociabilidades e comportamentos definidos por um contexto histórico específico e uma realidade geográfica. Logo, os papéis desempenhados por esses atores sociais se “definem por suas propriedades relacionais ou por imagens recíprocas”,¹¹¹ estabelecidas dentro do grupo e/ou espaço de ação.

Nesse sentido, entende-se que as trajetórias individuais se formam no interior de percursos compartilhados. Para pensar a dimensão coletiva dessas ações, o historiador francês Sirinelli¹¹² estabelece algumas categorias de análise, a fim de explorar um conjunto de valores e interações que se caracterizam por estabelecer vínculos em torno de projetos político-institucionais comuns. Como chaves de leitura, buscamos explorar a ideia de *geração intelectual e redes de sociabilidade*,¹¹³ com intuito de acompanhar os movimentos e estratégias empreendidas por Nelson de Senna ao longo de sua vida pública e que foram compartilhados por uma coletividade.

Não obstante a complexa rede que tece as dinâmicas relacionais, ela configura uma importante estratégia para aqueles que pretendem disputar reconhecimento na esfera pública. Seus membros utilizam-se de habilidades discursivas, retóricas e posições para reivindicar pertencimento e marcar seu prestígio social no “estreito mundo intelectual”. Por se tratar de um

dedicando-se aos estudos estatísticos e corográficos, em defesa das atividades de energia, mineração e metalurgia, considerando-as determinantes no desenvolvimento econômico da região. Eis aqui o caráter prático e instrumental do conhecimento histórico de que trataremos mais adiante. SENNA, Nelson Coelho de. In: CONGRESSO MINEIRO. Anais da Câmara dos Deputados. Primeira sessão da quinta legislatura no ano de 1907. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1907.

¹¹¹ Aqui estabelecemos diálogo com a prosopografia, que toma como mote de investigação os elementos comuns a determinados grupos sociais através do estudo de biografias coletivas. Ver: CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 44; FERRARI, Marcela. Prosopografia e história política: algumas aproximações. *Antíteses*, v. 3, n. 5, jan./jun. de 2010.

¹¹² SIRINELLI. Os intelectuais.

¹¹³ Durante a década de 1970, a historiografia francesa trouxe importantes contribuições para a história dos intelectuais e para a história intelectual. O autor integra o grupo de teóricos que buscou ampliar o campo de análise através do diálogo entre o político e o cultural. Ver: SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998. p. 259-280; SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. 3. reimp. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

microcosmo,¹¹⁴ as redes são regidas, muitas vezes, por uma lógica interna própria, definida por ações que ritualizam comportamentos e conformam identidades. Nessa direção, buscamos percorrer os movimentos de uma rotina de trabalho que dão contorno à identidade profissional de Nelson de Senna.

Em meio à conjuntura político-intelectual, sua trajetória pôde ser expressa através de um amplo e diversificado conjunto de atividades que lhe permitiu estabelecer-se no meio letrado mineiro. A partir dele, buscamos dar vulto a uma das questões centrais de nossa investigação: as práticas que configuram a atuação de Nelson de Senna como historiador. Portador de um saber erudito, Senna transitou com fluência pela cultura letrada, construindo um espaço para a circulação de sua produção historiográfica.

Nessa direção, propomos analisar um conjunto de ações e procedimentos que constituem sua atuação historiadora junto a um ofício partilhado. Isso porque sua trajetória reúne um diversificado ambiente político-intelectual no qual se organizam ações conjuntas. Assim, interessa-nos colocar em perspectiva um conjunto de práticas que integram uma determinada cultura historiográfica.¹¹⁵

É, portanto, a partir dessa chave de leitura, que acompanhamos os movimentos que revelam o esforço e as disputas travadas por Nelson de Senna na construção de sua identidade profissional.¹¹⁶ Trata-se de refletir sobre as práticas e os diferentes modos que caracterizam o fazer historiográfico da época. Assim, dando ênfase aos vínculos institucionais, tomamos como mote de análise a atuação de Senna no interior das principais instituições mineiras, como é o caso do Arquivo Público Mineiro (APM), do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG) e da Academia Mineira de Letras (AML), conforme veremos a seguir.

¹¹⁴ A noção de microcosmo empregada enfatiza a ideia de que uma sociedade não se constitui em sua totalidade sistêmica, mas sim por um conjunto de microcosmos dotados de interações e possibilidades próprias. Ver: BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, J. (org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro; Zahar, 1968. p. 105-145.

¹¹⁵ Trata-se de uma categoria que possibilita entender um conjunto de práticas e modos de atuação partilhados entre os intelectuais e instituições. Ver: DIEHL, Astor Antonio. *A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930*. Passo Fundo: UPF, 1998; NASCIMENTO, George Silva do. Cultura historiográfica e cultura histórica: conceitos antagônicos ou complementares? In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (org.). *Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: EDUFOP, 2009. p. 1-10.

¹¹⁶ Essa revela-se não propriamente na figura rígida do especialista de área, mas na figura do homem de letras e de cultura que, sem abandonar sua atuação político-prática, transitou nos principais centros intelectuais do estado e em alguns centros culturais do país. Podemos pensar aqui a figura do intelectual-historiador, cuja identidade se construiu entre ofícios polivalentes, de modo a ampliar a compreensão de sua atuação. Ver: GOMES, Ângela Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

2.2 Abrir a arca, tocar os ossos

*A arca santa, o relicário imenso onde se guardam os livros do Antigo Testamento da História de Minas.*¹¹⁷

Ao prestar-se ao papel de panteão da história de Minas Gerais, o Arquivo Público Mineiro buscou refletir na prática a missão de relicário da memória histórico-política do estado. Com a instauração republicana, muitos foram os esforços empreendidos para a sistematização da memória no/do estado. Não obstante a polarização gerada em torno dessa querela, a mudança do regime político trouxe uma forte preocupação com a escrita da história local.¹¹⁸

Do ponto de vista político, procurava-se arregimentar um projeto historiográfico capaz de projetar o estado mineiro nacionalmente, conferindo-lhe, ao mesmo tempo, coesão e unidade regional.¹¹⁹ Ao assumir predominância no debate público, a elite político-intelectual mineira tratou de construir os argumentos retórico-discursivos a fim de conduzir os interesses do estado.

Assim, a disputa em torno da escrita da história foi responsável por acirrar o debate entre as elites, que se dividiram entre projetos e interesses diversos.¹²⁰ Vitorioso o projeto republicano, cabia, então, a elaboração e consolidação de símbolos capazes de abrigar os valores modernos. Nesse processo, a criação de instituições histórico-culturais constituiu-se

¹¹⁷ Trecho do discurso proferido pelo professor e bibliófilo Arduíno Fontes Malaquias Bolívar (1873-1952), quando da sua nomeação como diretor do Arquivo Público Mineiro (APM), pelo então governador de Minas Gerais Benedito Valadares Ribeiro (1892-1973), permanecendo no cargo entre os anos de 1936-1938. Ver: CASTRO, Fabíola Fabiana Braga de. *Arduíno Bolívar: a trajetória de um intelectual tradicional na cidade de Belo Horizonte*. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

¹¹⁸ O regime republicano, organizado geopoliticamente pelo federalismo, ascendeu também a preocupação com a reorganização da escrita da história nacional diante dos estados federados. De acordo com Ramalho, é inaugurado uma nova fase na historiografia mineira, “impulsionando os estudos históricos regionais de forma até então inédita”. Ver: RAMALHO, Walderez Simões Costa. *A historiografia da mineiridade: trajetórias e significados na história republicana do Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. p. 173.

¹¹⁹ Através da Constituição de 1891 outorgava-se o federalismo dando maior autonomia aos estados brasileiros. Com a descentralização do poder, outras preocupações e anseios também se fortaleceram, dando maior projeção e visibilidade político-econômica do estado frente à Federação. Ver: AMADO, Janaína. *História e região: reconhecendo e construindo espaços*. In: SILVA, Marcos Antônio da (org.). *República em migalhas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero; CNPq, 1990. p. 6-15.

¹²⁰ Em Minas Gerais, as disputas em torno da memória do estado acirraram os debates em torno de projetos político-historiográficos que refletiam diferentes interesses: de um lado, os monarquistas, liderado pelo político mineiro e monarquista Diogo Luís de Almeida Pereira de Vasconcelos (1843-1927), que defendiam os valores e a manutenção da “velha capital” em Ouro Preto, o berço das tradições mineiras; de outro, os republicanos defendiam a ruptura com o antigo regime através da mudança da capital e da criação de símbolos capazes de abrigar os valores modernos. Liderado pelo político mineiro João Pinheiro da Silva (1860-1908) e seus apoiadores, Crispim Jacques Bias Fortes (1847-1917), Antônio Olinto dos Santos Pires (1860-1925) Antônio Augusto de Lima (1859-1934) e Nelson Coelho de Senna (1876-1952), acreditavam que o caminho do progresso e do desenvolvimento do estado seguia em direção à construção de um novo centro político-administrativo. Ver: RAMALHO. *A historiografia da mineiridade*.

como parte fundamental do projeto historiográfico mineiro, evidenciando um novo rumo para a sistematização da escrita e da memória histórica de Minas Gerais.

Nessa direção, a criação do Arquivo Público Mineiro inaugura uma nova fase, sendo responsável por instrumentalizar e organizar a história político-administrativa do estado. Não sem entraves, sua criação se deu através da aprovação do projeto de Lei nº 126, de 11 de julho de 1895,¹²¹ tendo à frente de sua organização o político e intelectual mineiro José Pedro Xavier da Veiga (1846-1900),¹²² nomeado por Chrispim Jacques Bias Fortes (1847-1917),¹²³ então presidente do estado.

Seus idealizadores buscavam estabelecer um centro de recolhimento, seleção e guarda dos documentos comprobatórios da vida político-administrativa do estado de Minas Gerais.¹²⁴ A criação do APM teve inspiração na legislação do Arquivo Público Nacional (APN) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), sendo esses determinantes na regulamentação da instituição mineira. Venâncio¹²⁵ assinala que, no texto aprovado, observam-se poucas alterações em relação ao documento original, distinguindo-se apenas quanto à forma de seleção e número de funcionários e quanto à natureza das publicações. Seguindo o ditame nacional, ficava assim determinado:

O povo do Estado de Minas-Geraes, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. Fica creada em Ouro Preto uma repartição denominada *Archivo Publico Mineiro* destinada a receber e a conservar debaixo de classificação systematica todos os documentos concernentes ao direito publico, à

¹²¹ Projeto de Lei apresentado ao Congresso Mineiro pelo senador estadual Levindo Ferreira Lopes em sessão de 21 de junho de 1891. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=8>. Acesso em: 22 abr. 2024.

¹²² Após sua criação, a direção do Arquivo Público Mineiro foi delegada a José Pedro Xavier da Veiga e o acervo foi instalado em sua residência, em Ouro Preto. Após sua morte, em 1900, o arquivo, anexado à Secretaria de Estado do Interior, foi transferido de Ouro Preto para a nova capital, Belo Horizonte, vinculando-se administrativamente a diferentes órgãos estaduais. Ao longo de sua história, relata-se entraves financeiros e físicos na acomodação, preservação e gestão do grande volume documental recolhido. Em 1938, foi transferido para a avenida João Pinheiro, região central de Belo Horizonte, onde permanece até os dias atuais. Ver: BRACARENSE, Mariana Sousa. Um patrimônio de pedra e cal. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 43, n. 1, p. 23-41, 2015.

¹²³ De acordo com o artigo 6º, ficava estabelecido que: “O diretor será nomeado por decreto do governo dentre os cidadãos de notória competência na matéria, conhecido zelo e solicitude”. Ver: ARQUIVO PUBLICO MINEIRO, Lei n. 126, de 11 de julho de 1895. p. 176. Consulta: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=8>. Xavier da Veiga foi indicado para o cargo pelo reconhecimento dos serviços prestados, contribuindo para renovação da escrita da história de Minas Gerais.

¹²⁴ Ao estudar o Arquivo Público do Império, Costa afirma o caráter instrumental do arquivo voltado para dentro, enquanto nas instituições europeias voltaram-se para fora, assumido o caráter público. Ver: COSTA, Célia. O Arquivo Público do Império: o legado absolutista na construção da nacionalidade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 221-222, 2000.

¹²⁵ VENÂNCIO, Renato Pinto. O arquivo e a lei. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 48, n. 1, p. 134-145, jan./dez. 2012.

legislação, à administração, à história e a geografia, às manifestações do movimento científico, litteraio e artístico do Estado de Minas-Geraes.

Art. 2º. Até à criação de um museo, serão recolhidos ao Archivo e classificados em sala especial, à proporção que foram adquiridos, os quadros e estatuas, mobílias, gravuras, estofos, bordados, rendas, armas, objetos de ourivesaria, baixos relevos, esmaltes, obras de cerâmica e quaisquer manifestações da arte no Estado, desde que tenham valor propriamente artístico ou histórico.¹²⁶

O trecho acima explicita de forma concisa os principais interesses estabelecidos para a instituição mineira, tendo como mote a ênfase na recuperação e acumulação documental referente à administração pública. Na pesquisa sobre a criação e gestão documental do Arquivo Público Mineiro, Parrela¹²⁷ chama a atenção para a natureza dos documentos recebidos pela instituição nos primeiros anos de sua existência, demonstrando ser bastante variados e dispersos. Ao buscar interrogar sobre a política de recolhimento documental e o perfil das instituições à época, a autora destaca ainda, que o arquivo mineiro contou com a intervenção do presidente do estado junto aos órgãos públicos, numa força-tarefa que envolveu múltiplas instâncias. Segue trecho abaixo:

No âmbito do Estado, a partir da criação do APM, reconhece-se a preocupação em estabelecer uma rotina que contemplasse a captação de documentos e objetos nos seus diversos órgãos e, por intervenção do governador, nas câmaras municipais e em órgãos públicos de outras esferas [...] Esse trabalho seria feito com o auxílio de funcionários que exerciam outras funções, como os fiscais de rendas do Estado, que também deveriam auxiliar na identificação e recolhimento de acervos em suas andanças pelos municípios.¹²⁸

Para garantir tal intento, o diretor Xavier da Veiga não poupou esforços nessa empreitada, estabelecendo, então, uma rotina de funcionamento com foco na recuperação dos documentos espalhados pelo estado entre as repartições públicas e/ou em posse de particulares.¹²⁹ Seguindo os modelos existentes no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e na Biblioteca Nacional, ambos com sede no Rio de Janeiro, Xavier da Veiga estabeleceu a

¹²⁶ Lei n. 126, de 11 de julho de 1895. Crea na cidade de Ouro Preto uma repartição denominada Archivo Publico Mineiro. *Imprensa Oficial de Minas Gerais*, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 175, 1896. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=8>. Acesso em: 28 jan. 2025.

¹²⁷ PARRELA, Ivana. Da gestão à difusão, avançar é preciso. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 51, n. 1, p. 61-79, jan./jun. 2015.

¹²⁸ PARRELA, Ivana. A lógica e o labirinto. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 43, n. 1, p. 95, jan./jun. 2007.

¹²⁹ Anteriormente à criação dos arquivos, os documentos do governo provincial ficavam espalhados em diferentes repartições ou sob a posse de ex-funcionários, que, vencido o mandato, levavam consigo os documentos, dificultando, assim, sua localização. Ver: BRACARENSE. Um patrimônio de pedra e cal; SILVA. *História, memória e poder*.

figura do sócio correspondente. De acordo com o Decreto no. 860,¹³⁰ a nomeação era reservada aos indivíduos de “reconhecida idoneidade intelectual”, residentes no interior do estado em outros estados brasileiros.

As atribuições advindas da função como correspondente incluíam publicação na revista, organização e participação de comissão técnica, avaliação de pareceres, catalogação de fontes e índices bibliográficos, além da seleção e publicação de manuscritos inéditos. Ou seja, ficaria, então, encarregado de colaborar com a recuperação e organização dos documentos relacionados à vida política e administrativa do estado.¹³¹

Para mobilizar uma rede de colaboradores em torno de si, o diretor do Arquivo soube aproveitar-se de sua posição político-social, estabelecendo contato com diretores de instituições congêneres, bem como com parte da elite político-intelectual nacional. Desse modo, os critérios de admissão poderiam ser bem elásticos, incluindo tanto aqueles reconhecidos por sua produção escrita quanto outros que se estabeleciam por meio de troca de favores, doações pecuniárias, ou mesmo por sua projeção pública.

Observa-se, portanto, que a escolha dos correspondentes se dava majoritariamente por sua projeção na vida política e intelectual do estado, caracterizando-se pela formação de um grupo bastante heterogêneo, composto por políticos, escritores, intelectuais, professores, advogados, fazendeiros, jornalistas, e diretores de órgãos públicos.¹³² Nessa dinâmica relacional, Silva destaca que o Arquivo Público Mineiro também se constituiu como um espaço de prestígio social, apontado que,

(...) não foram relações apenas técnicas ou baseadas em critérios científicos. A motivação de Veiga e seus contribuintes não era simplesmente a busca por uma verdade histórica ou uma grande acumulação de documentos históricos, mas *cada doação, cada citação, cada recorte poderia significar um estreitamento dos laços políticos*. A partir dessas relações de poder, Xavier da Veiga cria uma instituição de fundamental importância para a escrita e reescrita da nossa história mas, ao mesmo tempo, *uma instituição marcada por privilégios sociais e políticos*, já que na sua concepção de história apenas a elite merecia iluminação para o futuro.¹³³

¹³⁰ Decreto n. 860, de 19 de setembro de 1895. Promulga o regulamento do Archivo Publico Mineiro *apud* PARRELA. Entre arquivos, bibliotecas e museus, p. 377-395.

¹³¹ Trata-se de documentos de natureza público-administrativa referentes à administração mineradora de Vila Rica no século XVIII; ao governo da capitania de Minas Gerais e ao governo do Império, resultando no acervo que hoje compõe as obras e coleções raras do Arquivo Público Mineiro.

¹³² SILVA, Marisa Ribeiro. O artífice da memória. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 43, n. 1, p. 76-91, 2007; ALKIMIM, Márcia Pereira. Correspondência proveitosa. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 51, n. 1, p. 153-161, 2015.

¹³³ SILVA. O artífice da memória, p. 78. Grifo nosso.

Pode-se afirmar que esses agentes conferiram a essa dinâmica um conjunto de práticas que definem sua atuação e marcam seu sentido nela. Logo, para homens como Nelson de Senna – desejoso de reconhecimento público –, o esforço embrenhado numa rotina laboral dentro e fora do Arquivo poderia render-lhe posição privilegiada junto à elite mineira.¹³⁴ Ademais, a própria prática de recuperação documental configurava em si, parte do trabalho do historiador à época, resultando numa espécie de operação metodológica realizada através do levantamento e da seleção dessas fontes.

Dentre os 114 sócios-correspondentes, todos nomeados oficialmente pelo governador do estado, encontra-se figuras de elevado prestígio e projeção social, como o futuro presidente do estado Francisco Silviano de Almeida Brandão (1848-1902); João Capistrano de Abreu (1853-1927), um dos mais importantes historiadores brasileiros do período; Wenceslau Brás Pereira Gomes (1868-1866), político com projeção nacional; João Pinheiro da Silva (1860 - 1908) que também se elegeu presidente do estado alguns anos mais tarde, dentre outros.

Por intermédio de Xavier da Veiga, emitia-se uma carta ofício formalizando o convite para aqueles indicados ao cargo de correspondente. Por meio de publicação na Imprensa Oficial realizava-se a nomeação do sócio correspondente, procedimento comum para tal investidura. Em 1896, um ano após a inauguração do Arquivo Mineiro, Nelson de Senna foi convidado a compor o quadro de correspondente do APM. Sendo nesse mesmo ano, a criação da *Revista do Arquivo Público Mineiro*,¹³⁵ periódico responsável pela difusão de estudos monográficos, memórias históricas, biográficas e corográficas, ensaios e efemérides, além de uma seção dedicada à publicação de documentos oficiais. Conforme observa-se no excerto abaixo:

elaborar acerca dos acontecimentos, homens, coisas notáveis de Minas Gerais; os documentos (menos os reservados), notícias, composições literárias e memórias ou monografias interessantes sobre os mesmos assuntos inéditos ou não vulgarizados que houver no Arquivo, mandando para esse fim fazer as cópias ou extratos necessários; e bem assim os catálogos e índices dos livros e documentos do Arquivo que forem organizados na repartição; as referências de ofertas de livros, documentos, opúsculos, periódicos e outros objetos adequados à natureza da instituição; atos oficiais com relação a ela e quaisquer notas ou excertos consoantes aos seus fins.¹³⁶

¹³⁴ O que mais tarde viria a ocorrer, ao ser reconhecido por sua distinta e exemplar dedicação à instituição mineira. Sua atuação como correspondente, rendeu-lhe o diploma de Benemérito do Arquivo Público Mineiro, destinado aos serviços prestados junto à instituição.

¹³⁵ No regulamento instituído pelo Decreto nº. 860, ficava a cargo do diretor do Arquivo a organização de uma revista periódica (trimestral), editada pela Imprensa Oficial do estado e com tiragem inicial de mil exemplares destinados à comercialização e à distribuição entre os órgãos públicos do estado. Ver: Lei n. 126, de 11 de julho de 1895.

¹³⁶ REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, ano I, fascículo I, janeiro-março de 1896, p. 193. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/capas.php>. Acesso em: 30 nov. 2023.

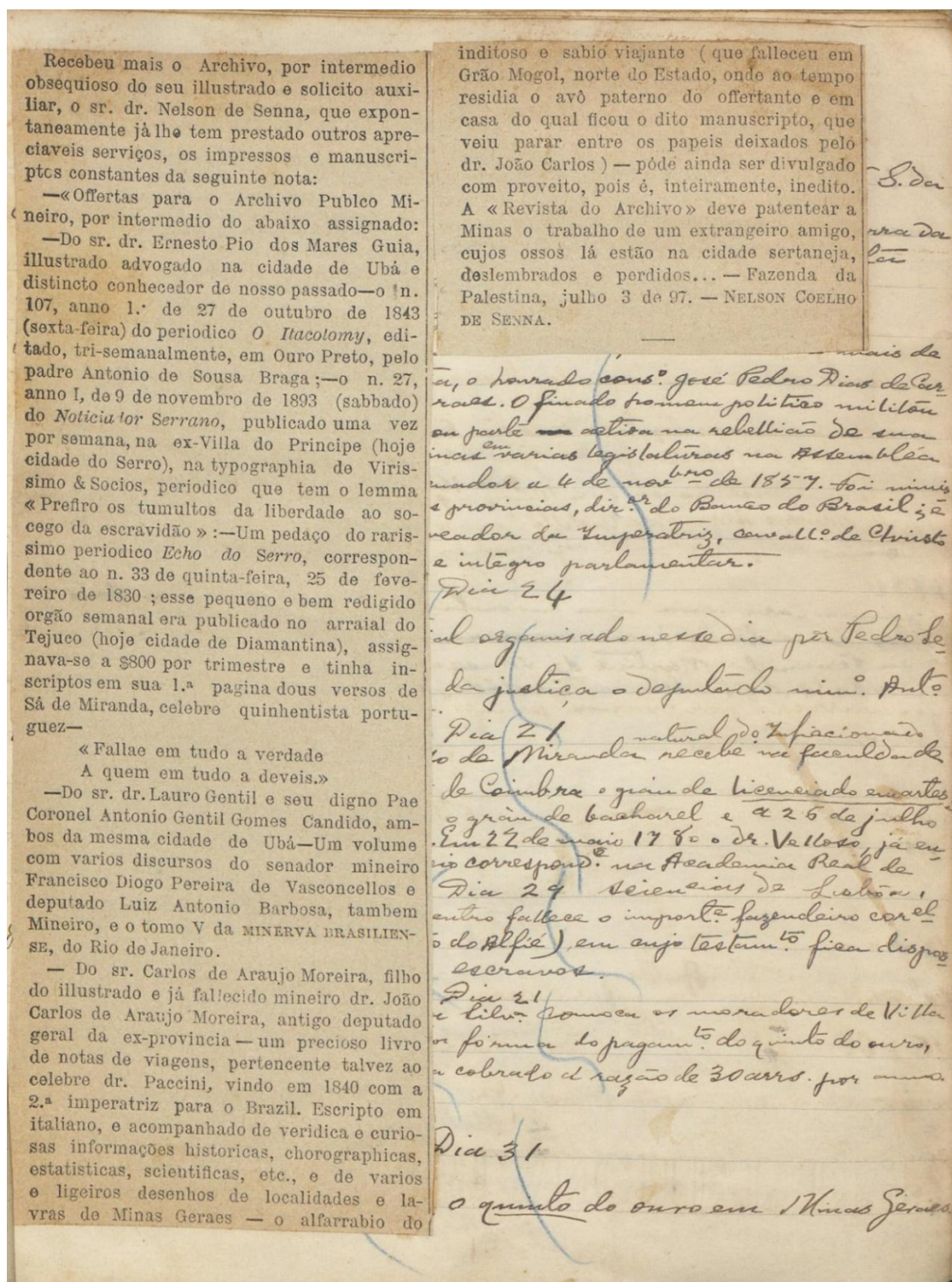
No modelo adotado pelo Arquivo Público Mineiro, assumia-se uma concepção museológica de organização, estando essa ancorada no formato tripartite: arquivo-biblioteca-museu.¹³⁷ Portanto, conjugava-se a preocupação com a recuperação e acumulação documental aliada à produção escrita e divulgação da história regional. Em que pese suas distinções, posteriormente consolidada por regimentos independentes, as atividades desenvolvidas por esse modelo institucional viabilizou um caminho profissional em direção a múltiplas práticas que configuravam o ofício de historiador à época.

Logo, a compreensão desse *fazer* historiográfico esteve condicionado ao conjunto de atividades e ações políticas desempenhadas por seus sócios, às quais daremos lastro através da atuação de Nelson de Senna. Sua participação remonta à fase inicial de organização do Arquivo, quando juntou-se à auspiciosa empreitada para a recuperação documental. Seu envolvimento pode ser notado quando, à época, ocupava um cargo junto à Secretaria de Agricultura, como adido ao gabinete do Secretário do Estado (1896).

Na posição de correspondente, Senna procurou mobilizar membros da elite política para a doação de fontes documentais e obras completas para a instituição. Para um jovem de 20 anos, em início de carreira pública, era uma oportunidade de estreitar os laços políticos e consolidar-se no meio intelectual mineiro. Chamamos a atenção para os rituais que conferem prestígio social e político aos correspondentes do Arquivo mineiro. Além da nomeação realizada pelo próprio presidente do Estado, esses também teriam seu nome divulgado na imprensa com honrosos agradecimentos, mediante a doação de documentos e/ou objetos. Conforme observa-se no recorte de jornal a seguir.

¹³⁷ ANTUNES, Álvaro de A.; SILVEIRA, Marco Antônio. Memória e identidade regional: historiografia, arquivos e museus em Minas Gerais. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, ano 2, n. 1, mar. 2007.

Figura 24 – Recortes de jornal referente às doações realizadas por Nelson de Senna ao Arquivo Público Mineiro



Fonte: Álbum 2: 1894-1896. “Album (no. II). Estudos históricos, crítica, artigos diversos meus. Referências e Noticias” e “Ephemerides Mineiras por Nelson C. de Senna. Trabalho elaborado durante os anos de... (1894-1895-1896)”. APCBH, NCS1.6.2, p. 97.

O recorte de jornal datado do ano de 1897 faz referência aos serviços prestados por Nelson de Senna ao Arquivo Público Mineiro, sendo reconhecido por mobilizar e angariar importantes doações documentais. Nele encontram-se listado impressos e manuscritos, como

periódicos, jornais, discursos políticos, livros de notas e viagens, escritos italianos contendo informativos histórico-estatísticos, desenhos de localidades e lavras de Minas Gerais. Além de movimentar as doações, a atuação de Nelson de Senna junto ao arquivo mineiro se estendeu por algumas décadas, resultando no desempenho de atividades como membro de comissões para emitir pareceres, participação em conferências e outras colaborações.

Uma de suas doações mais robustas ao Arquivo Mineiro, resultou na entrega do acervo do professor e genealogista mineiro, o alferes Luiz Antônio Pinto (1841-1924),¹³⁸ tio materno do político João Pinheiro da Silva. O intelectual foi reconhecido por seu trabalho referente à história do Serro, Diamantina e adjacências. Em seu acervo documental estão presentes estudos genealógicos e biográficos, além de folhetos, correspondências, bilhetes, poemas, impressos, documentos diversos.¹³⁹

Esses são indicativos de uma prática comum àqueles que almejavam fazer parte do meio intelectual à época. Por meio da doação, Senna indicava seu pertencimento no “mundo letrado” e buscava criar condições para sua atuação junto aos seus pares. Familiarizado com o projeto escriturário do Arquivo Público Mineiro, não mediu esforços para inserir-se na elite intelectual, figurando-se como um promotor da cultura e da história de Minas Gerais.

A partir de então, a atividade intelectual de Nelson de Senna parece se impor de forma simultânea às atividades na administração pública. Nesses primeiros anos, Senna conduziu sua atuação “dentro e fora” da instituição mineira, buscando abrir caminhos e criar oportunidades para projetos historiográficos futuros, como é o caso de sua indicação para a direção e organização do *Anuário Estatístico de Minas Gerais*, a elaboração do projeto de lei para a criação de um instituto histórico e arqueológico e sua participação na fundação do Museu Mineiro, conforme veremos mais adiante nesse capítulo. Portanto, sua atuação caracterizou-se

¹³⁸ Alferes Luiz Antônio Pinto nasceu em Caeté (MG), filho de Antônio Pedro Pinto e Joaquina Rosa de Moraes, era solteiro e tio materno do presidente do Estado João Pinheiro da Silva. Foi professor, genealogista e pesquisador da História do Serro, Diamantina e adjacências. “Durante a Guerra do Paraguai, integrou o 18º Batalhão de Voluntários da Pátria e pertenceu ao Destacamento do Serro. Participou de vários livros como pesquisador: Casa-Grande & Senzala de Gilberto Freire, Anuário de Minas Gerais e Revistas do Arquivo Público Mineiro e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. No Arquivo Público Mineiro foi um dos correspondentes que muito colaborou com a formação do acervo, entre as suas doações, destacamos: obras raras, jornais mineiros, teses médicas e documentos administrativos e eclesiásticos do período colonial, conforme as cartas de doações a José Pedro Xavier da Veiga”. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=37. Acesso em: 2 ago. 2023.

¹³⁹ No guia de Fundos e Coleções do APM identificamos a carta com a descrição dos documentos pertencentes ao fundo do alferes Luís Antônio Pinto. O livro destinado aos registros dos documentos recebidos, encontra-se originalmente manuscrito, por meio de uma catalogação composta pela descrição documental e a data, além de listagens com relação de objetos e folhetos avulsos. Ver: GUIA de Fundos e Coleções do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais; Arquivo Público Mineiro, 2006.

por um conjunto de movimentos que lhe permitiu transitar com fluência, estabelecendo-se entre a elite mineira.

Podemos afirmar que Nelson de Senna fez parte do projeto historiográfico inaugural de criação do Arquivo Público Mineiro, bem como, da sistematização e escrita da história na instituição. Como um típico historiador de arquivo à época, utilizou-se de sua posição pública, para consolidar-se como um dos porta-vozes dos interesses político-econômicos de Minas Gerais.¹⁴⁰ Na ocasião, o próprio arquivo mineiro assumia uma estreita relação com a organização político-administrativa do estado, tornando-se um instrumento de escrita e sistematização da história de Minas. Parrela aponta os esforços de seus membros nesta direção, afirmando que se fazia necessário a construção de “um projeto de estado que deveria dar conta de fundamentar seus discursos de memória e história para a construção de uma Pátria Mineira”.¹⁴¹

Portanto, durante as primeiras décadas de funcionamento do arquivo e de sua revista, colocou-se em execução um projeto de escrita da história em que buscou eleger os elementos fundadores da história local, dando ênfase aos “feitos gloriosos, [n]as tradições inolvidáveis e [n]os méritos provados” da terra mineira. Para Medeiros e Araújo,¹⁴² “diferentemente do paradigma universalista, então hegemônico na historiografia brasileira, a criação do Arquivo Público Mineiro veio consagrar um modelo de tipo corográfico como pré-requisito para a construção de uma história geral do Brasil”.

Essa tendência caracterizou-se pela tentativa de consolidar uma escrita que abarcasse uma história geral de Minas. Para isso, a ênfase nos estudos corográficos e nas efemérides¹⁴³ assumem predominância narrativa junto à organização e sistematização escriturária dentro do Arquivo. Constituindo-se como uma referência para os estudos historiográficos, esse gênero de

¹⁴⁰ A estrutura institucional republicana fora legalmente implantada em 1891, à época, Minas Gerais participava então, juntamente com São Paulo, do arranjo político através da política do café com leite, um revezamento na ocupação de poder do executivo nacional. Trava-se de uma política oligárquica, unipartidária e organizada sob o Partido Republicano Mineiro (PRM), que contava nos seus quadros com elites das velhas regiões mineradoras e das novas regiões agrícolas do Estado, ou seja, as regiões do café, e eram essas que detinham o predomínio, pois controlavam a máquina estadual.

¹⁴¹ PARRELA, Ivana D. *Entre arquivos, bibliotecas e museus: a construção do patrimônio documental para uma escrita da história da Pátria Mineira – 1895-1937*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009

¹⁴² MEDEIROS, Bruno Franco; ARAÚJO, Valdeci Lopes. A história de Minas como história do Brasil. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 43, p. 23, 2007.

¹⁴³ Silva aponta que no processo de construção de uma historiografia mineira, a preocupação em recuperar um passado comum para todo o estado de forma homogeneizada se deu através dos estudos corográficos e memorialístico. Contudo, a escrita corográfica não foi uma exclusividade mineira, foi compartilhada por outras instituições regionais e nacionais, sendo, portanto, um modelo muito usual para a escrita da história nos diferentes estados brasileiros. Ver: SILVA, Rodrigo Machado. A (re)invenção de uma historiografia: Diogo de Vasconcelos e os cânones da história de Minas Gerais na Primeira República. *Revista Ágora*, Vitória, p. 1-32, n. 14, 2011.

escrita tornou-se bastante comum nas demais instituições histórico-culturais brasileiras das primeiras décadas do século XX. Ao pautar-se numa concepção positivista e cientificista da história, o formato adotado aproximava-se dos almanaques e/ou compêndios, produzidos com o propósito de difundir um extenso volume de dados histórico-cronológicos, demográficos e estatísticos com ênfase em eventos e personagens da história regional. De acordo com Silva:

A fundação do Arquivo Público Mineiro acentuava três tendências basilares de organização e hierarquização de temáticas e fontes disponíveis, que correspondiam à utilização do recurso da corografia como forma de se reconstituir a história local, indispensável para a concretização da abordagem regional; à cronologia útil como estratégia de conformação dos documentos e de narrativa historiográfica; e pôr fim à utilização de determinados fundos como correspondência e diplomas oficiais no centro da reflexão historiográfica.¹⁴⁴

Como parte do projeto historiográfico do Arquivo Mineiro, *As efemérides mineiras*, coligida, coordenada e redigida por Xavier da Veiga,¹⁴⁵ configura-se em uma das obras de referência para a escrita da história durante o período. Com o formato que aproximava-se ao de um compendiado, contendo uma síntese de dados relacionados aos principais fatos e acontecimentos sobre a história colonial de Minas Gerais entre os anos de 1664-1897, encontra-se organizada em quatro volumes.

Em 1898, como correspondente do Arquivo, Nelson de Senna foi nomeado relator da Comissão Estadual de História de Minas Gerais¹⁴⁶ para dar parecer sobre a referida obra de Xavier da Veiga. A avaliação consistiu numa leitura cuidadosa do texto na íntegra, seguido de um parecer emitido pelos membros da comissão técnica. Como relator, Senna ficou encarregado de redigir o texto final.¹⁴⁷

Levando em consideração que as efemérides possuem o formato de um inventário cronológico com características muito peculiares e de razoável dificuldade de consulta, comum ao próprio gênero de escrita, podemos indicar que essas produções refletem uma certa

¹⁴⁴ SILVA, Rodrigo Machado. A (re)invenção de uma historiografia: Diogo de Vasconcelos e os cânones da história de Minas Gerais na Primeira República. *Revista Ágora*, Vitória, p. 4, n. 14, 2011.

¹⁴⁵ *As Ephemerides Mineiras* foram publicada em 1898 em quatro volumes e reimpressas em 1926. Ver: VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemerides Mineiras (1664-1897)*. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897. v. 1; FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *As efemérides mineiras*, José Pedro Xavier da Veiga: as histórias a favor da história. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

¹⁴⁶ A Comissão Estadual de História de Minas Gerais, fundada em 1898, tinha como objetivo reunir intelectuais para realizar estudos sobre a história e a geografia mineiras. O grupo inicial era formado por correspondentes do Arquivo Público Mineiro, recém-criado na época.

¹⁴⁷ Parecer da comissão criada para julgar as “Efemérides Mineiras”, redigida por José Pedro Xavier da Veiga, diretor do Arquivo Público Mineiro. Cidade de Minas. 4 fls. 1898.08.01-1898.08.04.

concepção de história e de historiador que orientou a produção escrita no estado.¹⁴⁸ No índice geral organizado no final da obra de Xavier da Veiga, tem-se uma visão panorâmica dos temas e assuntos em sua totalidade, de modo que a exposição dos fatos e figuras memoráveis da história mineira interessam mais do que a própria análise e/ou interpretação.

É, portanto, dentro desse contexto, marcado pela transição do regime político brasileiro e da necessidade de se pensar um projeto historiográfico para Minas Gerais, que Nelson de Senna deu os primeiros passos rumo ao ofício de historiador. Sua figura constitui um bom exemplo de atuação individual, e ao mesmo tempo coletiva, comum àqueles que se dedicavam ao ofício. Nessa direção, seguimos mapeando o caminho, a fim de encontrar outras práticas cotidianas que remontam sua atuação e contribuem para pensar sua identidade historiadora. Para tanto, examinemos outros movimentos que lhe permitiram atrair olhares e colocar-se sob a luz do projetor.¹⁴⁹

2.3 Um historiador em cena

*Em todos os estados se congregam elementos capazes e competentes, desejosos de empreenderem o estudo da historia patria por processos amplos, exaustivos e orientados pela instituição scientifica moderna. Os institutos históricos e geográficos se multiplicam no Brasil, publicando revistas notaveis. E nós em Minas, o que temos feito? Nada; salvo a iniciativa oficial, que creou o Archivo Publico Mineiro e a Revista por esta editada trimestralmente [...] Por mim faço quanto posso. Sempre na brêcha, em que pése a gratuitas birras de terceiros, clamo e combato pelas glorias de minha querida terra de Minas. Aggremiemo-nos, sem distincções de classe ou de posições. Pequenos e grandes vamos todos trabalhar pelo torrão natal.*¹⁵⁰

Intelectual importante na fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), o esforço de Nelson de Senna remonta ao final do século XIX, quando ainda se discutia junto ao Clube Republicano Floriano Peixoto¹⁵¹ a criação de uma instituição cultural

¹⁴⁸ CEZAR, Temístocles. *Historia magistra vitae*: ensaio sobre a (in)definição do topos nos projetos de escrita da história do Brasil no século XIX. In: PROTÁSIO, Daniel Estudante (org.). *Historiografia, cultura e política na época do Visconde de Santarém*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2019. p. 21-44.

¹⁴⁹ Operamos com a ideia de *holophotos* (grego), que significa “iluminado por inteiro”, no sentido de fazer-se notado, não passar despercebido. [Figurado] Característica do que chama todas as atenções para si ou está de modo a atrair todos os olhares. Consulta: <https://www.dicio.com.br/holofote/> Acesso em: 20 de setembro de 2023.

¹⁵⁰ SENNA, Nelson Coelho de. História Nacional. *Jornal Minas Geraes*, 1902 (Álbum 5: “Álbum (no. III) anno de 1900, em Deante. Referências, Críticas e Notícias (a mim, pessoalmente, ou a meus trabalhos). Nelson C. de Senna”).

¹⁵¹ Os clubes republicanos foram compostos por parte das elites político-intelectuais regionais. Embora pouco se sabe sobre a atuação do clube mineiro, presidido pelo Coronel Júlio César Pinto Coelho (1849-1916), esse discutia a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Consulta: <https://www.ihgm.org.br/pagina/historia#:~:text=OS%20FUNDADORES&text=A%20finalidade%20era%20c>

capaz de organizar a escrita da história no estado. Como membro atuante do clube, sediado na nova capital, Senna participou ao lado de figuras de peso ligadas à política mineira, como Antônio Augusto de Lima (1859-1934), Antônio do Prado Lopes Pereira (1864-1941), Francisco Alves Filho (1919-1967), João Luiz Alves (1870-1925), Francisco Bressane Azevedo (1895-1927), Estevão de Menezes Ferreira Pinto (1895-1968), dentre outros.¹⁵²

Não obstante aos entraves e recorrentes apelos por parte da comunidade político-intelectual para a criação de um instituto mineiro, o que ocorreria alguns anos mais tarde, Nelson de Senna fez tramitar no Congresso Mineiro uma proposta de criação de um instituto histórico-cultural.¹⁵³ Nessa empreitada, o historiador iniciou uma campanha em defesa de um instituto que tratasse das questões do estado mineiro, demonstrando urgência na criação de uma instituição que organizasse a história regional em detrimento daquelas existentes em outros estados brasileiros. Nas palavras dele:

Os institutos históricos e geográficos se multiplicam no Brasil, publicando revistas notáveis. A Academia de História Cearense, o Instituto Histórico Pernambucano, o Arqueológico Alagoano, os Institutos congêneres na Bahia, São Paulo, Paraná, Natal, Paraíba, Rio Grande e Santa Catarina, aí estão revelando o impulso dos estudos de história e corografias brasileiras.¹⁵⁴

Ao conferir legitimidade ao seu discurso, podemos afirmar que Nelson de Senna era um conhecedor do contexto político-cultural do período, aproveitando-se de sua eloquência e posição social para conclamar seus pares. No documento apresentado para votação, chegou a esboçar com detalhes uma estrutura de funcionamento e composição, com indicativos nominais dos supostos sócios e correspondentes.¹⁵⁵

Contudo, foi somente no ano de 1907 que a iniciativa de criação de um instituto histórico mineiro ganhou corpo. Em 16 de junho de 1907, em sessão junto ao Clube Floriano Peixoto, sob a presidência do coronel Júlio Pinto, pleiteava-se a organização de uma comissão¹⁵⁶

ongregar%20intelectuais,e%20Ant%C3%B4nio%20Benedito%20Valadares%20Ribeiro.&text=A%20instala%C3%A7%C3%A3o%20solene%20teve%20lugar,Diogo%20de%20Vasconcelos. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

¹⁵² MONTEIRO, Norma de Góis (Coord.). *Dicionário biográfico de Minas Gerais: período republicano 1889-1991*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994. v. 1.

¹⁵³ SENNA, Nelson Coelho de. Apontamentos para a criação do Instituto Histórico, Arqueológico e Geográfico de Minas Gerais e proposições de nomes para sócios efetivos e correspondentes. Folhas Avulsas. (Em anexo no final desta tese).

¹⁵⁴ SENNA, Nelson Coelho de. Um dos primeiros discursos pronunciados no Instituto Histórico e Geográfico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 5, p. 335, 1958.

¹⁵⁵ O documento encontra-se em anexo no final da tese.

¹⁵⁶ A Comissão encarregada de elaborar os estatutos foi composta por: Virgílio de Melo Franco, Rodolfo Jacob, Albino Alves Filho, Antônio Gomes Lima, Carlos Honorário Benedito Ottoni, Francisco Julio da Veiga, Carlos Toledo, Aurélio Pires, Gustavo Pena, J. E. de Rezende Costa e Antônio Benedito Valadares Ribeiro. Ver:

responsável pelos ditames e pelo regimento interno da instituição. Por meio dessa Comissão, em 18 de julho de 1907, determinava-se a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, sendo aprovada em reunião presidida pelo próprio presidente do estado, João Pinheiro, que reconhecia sua relevância. Para secretariar a sessão, foram convidados Francisco Mendes Pimentel (1869-1957) e Nelson Coelho de Senna (1976-1952), que ficaram encarregados de registrar e redigir a ata dessa reunião.

A instalação e inauguração do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais foi realizada em sessão solene em 15 de agosto de 1907, no salão nobre da Câmara dos deputados, situada no atual prédio da Faculdade de Direito em Belo Horizonte. Em ata da Sessão Solene da Instalação do IHGMG,¹⁵⁷ sob a presidência de João Pinheiro Silva, registrou-se a presença de 55 participantes, sendo todos eles sócios-fundadores da instituição. Senna aparece ao lado de nomes como, Antônio Augusto de Lima, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Delfim Moreira, Levindo Ferreira Lopez, Diogo de Vasconcelos, dentre outros.¹⁵⁸

Na sessão de inauguração do IHGMG, o sócio fundador Nelson Coelho de Senna, patrono da cadeira de número 4, recordou os tempos vividos em Ouro Preto (MG), quando buscava recursos para a criação de um instituto histórico, que ora inaugurava-se. Embora seu projeto não tenha saído do papel, observa-se que ele recupera de modo bastante oportuno sua iniciativa anterior, fazendo menção à criação do “Instituto Histórico e Archeologico e Geographico de Minas-Geraes”, citado anteriormente. Do ponto de vista discursivo, Senna parece antecipar-se de tal iniciativa, demonstrando os esforços embrenhados nessa direção. A passagem abaixo nos fornece indícios dessa ideia:

como a história é a reivindicadora tenaz da verdade, eu voz direi – nesta intimidade sodalícia – que foi sempre um de meus mais ardentes desejos a fundação dêste Instituto. Vem de longos anos a minha modesta cruzada. Se me permites a digressão, recordarei que ainda em Ouro Prêto, falando a um mestre hoje falecido (Xavier da Veiga), planejavamos, em 1896, na velha capital, um gremio de estudos históricos e geográficos, moldado pela veneranda sociedade, que é o Instituto Histórico Brasileiro, do Rio de Janeiro.¹⁵⁹

Estatutos do Instituto Histórico e Geographico do Estado de Minas Geraes. Belo Horizonte, 12 jul. 1906. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano 22, p. 355-370, 1928.

¹⁵⁷ ACTA DA SESSÃO SOLEMNE DA INSTALAÇÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE MINAS. Consulta: <https://www.ihgmg.org.br/pagina/instalacao>. Acesso 19 de agosto de 2024.

¹⁵⁸ A sessão de inauguração contou, ainda, com a presença do historiador brasileiro João Capistrano Honório de Abreu (1853-1927); do historiador e vice-cônsul Guilherme Chambly Studart (1856-1938), o Barão de Studart; do jornalista e político brasileiro Francisco Sá (1862-1936); do crítico literário José Veríssimo (1857-1916); do advogado e político Justo Pereira Leite Chermont (1857-1926). Consulta: <https://www.ihgmg.org.br/pagina/instalacao>. Acesso em: 19 de agosto de 2024.

¹⁵⁹ SENNA. Um dos primeiros discursos pronunciados no Instituto Histórico e Geográfico, p. 331.

Fundado por iniciativa dos membros do Clube Floriano Peixoto, que também estabeleciam ligações diretas com o Arquivo Público Mineiro, tomava-se a iniciativa de agremiá-los à nova instituição na condição de sócios-fundadores. O que realizou-se sem grandes objeções, uma vez que, para seus correligionários, ampliava-se a oportunidade de participação junto à elite letrada mineira.

Seguindo as diretrizes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, buscou-se acompanhar o modelo proposto pela instituição nacional, de modo a estabelecer proximidade organizacional.¹⁶⁰ Conforme observa-se no trecho abaixo, através do estatuto redigido pelo IHGMG, ficava assim estabelecido:

Investigar, coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos concernentes à história e à geografia de Minas Gerais, e à arqueologia, etnografia e língua de seus indígenas;
Manter correspondência com as sociedades e academias estrangeiras de igual natureza, bem como as associações congêneres existentes na Capital Federal e nos diversos Estados da República, para mais fácil desempenho do fim a que se propõe;
Publicar, uma ou mais vezes por ano, uma Revista, na qual se conterão os seus trabalhos (atas das sessões, discursos do presidente e do orador, relatório do 1.º secretário, lista dos sócios etc.).¹⁶¹

Ao atentarmos para a natureza e finalidade da instituição, é possível afirmar que, para a realização dos objetivos, foi estabelecido um conjunto de atividades que os sócios deveriam cumprir para garantir seu funcionamento, tais como: realização de reuniões ordinárias e extraordinárias quando solicitado, criação de uma revista para dar fim às publicações nas áreas de estudo e competência de seus membros, manutenção de um centro de documentação e preservação da memória do estado, arrecadação de publicações próprias e de terceiros, parceria com instituições congêneres nacionais e estrangeiras, realização e organização de palestras, seminários e comemorações cívicas.¹⁶²

Ao buscar seguir os passos do Arquivo Público Mineiro, competia ao instituto histórico mineiro promover e organizar a escrita e a memória histórica do estado, buscando favorecer a

¹⁶⁰ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988; HRUBY, Hugo. *Obreiros diligentes e zelosos auxiliando no preparo da grande obra: a história do Brasil no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1912)*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

¹⁶¹ REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Bello Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Geraes, v. 21, n. 1, p. 107-108, jan./mar. 1927.

¹⁶² SAYÃO DE PAULA, Jéssica Nayara. *Atas novecentistas do IHGMG: edição e proposta de dicionário biográfico*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

posição do estado junto à escrita nacional.¹⁶³ Nessa direção, buscavam congregar um núcleo intelectual capaz de arregimentar o passado e a história regional. Nessa direção, podemos apontar que a rotina de trabalho no interior do IHGMG assumia estreita relação com a rotina do APM, conformando um conjunto de ações e práticas que configuram o trabalho do historiador à época.

Dentre os procedimentos e estratégias políticas na preservação da memória histórica de Minas Gerais, o IHGMG ficaria com a atribuição de reforçar ainda mais a projeção e o papel do estado mineiro. Logo, sua criação deveria cumprir uma função complementar e de interdependência com o Arquivo Público Mineiro, uma vez que juntos deveriam dedicar-se à institucionalização da escrita histórica. Silva¹⁶⁴ aponta que o Arquivo “mineiro teve a função de recolher os documentos importantes para a história do Estado. Faltava agora uma instituição que se dedicasse exclusivamente à redação desta história”. Para a autora, seus membros tiveram que lidar com diferentes arranjos para conciliar interesses diversos.

Assim, não sem disputas, o projeto deveria atender às demandas de uma elite político-intelectual local e, ao mesmo tempo, criar e implementar estratégias para projetar-se nacionalmente. Nessa direção, Mollo e Silva¹⁶⁵ apontam que o instituto mineiro serviu como um espaço para a criação de um “cânone para a história mineira”, além de promover a unificação dos elementos simbólicos e culturais do estado. Os autores, destacam ainda, que, seus idealizadores buscavam conciliar uma postura regional que assegurasse a memória e a identidade mineira, sem perder de vista, sua contribuição na escrita da história nacional.¹⁶⁶

Nessa direção, a ênfase nos estudos corográficos assumiu predominância. Até aquele momento eram poucos os estudos que privilegiavam o território mineiro e suas especificidades. Tendo em vista a necessidade de prover essa carência e, assim, posicionar politicamente Minas Gerais, os membros do Instituto Histórico buscaram consolidar um projeto escriturário que atendesse às respectivas demandas.

Como um dos defensores dos interesses político-econômicos de Minas Gerais, Nelson de Senna se empenhou na tentativa de alavancar a tão afamada modernização e industrialização propagada pelos republicanos. Nesse sentido, atribuía à história o caráter prático e objetivo,

¹⁶³ ARAÚJO; MEDEIROS. A história de Minas como história do Brasil.

¹⁶⁴ SILVA, Mariana Vargens. *O Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e a escrita da história do Brasil republicano*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

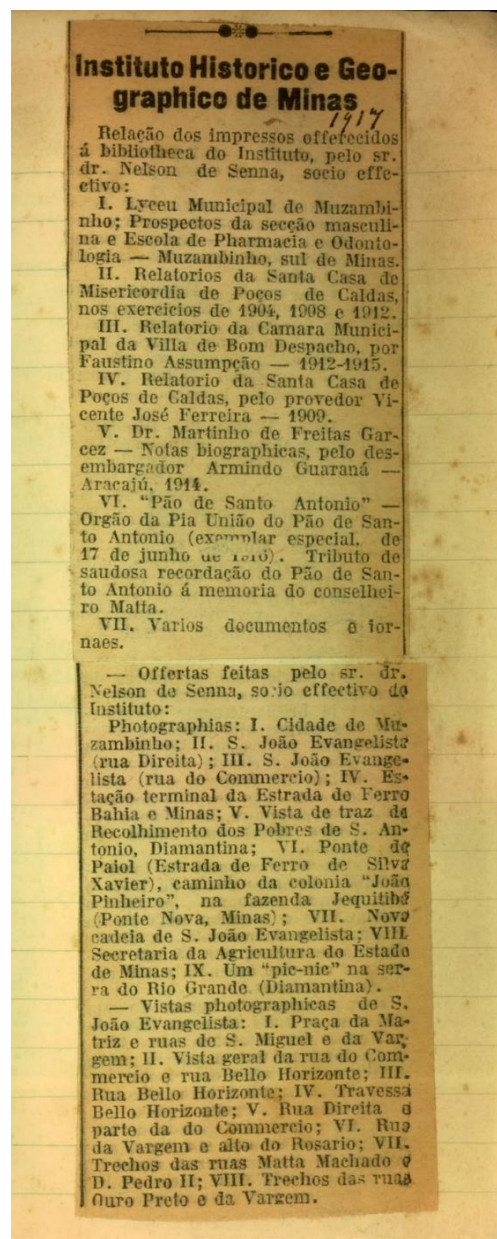
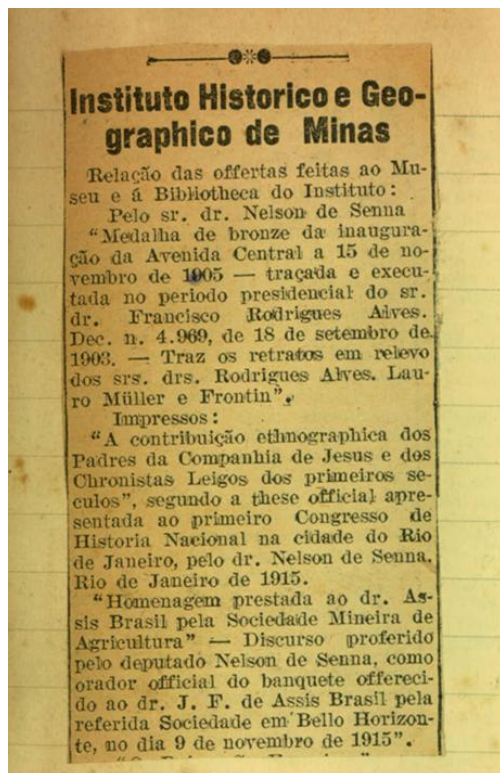
¹⁶⁵ MOLLO, Helena Miranda; SILVA, Rodrigo Machado da. Diogo de Vasconcelos e a “oficina central do pensamento”. In: ROMEIRO, Adriana, SILVEIRA, Marco Antônio (Org.). *Diogo de Vasconcelos: o ofício do historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 160p.

¹⁶⁶ ANTUNES; SILVEIRA. Memória e identidade regional.

mobilizando a sistematização de determinados dados, em detrimento de outros, de modo a garantir os instrumentos necessários para ações futuras.

Seguindo os passos do Arquivo Público Mineiro, investia-se na constituição de um centro de documentação, que se estabeleceria mediante doações. Quanto à natureza desse recolhimento, pode-se observar, através do índice listado abaixo, a doação encaminhada por Nelson de Senna. No inventário consta a doação de medalhas comemorativas, prospectos e relatórios municipais, impressos, fotografias, notas biográficas, teses e discursos parlamentares de sua autoria. Conforme apresentado no recorte abaixo, noticiado pelo *Jornal do Comércio*,

Figura 25 – Recortes de jornal sobre doações de Nelson de Senna ao IHGMG



Fonte: Álbum 9: Álbum de referências ao Dr. Nelson de Senna. Advogado. anno [...] 1913-1918. APCBH, NCS. 1.6.9.

Ainda sobre as atividades e ocupações de Nelson de Senna na instituição mineira, foi convidado pelo então presidente do IHGMG, João Pinheiro, para coordenar e organizar o projeto escriturário do *Annuario de Minas Geraes: Estatistica, Historia, Chorographia, Finanças, Variedades, Biographia, Literatura e Indicações de Minas Geraes*. Um projeto ambicioso que pretendia fazer o levantamento de informações e registros geopolítico do estado, buscando reunir um conjunto de dados econômicos, demográficos, estatísticos e histórico-geográficos referentes ao território mineiro.

No que diz respeito à produção da informação, os dados eram obtidos, principalmente, através dos registros de documentos político-administrativos do estado. Nesse trabalho, estreitavam-se relações com órgãos públicos e/ou instituições histórico-culturais, que pressupunham o estabelecimento de relações recíprocas. Sendo essas relações resultado de interações e/ou conflitos de interesses, associados direta ou indiretamente ao projeto do anuário.

Para alcançar tal resultado, Nelson de Senna soube aproximar-se de órgãos financiadores, instituições e agentes, contando com o apoio de figuras como, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, à época Secretário de Estado dos Negócios de Finanças do Governo de MG; Álvaro Astolpho da Silveira, Diretor da Imprensa Mineira; Azevedo Netto, gravador; e Paulo Franco, ilustrador, além de um quadro de colaboradores bastante heterogêneo, servindo esses de amparo à ação de seu dirigente.

Desse modo, contou com a participação de importantes figuras, membros da elite político-intelectual, para a edição do anuário mineiro. No final do primeiro exemplar, exibe-se os agradecimento aos autores e aos colaboradores que, no decurso daquele ano, contribuíram para aquela publicação. Nele, também consta, uma relação das doações realizadas, compostas por folhetos biográficos e programas políticos; relatórios do estado enviado pela própria secretaria de negócios e finanças; legislações sobre a comarca de Minas Gerais; estudos de geografia física, crônicas e ensaios literários.¹⁶⁷ Em outras palavras, um trabalho coletivo que revela um modo de *fazer* história que tem por base a compilação e sistematização das informações documentais, distante de uma apreciação propriamente analítica, mas que mantém seu papel fundamental numa escrita da história compreendida em sua totalidade.¹⁶⁸

Publicado em 1906 pela Imprensa Oficial do Estado, o primeiro volume reuniu, informações estatísticas e populacionais; descrições corográficas municipais, variedades

¹⁶⁷ SENNA, Nelson C. de. Advertência, *Annuario de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do estado de Minas Gerais, 1906, p. 496-509.

¹⁶⁸ Como parte da prática historiográfica, voltada para a recuperação, guarda e gestão documental, a doação e recolhimento de documentos tornava-se um dos imperativos da rotina de trabalho e de escrita da história nas instituições à época.

culturais, trazendo, na prática, o sentido utilitário da história. De acordo com os objetivos propostos, afirmava-se:

De outra coisa não cuida o Anuario, que hoje sãe a lume, visando retratar ao vivo a Terra Mineira, na sua gente, no seu labor, nos seus costumes, na sua opulência, no seu progredir. Si for bem aceito o livro e amparada a empresa, virão outros volumes, pontualmente, cada anno um, de acordo com o título.¹⁶⁹

Em consulta à edição inaugural é possível vislumbrar um trabalho de fôlego, resultado também da consulta aos estudos anteriores desenvolvidos pelo próprio organizador, como as notas e traços biográficos, os estudos toponímicos e corográficos mineiros que demonstram seu vasto conhecimento e empenho no desenvolvimento do estado.¹⁷⁰ Aliando-se a uma prática, assumia-se propósitos bem demarcados de um “saber totalizante” que se pretendia enciclopédico, envolvendo diversas áreas do conhecimento.¹⁷¹

Para nós, uma coletânea reveladora de seu tino como historiador, atuando no levantamento e na seleção das fontes, na pesquisa e catalogação bibliográfica, na coleta e compilação de dados. Do ponto de vista político-econômico, a ênfase nos estudos estatísticos indicavam as potencialidades econômicas do estado de Minas Gerais, servindo-se de elementos para a desejada projeção do estado.

Transitando entre a elite política e intelectual, Nelson de Senna assumiu uma postura de engajamento, buscando apoio junto ao congresso mineiro. Como parlamentar, apresentou projetos de lei para fomentar e alavancar o desenvolvimento das regiões Norte do estado. Em discurso proferido no Congresso Mineiro na 31ª Sessão Ordinária de 1907, portou-se com uma visão econômica e técnica acentuada, imprimindo à sua atuação pública, força política. Conforme observa-se no trecho abaixo:

Em matéria industrial, o norte tem se desenvolvido um pouco, e isto apesar das dificuldades apostas pela sua região alpestre ao transporte dos maquinismos, a dorso de burro ou em carros, pelos caminhos que varam esse maciço colossal do Espinhaço que se prolonga até as últimas ramificações da terra mineira, nos confins com a Bahia [...] Não é pequeno, devo dizê-lo aos Srs. deputados, para uma região como aquela o capital empatado em indústrias [...] Quanto à produção do norte de Minas nos três reinos da natureza, eu

¹⁶⁹ SENNA, Nelson C. de. Advertência, Anuario de Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do estado de Minas Gerais, 1906, p. 6.

¹⁷⁰ Dentre os estudos temáticos, foram consultados em seu arquivo pessoal: Texto sobre estradas que ligam redes mineiras do norte da República, e sobre a importância da mineração de alguns locais mineiros. Folhas Avulsas. 1907.11.24. APCBH, NCS3.6 (4); Bacia do Rio Doce: descrição dos municípios de Peçanha e Caratinga. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes, 1905, 14 p. APCBH, NCS.6 (4); Bacia do Rio Doce. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1906. 34 p. (relatório). APCBH, NCS.6 (6).

¹⁷¹ ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. *Desejo de enciclopédia: o saber total*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2023. (Coleção Cadernos da Biblioteca Nacional, 20).

cansaria em vão a paciência e a atenção da Câmara se viesse repetir tudo aquilo de que tenho conhecimento, e que todos os colegas igualmente o têm, *porque as publicações estatísticas não mentem*.¹⁷²

Ao considerar a Estatística uma ciência que servia ao estado, cujos números predominavam, oferecia-se os como “espelhos de príncipes”,¹⁷³ tornando-se um importante instrumento para fundamentar as ações de seus governantes acerca de projetos futuros. Por meio das estatísticas, desenhava-se uma concepção de história que indicava o caminho a ser seguido pelo estado.¹⁷⁴

Suas investidas também seguiram na direção do patrimônio histórico, admitindo a necessidade de ações governamentais para a preservação da história de Minas Gerais através da criação de um museu. Ao apresentar à Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 56,¹⁷⁵ Nelson de Senna chamou a atenção para o estabelecimento de uma instituição de recolhimento e guarda de objetos e coleções pertencentes ao estado mineiro. No recorte de jornal abaixo, encontra-se uma exposição mais geral do projeto enviado à câmara.

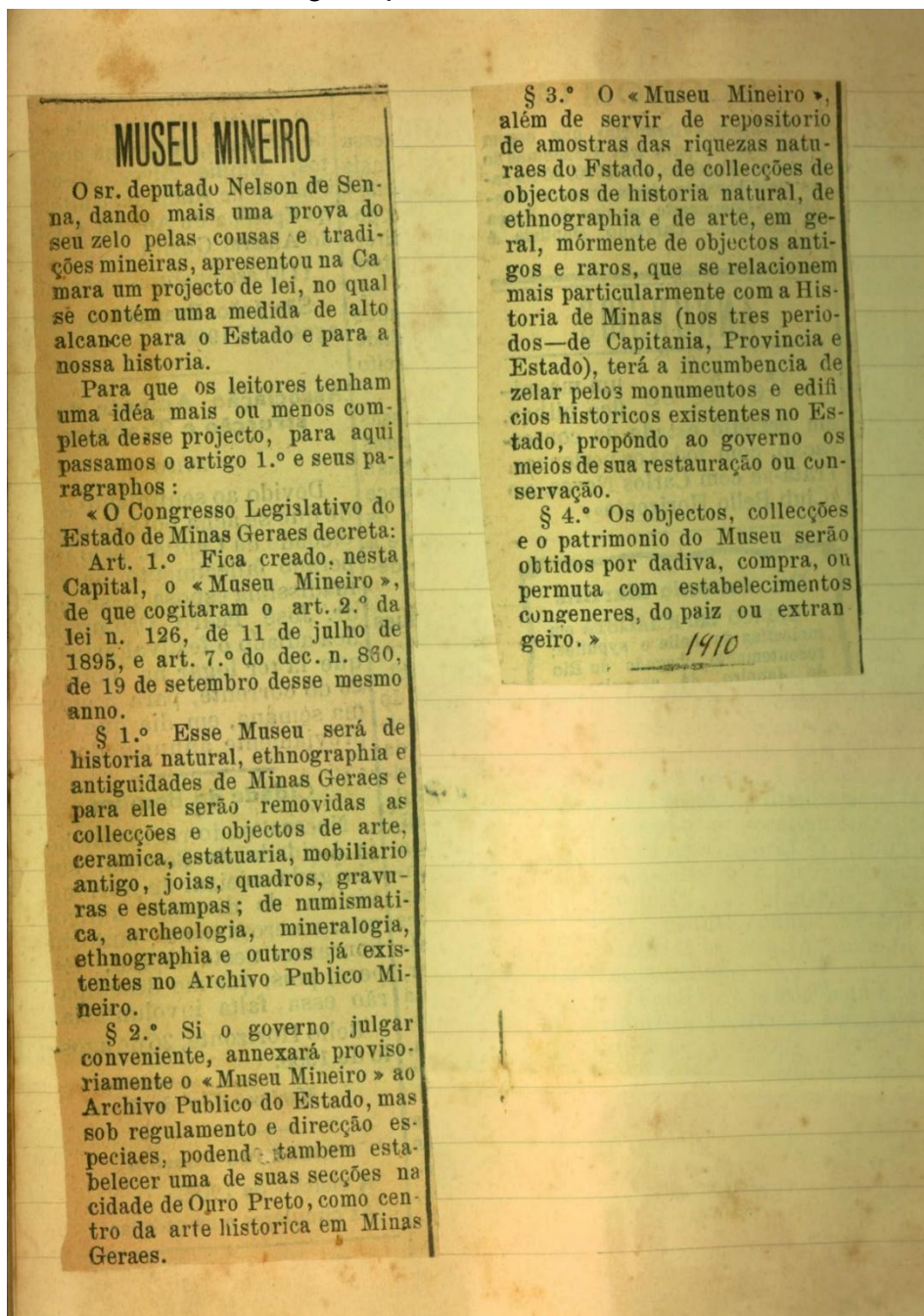
¹⁷² SENNA, Nelson Coelho de. [O transporte na região norte de Minas Gerais]. In: CONGRESSO MINEIRO. Anais da Câmara dos Deputados. Primeira sessão da quinta legislatura no ano de 1907. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1907. Título atribuído pela Fundação João Pinheiro. Grifo nosso.

¹⁷³ Os *Espelhos de Príncipes*, pertencem a um tipo de literatura moderna que tinha como mote apresentar um modelo perfeito de governante, uma espécime espelhada, guiando-o em suas ações e comportamentos. Pouco explorado pelos estudos historiográficos, contribui para pensar o modo como determinados “manuais” serviram-se de balizadores para a ação e conduta política dos governantes. Ver: MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. “O leal conselheiro” e a tradição do espelho de príncipe: considerações sobre o gênero. In: PARRILLA GARCÍA, Carmen (Coord.). *Actas do IX Congreso da Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. A Coruña: Universidad d’A Coruña, 2005. p. 89-103.

¹⁷⁴ Não obstante às disputas, o debate sobre a natureza da história dividia as atenções entre aqueles que, acreditavam numa postura mais administrativa, preocupando-se com seu funcionamento e organização. E, de outro, aqueles que preocupavam-se com um projeto escriturário voltado para a preservação dos mitos fundadores da memória mineira. Ver: SILVEIRA, Marco Antônio (org.) Diogo de Vasconcelos: o ofício do historiador. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 11-41.

¹⁷⁵ SENNA, Nelson Coelho de. Pareceres da Câmara de Deputados. Folhas Avulsas. APCBH, NCS.4.5.

Figura 26 – Recorte de jornal referente ao envio de projeto de lei ao Congresso Mineiro para a criação e organização de um museu mineiro



Fonte: Álbum 9: Álbum de referências ao Dr. Nelson de Senna. Advogado, anno [...] 1913-1918. APCBH, NCS1.6.9.

Embora as intenções de criação de um museu para o estado de Minas Gerais fosse uma demanda desde a inauguração do Arquivo Público Mineiro em 1895,¹⁷⁶ somente no ano de 1910

¹⁷⁶ Através do Decreto de Lei nº 126, de 1895, o artigo 2º deixava claro a intenção de criação de um museu.

a instituição foi juridicamente consolidada por lei no Senado mineiro. Contudo, ainda assim, não caracterizou sua implantação, o que viria ocorrer, de fato, apenas em 1982.¹⁷⁷

Originalmente, concebido para abarcar e guardar sistematicamente objetos e documentos histórico-artísticos representativos da história mineira, o modelo de organização proposto por Nelson de Senna pretendia três seções: História Natural, Etnografia e Antiguidades Históricas. Tal orientação acompanhava o caráter colecionista que vinha se desenhando nas demais instituições, estabelecendo ênfase na guarda e preservação das espécimes relacionadas à riqueza do estado. Portanto, a concepção de “repositório de raridades”, assumiu o escopo do projeto de lei apresentado por Senna,

O Congresso Legislativo do estado de Minas Gerais decreta:

Art. 1º. Fica criado, nessa Capital, o “Museu Mineiro”, de que cogitaram o art. 2º. da lei n. 126, de 11 de 1895, art 7º. do decreto n. 860, de 19 de setembro desse mesmo ano.

§ 1º Esse Museu será de história natural, etnográfica e antiguidades de Minas Gerais, e para ele serão removidas as coleções e objetos de arte, cerâmica, estatutária, mobiliário antigo, joias, quadros, gravuras e estampas de numismática, arqueologia, mineralogia, etnografia e outros já existentes no Arquivo Público Mineiro.

§ 3º. O “Museu Mineiro”, além de servir de repositório de amostras das riquezas naturais do Estado, de colleções de objetos de historia natural, de ethnographia e de arte, em real, mormente de objetos antigos e raros, que se relacionem mais particularmente com a historia de Minas (nos três períodos de capitania, província e estado) terá a incumbência de zelar pelos monumentos e edificios históricos existentes no Estado, propondo ao governo os meios de sua restauração ou conservação.¹⁷⁸

Se atentarmos para o fato de que os museus ou gabinetes de curiosidades, como eram chamados, foram criados com o objetivo de reunir informações, objetos e raridades locais e/ou nacionais, podemos inferir que esses estiveram submetidos, principalmente, aos interesses políticos da época.¹⁷⁹ Em Minas Gerais, a ênfase na criação de um museu vinha atender à

¹⁷⁷ O Museu Mineiro foi inaugurado no dia 10 de maio de 1982, com sede no extinto prédio do Senado Mineiro. Atualmente, integra a Diretoria de Museus, unidade da Superintendência de Bibliotecas, Museus, Arquivo Público e Equipamentos Culturais da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais. Um dos mais representativos museus do estado, seu acervo integra cerca de 2.600 peças. Atualmente o acervo é composto por 36 coleções oriundas de diversas instituições e de particulares, entre as quais se encontram quadros e esculturas, peças de arte sacra e de mobiliário, utensílios domésticos e objetos de uso pessoal, insígnias, dentre outros. Disponível em: <http://www.museumineiro.mg.gov.br/historico/>. Acesso em: 21 dez. 2023.

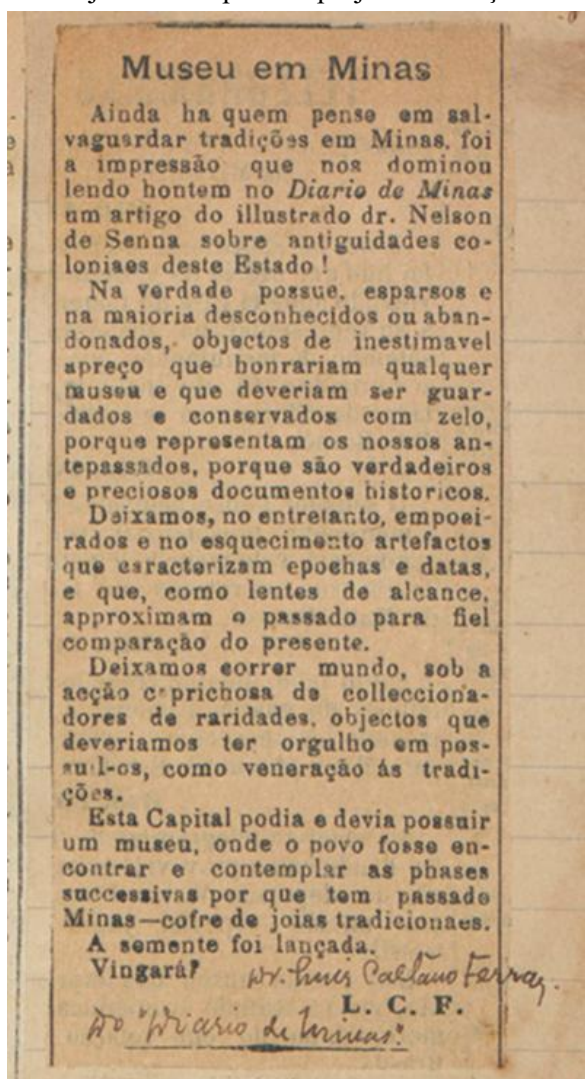
¹⁷⁸ SENNA, Nelson Coelho de. In: CONGRESSO MINEIRO. Anais da Câmara dos Deputados. Segunda sessão da Quinta legislatura no ano de 1908. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1908.

¹⁷⁹ O surgimento das primeiras instituições museológicas no Brasil datam do século XIX: “Entre as iniciativas culturais de D. João VI está a criação, em 1818, do Museu Real, atual Museu Nacional, cujo acervo inicial se compunha de uma pequena coleção de história natural doada pelo monarca”. Entre os anos de 1870 e 1930, os museus voltaram-se com exclusividade para as ciências naturais, arqueológicas e etnográficas, como é o caso do Museu do Ipiranga (1894) e do Museu Emílio Goeldi (1866). Ver: JULIÃO, L. Apontamentos sobre a história do museu. In: NASCIMENTO, S. et al. (Org.). *Caderno de diretrizes museológicas*. Brasília:

demanda de construção e preservação de uma memória política local, visando consolidar o poder e garantir uma identidade para o estado.

Em nota ao jornal *Diário de Minas*, o engenheiro e professor da Escola de Minas de Ouro Preto, Luiz Caetano Ferraz (L.C.F.), fez considerações sobre o projeto apresentado por Nelson de Senna, dando ênfase à sua iniciativa de salvaguardar as tradições em Minas. Na matéria, o colunista reforçou a necessidade de criação do museu, visto que se encontrava “esparsos, e na maioria desconhecidos ou abandonados, objetos de inestimável apreço que honrariam qualquer museu”. Abaixo a reprodução do recorte de jornal.

Figura 27 – Recorte de jornal em apoio ao projeto de criação de um museu mineiro



Fonte: Álbum 9: Álbum de referências ao Dr. Nelson de Senna. Advogado, anno [...] 1913-1918.
APCBH, NCS1.6.9.

Na sua relação com a história, os museus, além de afirmar a supremacia local e/ou nacional, foram responsáveis por fornecer modelos legitimadores da história e da memória oficial. Inicialmente, conforme já exposto, as coleções advinham da doação voluntária de coleções privadas e, posteriormente, coleções públicas.¹⁸⁰ Ao examinar os esforços empreendidos por Nelson de Senna na constituição de um museu em Minas Gerais, pode-se reforçar as intenções políticas que orientam sua ação, sinalizadas anteriormente.

Após o falecimento de Nelson de Senna, seu filho, Caio Nelson Coelho de Senna (1898-1963) seguiu as raízes familiares, integrando-se ao quadro associativo do IHGMG, substituindo o patrono da cadeira de número 4.¹⁸¹ Embora o discurso abaixo tenha sido proferido na Academia Mineira de Letras, em razão de seu falecimento, o incorporamos nesta sessão, por ser representativo das motivações que o impulsionou a seguir os passos do pai. Sendo assim descrito,

A marcante personalidade de meu pai sempre exerceu sobre mim a mais extraordinária influência. Figura imponente e simpática, de agradável presença e porte senhoril, da cabeça aos pés, pelas suas atitudes e pelas suas posturas, pelos seus completos predicados e austeras virtudes, ressumbrava típica formação à antiga. Aprumado e reto na ação e na intenção, enérgico e de certo modo, tolerante, desde que não fossem feridos ou ultrapassados certos princípios indesejáveis e invioláveis. Era homem de costumes, hábitos e maneira simples, sem arestas, sem afetações, sem dissimulações, despido de preconceitos e receios, criatura de elite, educado e polido, vivendo a maior parte de seu tempo, à sua mesa de trabalho, debruçado sobre os livros ou escrevendo, anotando, estudando. O próprio amor às tradições, o gosto e a preferência pelos estudos e pesquisas históricas distinguiam em meu pai uma criatura da velha guarda [...] Homem temente a Deus e à Lei, apegado ao estudo, às letras e às ciências; advogado e professor, escritor e historiador, jornalista e publicista, parlamentar e político, dos mais festejados e primorosos oradores de seu tempo, meu pai conquistou, pelos seus méritos e perseverança no trabalho, destacado lugar no cenário nacional e teve a glória de assistir, em vida, o seu alto renome intelectual atravessar a fronteira da Pátria.¹⁸²

Não obstante às distintas considerações parentais, o legado de Nelson de Senna marca uma importante atuação dentro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, fazendo parte de uma cultura historiográfica permeada por ações e práticas que definiram diferentes modos de atuar no ofício de historiador. A seguir, percorreremos sua trajetória junto à Academia

¹⁸⁰ MACHADO, Ana Maria. *Abílio Barreto e o museu: o homem e a memória da cidade*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. A cidade refletida em seus museus. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 43, n. 2, p. 128-143, 2007.

¹⁸¹ E, ainda, seguindo os passos do avô, em 1981, seu neto, Raul Bernardo Nelson de Senna (1931-2013), assumiu a cadeira de número 4 do IHGMG.

¹⁸² SENNA, Caio Nelson de. Discurso de agradecimento, em nome da família Nelson de Senna, pronunciado na Academia Mineira de Letras, aos 7 de agosto de 1952. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1952, p. 4.

Mineira de Letras (AML), instituição que, à época, também figurava, ao seu modo, uma prática historiadora.

2.4 Fiandeiro das palavras

*Ao delinear o bosquejo deste painel de nosso progresso, eis que vimos de ferir, na sua agudeza torturante, o problema que nos preocupa o espírito, a saber: o excesso da atividade material entorpecerá as produções da inteligência nessa pátria do futuro, que viemos descortinando? O requinte do conforto, a intensa luta industrial, o progresso econômico, o triunfo definitivo da era mercantil, no Brasil de amanhã, entibiarão as energias do cérebro nacional e farão apoucada a nossa cultura artística e literária?*¹⁸³

Em discurso na abertura da sessão solene de inauguração da Academia Mineira Letras (AML), realizada na cidade de Juiz de Fora em 13 de maio de 1910, o acadêmico e orador oficial, Nelson de Senna, advertiu para a excessiva atenção dada às riquezas minerais, conclamando os acadêmicos a colaborar com a cultura e as letras no estado. Ao tomar posse, assumiu parte na responsabilidade de contribuir com produções intelectuais, afirmando que,

Quanto a mim, companheiros e amigos desta Academia, ficae certo de que não desertarei da pugna começada; porfiarei junto de vós com o mesmo ardor e a mesma fê com que – obscuríssimo soldado – venho pelejando pela causa sagrada das letras, a que tanto vos devotaes.¹⁸⁴

Em tom moderado, buscou dar à sua exposição o contorno simbólico-discursivo que a ocasião exigia, colocando-se como “humilde orador, alegre e submisso”, procurando corresponder à “fidalga expectativa” da instituição que agora o acolhia. Foi com esse ‘sentimento’ que o acadêmico reforçou a relevância em fazer parte “deste esperançoso cenáculo de homens de letras”. Na sessão solene o orador assim discursou:

Seja qual for o futuro que nos espera – e, de certo, os nossos votos e os nossos esforços de bons patriotas são porque nos sorria o mais ditoso porvir –, pode-se, de antemão, augurar para esta terra de Minas Gerais espantoso e irreprimível surto ascendente na escala industrial da civilização. Do ventre metálico das nossas serras têm de sair em breves tempos partos fecundos, que

¹⁸³ SENNA, Nelson Coelho de. Discurso pronunciado pelo Dr. Nelson de Senna, como orador oficial, na sessão inaugural da Academia Mineira de Letras, no Theatro de Juiz de Fóra a 13 de Maio de 1910, sobre o thema “O Futuro de Minas Geraes”. *Revista do Archivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, p. 17-27, 1911.

¹⁸⁴ SENNA, 1911, p. 26.

animem usinas e estaleiros e movimentem frotas e arsenais, enriquecendo o comércio e aperfeiçoando as artes e os ofícios em nosso país.¹⁸⁵

Com dimensões ambiciosas e anseio pioneiro, a criação da Academia Mineira de Letras veio a se concretizar. Ao buscar seguir o caminho já aberto pelas demais instituições culturais, seus fundadores procuraram dar lume à constituição de um núcleo composto pelas belas letras. Inaugurada em Juiz de Fora, na sala de Sessões da Câmara Municipal, em 25 de dezembro de 1909,¹⁸⁶ elegeu-se os 12 primeiros fundadores,¹⁸⁷ capitaneados pelo professor Antônio Vieira de Araújo Machado Sobrinho (1872-1972), principal idealizador do projeto.

Para completar um número total de 30 cadeiras, foram eleitos mais 18 acadêmicos, dentre eles, Nelson de Senna.¹⁸⁸ Na sessão de instalação, em 13 de maio de 1910, foram eleitos ainda mais 10 membros, completando um total de 40 cadeiras, todos eles membros perpétuos. Com forte orientação de sua congênere nacional, seguiu-se o modelo adotado pela Academia Brasileira de Letras (ABL), fundada em 1897, no Rio de Janeiro.¹⁸⁹

¹⁸⁵ Discurso pronunciado pelo Dr. Nelson de Senna, como orador oficial, na sessão inaugural da Academia Mineira de Letras, no Theatro de Juiz de Fora a 13 de Maio de 1910, sobre o thema “O Futuro de Minas Geraes”, p. 18.

¹⁸⁶ Com sede inicial em Juiz de Fora, a academia significou um importante centro intelectual do estado de Minas Gerais. Sua proximidade com a capital federal, Rio de Janeiro, possibilitava constantes diálogos com a elite político-intelectual carioca, como também rivalidades na imprensa, com renomados articulistas e escritores que assinavam as colunas dos principais periódicos juiz-forense. Em 1915, foi transferida para a capital Belo Horizonte, ganhando sede própria somente em 1943, com o apoio do então prefeito Otacílio Negrão de Lima, instalando-se no edifício situado à rua dos Carijós, onde permaneceu até 1987. A partir de então, por intermédio de seu presidente perpétuo, o jornalista e escritor mineiro Vivaldi Moreira (1912-2001), junto aos poderes públicos, conseguiu o comodato do Palacete Borges da Costa, composto por 44 cômodos, onde é a atual sede da Academia. Enquanto residência da família Borges da Costa, proprietária do palacete, tornou-se ponto de encontro de político, poetas, intelectuais e outros membros da sociedade local. Ver: GUEDES, M.; LEMOS, C. B. O Palacete Borges da Costa. In: LEMOS, C.B.; GUERRA, K.B (Org.). *Casa nobre: significados dos modos de morar nas primeiras décadas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Frente e Verso, 2019. p. 120-125.

¹⁸⁷ Esse primeiro momento reuniu um grupo de 12 acadêmicos, composto pelo crítico literário e poeta Albino de Oliveira Esteves (1884-1943); o escritor Amanajós de Alcântara Vilhena de Araújo (1880-1938); o poeta Belmiro Ferreira Braga (1872-1937); o escritor e jornalista Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira Horta, conhecido como Brant Horta (1876-1959); o advogado e poeta Dilermando Martins da Costa Cruz (1879-1935); o jornalista e escritor Francisco Lins (1866-1933); Heitor Guimarães (1868-1937); o escritor e tradutor José Godofredo de Moura Rangel (1868-1940); o ensaísta e folclorista Lindolfo Gomes (1875-1953); o poeta e prosador Luís de Oliveira (1874-1960); o professor e escritor Antônio Vieira de Araújo Machado Sobrinho (1872-1972); e o médico e ensaísta Eduardo Augusto de Menezes (1857-1923), primeiro presidente da Academia Mineira de Letras.

¹⁸⁸ O grupo de acadêmicos foi composto por 18 membros, dentre eles: o poeta e ensaísta Mario Franzen de Lima (1886-1936); o político e historiador Diogo Luís de Almeida Pereira de Vasconcellos (1843-1927); o advogado e professor Francisco Mendes Pimentel (1869-1957); o escritor e intelectual Nelson Coelho de Senna (1976-1952); o geólogo e político Joaquim Candido da Costa Sena (1852- 1919); o escritor e poeta Afonso Henrique da Costa Guimarães, conhecido pelo pseudônimo Alphonsus de Guimaraens (1870-1921); o professor e bibliófilo Arduino Bolivar (1873-1952); João Massena (1865-1957); o professor e escritor Carlos Fernandes Góes (1881-1934); Estevam de Oliveira (1853-1926); o escritor Franklin de Almeida Magalhães (1902-1971); o poeta e prosador Bento Ernesto Junior (1866-1943); Joaquim Mendes de Oliveira (1879-1918); Aldo Delfino dos Santos Ferreira (1872-1945); o poeta, crítico e jornalista Carlindo Lellis (1879-1945); José Paixão (1868-1949); o jurista Mario Magalhaes (1885-1937); e o poeta e romancista João Lucio Brandão (1875-1948).

¹⁸⁹ “A Academia Brasileira de Letras foi criada nos moldes da Academia Francesa. De acordo com o *Estatuto*, a “Academia Brasileira de Letras compõe-se de 40 membros efetivos e perpétuos, dos quais 25, pelo menos, residentes no Rio de Janeiro, e de 20 membros correspondentes estrangeiros, eleitos mediante escrutínio secreto”. No estatuto lê-se ainda: “Do mesmo modo serão preenchidas as vagas que de futuro ocorrerem no quadro dos seus

Para os mineiros de “Manchester”,¹⁹⁰ a criação da academia atenderia àquilo que já se fazia no Rio de Janeiro e também na Europa: “as belas letras estaria amparada por um grêmio de fina escolha e desejosos de impulsionar as artes literárias no estado”.¹⁹¹ Sob a presidência do médico e intelectual carioca, Eduardo Augusto de Menezes (1857 – 1923), a sessão solene contou com a participação do então presidente da República, Nilo Procópio Peçanha (1867-1924), e do presidente do estado, Wenceslau Braz Pereira Gomes (1868-1966). De certo modo, a presença dessas figuras traduz não somente a posição de poder que ocupavam na esfera pública, como conferem determinadas práticas de sociabilidades estabelecidas no ambiente político-partidários.¹⁹²

Não obstante às razões de cunho político, a proximidade com o ambiente intelectual reforça o papel que a Academia Mineira assumiu na cultura letrada da época, promovendo uma substancial rede composta por membros da elite político-intelectual mineira. Nessa teia, diferentes atividades contornavam a atuação desses sujeitos, estando esses comprometidos com a divulgação e a promoção da cultura no estado. A Academia Mineira de Letras foi assim definida:

Tratando-se de uma agremiação de homens reputados distintos nas diversas províncias da Literatura na acepção extensíssima e complexíssima deste vocábulo – a história, a eloquência, o poema, o drama, o panfleto, o jornal; tratando-se de uma assembleia ilustre e egrégia como é a Academia.¹⁹³

E ainda:

Quanta investigação paciente, quanto dispêndio de tempo e labor, quanta contenção de espírito, quanto esforço de assimilação e erudição, quanto sacrifício moral e material inventaria o espolio conhecimentos variados, busca

membros efetivos ou correspondentes”. Ver: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Estatutos e regimento interno. Rio de Janeiro: ABL, 2004.

¹⁹⁰ A expressão faz menção à ideia do entusiasmo e otimismo exacerbado dos mineiros, que tinham a cidade de Juiz de Fora como pioneira no progresso e na modernidade no estado. Muitos críticos literários referiram-se à cidade como a “Manchester Mineira”, fazendo alusão à cidade inglesa. Ver: BELCAVELLO, Frederico; CALDERANO, Mônica. *Identidade e memória: o discurso da “Manchester Mineira” na mídia juiz-forana*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Rio de Janeiro – 7 a 9 de maio de 2009. p. 1-14.

¹⁹¹ MOREIRA, Vivaldi. Esboço histórico da Academia Mineira de Letras. *Revista da Academia Mineira de Letras*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 21-30, 1922.

¹⁹² Essas práticas conferem aos seus membros uma relação de interdependência que justificaria, de certo modo, a troca de favores e as relações pessoais de reciprocidades. Nos documentos do acervo consultado junto a AML, encontram-se agradecimentos relacionados aos pedidos e/ou trocas de favores entre os membros da elite político-econômica e intelectual do estado.

¹⁹³ SOBRINHO. *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras*, p. 118 [O Mineiro – Rio Branco – 16 de junho de 1910].

em arquivos oficiais, bibliotecas públicas e particulares, arrecadação de manuscritos e documentos.¹⁹⁴

De acordo com o estatuto da Academia Mineira de Letras, a Diretoria seria composta por cinco membros, empossados nos cargos de: Presidente, Secretário Geral, Secretário Auxiliar, Tesoureiro e Bibliotecário. Para o estabelecimento da rotina de atividades e funcionamento, estruturava-se em três comissões internas: *Comissão de Contas*, *Comissão Bibliográfica* e *Comissão de Recepção*. Como o próprio nome indica, a primeira tratava-se das prestação de contas, balanços e orçamentos; a segunda era responsável pela formação do acervo bibliográfico, através da catalogação, organização e transcrição documental, promoção e publicação de obras raras e literárias, bem como, a realização de permuta e doações entre as associações nacionais e/ou estrangeiras; a terceira cuidava da recepção dos novos membros da agremiação e da organização de eventos, como palestras, seminários e cerimônias festivas.¹⁹⁵

Orientando-se por meio de uma rotina de atividades da Academia Mineira de Letras, cabia à agremiação, assegurar o pleno exercício das letras e da cultura mineira, firmando-se como espaço de produção e difusão “das letras pátrias e da cultura artística e literária de Minas Gerais”.¹⁹⁶ Como parte do compromisso acadêmico, firmava-se ainda, a nomeação de uma comissão para a elaboração de um dicionário biobibliográfico. Para tal realização, cada membro da academia ficava encarregado da escolha do respectivo patrono, sendo esse reconhecido por sua vasta produção e contribuição literária.

¹⁹⁴ SOBRINHO. *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras*, p. 119 [Diário de Minas – BH - 18 de junho de 1910]

¹⁹⁵ Em ata da Academia Mineira de letras, da sessão de 25 de dezembro de 1910, consta ainda, um relatório acerca do projeto de elaboração do Dicionário Brasília-Mineiro, proposto por Carlos Góes, relator da Comissão Organizadora. Conforme indicado nas disposições gerais do relatório: “De conformidade com a letra k, do art. 27 das Disposições gerais, a Academia nomeou uma comissão para estudar e apresentar as bases para a elaboração do dicionário bibliográfico. A comissão consta de quatro membros que são os nosso dignos confrades, Costa Sena, Carlos Góes, João Massena e Brant Horta. A mesma comissão escolheu para relator do projeto o nosso confrade Carlos Góes que apresentou o plano aprovado por seus colegas. Em vez de um dicionário de língua portuguesa, trabalho que de preferência deve ser iniciado pela doutíssima Academia Brasileira de Letras, aquele nosso ilustre confrade opinou pela criação de um ‘Dicionário Brasília Mineiro’, compreendendo as 7 seções seguintes: a) O provincialismo ou dialeto regional b) O folclore c) A história mineira d) A corografia mineira e) A flora mineira f) A fauna mineira g) A geologia mineira. A este plano, que vai ser discutido e votado em próxima sessão, o secretário geral propôs, por inspiração do relator, mais uma seção: b) A etnografia mineira”. SOBRINHO. *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras*, p. 140 -142. [Diário de Minas – BH - 18 de junho de 1910]. O Estatuto da AML foi consultado em: SOBRINHO, Machado. *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras*. Organização de Leila Maria Fonseca Barbosa e Marisa Timponi Pereira Rodrigues. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009. p. 134-143.

¹⁹⁶ Discurso pronunciado pelo Dr. Nelson de Senna, como orador oficial, na sessão inaugural da Academia Mineira de Letras, no Theatro de Juiz de Fôra a 13 de Maio de 1910, sobre o thema “O Futuro de Minas Geraes”, p. 18.

Para o escorço biográfico, Nelson de Senna, fundador da cadeira de número 36, elegeu o poeta e escritor serrano José Eloy Ottoni (1764 – 1851).¹⁹⁷ De acordo com a tradição, a escolha do patrono procedia-se mediante o reconhecimento de personalidades ilustres, de excepcional contribuição e engrandecimento da cultura e das letras mineiras.¹⁹⁸ No âmbito intelectual, o elogio literário é uma produção monográfica que visa ao enaltecimento, formal e público, das qualidades e virtudes do condecorado, reconhecendo sua relevância e seu valor literário. No trabalho elaborado pelo acadêmico, Senna buscou traçar o perfil de seu conterrâneo dando lume à sua imponente atuação pública e majestosa contribuição literária.¹⁹⁹

Numa mostra deste trabalho, Senna fez referência à terra natal como “berço de luzeiros da política, das letras e das ciências no país”, reforçando a presença e aclamação de figuras ilustres que tiveram seu reconhecimento notabilizado publicamente, como é o caso de Eloy Ottoni. Na tarefa de “garimpar” o passado mineiro, suas palavras ganharam força retórica e caráter eminentemente simbólico,

antigo e grande escritor e poeta lyrico, *natural do Serro* – a velha e sempre gloriosa Villa do Principe – mãe fecunda de notabilidade pátrias, *berço de luzeiros da política, das letras e das sciencias no Paiz*, – terra prodigiosa, cujos filhos através de séculos, vêm iluminando sem cessar os fastos da nossa história!²⁰⁰

Ser um imortal e receber o fardão da Academia costumava ser um pleito muito cobiçado entre os intelectuais, para outros, um propósito de vida profissional. Escolhido e votado pelo seu conhecimento, contribuição e envergadura talentosa nas letras, ele é aquele que participa diretamente da promoção e difusão da cultura, dos eventos e palestras, dos projetos escriturários. Talvez aí esteja a contribuição mais autêntica de Nelson de Senna dentro da *Arcádia Mineira*, “panteão das musas e cultivo das Belas Artes”.²⁰¹ Segue abaixo trecho do discurso de Senna,

¹⁹⁷ José Eloy Ottoni nasceu no Serro Frio (Vila do Príncipe), foi poeta, jornalista, professor, tradutor. Filho do fundador da Real Casa de Fundição do Serro, Manuel Vieira Ottoni, de descendência genovesa, e da paulista D. Ana Felizarda Pais Leme. Registra-se que o autor deixou inédita grande quantidade de poesias, originais e/ou traduzidas, parte delas publicadas em periódicos da época. Foi descrito por Sílvia Romero como “patriarca dos novos poetas brasileiros e, dentre os líricos, o que mais suavidade romântica possui”. Disponível em: <https://literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=3242>. Acesso em: 20 abr. 2023.

¹⁹⁸ Com caráter perpétuo, o título ainda hoje é muito representativo e faz referência às personalidades ilustres que estiveram envolvidos com a defesa das letras e da cultura em geral. Ao nosso ver, reforça e confere legitimidade aos objetivos estabelecidos como escopo da instituição.

¹⁹⁹ De acordo com o estatuto e regimento interno, definia-se “inventariar o espólio legado pelas gerações ancestrais; empreender o estudo biobibliográfico de todos os patronos das cadeiras criadas; promover a impressão tipográfica das obras inéditas escritas por membros seus, destituídos dos meios pecuniários precisos para a publicação das mesmas”. Ver: SOBRINHO. *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras*, p. 136-143.

²⁰⁰ Gazeta de Notícias do Rio. Grifo nosso.

²⁰¹ Ver: SOBRINHO. *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras*. p. 137.

Somos um pugilo de companheiros ligados pelo juramento simbólico dessa hora solene; trinta missionários das letras, uns publicistas e prosadores, outros poetas e cronistas, alguns professores e homens de ciência, mas todos irmanados numa cruzada comum: de pelo livro, pelo jornal, pela palavra, mantermos perene a tradição gloriosa dos nossos avoengos, tão amigos sempre do convívio seleta das MUSAS.²⁰²

Reconhecido entre seus pares como um “pelejador” da cultura no estado, Senna teve o seu perfil traçado pelo crítico literário e jornalista pernambucano Oscar Mendes Guimarães (1902-1983), quando esse lhe sucedeu, por ocasião de seu falecimento em 1952. De acordo com os ditames da Academia de Letras, buscava-se preencher as cadeiras vagas com acadêmicos cujo perfil se assemelhasse ao de seus antecessores.²⁰³ O acadêmico fez um esboço biográfico enfatizando as qualidades de seu antecessor:

O homem foi sempre assim: uma atividade em contínua ação. Era um tipo bem representativo do mineiro tradicional. Na calma e na gravidade sisuda da aparência exterior, na sua tenacidade no trabalho, no seu culto à tradição, na sua fidelidade à religião, no seu apego à terra natal, no seu interesse pelo Brasil, na sua experiência da política, no seu amor à liberdade e à justiça e, sobretudo, no seu amor à família.²⁰⁴

Ao examinar as notícias da imprensa sobre a Academia Mineira de Letras, publicada em formato de dossiê, em razão de seu centenário, pôde-se confirmar o papel desempenhado pelo acadêmico dentro da instituição. Seu reconhecimento se deu pelas atividades desempenhadas ao longo de sua passagem pela AML, notabilizando-se ao lado “do brilho intelectual, científico e literário de Costa Sena; Eduardo de Menezes e Mendes Pimentel na Engenharia, na Medicina e na Jurisprudência; Alphonsus de Guimarães e Nelson de Senna na História, na Poesia e na Poligrafia (para só nos referirmos aos mais notórios e notados)”.²⁰⁵

À época, os jornais cumpriam um interessante papel na divulgação, circulação e promoção da cultura escrita, sendo responsáveis pela crítica literária, publicação de crônicas, contos e outros gêneros, colunas destinadas a noticiar o recebimento de doações documentais

²⁰² Discurso pronunciado pelo Dr. Nelson de Senna, como orador oficial, na sessão inaugural da Academia Mineira de Letras, no Theatro de Juiz de Fôra a 13 de Maio de 1910, sobre o thema “O Futuro de Minas Geraes”, p. 18.

²⁰³ O ingresso na Academia Mineira de Letras realizava-se por iniciativa individual, em que o candidato enviava uma carta acompanhada da relação das obras publicadas, ou mesmo por indicação de membros da Academia. Em ambos os casos formalizava-se a votação entre os imortais ocupantes das cadeiras. Segundo sucessor: o professor e escritor Wilton Cardoso de Souza (1916-1999); terceiro sucessor: o professor e deputado Aloísio Teixeira Garcia (1944-2024); quarto e atual sucessor: a escritora, professora e psicanalista mineira Ana Cecília Carvalho (1951). Disponível em: <https://academiamineiradeletras.org.br/academicos/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

²⁰⁴ Ver: SOBRINHO. Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras, 89 -90.

²⁰⁵ SOBRINHO. *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras*, p. 118 [O Mineiro – Rio Branco – 16 de junho de 1910].

e/ou obras completas, além da publicação de regimentos e estatutos institucionais.²⁰⁶ Essas particularidades da tipografia nos ajuda a compreender os próprios movimentos empreendidos por Nelson de Senna na atenção dada ao acúmulo de recorte de jornais organizados em seu acervo pessoal. Pode-se afirmar ainda, que a ligação desse acadêmico com os jornais era de ordem social e cultural, pois através deles, notabilizava-se as múltiplas atividades desenvolvidas dando ênfase ao seu êxito pessoal.

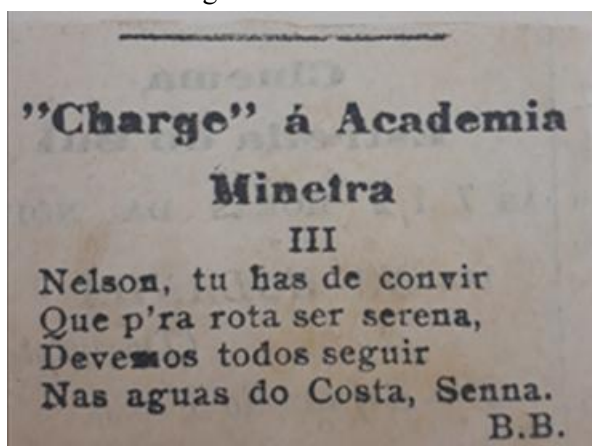
No papel de orador oficial, Nelson de Senna ficava encarregado da preparação e elaboração dos discursos solenes, uma atuação que lhe exigiu o domínio de habilidades como retórica, erudição e eloquência, esses requisitos permitiram-lhe permanecer entre o escol acadêmico. Em sua homenagem, a Biblioteca Geral da AML recebeu o seu nome, sendo essa composta por obras doadas ao longo de décadas de trabalho, bem como o recolhimento de obras de terceiros.

Os exemplos indicados nesta seção, apontam e reforçam a complexa atuação do historiador durante esse período, sendo constituída por um conjunto de práticas e procedimentos que se firmam institucionalmente através de uma rotina de atividades. Logo, a estreita relação com os diferentes núcleos político-intelectuais à época, nos ajudam na compreensão da própria natureza do trabalho historiográfico no período.

Observa-se, ainda, que sua atuação nas diferentes instituições histórico-culturais rendeu-lhe uma outra atividade profissional – representar o estado mineiro em congressos e eventos acadêmicos. Assim, à medida que sua trajetória vai ganhando consistência, seu envolvimento intelectual assumiu passos cada vez mais largos, rumo aos diferentes projetos político-historiográficos em que esteve envolvido ao longo de décadas. Conforme veremos na próxima seção.

²⁰⁶ Um padrão jornalístico muito distante do formato e do escopo editorial seguido pelo modelo atual. Ver: VAZ, Artur Emilio Alarcón; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda (Org.). *Literatura em revista (e jornal)*: periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

Figura 28 – Homenagem ao acadêmico Nelson de Senna²⁰⁷



Fonte: APCBH, NCS.1 (6).

2.5 Redes e sociabilidades intelectuais

*assembleias como essa, são certamente mais ainda que as relações diplomáticas e os tratados de paz, o melhor meio das nações americanas formarem entre si uma consciência comum.*²⁰⁸

No discurso oficial proferido pelo historiador carioca Max Fleiüss (1868-1943) no Congresso Internacional de História da América em 1922, por ocasião do Centenário da Independência, conclamou o apoio e a adesão de seus pares. Não obstante aos interesses político-diplomáticos que contornaram os objetivos dessa realização,²⁰⁹ pode-se afirmar que o evento acadêmico configurou um importante espaços de troca e constituição de redes intelectuais. Além de promover estreitos círculos sociais e projetos historiográficos comuns.

Muito embora sejam marcados por disputas individuais e/ou grupos de interesses, as associações científicas estabeleceram diferentes formas de atuação e integravam um corpo intelectual bastante diversificado, composto por delegações político-representativas, membros de academias culturais e científicas. Com uma formação bastante variada, muitos desses

²⁰⁷ O epitáfio acadêmico foi escrito pelo poeta e escritor Belmiro Ferreira Braga (1872 – 1937) e faz referência também a um outro acadêmico, o geólogo e político Joaquim Cândido de Costa Sena (1852 – 1919), membro da AML.

²⁰⁸ FLEIÜSS, Max. Congresso Internacional de História da América. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 146, p. 582, 1922.

²⁰⁹ I Congresso Internacional de História da América, realizado de 7 a 15 de setembro de 1922, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) por ocasião do centenário da Independência. O evento acadêmico congregou pesquisadores de todas as partes do continente americano, assumindo o cunho político de aproximação do Brasil com outras nações do continente (desenvolvimento do pan-americanismo). Ver: GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Limites políticos de um projeto intelectual para a integração dos países do Novo Mundo: o Primeiro Congresso Internacional de História da América (1922). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, p. 192-212, jan./jun. 2005.

letrados – polígrafos, transitavam entre diversas instituições político-culturais ocupando cargos diversos.

Para demonstrarmos a importância dos congressos na construção das sociabilidades intelectuais, exemplificamos, a partir da participação de Nelson de Senna, alguns desses eventos. O historiador chegou a representar o estado de Minas Gerais em conferências nacionais e internacionais, como é o caso de sua nomeação como membro oficial da Comissão Organizadora da Exposição Preparatória do Estado de Minas para a Exposição Universal de Saint Louis, realizada em 1904, em Missouri (EUA).²¹⁰

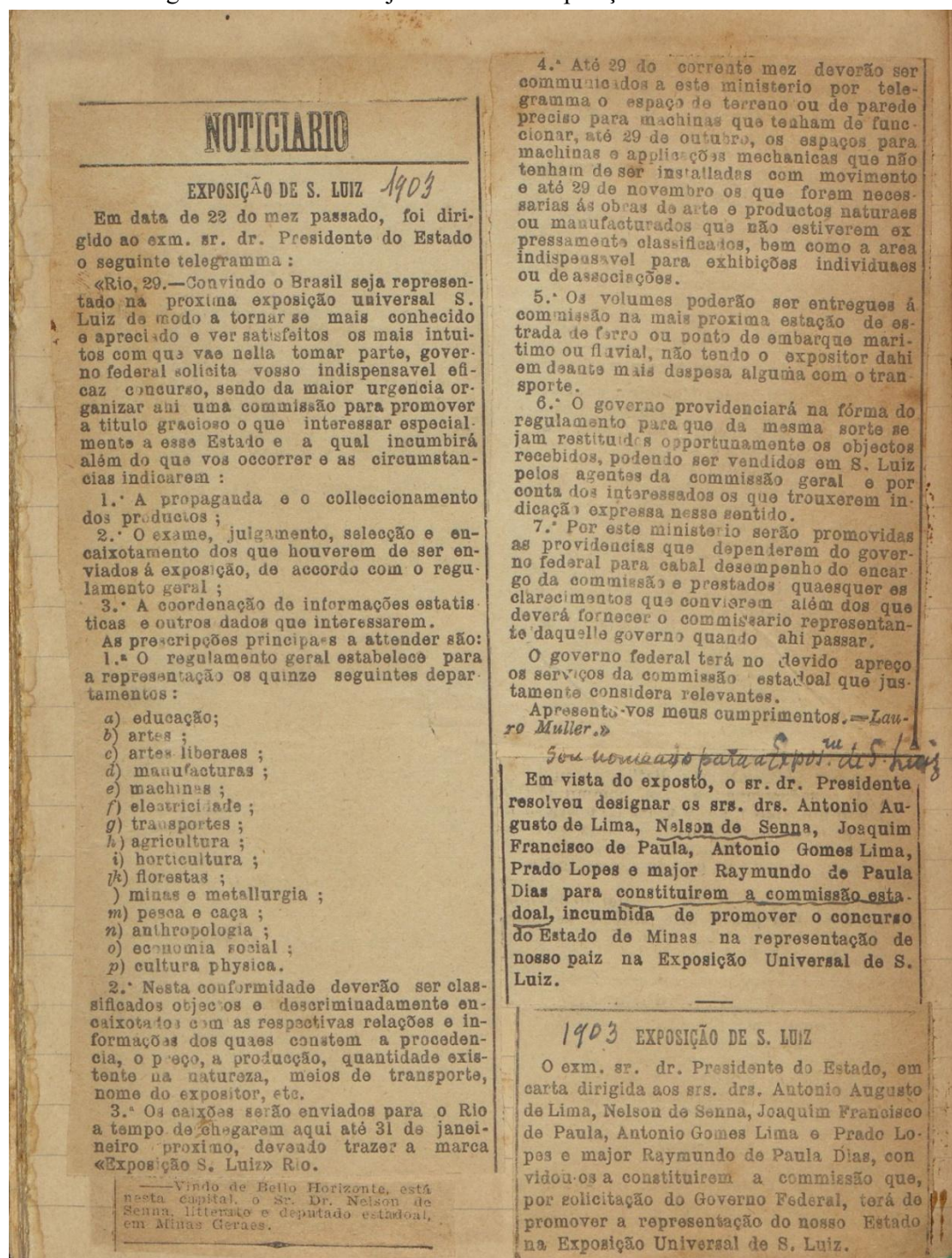
Organizadas em pavilhões, as delegações apresentavam uma espécie de “estado da arte” das atividades econômicas, industriais e educacionais desenvolvidas pelo país. Presidida pelo político mineiro Antônio Augusto de Lima, a comissão mineira foi composta por Nelson de Senna, encarregado da seção de “educação, artes e artes liberais”; pelo engenheiro e membro da Comissão Construtora da Nova Capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, Antônio Prado Lopes Pereira (Prado Lopes), com “manufaturas, máquinas e eletricidade”; pelo coronel Raymundo de Paula Dias, com “transportes, agricultura e horticultura”; pelo geólogo e engenheiro Joaquim Francisco de Paula, com “florestas, minas e metalurgia, pesca e caça” e por Augusto de Lima, com “antropologia, economia social e cultura física”.²¹¹

Como membros da Comissão, ficavam responsáveis por estabelecer diretrizes de participação na mostra internacional, estimular expositores, receber e organizar os produtos, objetos e peças recolhidos para figurar no Pavilhão do Brasil. Buscando reunir aspectos das riquezas econômicas e industriais, ciências e educação, a fim de promover o progresso e a modernização do estado mineiro, Nelson de Senna reuniu produtos naturais de diversas regiões do estado, com destaque para a coleção apresentada sobre o Rio Doce. O recorte abaixo mostra uma visão panorâmica da organização do evento.

²¹⁰ A Exposição Universal de Saint-Louis (Louisiana Purchase Exposition) foi um evento realizado nos Estados Unidos da América (EUA), durante o período de 30 de abril a 1º de dezembro de 1904, em comemoração ao Centenário da Compra da Louisiana em 1803. Com grande visibilidade à época, a feira mundial assumiu um caráter prático, reuniu a delegação de dezenas de países, dando ênfase ao progresso econômico e desenvolvimento. Disponível em: <https://www.bie-paris.org/site/fr/1904-saint-louis>. Acesso em: 20 set. 2022.

²¹¹ Álbum (no. III) anno de 1900, em Deante. Referências, Críticas e Notícias (a mim, pessoalmente, ou a meus trabalhos). Nelson C. de Senna. APCBH, NCS1.6.5.

Figura 29 – Recorte de jornal sobre a Exposição de S. Luiz



Fonte: Álbum (no. III) anno de 1900, em Deante. Referências, Críticas e Notícias (a mim, pessoalmente, ou a meus trabalhos). APCBH, NCS1.6.5.

De modo geral, desde meados do século XIX as exposições universais assumiram um caráter empresarial e, ao mesmo tempo, científico, revelando, em grande medida, as tensões e o quadro político-econômico do período.²¹² Do ponto de vista historiográfico, essas comissões

²¹² PESAVENTO, Sandra. *Exposições universais: espetáculos da Modernidade do século XX*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 42-56.

cumpriam o papel de organizar, catalogar e sistematizar dados, estatísticas e informações sobre o estado e/ou país, de modo a exibir publicações em anais e outros instrumentos de difusão do conhecimento.

A participação de Nelson de Senna também foi notabilizada quando nomeado como representante oficial do estado de Minas Gerais para o Terceiro Congresso Científico Latino-Americano, realizado no Rio de Janeiro em 1905, com a apresentação da monografia intitulada *Os índios do Brasil*.²¹³ Reunindo na Comissão Diretora ilustres homens de ciências, essa foi composta pelo engenheiro e professor do Museu Nacional, Domingos Sérgio de Carvalho; pelo advogado e professor Deodato Cesino Villela dos Santos; José Américo dos Santos; pelo naturalista e botânico João Barbosa Rodrigues; pelo médico Henrique Guedes de Mello e pelos engenheiros Antônio de Paula Freitas e Alfredo Lisboa.

O diálogo entre diferentes instâncias político-intelectuais foi fundamental na conformação do terceiro congresso, uma vez que a articulação entre o poder público e o conhecimento científico operavam juntamente, pautando-se nas prioridades político-econômicas do estado. Nesse sentido, podemos pensar a importância das especificidades locais e suas contribuições na dinâmica nacional. Muitos desses congressos eram organizados por comissões técnicas compostas por membros dos órgãos consultivos do governo, que serviam, para futuras implementações de políticas públicas.²¹⁴

Portanto, seus participantes-congressistas, ganhavam maior prestígio e poder de barganha, uma vez que sua participação nessa dinâmica ampliava a visibilidade e a atuação em outros círculos político-intelectuais, como é o caso de Nelson de Senna, que, em razão dessas atuações, construiu um lugar para sua projeção pública. O trabalho apresentado lhe rendeu uma publicação pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, em 1908, e sua indicação para presidente da Club União do Norte, Sociedade Beneficente Norte de Mineira, instituições que objetivavam o progresso da região.

Nelson de Senna também participou como representante de Minas Gerais na Liga Pan Latina, em Paris, em 1906,²¹⁵ chefiada pelo jurista e historiador brasileiro Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910), primeiro embaixador do Brasil nos Estados Unidos da América (EUA). Além de notabilizar sua nomeação como representante e presidente honorário

²¹³ SENNA, Nelson Coelho de. *Os índios do Brasil*. In: TERCEIRO congresso científico latino-americano. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1924. 74 p. (Memória). APCBH, NCS.6.1 (37).

²¹⁴ ALMEIDA, Marta de. Circuito aberto: ideias e intercâmbios médico-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 3, p. 733-57, jul.-set. 2006.

²¹⁵ ALONSO, Angela. Joaquim Nabuco: Diplomata Americanista. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento Diplomático Brasileiro*. Brasília: FUNAG, 2013. Parte II. p. 359-404.

do Congresso de Instrução e Educação ocorrido em São Paulo, além do I Congresso Brasileiro de Geografia, em Curitiba, ambos realizados no ano de 1911.

Cabe ressaltar, ainda, sua participação no Primeiro Congresso de História Nacional realizado no Rio de Janeiro em 1914, uma das primeiras iniciativas voltadas para uma maior especialização da escrita da história à época. A iniciativa pioneira agregou letrados e políticos atuantes, com o objetivo de sistematizar o saber histórico, conferindo-lhe unidade. Sob a organização do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Nelson de Senna foi convidado pelo então presidente da Comissão Executiva, o intelectual brasileiro Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938), para representar o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG). Inaugurado solenemente em 7 de setembro de 1914, pelo presidente da República, o Marechal Hermes da Fonseca, o primeiro congresso reuniu representantes dos governos estaduais e das principais associações científicas do país.

Contemplando diversos aspectos da história pátria, o Primeiro Congresso de História Nacional assumiu o escopo de promover uma escrita da história que conformasse um passado nacional comum, sendo responsável por promover a “sistematização do conhecimento histórico disponível conferindo-lhe unidade e coerência”.²¹⁶ Para tal intento, organizou-se nove seções temáticas, todas elas compostas por um relator. Dentre elas, Nelson de Senna participou da seção dedicada à “História das Explorações Archeologicas e Ethnographicas”, coordenada pelo médico legista e etnólogo carioca Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), sendo selecionadas cinco teses.

Com destaque para os indígenas e os negros, a terceira seção contou com a participação de Nelson de Senna com a tese “A contribuição ethnographica dos Padres da Companhia de Jesus e dos chronistas leigos dos primeiros séculos”, sendo selecionada para apresentação e publicação nos anais.²¹⁷ Segue abaixo as teses apresentadas na seção “Historia das Explorações Archeologicas e Ethnograficas”.

²¹⁶ GUIMARÃES, Lúcia Paschoal. Primeiro Congresso de História Nacional: breve balanço da atividade historiográfica no alvorecer do século XX. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, Niterói (RJ), v. 9, n. 18, p. 147-170, 2005.

²¹⁷ Nela, Senna justificou a importância dos padres jesuítas na catequização dos indígenas, entendidos por ele, como “benfeitores na civilização dos selvícolas brasileiros”. Ver: SENNA, Nelson Coelho de. *A contribuição ethnografica dos padres da companhia de jesus e dos chronistas leigos dos primeiros séculos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915. 31 p. APCBH, NCS.6. (16).

Quadro 1 – Teses apresentadas à 3ª seção do Primeiro Congresso de História Nacional

3.1 Distribuição geográfica das tribos indígenas na época do descobrimento	Tese oficial	Afonso A. de Freitas
3.2 A contribuição etnográfica dos padre da Companhia de Jesus e dos cronistas leigos nos primeiros séculos	Tese oficial	Nelson de Senna
3.3 Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e o processo da etnografia indígena no Brasil	Tese oficial	Teodoro Sampaio
3.4 As tribos negras importadas	Tese oficial	Afonso Cláudio
3.5 As tribos negras importadas	Tese oficial	Braz do Amaral

Fonte: Anais do Primeiro Congresso de História Nacional. Rio de Janeiro: IHGB; Imprensa Nacional, 1915-1917. v. 1. p. 83.

Ao chamarmos a atenção para a participação de Nelson de Senna em um evento dessa natureza, é possível reconhecer seu interesse e envolvimento junto à escrita da história nacional, aproximando-se de figuras de grande projeção e reconhecimento público. À época, os congressos configuravam-se como uma das formas mais efetivas de interação entre as elites, constituindo-se como espaços de circulação de ideias e exposição pública. No caso de Nelson de Senna, sua participação demonstra uma atuação que se consolidou no cruzamento de ofícios polivalentes, valendo-se das posições ocupadas.²¹⁸

Desse modo, observa-se que as associações científicas tiveram um papel fundamental em atividades de produção e divulgação do conhecimento histórico, sendo lugares de disputas, debates e intercâmbio de ideias. Ao buscar diferentes espaços de atuação, acreditava-se que a experiência adquirida habilitava-o a seguir mais adiante, se enfronhando cada vez mais nos assuntos de Minas Gerais. Nessa direção, a participação de Senna dá destaque ao emaranhado de fios que contornam sua rede, permitindo-lhe participar dos principais núcleos político-intelectuais mineiros e alguns nacionais, alcançando reconhecimento entre seus pares.

Contornando elementos que extrapolam os espaços físicos de ação, as redes intelectuais apontam caminhos e formas de ação compartilhados, indicativo de uma prática que se configura entre grupos de interesses e mediações.²¹⁹ Pode-se afirmar que elas se organizam por sistemas de cooperação, já que se consolidam sob perspectivas determinadas. Contudo, esse consentimento se revela em meio aos confrontos e tensões que se encontram no horizonte de preocupações de seus membros. Nelas estão imbrincadas procedimentos que refletem a maneira

²¹⁸ O expressivo conjunto de correspondências (ativas e passivas), compostas por cartas, ofícios, pareceres, que ele mesmo teve o cuidado de guardar em sua coleção pessoal, revelam a construção de uma significativa rede de contatos, bem como de calorosos embates.

²¹⁹ GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia dos Santos (Org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

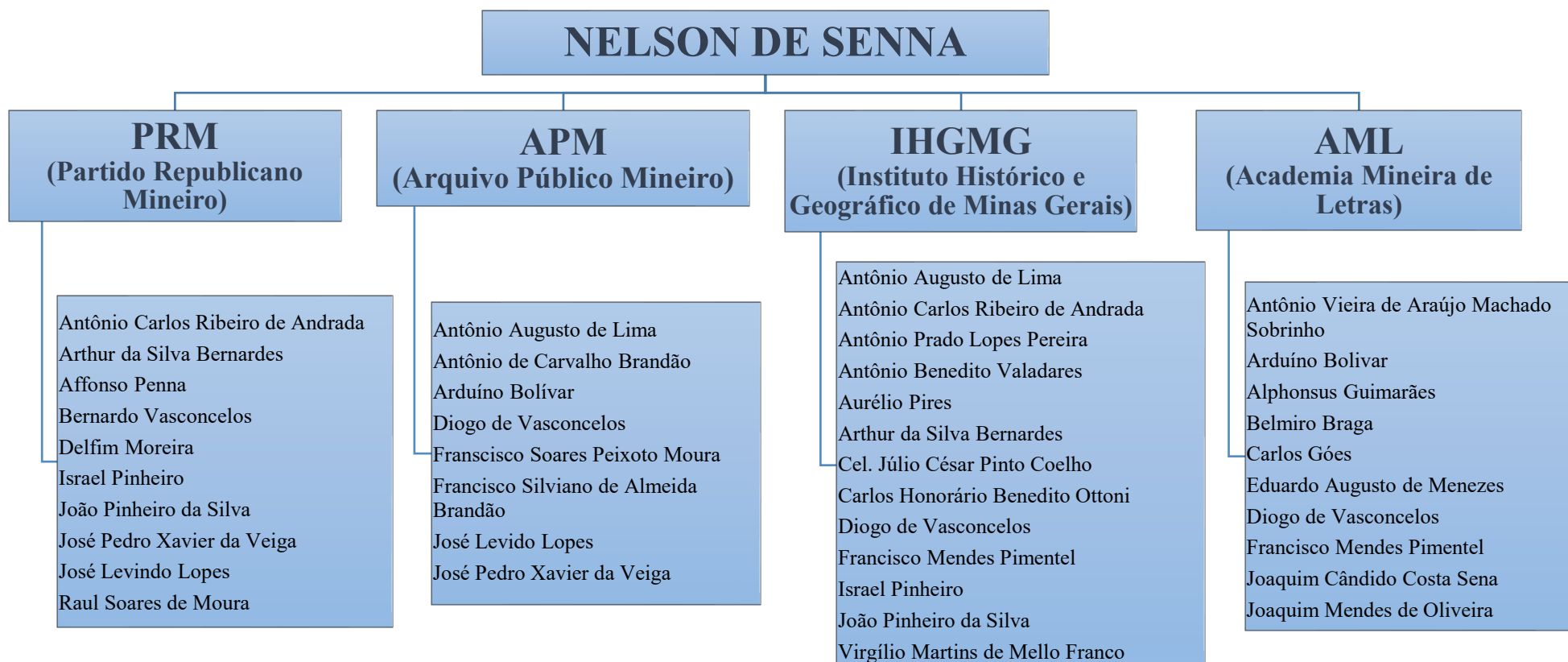
como esses agentes se estabeleceram em torno de projetos comuns e experiências individuais, constituídas contemporaneamente.

Nessa direção, buscamos acompanhar sua trajetória construídas em torno de seus pares. Essa, foi permeada por uma *rede* capaz de indicar relações que vão desde as trocas de favores político-institucionais, como o apoio à candidaturas, às solicitações de leitura e emissão de pareceres sobre publicações, conforme observado também nas correspondências. Foi, portanto, no âmbito dessas instituições histórico-culturais e agremiações que Nelson de Senna elaborou seu projeto escriturário. Como historiador, pretendeu atribuir um sentido pragmático e instrumental à história, revelado também nas ações parlamentares, às quais reconheceu ser um instrumento útil para os intentos que pretendia realizar. Como defensor da industrialização e do progresso mineiro, buscou elevar a escrita da história como um dos elementos constitutivos da ação política e da produção intelectual.

Partilhando de um saber “enciclopédico e anuário”, visando sistematizar, catalogar e classificar o conhecimento, desenvolveu-se em torno de uma erudição documentária, cujo propósito foi atribuído à missão de elevar economicamente o estado de Minas Gerais. Um trabalho que se assemelhou ao de um artesão, devendo incluir competências mais amplas, como sua habilidade técnico-científica e visão estratégica de envolver-se em projetos plurais. Essa ideia fortalece a hipótese de que foi como um historiador em defesa “do progresso e do engrandecimento material e moral”²²⁰ de Minas Gerais que pretendeu forjar sua identidade pública.

No próximo capítulo, seguimos acompanhando o percurso intelectual de Nelson de Senna na passagem da prática para a conformação de uma escritura. No trabalho artesanal, valoriza-se o domínio sobre o processo produtivo, caracterizado pela singularidade e criatividade que contornam os bastidores da oficina desse historiador. Seu artesanato intelectual envolve a transmissão de saberes e tradições que carregavam uma identidade étnico-cultural.

²²⁰ SENNA, Nelson Coelho de. Álbum 6: [1904 até 1930]. Recortes de jornais. NCS.1.6.6.

Figura 30 – Núcleo político-intelectual de Nelson Coelho de Senna²²¹

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados consultados no acervo das instituições mencionadas.

²²¹ Para a elaboração do organograma consideramos aqueles polígrafos que estiveram mais próximos de Nelson de Senna, orbitando pelos mesmos círculos político-institucionais mineiros. Dessa rede de sociabilidades, também pode-se destacar os vínculos familiares proveniente deles: Caio Nelson de Senna casou-se com Amanda de Barros Pinheiro (filha de João Pinheiro e irmã de Ismael Pinheiro da Silva); Yolanda Consuelo Nelson de Senna casou-se com Marcelo Silviano Brandão (filho de Silviano Brandão); Mucio Emilio Nelson de Senna casou-se com Sylvania Amélia Alvim de Melo Franco (irmã de Cesário Alvim de Melo Franco e Afonso Arinos de Melo Franco); Luís Otávio Nelson de Senna foi batizado pelo senador Antônio Carlos Ribeiro de Andrada.

FEITO COM ESPÍRITO DE BRASILIDADE

CAPÍTULO 3

NA ARTE DE FAZER: OS AFRICANISMOS COMO ARTESANATO INTELLECTUAL

3.1 A propósito do *Elucidário de africanismos*

*Vamos fazer o leitor defrontar com uma série de taes expressões, phrases e locuções populares, repletas de africanismos, ou directamente influenciadas pelo elemento nêgro, através de seos costumes, crenças, mythos, tradições e usanças.*²²²

Podemos nos perguntar a que servem as palavras e o que as tornam elementos indispensáveis em uma língua. Elas desempenham um papel fundamental na preservação das tradições que definem a herança histórico-cultural de um povo. Além disso, exercem funções variadas e integram um conjunto de bens linguísticos que atravessam gerações e indicam os valores de uso na língua.²²³

Se considerarmos sua dimensão lexicográfica, as palavras podem ser entendidas como um grupo vocabular determinado por expressões e/ou termos que pertencem a um idioma, uma língua ou um dialeto. Nesse sentido, pertencem a um universo amplo de domínio morfossintático relacionado aos diversos componentes estruturais das unidades lexicais. Em relação à função social, não podem ser vistas unicamente como um repositório vocabular, possuindo especificidades e atribuições de sentido que lhe conferem identidade. Portanto, apresentam variedades geográficas, sociais e culturais dentro de um mesmo território e constituem expressão de uma língua, estando presentes nas práticas discursivas de múltiplas comunidades de falantes.

Apoiando-nos nos estudos sobre a língua produzidos por Nelson de Senna, chamamos a atenção para um gênero textual que reúne um vasto e volumoso conjunto vocabular, como é o caso do elucidário.²²⁴ Com características que aproximam-se de um dicionário, ordenado por

²²² SENNA, Nelson Coelho de. *Elucidário de Africanismos*: vocabulário de africanismos e afro-negrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana. Letra A-Z. Incompleto. Folhas Avulsas. Manuscrito, recortes de jornais. 1938.

²²³ BARBOSA, Maria A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. p. 23-45.

²²⁴ Os elucidários remontam ao período medieval, quando produzidos para elucidar, explicar ou esclarecer termos e expressões obscuras. [Lat. med. *elucidarium*.] s. m. || livro que aclara ou explica o sentido de coisas obscuras ou ininteligíveis; comentário. Ver: AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980 [2012]. 5 v.

verbetes em ordem alfabética, os elucidários pertencem à família dos glossários e são conhecidos por reunir, de modo sistemático, um grande volume de palavras e expressões presentes numa determinada língua.

No *Elucidário de africanismos* produzido por Nelson de Senna, podemos observar as tentativas de classificação lexicográfica, contendo palavras de entrada e suas respectivas definições semântica e/ou aplicação cultural. O material é composto por um conjunto de palavras de origem africana presente entre os falantes da língua portuguesa no Brasil. Esse é um trabalho em construção, por vezes, incompleto, indicando muitas lacunas que constituem um veio em aberto para novos estudos.

Embora não tenha sido elaborado com o rigor de uma obra lexicográfica, o *Elucidário de africanismos*²²⁵ é, antes de tudo, um instrumento linguístico-cultural que nos permite compreender as muitas “vozes e falas” de matriz africana que se encontram presentes no português brasileiro, resultado do processo de colonização.²²⁶ Isso leva à necessidade de análise de um conjunto mais amplo de aspectos histórico-culturais, revelador do modo como Nelson de Senna entendia a língua, voltando-se para as questões que ele mesmo se dispôs a enfrentar.

Através desses estudos, Senna afirmava que o vocabulário do português do Brasil havia sido enriquecido com os termos e expressões das línguas africanas, sendo, portanto, determinante na contribuição das variantes regionais, fazendo-se notar fortemente na cultura popular. Essa revela-se nas diversas formas pelas quais a língua se manifesta entre seus falantes,

²²⁵ Não encontramos no acervo a definição do vocábulo *africanismos* e sim as explicações das origens de vozes e nomes afronêgros, ou seja, *afronegrismos*. Ver: SENNA, Nelson Coelho de. Bibliografia para o *Elucidário de Afronegrismos*: relação por ordem alfabética das obras consultadas para a elaboração do *Elucidário de afronegrismos* do Brasil. 2 exemplares. I Incompleto. Folhas Avulsas, s.d. APCBH, NCS 3.3 (6). p. 65.

Nos estudos de línguas africanas, o termo é usado para designar as palavras de origem africana em outras línguas e idiomas. No caso brasileiro, os africanismos foram responsáveis por constituir as especificidades linguísticas presentes no processo de colonização e escravização africana, produzindo o distanciamento entre a língua portuguesa de Portugal e o português falado no Brasil. A partir da segunda metade do século XX, o debate sobre essa diferenciação ganhou relevância nos principais centros de estudos, assumindo não somente dimensões lexicográficas, mas, sobretudo, político-sociais e culturais. Ver: BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 15-62; CASTRO, Yeda Pessoa de. Marcas de africania no português do Brasil: o legado negroafricano nas Américas. *Interdisciplinar*, São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 11-24, 2016.

²²⁶ O debate sobre a diferenciação linguística do português do Brasil em relação ao português de Portugal tem sido objeto de estudos em vários campos de pesquisa, trazendo importantes contribuições no processo de reconhecimento e valorização dos povos que formaram a identidade linguística brasileira. Diante da tamanha diferença linguística que separa as duas variantes da língua portuguesa, estudos têm se voltado para os aspectos histórico-culturais, considerando o contato entre os povos indígenas, negro africanos e portugueses, dentre outros. Portanto, para esse estudo, estamos a considerar a concepção de contato linguístico, no sentido da presença dos aportes de matriz negro africana na constituição do português brasileiro. Ver: ALKMIM, T.; PETTER, M. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 145-178; ARAGÃO, M. S. S. de. Africanismo no português do Brasil. *Revista de Letras*, v. 30, n. ¼, p. 7-16, jan. 2010/dez. 2011; BONVINI, E. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 101-144.

muito embora, possam usar uma mesma língua, no caso o português, ela varia de acordo com fatores como região, contexto social, econômico e cultural.²²⁷

Do ponto de vista historiográfico, buscamos acompanhar seu artesanato intelectual, contornado pelos esforços empreendidos no processo de elaboração e construção vocabular. Nessa direção, a ênfase dada aos bastidores desse trabalho configura uma importante dimensão do modo como suas ideias ganharam forma e consistência, conforme veremos a seguir. Essa escolha, reflete parte das intenções desta tese, em que tomamos parte do vocabulário de *africanismos* como objeto de análise da escrita histórica de Nelson de Senna.

3.1.1 Criando tessitura: a construção de um vocabulário

*Mais de trinta annos tenho consumido em taes pesquisas e venho organizando um archivo de fixarios e abundante material de estudos para, um dia, talvez, com o favor de Deos, ainda poder editar o Elucidario e Vocabulario, no preparo dos quaes consumo todo o tempo sobranste das minhas occupaões universitárias.*²²⁸

Como nasce uma obra? No compartilhamento do processo de elaboração de seu projeto escriturário, Nelson de Senna tornou público a gestação de sua obra. Em estado natural, seu trabalho sublinha um movimento que envolve método e técnica de pesquisa, ambos presentes em seu artesanato intelectual.²²⁹ Resultado da experiência de campo e de gabinete, reflete seu empenho e dedicação no processo de levantamento, seleção e catalogação documental.

A escolha de conhecer o texto na sua intimidade diz respeito ao conjunto de elementos que compõem a obra em construção, de onde se observa a natureza das fontes, o levantamento bibliográfico e a seleção de dados, aspectos que configuram sua escrita e seu pensamento. Nessa prática, revela-se uma atitude consciente, cujo movimento esteve sujeito às dinâmicas e estratégias consoantes da própria atividade político-intelectual.

Nessa direção, buscamos acompanhar parte do processo artesanal, cujo esforço acumulativo resultou numa extensa produção vocabular. De acordo com a estrutura de arranjo, produzida pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) e disponibilizada para

²²⁷ BONVINI, E. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 101-144.

²²⁸ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 24.

²²⁹ Pode ser entendido como o domínio do autor de todo o processo que envolve sua produção e escrita, que vão desde a escolha do objeto de trabalho, da organização dos arquivos à exposição dos resultados. Nesse sentido, a atividade do historiador consistiria num artesanato intelectual. Ver: MILLS, C. Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 21-58.

consulta pública, a série²³⁰ *Estudos Temáticos* encontra-se organizada em oito subséries, assim distribuídas: Biografia (1906-1947); Indigenismo (1904-1930?); Africanismo (1931-1942); Brasilidades idiomáticas (1930-1945); Toponímia e Corografia Mineira e Brasileira (1892-1945); Mineração e Siderurgia (1900-1933); Estudos para Anuários (1911-1942) e Estudos Literários (1888-1921).²³¹

Para essa análise, parte do conjunto documental consultado encontra-se localizado na subsérie *Africanismo* e reúne um diversificado acervo composto por 18 títulos complementares sobre os vocabulários de africanismos presentes na língua portuguesa falada no Brasil. São registros manuscritos contendo índices vocabulares, notas para elucidário, indicações bibliográficas, recortes de jornais, verbetes e termos africanos, indicativos do trabalho de compilação e tentativa de organização de uma edição dicionarizada.²³² Para facilitar o acompanhamento e proporcionar uma visão geral do material, exibimos abaixo:

NCS.3.3 Subsérie Africanismo (1931-1942)

- (1) Vocabulário de africanismos na língua portuguesa: composto por índices alfabéticos das vozes, palavras e expressões primitivas e derivadas das línguas africanas (A-Z). São compostos por cadernos, manuscritos e recortes de jornais. 1931.
- (2) A linguagem dos Africanos e sua influência na língua portuguesa do Brasil: tese apresentada na semana de estudos afro-brasileiros em comemoração do cinquentenário da Lei Áurea. Composto por folhas avulsas. 1938.
- (3) Elucidário de Africanismos: vocabulário de africanismos e afro-negrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana (A-Z). Encontra-se incompleto e é composto por folhas avulsas manuscritas, com recortes de jornais. 1938.
- (4) Vocabulário de africanismos e afro-negrismos: índice de termos africanos presentes na linguagem popular brasileira (A-Z). Um imenso material composto por 16 cadernos. S.d.
- (5) Notas para o Elucidário de Africanismos: crendices e cultos dos afro-negros no Brasil, denominações de locais brasileiros de origem afro-negro e verbetes diversos. Folhas avulsas, manuscritos e recortes de jornais. S.d.
- (6) Bibliografia para o Elucidário de Afronegrismos: relação por ordem alfabética das obras consultadas para a elaboração do Elucidário de afro-negrismos do Brasil.

²³⁰ “A série é definida como unidades de arquivamento ou documentos arranjados de acordo com um sistema de arquivamento ou mantidos como uma unidade porque estão relacionados a uma função ou assunto determinado, resultam da mesma atividade, têm uma forma específica ou devido a alguma relação procedente de sua produção, recebimento ou uso”. Ver: GRACY II, 1977, p. 7-8 apud COOK, 2017, p. 23.

²³¹ O acervo pessoal de Nelson de Senna recebeu tratamento e organização, sem, contudo, perder de vista a lógica de organização e acumulação de seu titular. Ver: APCBH. *Inventário do arquivo pessoal Nelson Coelho de Senna*, p. 25 e 42.

²³² Embora a maioria desses documentos encontra-se sem datação prévia, o seu conjunto foi datado entre os anos de 1931-1942, reunindo um significativo acervo documental em que dialoga com o processo mais geral de elaboração do *Elucidário de africanismos*.

Possui dois exemplares, um encontra-se incompleto e com folhas avulsas. S.d.

(7) Introdução do vocabulário de africanismos: texto introdutório do vocabulário de africanismos. Folhas Avulsas. S.d.

(8) Adagiário afro-negro brasileiro: relação em ordem alfabética de adágio, ditos ou provérbios afro-negros brasileiros (A-Z). Encontra-se incompleto e com folhas avulsas. S.d.

(9) Africanismos na linguagem brasileira: comentário do livro de Danti Laytano. Os africanismos do dialeto gaúcho. Folhas avulsas. S.d.

(10) Relação alfabética dos afro-negrismos que se encontram na linguagem popular brasileira: verbetes afro-negros presentes na linguagem popular brasileira. Incompleto e com folhas avulsas. S.d.

(11) Vocabulário de africanismos: dicionário de termos africanos. Referentes às letras B-D; F-J; N-R. Folhas Avulsas. S.d.

(12) Vocabulário de africanismos: índice (A-Z) e verbete (letra A) de termos afro-negros. Incompleto e com folhas avulsas. S.d.

(13) Vocabulário de africanismos: verbetes em ordem alfabética de termos de origem africana. Letras A; C; D; K; M; Q; Z. Incompleto e com folhas avulsas e recortes de jornais. S.d.

(14) Elucidário de africanismos: verbetes em ordem alfabética de termos africanos. (A-Z). Possui dois cadernos. S.d.

(15) Contribuição literária brasileira à cultura afro-negra: comentário sobre a contribuição de literários brasileiros à cultura afro-negra no Brasil. Incompleto e com folhas avulsas. S.d.

(16) Índices alfabéticos de africanismos frequentes na língua portuguesa. Possui folhas avulsas. S.d.

(17) Termos africanos: relação de termos africanos ou de origem africana (A- H). Incompleto e com folhas avulsas, manuscritos e recortes de jornais. S.d.

(18) Recortes de jornais: uma documentação composta apenas por recortes de jornais. S.d.²³³

Diante do volumoso conjunto documental, selecionamos uma mostra do *Elucidário de africanismos: vocabulário de africanismos e afro-negrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana*, afim de apresentar o modo como seu produtor construiu esse acervo, buscando levar a cabo seu projeto escriturário. A escolha desse material nos ajudou na análise de seu artesanato intelectual, em que envolve a realização de procedimentos e técnicas que caracterizam seu processo de construção do conhecimento histórico-linguístico.

Trata-se de um material original misto, manuscrito e datiloscrito, com mais de 1.500 páginas organizadas por entradas de verbetes em ordem alfabética. Embora a maior parte desses

²³³ APCBH. *Inventário do arquivo pessoal Nelson Coelho de Senna*, p. 42.

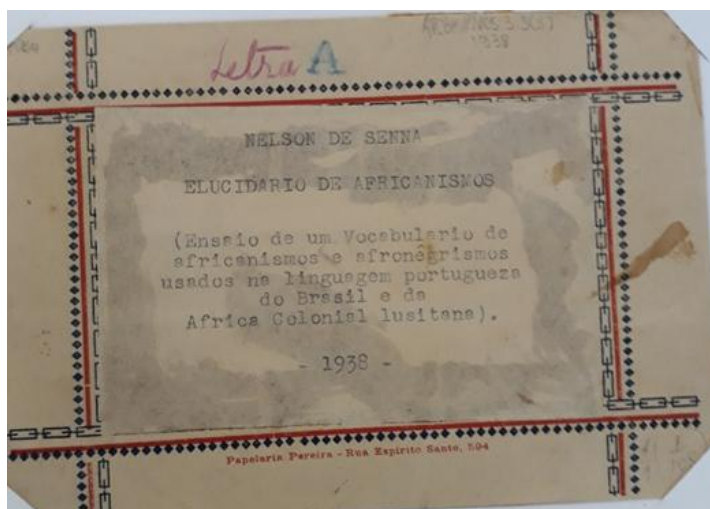
verbetes possuam algum tipo de definição e/ou classificação lexicográfica, observa-se uma “obra” inacabada, em construção. Para nós, diz respeito ao conjunto documental que mais aproximou da tentativa de editoração, sendo, portanto, a principal fonte para a organização do livro *Africanos no Brasil*, publicado em 1938, de que trataremos no quinto e último capítulo da tese.

Seu processo de organização, correção e criação sugere uma escrita em constante movimento, num firme esforço de “passar tudo a limpo”. Nesse processo, Senna parece ter se ocupado de todas as etapas, que vão desde os primeiros rascunhos até os escritos supostamente indicados por ele como “já datilografados”. Afirmando ele mesmo, as intenções de uma futura publicação, conforme observa-se no trecho abaixo,

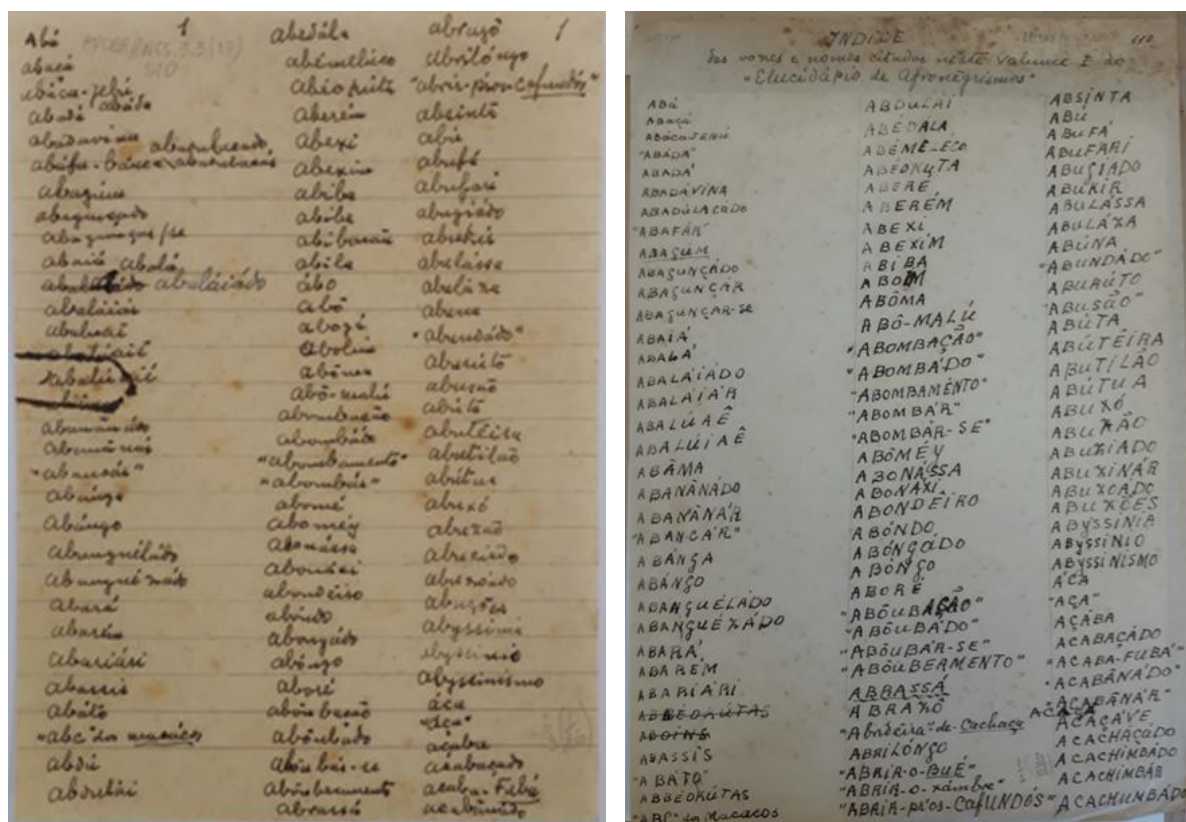
Mais de quarenta annos tenho consumido em taes pesquisas e venho organizando um archivo de fixario e abundante material de estudos, para, um dia, talvez, com o favor de Deos, ainda poder editar os Elucidario e Vocabulario, no preparo dos quaes consumo todo o tempo sobranste das minhas occupaões universitárias.²³⁴

Para essa análise, optamos por apresentar uma amostra dessas etapas, representativas de um “todo maior” que vão desde os recortes de jornais até a organização da informação. Trata-se dos registros de uma atividade quase diária, cujos recursos gráficos vão dando forma e conteúdo ao “texto”. Nessa direção, buscamos dar ênfase ao seu trabalho de compilação e sistematização das ideias, em que observa-se uma tentativa de catalogação vocabular. Conforme exposto nos exemplos abaixo,

Figura 31 – Versão datiloscrita composta pela etiqueta de abertura com a entrada da letra A, em seguida, índice vocabular



²³⁴ SENNA, Nelson Coelho de. A linguagem dos Africanos e sua influencia na língua portuguesa do Brasil: tese apresentada na semana de estudos afro-brasileiros em comemoração do cinquentenário da Lei Aurea. Folhas Avulsas. APCBH, NCS.3.3 (2).



Fonte: *Elucidário de Africanismos*. APCBH/NCS.3 (3).

Nas reproduções acima, observa-se a tentativa de construção de um índice alfabético que acompanha a abertura da letra 'A'. Com a função de agrupar o maior número de africanismos na língua portuguesa do Brasil, Senna pretendeu classificá-las sob o domínio semântico-linguístico e cultural, buscando estabelecer traços comuns e/ou equivalências relativas à sua origem, estrutura e aplicação.

Sendo um conjunto aberto, observa-se que novas palavras foram sendo acrescentadas continuamente, tornando-se um instrumento valioso em diferentes aspectos. Além do registro de palavras, o *Elucidário* reflete o universo cultural cujas dimensões simbólicas expressam o uso social da língua. Nesse sentido, constitui-se num inventário lexical em que registram-se os usos dialetais, populares e regionais, em sua maioria extralinguísticos,²³⁵ oriundos dos processos de colonização portuguesa e miscigenação racial.

No processo de elaboração, nota-se que o autor consultou muitas obras de sua biblioteca, incluindo aquelas que tratam-se das ciências lexicais. Todavia, seu trabalho tem um cunho mais enciclopédico, compilando recortes de jornais, trechos de manuais especializados, índices bibliográficos. Não sendo uma obra de domínio estritamente linguístico, permitiu-nos dialogar

²³⁵ Extralinguístico é o que não pertence ao sistema linguístico estabelecido pela norma culta da língua portuguesa, mas que são compartilhados por diferentes grupos étnico-culturais falantes. Ver: MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2009.

ADAHUNKÉ.

24

ADAI - Nome ethiópico ou africano da planta nativa da Abyssínia (a Salvadora persica), de que os Abessins ou Abexins fazem grandes palitos para dentes; também o nome africo arábico ADAI, que denotava uma região a leste da Ethiopia, no ex-Imperio Abyssino conquistado, maru militari, pela Italia.

ADAMAUA - Nome de uma região africana e da tribo que della procede (negros Adamauas, dos quaes vieram alguns escravos ao Brasil colonial). Também se escreve Adamauha, sendo por esse nome conhecido um dos tres reinos em que ficou dividido o famoso Imperio negro do Sokoto, fundado na Africa, em 1810, e é hoje possessão britanica. Os negros Adamauas, bem como os Aüssas ou Auzásas (Hausás), os Bornús, os Funques ou Guruncias ("negros-Gallinhas", na Bahia), os Mossis e os Nifos ou Nupes (estes chamados "negros Tapas", no Brasil) pertencem ao ramo dos Sudanezes Centraes. (Negro africano da tribo Adamaua ou Adamauhá e que provinha da Costa Occidental da Africa).

ADAMAUS - Negros também ditos Bornús, na Africa Central (Nigricia). Os mesmos negros Bornús, africanos musulmões, que o trafico negreiro introduziu na Bahia, nos tempos coloniais. Em vez de Adamauas - que é a carta phonetica e exacta graphia do nome - apparece, de que sendo esse negro, a forma errônea Adamaua é a.

ADAMORIKAS. Este nome de Admorikas, como se encontra em um dos formulários de 1811, e de 1812, e de 1813, e de 1814, e de 1815, e de 1816, e de 1817, e de 1818, e de 1819, e de 1820, e de 1821, e de 1822, e de 1823, e de 1824, e de 1825, e de 1826, e de 1827, e de 1828, e de 1829, e de 1830, e de 1831, e de 1832, e de 1833, e de 1834, e de 1835, e de 1836, e de 1837, e de 1838, e de 1839, e de 1840, e de 1841, e de 1842, e de 1843, e de 1844, e de 1845, e de 1846, e de 1847, e de 1848, e de 1849, e de 1850, e de 1851, e de 1852, e de 1853, e de 1854, e de 1855, e de 1856, e de 1857, e de 1858, e de 1859, e de 1860, e de 1861, e de 1862, e de 1863, e de 1864, e de 1865, e de 1866, e de 1867, e de 1868, e de 1869, e de 1870, e de 1871, e de 1872, e de 1873, e de 1874, e de 1875, e de 1876, e de 1877, e de 1878, e de 1879, e de 1880, e de 1881, e de 1882, e de 1883, e de 1884, e de 1885, e de 1886, e de 1887, e de 1888, e de 1889, e de 1890, e de 1891, e de 1892, e de 1893, e de 1894, e de 1895, e de 1896, e de 1897, e de 1898, e de 1899, e de 1900, e de 1901, e de 1902, e de 1903, e de 1904, e de 1905, e de 1906, e de 1907, e de 1908, e de 1909, e de 1910, e de 1911, e de 1912, e de 1913, e de 1914, e de 1915, e de 1916, e de 1917, e de 1918, e de 1919, e de 1920, e de 1921, e de 1922, e de 1923, e de 1924, e de 1925, e de 1926, e de 1927, e de 1928, e de 1929, e de 1930, e de 1931, e de 1932, e de 1933, e de 1934, e de 1935, e de 1936, e de 1937, e de 1938, e de 1939, e de 1940, e de 1941, e de 1942, e de 1943, e de 1944, e de 1945, e de 1946, e de 1947, e de 1948, e de 1949, e de 1950, e de 1951, e de 1952, e de 1953, e de 1954, e de 1955, e de 1956, e de 1957, e de 1958, e de 1959, e de 1960, e de 1961, e de 1962, e de 1963, e de 1964, e de 1965, e de 1966, e de 1967, e de 1968, e de 1969, e de 1970, e de 1971, e de 1972, e de 1973, e de 1974, e de 1975, e de 1976, e de 1977, e de 1978, e de 1979, e de 1980, e de 1981, e de 1982, e de 1983, e de 1984, e de 1985, e de 1986, e de 1987, e de 1988, e de 1989, e de 1990, e de 1991, e de 1992, e de 1993, e de 1994, e de 1995, e de 1996, e de 1997, e de 1998, e de 1999, e de 2000, e de 2001, e de 2002, e de 2003, e de 2004, e de 2005, e de 2006, e de 2007, e de 2008, e de 2009, e de 2010, e de 2011, e de 2012, e de 2013, e de 2014, e de 2015, e de 2016, e de 2017, e de 2018, e de 2019, e de 2020, e de 2021, e de 2022, e de 2023, e de 2024, e de 2025, e de 2026, e de 2027, e de 2028, e de 2029, e de 2030, e de 2031, e de 2032, e de 2033, e de 2034, e de 2035, e de 2036, e de 2037, e de 2038, e de 2039, e de 2040, e de 2041, e de 2042, e de 2043, e de 2044, e de 2045, e de 2046, e de 2047, e de 2048, e de 2049, e de 2050, e de 2051, e de 2052, e de 2053, e de 2054, e de 2055, e de 2056, e de 2057, e de 2058, e de 2059, e de 2060, e de 2061, e de 2062, e de 2063, e de 2064, e de 2065, e de 2066, e de 2067, e de 2068, e de 2069, e de 2070, e de 2071, e de 2072, e de 2073, e de 2074, e de 2075, e de 2076, e de 2077, e de 2078, e de 2079, e de 2080, e de 2081, e de 2082, e de 2083, e de 2084, e de 2085, e de 2086, e de 2087, e de 2088, e de 2089, e de 2090, e de 2091, e de 2092, e de 2093, e de 2094, e de 2095, e de 2096, e de 2097, e de 2098, e de 2099, e de 2100, e de 2101, e de 2102, e de 2103, e de 2104, e de 2105, e de 2106, e de 2107, e de 2108, e de 2109, e de 2110, e de 2111, e de 2112, e de 2113, e de 2114, e de 2115, e de 2116, e de 2117, e de 2118, e de 2119, e de 2120, e de 2121, e de 2122, e de 2123, e de 2124, e de 2125, e de 2126, e de 2127, e de 2128, e de 2129, e de 2130, e de 2131, e de 2132, e de 2133, e de 2134, e de 2135, e de 2136, e de 2137, e de 2138, e de 2139, e de 2140, e de 2141, e de 2142, e de 2143, e de 2144, e de 2145, e de 2146, e de 2147, e de 2148, e de 2149, e de 2150, e de 2151, e de 2152, e de 2153, e de 2154, e de 2155, e de 2156, e de 2157, e de 2158, e de 2159, e de 2160, e de 2161, e de 2162, e de 2163, e de 2164, e de 2165, e de 2166, e de 2167, e de 2168, e de 2169, e de 2170, e de 2171, e de 2172, e de 2173, e de 2174, e de 2175, e de 2176, e de 2177, e de 2178, e de 2179, e de 2180, e de 2181, e de 2182, e de 2183, e de 2184, e de 2185, e de 2186, e de 2187, e de 2188, e de 2189, e de 2190, e de 2191, e de 2192, e de 2193, e de 2194, e de 2195, e de 2196, e de 2197, e de 2198, e de 2199, e de 2200, e de 2201, e de 2202, e de 2203, e de 2204, e de 2205, e de 2206, e de 2207, e de 2208, e de 2209, e de 2210, e de 2211, e de 2212, e de 2213, e de 2214, e de 2215, e de 2216, e de 2217, e de 2218, e de 2219, e de 2220, e de 2221, e de 2222, e de 2223, e de 2224, e de 2225, e de 2226, e de 2227, e de 2228, e de 2229, e de 2230, e de 2231, e de 2232, e de 2233, e de 2234, e de 2235, e de 2236, e de 2237, e de 2238, e de 2239, e de 2240, e de 2241, e de 2242, e de 2243, e de 2244, e de 2245, e de 2246, e de 2247, e de 2248, e de 2249, e de 2250, e de 2251, e de 2252, e de 2253, e de 2254, e de 2255, e de 2256, e de 2257, e de 2258, e de 2259, e de 2260, e de 2261, e de 2262, e de 2263, e de 2264, e de 226

²³⁶ No processo colonizador, o contato de línguas no Brasil se deu, inicialmente, entre o português e as línguas ameríndias. Posteriormente, com o tráfico negreiro, as línguas africanas se somaram a esse processo. Ver: CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia*: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras & Topbooks, 2001.

A partir do diálogo com diversas fontes, Nelson de Senna constrói sua pesquisa utilizando-se de um levantamento bibliográfico em que reúne autores e estudiosos pertencentes às diferentes tradições escriturárias, como literatos, etnógrafos, antropólogos, filólogos, dentre outros. Afirmando ter consultado uma “copiosa bibliografia”, em que colocou em “destaque muitos desses escriptores pátrios e os autores portugueses estrangeiros, cujas obras foram por nós consultadas com proveito, na elaboração deste trabalho”.²³⁷

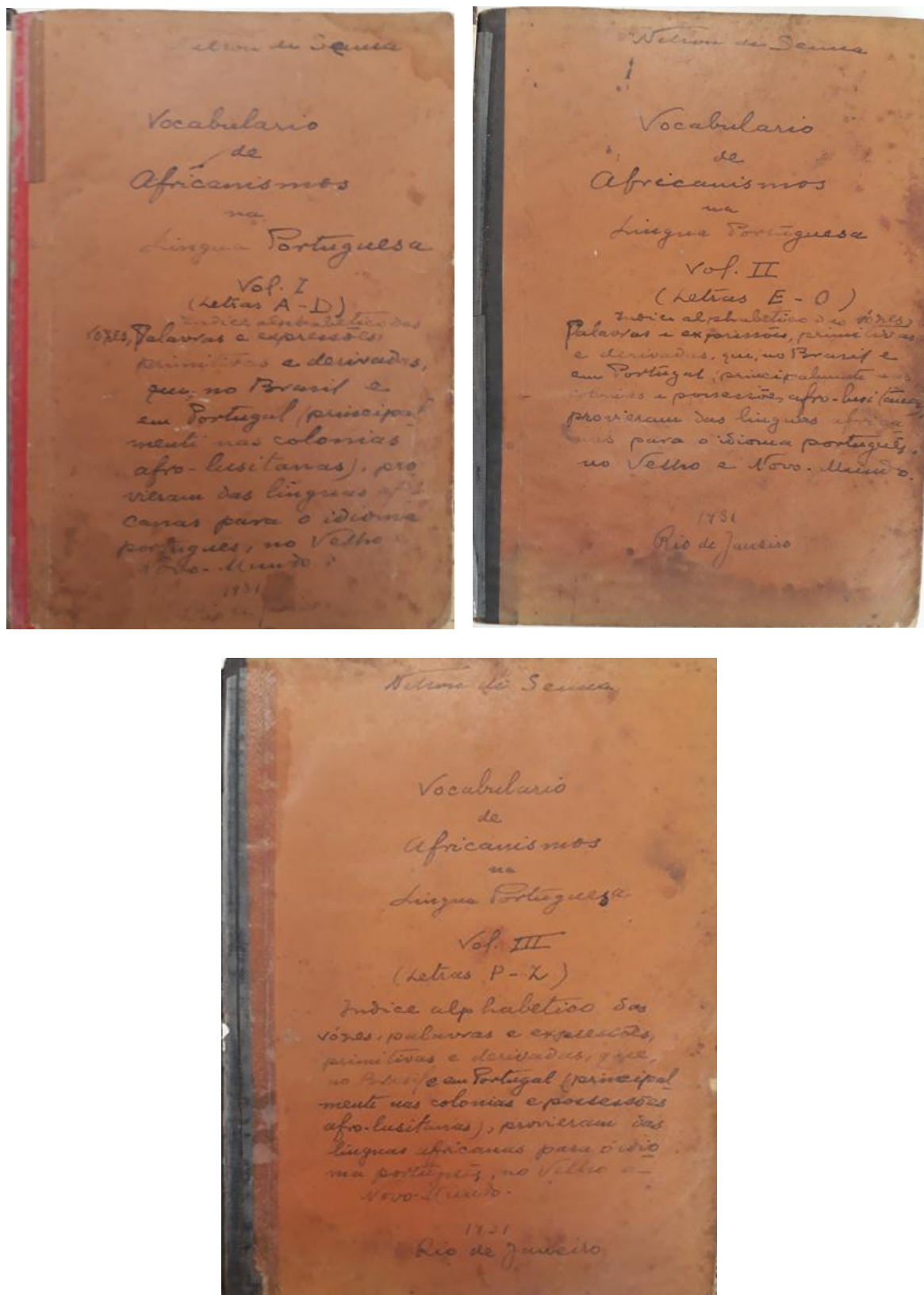
Para fundamentar o trabalho vocabular, Nelson de Senna incorporava as informações por meio de citações diretas e/ou indiretas, tornando ele mesmo, uma referência. No processo teórico-metodológico de levantamento, seleção e catalogação dos dados, incluía-se o trabalho de transcrição literal de manuscritos e documentos. Dessa forma, Senna soube explorar um conjunto de conhecimentos variados que lhe impulsionou no desdobramento de outras pesquisas e publicações. Assim, ao combinar um vasto saber, adquirido através dos anos de estudos e de leituras, Senna criou as condições de pesquisa e de trabalho necessárias para a elaboração do *Elucidário*.

Nesse processo, os “cadernos de nota” foram ferramentas indispensáveis no trabalho de pesquisa, garantindo-lhe o registro de ideias e coleta de dados. Trata-se de 16 cadernos, revestidos com capa e descrição do conteúdo.²³⁸ Em cada um deles, é possível observar um conjunto de anotações manuscritas com informações sobre vocábulos, termos e referências sobre os africanismos, recortes de jornais com textos informativos e/ou conceituais. Desse modo, exibimos, por meio de seu artesanato intelectual, parte do projeto de construção do *Elucidário de africanismos*, indicando os limites e as possibilidades de seu pensamento. Abaixo exibimos a capa de alguns deles:

²³⁷SENNA. A linguagem dos africanos e sua influência na língua portuguesa do Brasil, p. 16.

²³⁸SENNA, Nelson Coelho de. Vocabulário de africanismos e afro-negrismos: índice de termos africanos presentes na linguagem popular brasileira. Letras A-Z. 16 cadernos. 1940-1942. APCBH, NCS. 3.3 (4).

Figura 32 – Capas dos volumes I, II e III dos cadernos *Vocabulário de Africanismos*, contendo local e data, Rio de Janeiro, 1931



Fonte: *Vocabulário de africanismos e afro-negrismos*, volumes I, II e III, Rio de Janeiro, 1931. APCBH, NCS.3.3(4).

Como parte desse artesanato, os *cadernos de notas* constituem parte integrante na construção do pensamento autoral, indicando assim, o caráter processual da escrita. Como forma preliminar do texto, garante ao autor um espaço experimental distante da avaliação de seus pares e, talvez por isso, torna-se uma ferramenta auxiliar no desenvolvimento do próprio trabalho intelectual.²³⁹ Por meio da análise dos cadernos de notas, foi possível acompanhar uma escrita embrionária em que se observam as tentativas e estratégias de organização.

Fruto do trabalho intelectual e criativo do autor, os cadernos expressam ainda, uma certa visão de mundo, sendo parte de sua experiência profissional. Ao invés de apenas replicar as ideias, Senna buscou estabelecer conexões entre elas, de modo a recuperar as informações posteriormente. Essa é uma característica que diferencia o seu trabalho de outros e contribui para dialogar com as tensões e representações de seu tempo.

Nessa direção, o interesse por essa dimensão prática e material da escrita de Nelson de Senna sugere o quanto seu exercício intelectual esteve voltado para a construção de um conhecimento que à época configurava-se num trabalho historiográfico. Assim, buscamos acompanhar o seu exercício acumulativo orientados pelo contexto político-intelectual que caracterizou o caminho investigativo e a postura adotada. Logo, a forma como dialoga com as fontes bibliográficas diz muito sobre ele, inclusive, sobre a percepção de que havia algo a dizer que não vinha sendo dito.²⁴⁰

No processo de construção de sentido, Senna percorreu caminhos que lhe possibilitaram construir as condições de anúncio, figurando-se entre nomes de prestígio intelectual, como Gilberto Freire (1900-1987); Arthur Ramos (1903-1949); Antenor Nascentes (1886-1972); Renato Mendonça (1912-1990); Jacques Raimundo (?-1960); Cândido de Figueiredo (1846-1925); Rocha Pombo (1857-1933), dentre outros. Na página introdutória do volume I do caderno de notas, apresenta-se uma extensa lista bibliográfica em que fez referência aos trabalhos dos estudiosos acima, afirmando ter sido fonte de estudo para fundamentar suas ideias. Em alguns momentos, parecem funcionar como extensão de sua própria voz. Segue abaixo as duas primeiras páginas do índice bibliográfico utilizado na construção do trabalho vocabular.

²³⁹ O processo de escrita tem sido pensado não apenas como um resultado de etapas, mas, sobretudo, como um complexo caminho de descobertas em que as anotações apresentam-se como “manifestação física do pensamento”, de modo a gerar outras ideias e pensamentos. Ver: CRUZ, Robson Nascimento da; REZENDE, Junio. A escrita de notas como artesanato intelectual: Niklas Luhmann e a escrita acadêmica como processo. *Pro-Posições*, Campinas, v. 34, p. 2023.

²⁴⁰ Tal perspectiva é identificada nos discursos, quando ele mesmo explicou as razões de seu interesse pelos *africanismos*, em que trataremos mais adiante. Essas características permitiram que suas ideias alcançassem diferentes círculos político-sociais, travando uma luta em vários fronts – talvez, o principal deles, fosse a obstinada reivindicação pela presença dos africanismos na língua falada no Brasil.

As indicações bibliográficas podem ser tomadas como uma forma de escrita que confere ao autor um espaço de segurança e, ao mesmo tempo, pertencimento. Podemos pensar alguns aspectos complementares dessa dupla dimensão, sendo, a primeira, uma forma de dialogar com os autores, mostrando que as opiniões que constam em seu trabalho foram sustentadas pelas fontes consultadas. A segunda, diz respeito ao esforço de reconhecimento, sendo foco não somente da escrita, mas também de projeção pública junto aos principais grupos político-intelectuais.

Sob a emergência do projeto republicano, o universo político-intelectual esteve marcado por disputas e tensões. Atrelado ao discurso modernizador, o período assumiu a prerrogativa científica, sendo responsável por definir os rumos da população miscigenada no país. Nessa direção, muitos intelectuais e intérpretes do pensamento social brasileiro à época, assumiram protagonismo, como é o caso do médico e antropólogo brasileiro Arthur Ramos, que produziu diversas obras, dentre elas, *O negro brasileiro* (1934) e *O folclore negro no Brasil* (1935); o filólogo e diplomata Renato Mendonça, com o trabalho *A influência africana no Português do Brasil* (1933); e o antropólogo Gilberto Freyre, com a obra *Casa Grande & Senzala* (1933), citados no índice bibliográfico elaborado por Nelson de Senna.

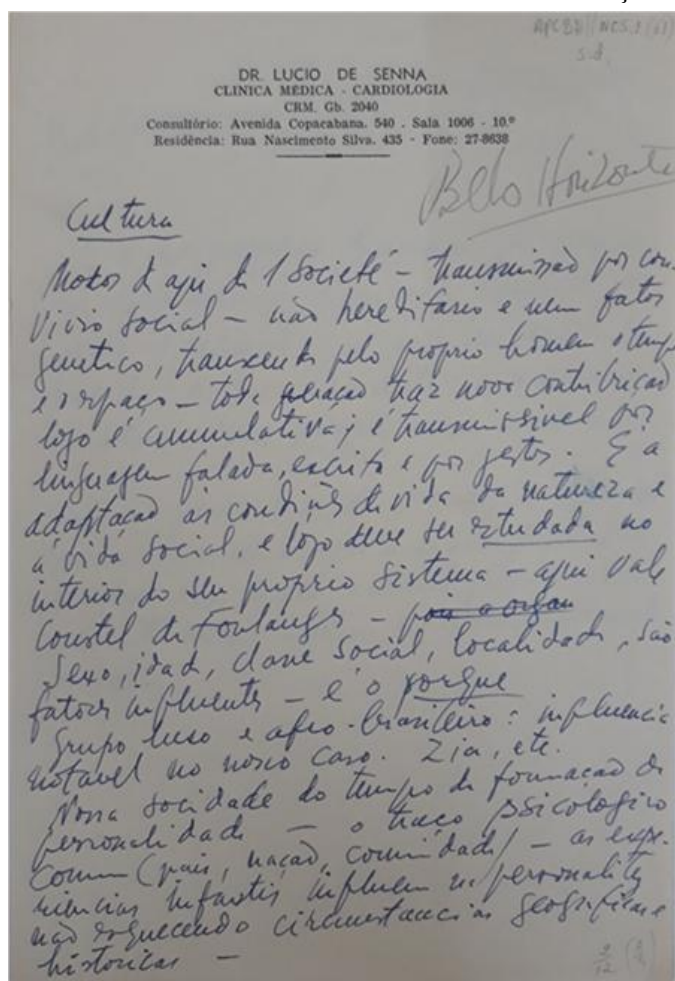
Desse modo, a mobilização de um extenso e diversificado repertório bibliográfico demonstra a capacidade de transitar entre diferentes fontes teórico-científicas, que lhe possibilitaram construir diálogos e divergências. A partir do registro de vocábulos e da recuperação de informações histórico-culturais presentes nessas fontes, Senna compôs seu acervo vocabular que parece ter funcionado como um índice ou sistema de referências. Além disso, a maneira de organizar o trabalho intelectual carrega em si uma função prática, em que torna os cadernos fontes de constantes pesquisas para escritas posteriores.

Este processo demandou um trabalho do tipo artesanal, ora imprimindo a construção de pensamentos mais sistemáticos, ora subsidiando experiências de outros intelectuais. Assim, a tomada de notas parece ser o passo inicial na elaboração do arquivo vocabular, precisando à escrita, uma função prática, como quem procura dar-lhe um destino. Para isso, anotava insistentemente, buscando complementá-lo com acréscimos, substituições e reescritas, de modo a gerar novas informações. Conforme observa-se abaixo.

No trabalho cotidiano de armazenamento, as marcas desse labor vão ganhando forma e conteúdo, e o empenho deliberado sugere o quanto o exercício de escrita se manteve constante, permitindo-lhe a catalogação de um complexo conjunto vocabular. Nesse artesanato, os cadernos permitem-nos ainda, acompanhar o próprio percurso do trabalho intelectual, evidenciando o modo como seu produtor se posicionava diante das questões que se apresentavam à época.

Ainda na esteira de seu exercício acumulativo, pode-se observar a presença de papéis pessoais, como a utilização de folhas de receituário médico, versos de envelopes de correspondências, dentre outros. No exemplo abaixo, verifica-se a utilização do papel-receituário do cardiologista Lúcio Octavio de Senna, filho de Nelson de Senna. Nele, o intelectual fez anotações referentes à linguagem falada e escrita no Brasil, fazendo menção às contribuições luso e afro-brasileiras. Uma espécie de anotação instantânea que parece se constituir no momento em que as ideias ganham lume. Conforme o exemplo a seguir.

Figura 37 – Folha do receituário do filho Lúcio de Senna com anotações para o *Elucidário*



Fonte: Correspondências. Acervo:APCBH/Fundo de Nelson de Senna/APCBH – NCS.2.

[TRANSCRIÇÃO]

Cultura

Modos d'aqui di l Societé – transmissão por convívio social – não hereditário e nem fator genético, transcenda pelo próprio [?] o tempo e o espaço – toda filiação traz nova contribuição logo é acumulativa, é transmissível por linguagem falada, escrita e por gestos. É a adaptação às condições de vida da natureza e à vida social, logo deve ser estudada no interior do seu próprio sistema – aqui vale Fustel de Coulanges – sexo, idade, classe social, localidade, são fatores influentes – é o porque grupo luso e afro-brasileiro: influência notável no nosso caso. Zia, etc.

Nossa sociedade do tempo de formação de personalidade – o traço psicológico como (país, nação, comunidade/ as experiências infantis influem na personalidade, não esquecendo circunstâncias geográficas e históricas.²⁴¹

Afim de percorrer o universo investigativo de Nelson de Senna, dedicamos atenção na exibição de alguns verbetes que possibilitam uma visão mais geral do trabalho de elaboração vocabular. Por ser um trabalho produzido em períodos e circunstâncias variadas, o material encontra-se com anotações posteriores, substituições e palavras riscadas, indicativos das constantes tomadas de decisão do autor. Além disso, essa prática configura a complexidade do processo de escrita e elaboração de uma obra, assumindo características que exibem o modo como seu produtor construiu seu acervo.

Não se trata propriamente de uma análise de crítica genética, embora tenhamos estabelecido diálogo com os estudos linguísticos, através do trabalho de Almeida,²⁴² contribuindo significativamente para o enfrentamento do material lexicográfico organizado por Nelson de Senna. A partir da proposta de uma edição crítico-genética, a pesquisadora chamou a atenção para um conjunto de “incidentes redacionais”,²⁴³ compostos por acréscimos, supressões, substituições, deslocamentos e/ou transferências e reescritas, que configuram as diversas fases que compõem o processo de escrita.

Na composição geral dos verbetes, observa-se a ausência de uniformidade na identificação das palavras de entrada (ou cabeça de verbete), sendo essas compostas por variações semânticas, acepções lexicográficas e diferentes atribuições aplicadas ao uso cotidiano. Assim, na intenção de acompanhar parte desse trabalho, exibimos alguns verbetes

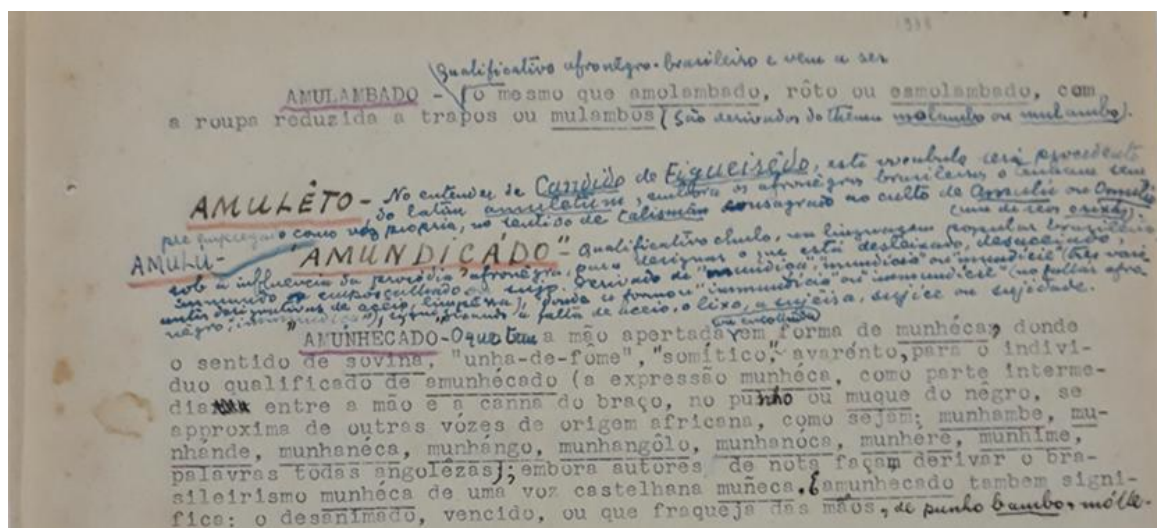
²⁴¹ Nelson de Senna ensaja uma concepção ancorada nas ideias do historiador francês Fustel de Coulanges, para quem a análise sobre a natureza e origem do direito de sucessão entre os antigos, estaria ligado à responsabilidade de manutenção e transmissão do legado de seus ancestrais para as gerações futuras, através dos bens culturais. Essa é uma questão interessante retomada pelo intelectual mineiro. Ver: GUARINELLO, Norberto Luiz. Modelos teóricos sobre a cidade do Mediterrâneo Antigo. In: FLORENZANO, Maria Beatriz & HIRATA, Elaine Farias Veloso (org.). Estudos sobre a cidade antiga São Paulo: Edusp, 2009, p. 109-119.

²⁴² ALMEIDA. *Elucidário de africanismos*.

²⁴³ ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002; SALLES, Cecília A. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 3. ed. rev. São Paulo: EDUC, 2008. (Série Trilhas).

registrados no *Elucidário de africanismos*. No trabalho de seleção dos vocábulos, buscamos privilegiar um movimento mais aleatório, a fim de proporcionar uma visão mais geral de seu ordenamento e organização vocabular. Conforme indicado abaixo.

Figura 38 – Reprodução ampliada dos verbetes *amulambado*, *amulêto*, *amulú*, *amundiçado* e *amunhecado*



Fonte: *Elucidário de Africanismos: vocabulário de africanismos e afro-negrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana. Letra A-Z. Incompleto. 1938. Folhas Avulsas. Manuscrito, recortes de jornais. APCBH, NCS.3 (3), f. 57.*

[TRANSCRIÇÃO]

AMULAMBADO – qualitativo afro-negro brasileiro e vem a ser o mesmo que amolambado (são derivados do termo molambo ou mulambo).

AMULÊTO – No entender de Candido de Figueiredo, este vocábulo será proveniente do latim, amuletum, embora os afro-negros brasileiros o tenham sempre empregado como voz própria, no sentido de talismã consagrado ao culto de amulú ou omulio (um de seus orixás).

AMUNDICADO – Qualificativo chulo, na linguagem popular brasileira, sob a influencia da prosódia afro-negra, para designar o que está desleixado, desaceiado, imundo, emporcalhado ou sujo. Derivado de “mundicu”, “mundicia” ou “mundície” (tres variantes designativas de acêio, limpeza, vindo se formou “imundícia” ou “imundície” (nas falas afro-negro “imundiça”) aqui, ficando a falta de aceio, o lixo, a sujeira, sujice ou sujidade.

AMUNHECADO – O que tem a mão apertada, em forma de munheca, donde o sentido de sovina, “unha-de-fôme, somítico”, avarento, para o infividuo qualificado de amunhecado (a expressão munheca, como parte intermedia entre a mão e a canna do braço, no punho ou muque do nêgro, se aproxima de outras vózes de origem africana, como sejam: munhambe, munhande, munhanéca, munhango, munhangôlo, munhanóca, munhere, munhime, palavras todas angolêzas; embora autores de nota façam derivar o brasileiroismo munheca de uma voz castelhana muñeca. (amunhecado também significa: o desanimado, vencido, ou que fraqueja das mãos, de punho bambo, molle).

Chamamos a atenção para o modo como o autor incorpora ao texto a bibliografia consultada. Nesse sentido, seu trabalho envolve um processo complexo de criação, em que a mediação e a produção do conhecimento encontram-se indissociáveis, configurando um

trabalho original e, ao mesmo tempo, complexo. No exemplo acima, o verbete *amulêto* foi acrescentado posteriormente à mão e faz menção ao renomado filólogo e gramático português Cândido de Figueiredo (1846-1925),²⁴⁴ valendo-se da definição etimológica deste. Nos verbetes subsequentes, *amundiçado*, *amunhecado*, Senna indica possíveis variações semânticas, chamando atenção também para as variações gráficas das palavras introduzidas ao português brasileiro.

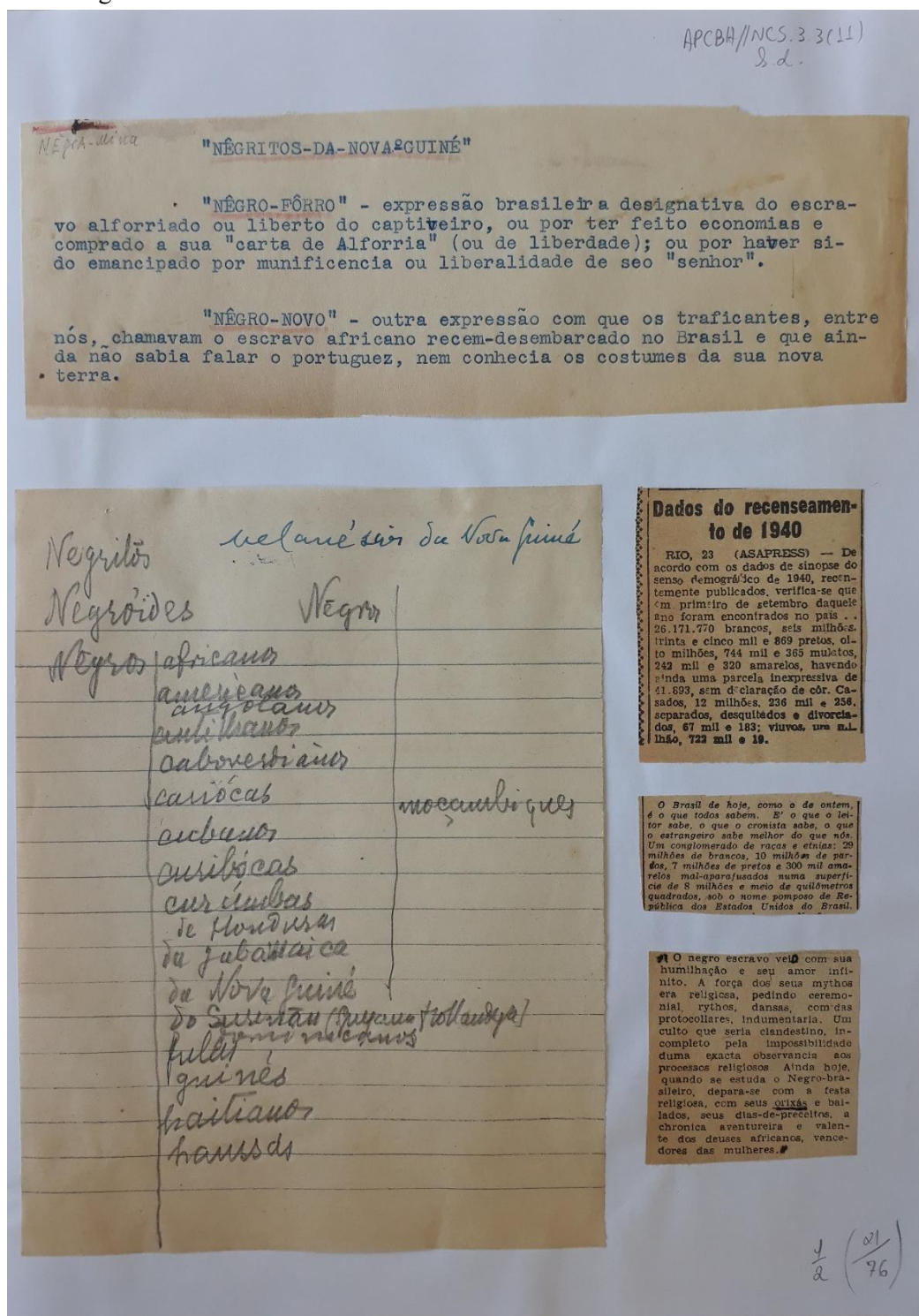
Segundo a natureza das informações nele contidas, revela-se um duplo movimento. Inicialmente, parte-se do levantamento bibliográfico, baseando-se no cotejo das palavras e termos obtidos em dicionários, manuais e obras especializadas, posteriormente, estabelece-se as condições de sua classificação e aplicação. Como recurso metodológico, o caráter referencial confere legitimidade ao trabalho, participando ativamente da construção de sentido. Além disso, atesta credibilidade, demonstrando que aquele conteúdo esteve circulando em outras fontes, indicando ser uma preocupação constante no processo de constituição do *Elucidário*.

Se observado o manejo com as fontes bibliográficas, podemos afirmar ainda, que o autor não se deixou levar pelo automatismo de sua prática acumulativa, antes, buscou garantir organicidade ao seu pensamento. Nessa direção, podemos indicar o uso constante de informações da imprensa periódica, exibidos através dos recortes de jornais colados juntos aos verbetes, dando indícios de uma prática de acumulação complementar.

Como parte do exercício intelectual, a referenciação²⁴⁵ faz parte do processo “colaborativo”, expressando uma ideia de troca e dinamismo que envolve a prática discursiva. Também considerada como um conjunto enunciativo das escolhas e enfrentamentos que envolvem a produção do sujeito, consiste na defesa dos argumentos e hipóteses que se pretende sustentar, oferecendo respaldo para sua comprovação. Nesse sentido, as informações contidas nos recortes de jornais estabelecem uma relação direta com a escrita do autor, muitas vezes complementando-as. No ato de organizar suas ideias, as colagens cumprem papel argumentativo, resultando nas possibilidades de conexão e diálogo do autor com suas fontes. Como é o caso do exemplo a seguir.

²⁴⁴ O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, publicado em 1899 pela editora Livraria Editôra Tavares Cardoso & Irmão, teve sucessivas reedições por várias editoras até a 25ª edição, em 1996. Ver: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira; NEVES, Guilherme Pereira das. A Biblioteca de Francisco Agostinho Gomes: a permanência da Ilustração luso-brasileira entre Portugal e Brasil. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 165, n. 425, p. 11-28, out./dez. 2004.

²⁴⁵ Estamos a considerar a referenciação como parte do exercício intelectual, utilizado para reforçar e sustentar argumentos, ideias e/ou estabelecer diálogos teórico-conceituais na construção textual. Ver: MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-32.

Figura 39 – Folha avulsa de número 21 da versão datiloscrita do *Elucidário*

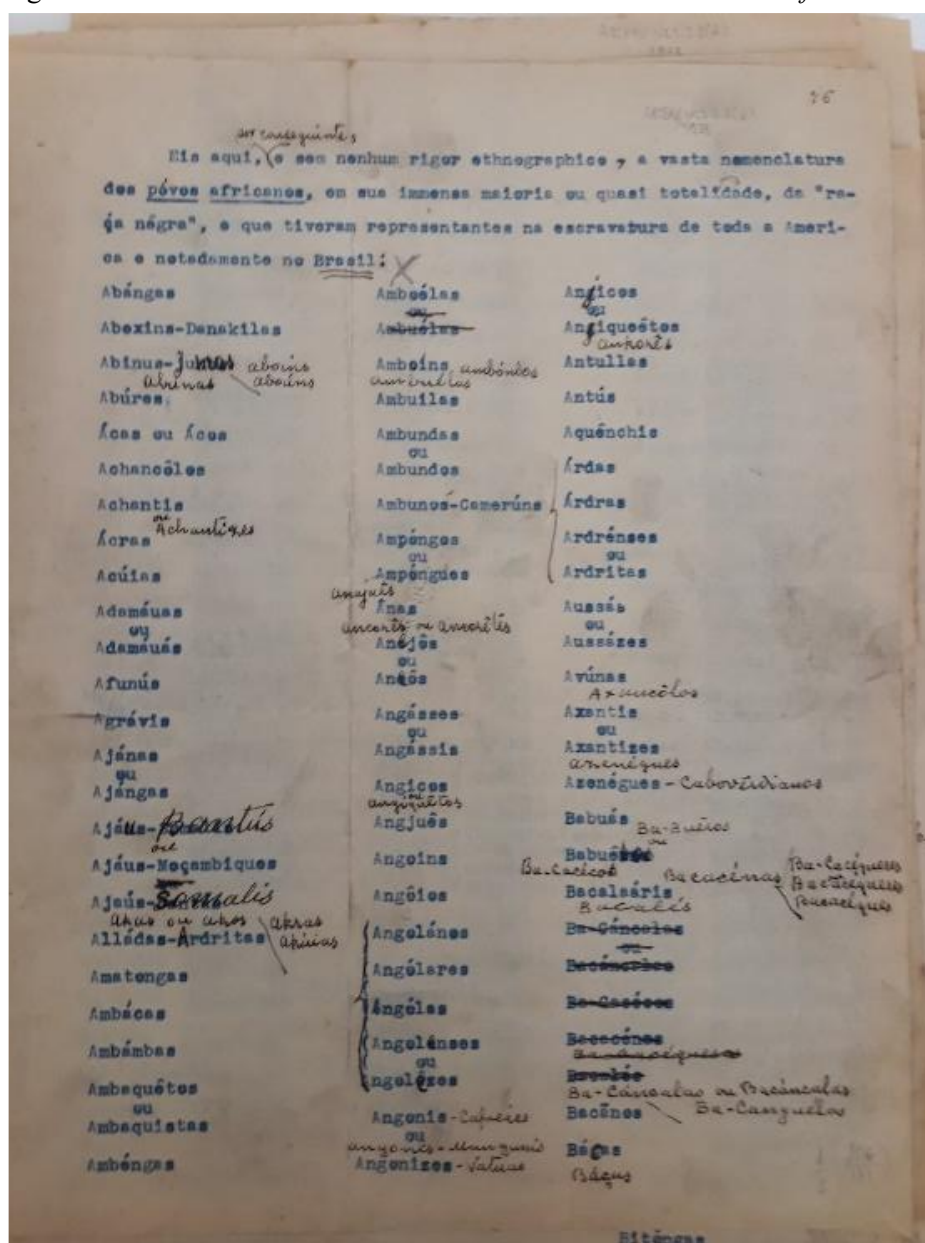
Fonte: Vocabulário de africanismos: dicionário de termos africanos. Letra B-D; F-J; N-R. Folhas Avulsas. APCBH, NCS.3.3 (11).

Na página exibida acima, observa-se uma disposição física, em que o processo de colagem reúne diferentes suportes, indicando o modo como construiu seu pensamento. À esquerda, a folha de caderno pautada e escrita a lápis apresenta uma lista com a entrada de negros africanos na América; à direita, os três recortes de jornais exibem informações referentes

aos dados de recenseamento da população miscigenada no Brasil, além de indicações sobre a presença de elementos culturais africanos na formação brasileira. Esses elementos constituem a matéria-prima do trabalho vocabular e complementam o labor artesanal.

No processo de dar significado e contexto às informações referenciadas, reforçamos, ainda, seu entendimento quanto às diversas etapas do processo de elaboração do trabalho intelectual, além da habilidade de transitar por diversas áreas do conhecimento, extraindo e compilando dados para adaptá-los às suas necessidades, está presente um certo colecionismo vocabular.

Figura 40 – Folhas avulsas da versão datiloscrita do *Elucidário de Africanismos*

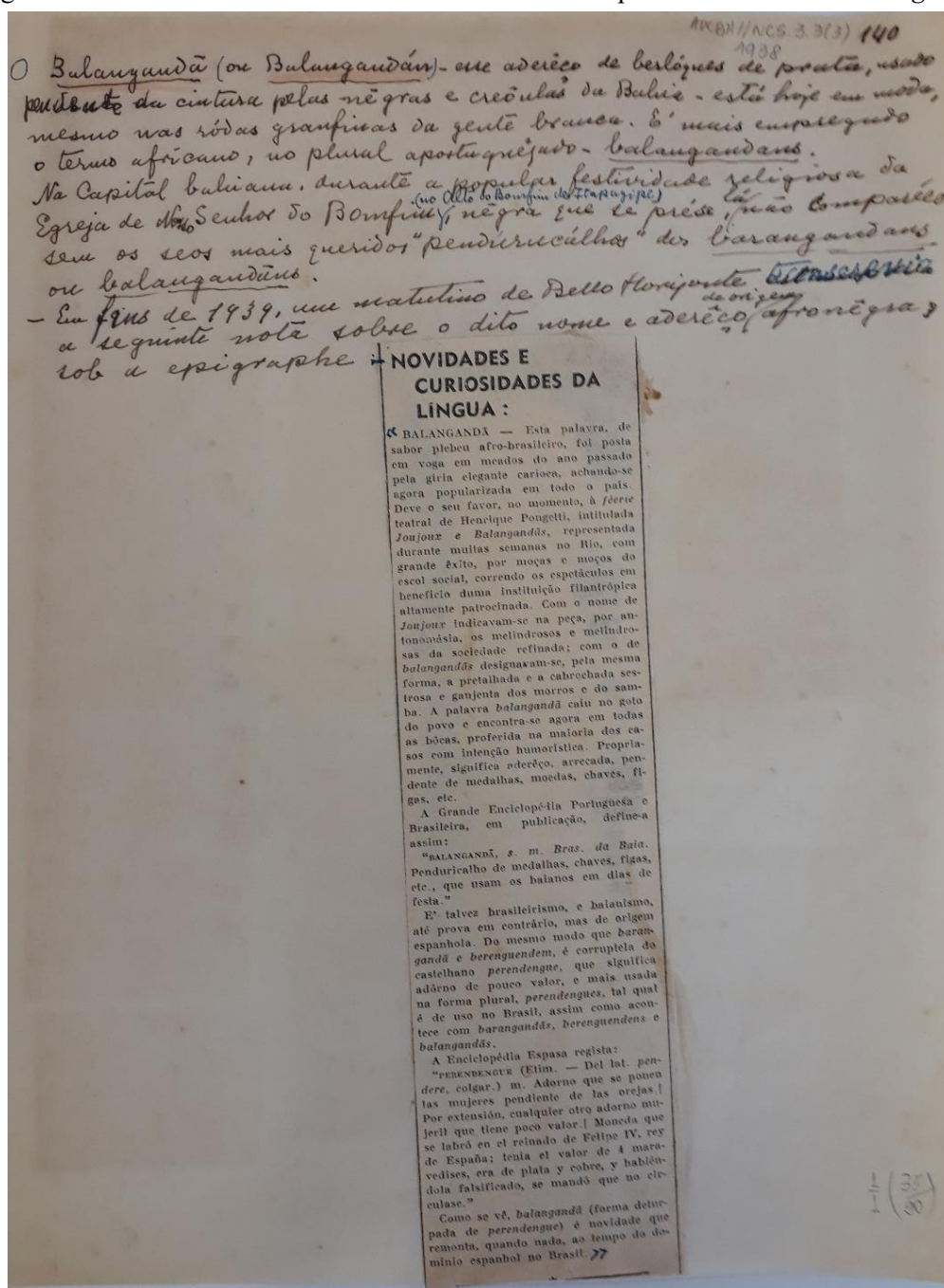


Fonte: *Elucidário de Africanismos*: vocabulário de africanismos e afronegrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana. Letra A-Z. Incompleto. Folhas Avulsas. Manuscrito, recortes de jornais.

APCBH, NCS.3 (3).

No exemplo abaixo, após indicar uma definição da palavra de entrada *balagandã*, Nelson de Senna apresenta, em seguida, um recorte de jornal, intitulado “Novidades e curiosidades da língua”, referente ao mesmo vocábulo. Como uma ação prática, explorou definições e classificações semânticas, articulando o conhecimento produzido ao conhecimento apreendido, de modo a estabelecer um diálogo direto. Nessa perspectiva, a competência em relacionar um conjunto de recursos e saberes possibilitou-lhe impulsionar sua escrita.

Figura 41 – Folha avulsa datiloscrita do Elucidário correspondente ao verbete *balangandã*



Fonte: Elucidário de Africanismos: vocabulário de africanismos e afro-negrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana (A-Z). Incompleto. Folhas Avulsas. Manuscritos, recortes de jornais, 1938.

De uma maneira geral, a prática de apresentar uma definição e sua aplicação ao cotidiano parece indicar uma compreensão linguística que se estabelece no diálogo com as questões culturais. Desse modo, a língua é tomada aqui num sentido alargado, para designar a coexistência de uma pluralidade de elementos que compõem a miscigenação e a cultura brasileira. Essa ideia reflete seu entendimento sobre a língua numa perspectiva mais ampla, em que afirma ter recolhido “muitas mil palavras brasileiríssimas”, presentes:

na nossa flora, fauna e avifauna, no nosso folk-lore, usos e costumes regionaes, nos mythos e tradições indigenas e africanas, caipirismos, termos da gíria, nomes locaes ou toponymos geographicos, alimentos, bebidas e pratos nacionaes, dansas, cantigas e folguêdos, typos e cruzamentos raciaes doenças, supertstições e credices, armas e embarcações, alcunhas e cacoêtes, termos ruraes e de mineração, neologismos formados cá no Brasil, etc.²⁴⁶

Portanto, podemos sustentar o argumento de que seu artesanato intelectual é mais do que uma técnica de obtenção de dados, sendo entendido como uma atitude consciente de escrita e elaboração de seu pensamento. E, mais ainda, demonstra a relação do artesão com o seu exercício acumulativo, mediado pelo esforço e pela preocupação com o que fabricava. Esses aspectos garantiram-lhe, um processo contínuo de trabalho e construção de seu acervo histórico-linguístico.

Assim, nesse lugar afeito ao informe, soube dar vida às palavras e movimento às ideias. Seu projeto em construção resulta do atrito entre escritas, arregimentado por um obstinado trabalho operário, diuturno. Sobre sua prática escriturária, é menos um projeto inacabado que um horizonte de oportunidades investigativas. Nesse sentido, seu artesanato intelectual contribui para refletir o sentido e a escrita da história em Nelson de Senna, permitindo-nos identificar uma certa aproximação com a ideia de uma história marcada pelo colecionismo.²⁴⁷ Da perspectiva que fundamenta e impulsiona o trabalho vocabular, buscamos, na próxima seção, acompanhar as críticas lançadas aos renomados estudiosos da língua no Brasil, em que assumiu claras intenções ao embrenhar-se no emaranhado ninho das águias.

²⁴⁶ SENNA. *Africanos no Brasil*, p.

²⁴⁷ MOMOGILANO, Arnaldo. História antiga e o antiquário. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 21, n. 39, p. 19-76, jul. 2014.

3.2 No ninho das águias

Sempre que ouço e leio dizer-se que, cá e lá, assim no jovem e vastíssimo e populoso Brasil, como no velho, pequeno e glorioso Portugal, só deva existir uma única língua, para ser escripta e falada de uma só maneira, enquadrada na imutável rigidez dos mesmos moldes syntacticos, gráficos e orthograficos para os dous povos tão separados pelo Oceano e tão distanciados, territorialmente, um do outro: eu me pergunto a mim próprio si os que tal afirmativa sustentam estarão de boa fé e certos de seo audacioso juízo.²⁴⁸

Foi com a certeza de que seu trabalho trazia grande contribuição histórico-linguística e cultural que Nelson de Senna dedicou-se por décadas à pesquisa e catalogação vocabular. Sem deixar de lado o papel político que pretendia desempenhar, assumiu participação no debate público, adentrando-se nos principais centros intelectuais da década de 1930, marcados pelas disputas e dilemas da miscigenação no país.

Do desafio que impôs a si mesmo, de desvelar as riquezas dos falares africanos no português do Brasil, advertiu a comunidade intelectual acerca do tratamento dado à presença dos africanismos na língua e na cultura brasileira. Encaminhando-se na defesa das múltiplas “vozes e falas” presentes no português brasileiro, defendeu a existência de uma incompatibilidade numérica que, segundo ele, os grandes estudiosos haviam negligenciado.

Na ênfase dada ao quantitativo de palavras e termos registrados por ele, defendeu a presença de uma vastidão vocabular não contemplada nas obras dicionarizadas produzidas até aquele momento. Para demonstrar essa incongruência, Nelson de Senna procurou colocar em relevo um minucioso levantamento toponímico e corográfico brasileiro e, especialmente, mineiro, realizado através dos vários estudos demográficos e etnográficos. Essas pesquisas remontam às primeiras décadas do século XX, quando iniciou seu trabalho sobre o léxico vocabular luso-africano, juntamente com outros estudos produzidos à época, como os *indigenismos* e os *brasileirismos idiomáticos*. Tornando-se uma referência para os estudos posteriores, inclusive, para o *Elucidário de Africanismos*.²⁴⁹

Esses estudos possibilitaram-lhe fundamentar suas críticas e estabelecer um lugar de projeção futura, quando da publicação da obra *Africanos no Brasil*. O interesse em conhecer o

²⁴⁸ SENNA. *Elucidario de Africanismos*, p. 3.

²⁴⁹ O conjunto documental intitulado “Toponímia e Corografia Mineira e Brasileira” encontra-se organizado na série *Estudos Temáticos* e reúne estudos sobre o vocabulário geográfico brasileiro e mineiro, a influência africana na toponímia brasileira, as denominações locais do território mineiro, os estudos histórico-etimológicos afro-brasileiros, as nomenclaturas de localidade e povoações do estado. Ver: APCBH. *Inventário do arquivo pessoal Nelson Coelho de Senna*, p. 47-49.

universo lexicográfico brasileiro parece ter lhe acompanhado em toda a sua trajetória político-intelectual, revelando-se nas preocupações manifestadas publicamente. Por conta disso, defendeu a forte presença das muitas “vozes e falas” advindas das diferentes fontes alimentadoras da língua portuguesa de Portugal. Afirmando que,

O enriquecimento do Vocabulário brasileiro provém, como é sabido, da formidável contribuição destas seis fontes alimentadoras da riqueza vocabular e que, por ordem alfabética, vamos enumerar: I – os “africanismos (e incluindo nestes muitos nomes *afro-arábicos*, *indo-asiáticos* e até *maláio-polynésicos*, que chegaram até cá ao Brasil por via do “tráfico africano”); II – os “americanismos” (vocábulo “ameríndios” de povos primitivos continentes da raça acobreada ou “vermelha”, do Novo Mundo, desde o Norte, Centro e Sul-Americanos, inclusive as Antilhas); III – os “brasileirismos” propriamente ditos (uma avalanche de termos de gíria, idiotismos, vocábulos novos, de criação popular, do linguajar regional tão variado pelas suas expressões e nomes peculiares a cada zona brasileira); IV – os “indigenismos” (manancial abundante de nomes, de expressões e termos brasílico-selvagens, derivados de vozes *tupy-guarany*s e *tapuyas*, aqui incorporadas desde os primeiros tempos coloniais à linguagem luso-brasileira); V – os “neologismos” (em sua maior parte de origem erudita ou científica e tirados muitas vezes de fontes gréco-latinas); VI – os “peregrinismos” ou “exrangeirismos” (termos de alimentos, bebidas, armas, artefactos diversos, artes, commercio, costumes, diversões, esporte, indumentária, indústria mecânica, modas, usos, turismo, viagens, etc.), incluindo-se neste sexto grupo todas as palavras e expressões exóticas que nos têm vindo da Alemanha, da America anglo-saxônica, da França, da Inglaterra, das nações hispano-americanas e até de povos do Levante e Extremo-Oriente, através do intercambio comercial e das correntes imigratórias que, a partir de 1818, até hoje têm se encaminhado para o nosso paiz, aqui introduzindo e infiltrando na linguagem portuguesa falada no BRASIL centenas de expressões e de termos anglo-americanos, castelhanos, francezes, germânicos, itálicos, nippões, orientaes, slavos, em geral, syrio-libanezes, turcos, etc.²⁵⁰

Ao indicar um panorama da influência africana na formação do povo, dos costumes e da língua no Brasil, Nelson de Senna direcionou sua crítica aos renomados gramáticos e filólogos, buscando demonstrar o “notório descaso com que passam sobre tal assumpto”.²⁵¹ Desse modo, conferiu publicidade à sua análise, primeiramente, através da tese apresentada na *Semana de Estudos Afro-brasileiros*, realizada em Belo Horizonte por ocasião do Cinquentenário da Lei Áurea,²⁵² posteriormente, através da publicação da obra *Africanos no Brasil*, ambos realizados em 1938.

²⁵⁰ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 69-70. Grifos do autor.

²⁵¹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 74.

²⁵² De acordo com as atas do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, o programa oficial da *Semana de Estudos Afro-brasileiros* esteve distribuídos em vinte 20 teses temáticas. O evento foi organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), sob a presidência do professor Aníbal Pinto Matos (1886-1969), juntamente com o apoio da Sociedade Mineira de Belas Artes.

Em sua avaliação, os reflexos dessas fontes idiomáticas seriam derivadas do fluxo comercial e migratório advindo do processo colonizador português. Essas, provenientes da presença de centenas de expressões e de termos resultantes das diversas fontes alimentadoras do português no Brasil, com destaque para a maciça presença dos povos africanos. Logo, o fenômeno linguístico se deu em detrimento do processo de miscigenação racial, reunindo uma diversidade cultural que se manifestou nas múltiplas tradições que diferenciam os falares populares identificados por meio dos regionalismos brasileiros.²⁵³

Portanto, seu discurso foi construído buscando demonstrar o resultado do seu esforço de catalogação vocabular, e, exatamente por isso, suas implicações encaminhavam-se na incongruência do número de palavras que haviam sido registradas por esses estudiosos. Ao abordar a questão numérica, Nelson de Senna trouxe outros elementos que contribuíram para a compreensão desse debate. Naquele momento, a questão dos africanismos e/ou regionalismos linguísticos assumiam contornos nacionais, sendo discutida nos principais centros intelectuais do país. Nessa conjuntura, afirmava a insuficiência do cômputo de palavras de matriz africana nas obras dicionarizadas, publicadas até então. Concluindo que,

A notória insuficiência ou deficiência dos léxicos organizados em Portugal, ainda mesmo dos mais bem elaborados, em relação à riqueza vocabular assombrosamente crescente da língua portuguesa – tal como é fallada, escripta e entendida, no vastíssimo território brasileiro, por quase cincoenta milhões de habitantes – é causa directa da ignorância em que anda até muita gente culta, lá na Europa e cá na America, a proposito da importantíssima contribuição vocabular trazida ao idioma portuguez pelos numerosos povos selvagens brásílicos e pelos dôze ou quinze milhões de nêgros africanos, que para cá vieram.²⁵⁴

Para tanto, suas críticas foram dirigidas, mais precisamente, aos estudiosos da língua, como é o caso do lexicógrafo e gramático português António Pereira Cândido de Figueiredo (1846-1925), o filólogo brasileiro Antenor de Veras Nascentes (1886-1972), o diplomata e intelectual Renato Firmino Maia de Mendonça (1912-1990) e o professor e estudioso da língua Jacques Raimundo Ferreira da Silva (? -1960). Esses, foram reconhecidos pela comunidade intelectual pelo valor de suas obras e por sua contribuição para os estudos linguísticos à época.

²⁵³ Destaca-se a presença de dezenas de línguas nativas diferentes, decorrentes da diversidade indígena. Com o estabelecimento do projeto colonizador, o território brasileiro passou a ser ocupado por portugueses, e, posteriormente, com os povos africanos escravizados. A partir daí, a língua portuguesa de Portugal se fez predominante. Com o movimento republicano, a imigração europeia se intensificou, participando do português falado no Brasil, sem, contudo, deixar de reconhecer os movimentos e embates político-sociais diante da tentativa de marginalização do português brasileiro e de seus falantes. Ver: TOLEDO, A. A língua e a raça: a mestiçagem como uma ideia linguística das letras brasileiras do século XIX. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 1, p. 1-25, 2021.

²⁵⁴ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 71. Grifo nosso.

Dentre eles, Jacques Raimundo e Antenor Nascentes foram membros fundadores da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL).²⁵⁵ Alguns anos mais tarde, Renato Mendonça tomou assento como titular da cadeira de nº 19. À semelhança dos seus pares, Cândido de Figueiredo também se destacou no estudo da língua, exercendo intensa atividade intelectual em seu país. No Brasil, foi sócio correspondente (na categoria de 2º ocupante na cadeira de nº 8) da Academia Brasileira de Letras, além de membro do Centro de Ciências, Artes e Letras de Campinas e membro honorário do Grêmio Literário do Pará.²⁵⁶

Ao recuperar parte da trajetória desses intelectuais, buscamos localizar o contexto de produção e circulação dessas ideias no ambiente intelectual brasileiro, sobretudo na sua relação com as críticas realizadas por Nelson de Senna. Nessa direção, chamamos a atenção para os estudos do diplomata alagoano Renato de Mendonça, dando realce à obra *A influência africana no português do Brasil*.²⁵⁷ Publicada em 1933, mesmo ano em que foi apresentada como tese ao concurso para provimento da cadeira de Português do internato do Colégio Dom Pedro II,²⁵⁸ quando foi aprovado como catedrático. Com esse trabalho, o estudioso abriu caminho para outros, tornando-se um dos pioneiros nas pesquisas dedicadas aos africanismos.

Na obra, o autor apresentou um avultoso estudo histórico-lexicográfico em que abordou a formação étnico-linguística no português do Brasil, tendo como referência a presença das culturas africanas na língua falada. Nessa investigação, buscou explorar diferentes aspectos linguísticos, como a fonética, a morfossintaxe e o léxico, tornando numa referência para as pesquisas posteriores.²⁵⁹ Segundo ele, “um trabalho que vem incorporar aos estudos sobre as

²⁵⁵ A Academia Brasileira de Filologia foi fundada no dia 20 de agosto de 1944, em reunião realizada no Colégio Militar do Rio de Janeiro, com a presença de 30 estudiosos da língua portuguesa, dentre eles, Jacques Raimundo e Antenor Nascentes. Ver: SILVA, José Pereira. Uma breve história da Academia Brasileira de Filologia. In: Academia Brasileira de Filologia. [s.d.]. Disponível em: <http://www.filologia.com.br/novo/quemsomos.html>. Acesso em: 10 ago. 2024.

²⁵⁶ BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. Disponível em: https://tecop.bnportugal.gov.pt/np4/file/444/Ant_nio_Candido_Figueiredo.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

²⁵⁷ A primeira edição foi publicada em 1933 com o prefácio do professor e intelectual Rodolfo Augusto de Amorim Garcia (1873-1949). Este dedicou-se aos estudos linguísticos, com importantes publicações como *Nomes das aves em língua tupi*; *Dicionário de brasileirismos*; *Glossário das palavras e frases da língua tupi, dentre outras*. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras, além de Diretor do Museu Histórico Nacional e da Biblioteca Nacional.

²⁵⁸ Fundado no ano de 1837, o Colégio D. Pedro II foi uma das mais importantes e tradicionais instituições públicas de ensino do país. Sendo responsável pela formação de alunos que, mais tarde se destacaram por suas carreiras político-intelectuais, como notáveis políticos, escritores, poetas, juristas, historiadores, dentre outros.

²⁵⁹ De acordo com Borges, “há 6 edições posteriores da obra, o que sugere que a obra tem sido revisitada de tempos em tempos”. Ver: BORGES, Patrícia Souza. O contato entre o português brasileiros e as línguas africanas na visão de Mendonça (1835[1933]) e Raimundo (1933): uma análise historiográfica. *Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH: VII MiniENAPOL de Historiografia Linguística* (2013). São Paulo: FFLCH/USP, 2015. p. 34-53; BORGES, Patrícia Souza. *Línguas africanas e português brasileiro: análise historiográfica de fontes e métodos de estudos no Brasil (séc. XIX-XXI)*. 2015. 239 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

alterações do português do Brasil e deseja ardentemente contribuir para a independência e cultura do idioma nacional”.²⁶⁰

Renato Mendonça reconheceu as mudanças do português lusitano atribuindo-as ao contato étnico-linguístico entre as populações africanas e indígenas, tendo no uso popular da língua as especificidades do português brasileiro. Para isso, buscou mapear as vozes africanas que estiveram presentes no Brasil através dos “mais de quatro milhões de negros escravizados”, de modo a elaborar um estudo sociocultural marcado pelos diferentes grupos étnico-linguísticos de contato.

Em sua análise, o autor valeu-se de uma diversidade de fontes documentais, que vão desde dados estatísticos a textos literários e tradições populares. Sua contribuição concentra-se no fato de divulgar um importante estudo sobre a história e a etnografia africana na língua portuguesa, com algumas especificidades comparativas entre as muitas línguas e vozes africanas. Afirmando que, “Ao lado da contribuição genérica e imprecisa que deu o africano para o alongamento das pretônicas e a elocução clara e arrastada, deixou sinais bem seus nos dialetos do interior, principalmente”.²⁶¹

Considerado pela crítica uma obra importante para os estudos linguísticos, *O elemento afro-negro na língua portuguesa*²⁶² do intelectual e lexicógrafo brasileiro Jacques Raimundo foi publicada no mesmo ano da obra de Renato Mendonça, em 1933. O autor também foi catedrático no Colégio Dom Pedro II e no Instituto de Educação, ambos no Rio de Janeiro, e membro do Conselho Nacional de Ensino e da Academia Carioca de Letras.

Tendo como mote de análise os elementos mais propriamente linguísticos, Jacques Raimundo centrou seus esforços atendo-se aos aspectos de ordem lexicográfica, fonológica e lexical,²⁶³ reconhecendo a predominância do papel das línguas africanas na constituição do português brasileiro. O autor apresentou uma pesquisa voltada para os aspectos mais lexicográficos, atendo-se às análises comparativas das línguas africanas com o português, distanciados dos processos étnico-sociais e regionais. Nessa direção, afirmou que,

²⁶⁰ MENDONÇA, Renato. *A influência africana no Português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012. p. 16.

²⁶¹ MENDONÇA. *A influência africana no Português do Brasil*, p. 112.

²⁶² O texto original foi apresentado como monografia em concurso para a cadeira de Português do Colégio Dom Pedro II. Após sua primeira edição em 1933, foram publicadas mais seis, à segunda edição (1935) foi acrescida de dois capítulos: “O tráfico” e “O negro na literatura brasileira”, além de fotografias, novas etimologias na seção de vocabulário e mapas toponímicos. Sendo a última, de 2012, uma republicação da segunda edição (1935) e teve o acréscimo de dois capítulos pela Fundação Alexandre de Gusmão vinculada ao Ministério das Relações Exteriores (FUNAG) e foi prefaciado pela linguista Yeda Castro.

²⁶³ BORGES. O contato entre o português brasileiro e as línguas africanas na visão de Mendonça (1835[1933]) e Raimundo (1933), p. 44.

A influência das línguas sul-africanas não se restringiu apenas à copiosa importação de vocábulos primários e derivados; alargou-se ainda que escassamente, à própria sintaxe, actuando de preferência no tamanho da frase popular que resiste à polícia gramatical”.²⁶⁴

Para o estudioso, Portugal e Brasil teriam recebido os mesmos povos africanos, distribuídos em dois grandes grupos, que seriam os guineano-sudaneses e os bantos. Em sua análise, demarcou as variações do português brasileiro a partir de aspectos morfossintáticos, de modo a evidenciar a alteração da língua pelo viés semântico. Ou seja, pela influência da oralidade, identificado nas supressões de palavras e reduções frasais. Portanto, o método aplicado por ele, visava mostrar as modificações sofridas pelo português nos falares populares, com destaque para o maior contributo do quimbundo e do iorubá na conformação do português brasileiro.

O autor afirmava ainda, a “escassez do documento escrito” que tratasse propriamente dos aspectos morfossintáticos da língua. Nesse sentido, talvez esse seja um aspecto que explicaria a ausência de um maior número de palavras e termos africanistas em sua obra, tão criticada por Nelson de Senna. Conforme afirmou,

A escassez do documento escrito, a não ser limitado de modo sem dúvida imperfeito por autores de obras regionais, a remotidade da época da escravatura, não havendo já sequer um remanescente afro-negro, empecem sobremaneira a eficácia da pesquisa e observação para se determinar a influência do escravo no foneticismo e na fala popular. Todavia, estamos certos de que o negro contribuiu grandemente para os modificar na América.²⁶⁵

Se para demonstrar as especificidades do português brasileiro, Mendonça concentrou sua análise nos fatores externos, como o contato étnico-linguístico e suas implicações sociais presentes nos regionalismos, Raimundo encontrou respaldo na análise morfolinguística, se estreitando em aspectos mais estruturais da língua.²⁶⁶ De todo modo, ambos estão a considerar uma certa concepção e visão da língua que se manifesta no reconhecimento das próprias restrições e desafios de pesquisa à época. Contudo, Petter reforça que,

Em 1933, as obras *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça, e *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Jacques Raimundo, abrem, de forma organizada, o debate sobre a presença africana no português do Brasil (a partir de então PB). Retraçam o itinerário da origem dos africanos que para cá foram transplantados, de origem banto e sudanesa, e apresentam uma relação de aspectos que consideraram de origem africana no PB. Embora diferenciem-se em alguns tópicos da exposição, ambos

²⁶⁴ RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933. p. 85.

²⁶⁵ RAIMUNDO. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, p. 72-73.

²⁶⁶ BORGES. *Línguas africanas e português brasileiro*.

concluem que a maior parte de aspectos característicos do PB são devidos à influência das línguas africanas, principalmente o quimbundo e o ioruba.²⁶⁷

Portanto, afeito a uma abordagem acumulativa, Nelson de Senna estaria centrado mais propriamente no levantamento quantitativo de palavras e termos para a construção de seu *Elucidário*. Não se restringindo aos aspectos exclusivamente lexicográficos provenientes das alterações que representavam o português brasileiro. Para ele, a questão centrava-se na contribuição irrestrita das “vozes e falares” africanos provenientes da cultura de um modo geral.

Com esse entendimento, Senna serviu-se de um vasto “horizonte de retrospecto”,²⁶⁸ valendo-se de um substancial repertório bibliográfico que tomou como referência para seus estudos e críticas direcionadas aos estudiosos do período. Assim, quanto ao seu método, pode-se sustentar que seu trabalho concentrou-se muito mais no exaustivo levantamento e compilação de dados históricos, etnográficos, linguísticos, sem se preocupar tanto com uma análise mais precisa desses aspectos. Logo, podemos indicar uma característica mais próxima de um *coleccionador* de palavras, termos e expressões vocabulares, cujo intento buscava reforçar insistentemente a contribuição africana na cultura, nos modos e costumes da *gente brasileira*.

Ainda na esteira dos estudos linguísticos, sua crítica também foi lançada ao *Novo dicionário de língua portuguesa*²⁶⁹ de Cândido de Figueiredo, a quem ele mesmo reconheceu como o “mais operoso e erudito lexicógrafo lusitano”.²⁷⁰ Para demonstrar que o filólogo havia negligenciado o cômputo numérico de palavras africanas em seu dicionário, Senna buscou evidenciar a sua própria catalogação, que, segundo ele, seria representativa da “opulência africanista” na língua portuguesa.

Uma referência nos estudos linguísticos, o gramático e filólogo português Cândido de Figueiredo teve grande importância em seu país. Dentre suas atividades, foi membro da comissão encarregada de sistematizar as bases da ortografia da língua portuguesa no Brasil; sócio efetivo e presidente da Academia Real das Ciências de Lisboa; professor correspondente

²⁶⁷ PETTER, Margarida Maria Taddoni. Línguas africanas no Brasil. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, São Paulo, n. 27-28, p. 77, 2007.

²⁶⁸ BORGES, Línguas africanas e português brasileiros, 2015, p. 106.

²⁶⁹ O *Nôvo Diccionario da Língua Portuguesa* (grafia original) teve sua primeira edição portuguesa publicada em 1899, teve sete edições lusófonas, sendo a última datada de 1926. Posteriormente, sucessivas reedições foram realizadas no Brasil, chegando à 25ª em 1996. Naquele momento, seu dicionário contrapunha-se aos consagrados Dicionário da Língua Portuguesa do lexicógrafo brasileiro Antônio de Moraes Silva (1755-1824), publicado em 1789, e Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa de 1881, produzido pelos filólogos portugueses Francisco Júlio de Caldas Aulete (1823-1878) e Antônio Lopes dos Santos Valente (1839-1896) e concluída por sucessores. Ver: STRAUBE; SERIPIERRI. A resenha de Cândido de Figueiredo ao “Nomes de aves em língua Tupi” de Rodolfo Garcia e notas bibliográficas sobre esta obra. Ver: STRAUBE, Fernando Costa; SERIPIERRI, Dione. A resenha de Cândido de Figueiredo ao “Nomes de aves em língua tupi” de Rodolfo Garcia e notas bibliográficas sobre esta obra. *Atualidades Ornitológicas*, n. 135, jan./fev. 2007.

²⁷⁰ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 74

da Academia de Jurisprudência e Legislação de Madrid; sócio fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa; membro do Conselho de Instrução Pública; e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Outros pesquisadores levaram adiante o trabalho lexicográfico de Cândido de Figueiredo, como é o caso do ensaísta e historiador brasileiro Afonso d'Escragnolle Taunay (1876-1958) através da obra *Reparos ao Novo Dicionário de Cândido de Figueiredo* publicada em 1926²⁷¹ e do jesuíta e folclorista teuto-brasileiro Carlos Teschauer (1851-1930) com a obra *Novo dicionário nacional* de 1928.²⁷² Os trabalhos citados acima, confirmam que esses estudiosos haviam antecipado as críticas apontadas por Nelson de Senna, buscando dar continuidade e revisão ao trabalho daquele.

Sobre a presença dos vocábulos de origem africana na língua portuguesa, Senna argumentou que as contribuições de Taunay e Teschauer, ainda sim, deixavam muito a desejar, apresentando um cômputo numérico bem menor do que ele mesmo havia catalogado. Com a certeza de seu ineditismo, afirmou ter “duplicado seguramente a coleta feita”, pois aqueles deixavam de fora “nada menos de cem mil vocábulos brasileiros, todos bem usados e conhecidos, em nosso paiz, e perfeitamente ignorados, da banda de lá do Atlantico”.²⁷³

Para fundamentar seu argumento, apresentou uma apuração quantitativa afirmando que havia sido catalogado por ele, mais de 250 mil vocábulos enquanto a última edição publicada por Cândido de Figueiredo contabilizava um total de 183 mil palavras dicionarizadas. Portanto, até aquele momento, o seu trabalho apresentava-se como o “mais recente e copioso léxico, que possuímos”.²⁷⁴ Afirmando ainda que,

infelizmente, é forçoso reconhecer que são pouco numerosas – dentre as milhares de vozes americanas e africanas, já de há quatro seculo e tanto incorporadas ao fallar do Povo Brasileiro – as que se acham mais frequentemente dicionarizadas nos mais manuseados lexicos lusitanos, descuidózos de maiores pesquisas e indagações, nesse particular, que tanto affecta e interessa ao nosso paiz.²⁷⁵

²⁷¹ TAUNAY, Afonso E. *Vocabulario de omissões*: Colletanea de milheiro e meio de palavras correntes no Brasil, e em Portugal, não registradas [!] na terceira ed. do Novo Dicionario da língua portuguesa do Sr. Candido de Figueiredo. Tours: Arrault, 1924.

²⁷² Foi um estudioso das tradições gaúchas e uma das maiores autoridades em matéria de história, cultura indígena e etnografia do estado. Foi membro da Academia Rio-Grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.arl.org.br/academicos/quadro-academico>. Acesso em: 4 fev. 2025.

²⁷³ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 72.

²⁷⁴ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 72.

²⁷⁵ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 73.

Para enfatizar sua contribuição e reforçar ainda mais o suposto descaso dos linguistas, Senna direcionou sua crítica ao filólogo brasileiro Antenor Nascentes (1886-1972).²⁷⁶ Considerado um dos mais importantes estudiosos da língua portuguesa no Brasil, foi membro fundador da Academia Brasileira de Filologia e, em 1933, a Academia Brasileira de Letras concedeu-lhe o primeiro Prêmio Francisco Alves, como a melhor obra sobre a língua portuguesa.²⁷⁷ Consagrando-se no meio letrado, suas obras foram referência para outros estudos e dicionários brasileiros, destacando-se as obras, o *Vocabulário ortográfico* (1941), que serviu de base para obras publicadas pela Academia Brasileira de Letras e o *Dicionário etimológico de nomes próprios*, que, mais tarde, fundamentaria uma das grandes obras publicada pela academia, o *Vocabulário onomástico da língua portuguesa* (1999).

Dentre sua vasta produção, destaca-se ainda, o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, publicado em 1932, alvo das críticas do intelectual mineiro. Seu contato com linguistas estrangeiros explica o fato dessa obra ter sido prefaciada em alemão pelo filólogo Wilhelm Meyer-Lübke (1861-1936), um dos pioneiros no estudo das línguas românicas. Foi autor do primeiro *Dicionário de português* da Academia Brasileira de Letras, publicado em 1967, que serviu de base para as mudanças ortográficas da língua portuguesa no país.

Dada a envergadura e competência intelectual do linguista brasileiro, pode-se aferir sua notável atuação pública com destaque para suas publicações. Nascentes tinha o hábito de ler os autores gregos e latinos na língua original, conhecia as principais línguas românicas e fez incursões pela língua germânica e anglo-saxã, colaborando com várias revistas especializadas brasileiras e estrangeiras. Sendo notabilizado por seu conhecimento e erudição,

Por mais de 60 anos, o filólogo, no sentido mais amplo do termo: “aquele que estuda a língua em toda a sua amplitude”, Antenor de Veras Nascentes devotou-se ao estudo da Língua Portuguesa. Sua obra compreende vários dicionários e ensaios sobre o idioma português, publicados no Brasil e no exterior. [...] Estendeu suas pesquisas a vários domínios do idioma, mas foi

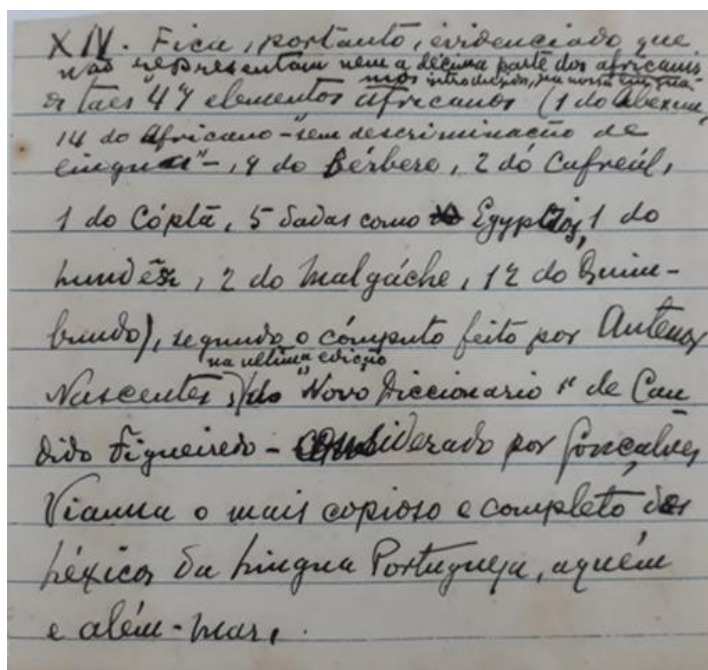
²⁷⁶ Antenor Nascentes (1886-1972) foi filólogo e linguista brasileiro, escreveu obras de repercussão internacional, foi um estudioso e profundo conhecedor da língua portuguesa. Bacharelou-se em Ciências e Letras (1902), graduou-se em Direito pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Pertenceu à Academia Brasileira de Filologia, foi premiado por sua notória competência (Prêmio Benjamim Constant), seu pioneirismo e sua erudição revelaram-se através de suas publicações. Foi ainda o autor do primeiro *Dicionário de Português da Academia Brasileira de Letras*, de 1967, e suas ideias e proposições acerca da ortografia da língua portuguesa influenciaram as bases da ortografia portuguesa atual. Ver: PENHA, João Alves Pereira. *Filólogos Brasileiros*. Franca: Editora Ribeirão Gráfica, 2002. p. 67-72; SILVA, Ana Maria da. Aspectos biográficos de Antenor Nascentes. *Revista da Academia Brasileira de Filologia*, n. 14, 2014.

²⁷⁷ PENHA. *Filólogos Brasileiros*, p. 67-72.

no estudo do léxico da língua portuguesa que dedicou maior atenção de seus estudos.²⁷⁸

Como obra premiada, o *Dicionário etimológico da língua portuguesa* tornou-o reconhecido entre os estudiosos. Não obstante ao seu reconhecimento intelectual, Nelson Senna afirmou que Antenor Nascentes havia negligenciado a contribuição africana reduzindo-a em apenas “47 elementos de línguas africanas e 102 elementos de línguas americanas”, conforme indicado no manuscrito abaixo.²⁷⁹ Isso significava que, numericamente, num universo de “mais de cem mil vocábulos” organizados pelo filólogo, ele havia publicado “pouco mais de cem palavras” de origem africana e indígena em sua totalidade. Dentre outros registros, selecionamos um pequeno manuscrito, presente no acervo do *Elucidário*, conforme indicado a seguir.

Figura 43 – Folha avulsa pautada contendo anotação sobre a crítica direcionada ao lexicógrafo brasileiro Antenor Nascentes



Fonte: APCBH, NCS 3.3 (3).

[TRANSCRIÇÃO]

XIV – Fica, portanto, evidenciado que não representou nem a décima parte dos africanismos introduzidos em nossa cultura os taes 47 elementos africanos (1 do alberem) 14 do africano – “sem discriminação de língua” –, 4 do Bérbero, 2 do Cafreul, 1 do Cópia, 5 dadas como Eyptho, 1 do Lundêz, 2 do Malgáche, 12 do Quibundo), segundo o cómputo feito por Antenor Nascentes, na última edição do “Novo Dicionário” de Cândido de Figueiredo – ~~Considerado~~ por Jornealves Viana o mais copioso e completo dos léxicos da língua Portuguesa, aquém e além-mar.

²⁷⁸ ABBADE, Celina Márcia de Souza. O filólogo Antenor Nascentes e os estudos lexicais. *Cadernos do CNLF*, v. 10, n. 11, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xcnlf/17/06.htm>. Acesso em: 10 ago. 2024.

²⁷⁹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 74 e 75.

Figueiredo – considerado por Gonçalves Vianna o mais copioso e completo dos léxicos da Língua Portuguesa aquém e além-mar.

Dos argumentos utilizados para comprovar a relevância do seu trabalho, contrapondo-se à análise quantitativa dos dados obtidos através dos dicionários de Cândido de Figueiredo e Antenor Nascentes, Senna afirmou ter duplicado o registro vocabular. Diante da ênfase dada ao seu trabalho organizado no *Elucidário de Africanismos*, Senna parece convicto e confiante, reforçando de maneira bastante eloquente sua contribuição e ineditismo. Afirmando,

*Cremos ter deixado em evidencia que esse tão mesquinho cómputo de “africanismos” é destituído de base, em face das centenas de exemplos por nós colhidos de palavras e expressões vindas, directa ou indirectamente, de “vozes africanas puras” ou de “vozes afro-arábicas” e “afro-asiáticas” para a Língua Portuguesa falada no Brasil. Em vez de uma única voz apontamos pelo menos dezoito vozes vindas para o portuguez, de lá das terras ethiopicas.*²⁸⁰

Foi, portanto, não se restringindo às classificações semânticas e/ou morfossintáticas que Nelson de Senna buscou estabelecer uma forte ligação com os elementos histórico-culturais. Nessa direção, chamava a atenção para a contribuição de vocábulos, termos e expressões presentes nos costumes da cultura popular. Em seu método de trabalho, evidenciou aspectos históricos, sociais e etnográficos das populações africanas presentes nas culturas locais e/ou regionais do país, procurando estabelecer um olhar, de certo modo, atento aos diferentes grupos, crenças e costumes.

A singularidade do trabalho de Nelson de Senna, reside em atravessar diversos domínios científicos, sempre dialogando com múltiplos campos do saber, como a etnografia, a geografia, a sociologia, a história, a linguística, a literatura. É evidente sua preocupação com a construção de uma memória e de uma identidade histórico-linguística, indicando um vasto conhecimento que coloca em perspectiva o pluralismo cultural existente no país.

Essa constatação abre outras possibilidades de leitura, podendo, assim, afirmar que o intelectual mineiro não se deteve estritamente ao quantitativo numérico dos vocábulos, possibilitando contemplar sua contribuição histórico-cultural da muitas “vozes e falas” que compõem a língua portuguesa no Brasil. Nesse sentido, não esteve sozinho, juntando-se àqueles que defendiam os africanismos e regionalismos presentes na língua falada no Brasil, conforme veremos mais adiante, no próximo capítulo.

²⁸⁰ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 104.

3.3 O intelectual e sua biblioteca

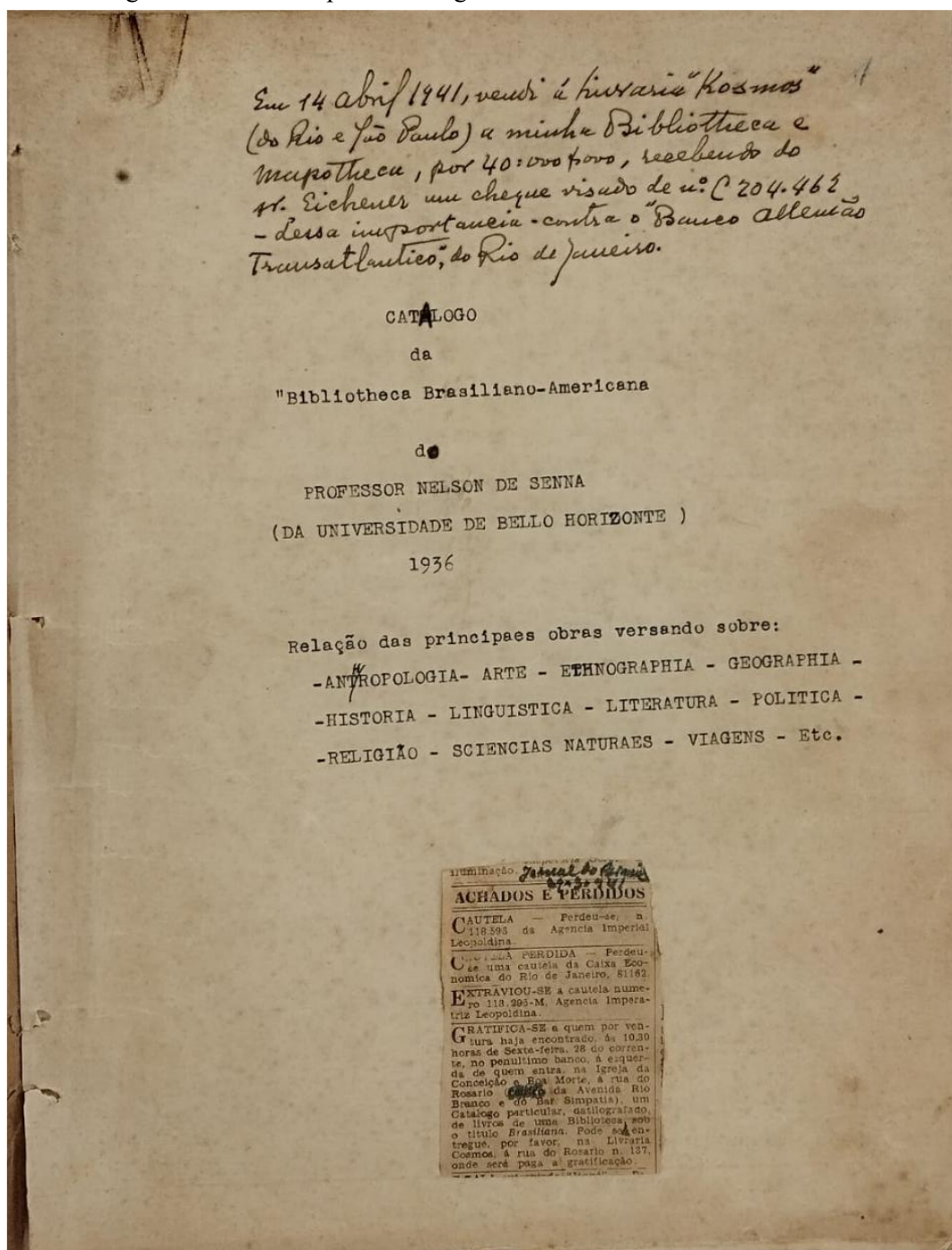
Para cada pessoa há coisas que lhe despertam hábitos mais duradouros que todos os demais. Neles são formadas as aptidões que se tornam decisivas em sua existência. E, porque, no que me diz respeito, elas foram a leitura e a escrita, de todas as coisas com que me envolvi em meus primeiros anos de vida, nada desperta em mim mais saudades que o jogo das letras.²⁸¹

O anúncio de jornal, publicado na coluna de “Achados e Perdidos” chama a atenção pela sua natureza. Nele, um indicativo de recompensa para quem tenha encontrado um “Catálogo particular, datilografado, de livros de uma Biblioteca sob o título Brasileira [...] perdido no penúltimo banco da Igreja da Conceição e Boa Morte” no centro do Rio de Janeiro. Não se sabe ao certo os trâmites que se estabeleceu para a sua recuperação, contudo, fato é, que, ele retornou ao seu titular.

À primeira vista, não se pode imaginar que ali estavam guardados as referências bibliográficas de toda uma vida, com as quais sustentou as ideais e os pensamentos do intelectual mineiro Nelson de Senna. E, exatamente por isso, tornava-se uma rica fonte de trabalho para o seu titular. Mais do que um catálogo de títulos que registrava os livros de sua biblioteca, encontrava-se um universo mental, marcado por múltiplas experiências de leitura. Abaixo a capa do catálogo “perdido” expõe o recorte de jornal que confere legitimidade ao fato relatado anteriormente.

²⁸¹ BENJAMIN, Walter. O jogo das letras. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, v. II: Rua de mão única. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa de João Barrento. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 107.

Figura 44 – Contracapa do catálogo da Biblioteca Brasiliano-Americana



Fonte: SENNA, Nelson Coelho de. Catálogo da "Bibliotheca Brasiliano-Americana do professor Nelson de Senna (da Universidade de Bello Horizonte). Belo Horizonte, 1936.

[TRANSCRIÇÃO]

ACHADOS E PERDIDOS

GARTIFICA-SE a quem por ventura haja encontrado, às 10,30 horas de sexta-feira, 28 do correspondente, no penúltimo banco, à esquerda de quem entra, na Igreja da Conceição e Boa Morte, à rua do Rosario (centro da Avenida Rio Branco e do Bar Simpatia), um Catalogo particular, datilografado, de livros de uma Biblioteca sob o título Brasileira. Pode ser entregue, por favor, na Livraria Cosmo, à rua do Rosário, n. 137, onde será paga a gratificação.

Observando as contribuições que os catálogos de bibliotecas pessoais adquiriram nos estudos sobre trajetórias intelectuais, podemos indicar uma importante fonte informativa em que estão presentes um conjunto singular de títulos com os quais muitos agentes construíram suas ideias e posicionamentos públicos. A leitura microscópica desses catálogos têm sido uma tendência cada vez mais crescente, sendo reveladora do modo como esses sujeitos pretenderam dialogar com o conhecimento e a maneira como buscaram consolidar-se intelectualmente entre seus pares.

Da singularidade presente nesses catálogos, depreende-se uma certa visão de mundo estabelecida na relação de seu titular com os livros acumulados, refletindo seus interesses e comportamentos. Nesse sentido, compartilhamos da ideia de que a biblioteca fala de seu criador, podendo através dela, “decifrar sua própria essência”, sua cultura e seus valores.²⁸² Mas a biblioteca também é máscara,²⁸³ na medida em que constrói uma imagem cuidadosamente selecionada, funcionando como um instrumento de auto representação “para si, sobre si e para os outros”.

Construída ao longo de décadas, a *Bibliotheca Brasiliiano-Americana* abrigou centenas de livros num conjunto bastante heterogêneo, composto por temas como, antropologia, arte, etnografia, geografia, história, linguística, literatura, política, religião, ciências naturais, além de dicionários e enciclopédias que correspondem a um diversificado campo do conhecimento, indicativo do vasto repertório científico-cultural de Nelson de Senna.

No estudo da marginalia e/ou anotações dos livros de sua biblioteca, alguns indícios apontam para as leituras empreendidas e/ou compartilhadas, indicando as matrizes que o ligam ao modo de pensar de uma época e legitimam seu pensamento. Nesse sentido, permite-nos compreender um conjunto de atitudes e posições assumidas ao longo de seu exercício político-intelectual.²⁸⁴ Talvez o ponto de maior relevo e inflexão esteja no ordenamento com que desejou direcionar suas ideias, colocando à prova uma volumosa lista de títulos.

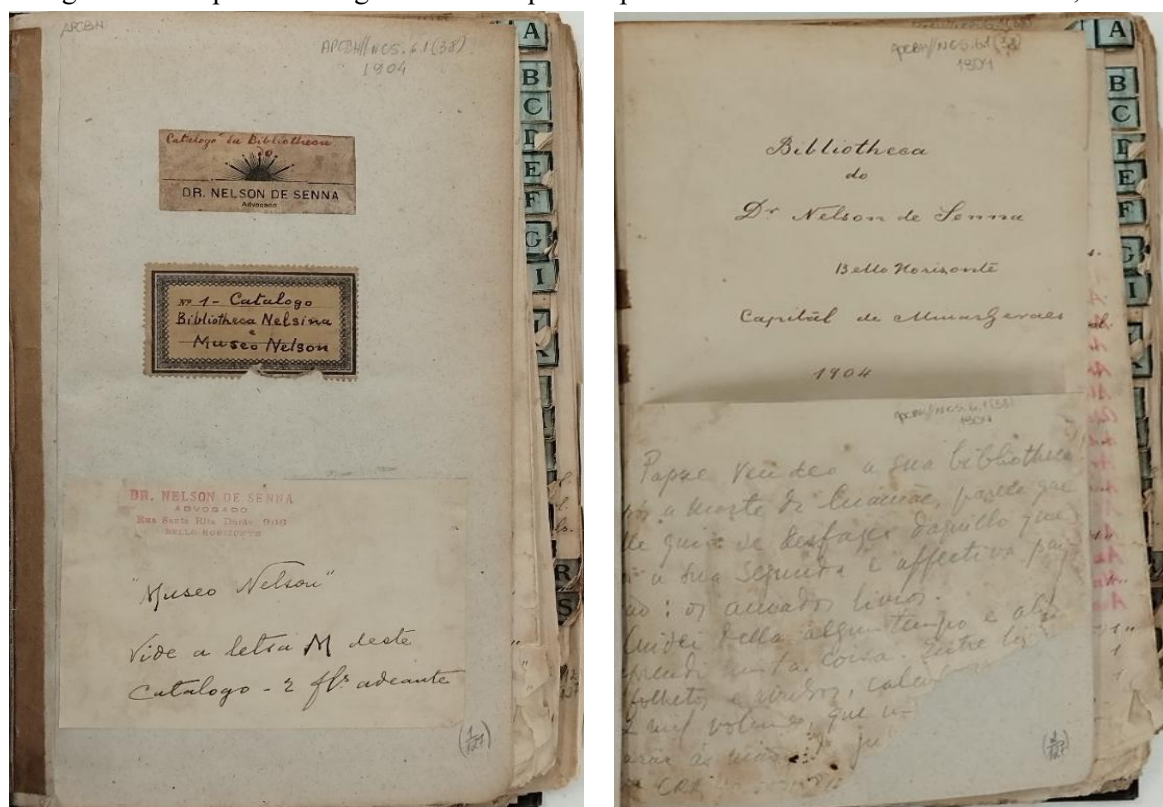
Em seu acervo pessoal estão presentes dois “catálogos” que se complementam e compõem o conjunto de obras compostas em sua biblioteca. O primeiro, manuscrito, encontra-se em formato de caderneta/agenda telefônica datado de 1904; o segundo, datilografado, datado de 1936, parece estar mais completo. Na capa abaixo, o indicativo do destino que teve sua biblioteca. Segue a seguir.

²⁸² CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priore. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 1999.

²⁸³ VENÂNCIO. *Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara*.

²⁸⁴ LOPEZ, Telê Ancona. A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo, Iluminuras/ Fapesp, 2002. p. 45-72.

Figura 45 – Capa do catálogo dos títulos que compõem a Biblioteca de Nelson de Senna, 1904



Fonte: Publicações, Obras de referência. APCBH, NCS.6.1 (38).

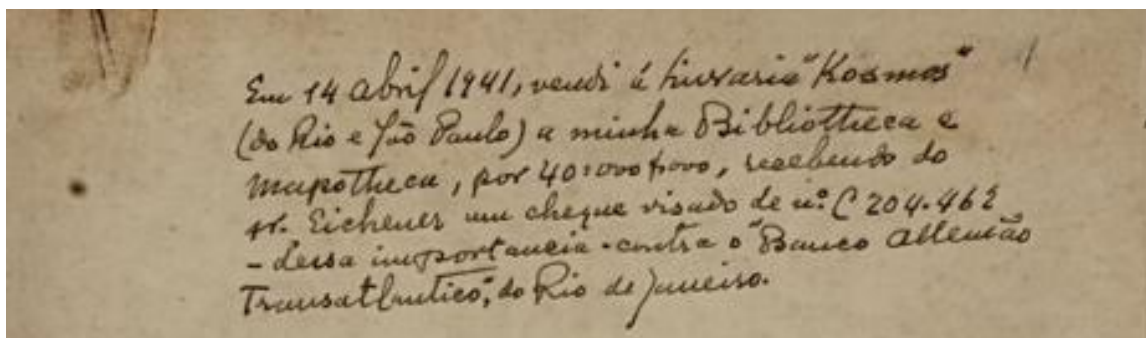
[TRANSCRIÇÃO]

Papae vendeo a sua bibliotheca após a morte de mamãe, parece que ele quis desfazer daquilo que era a sua segunda e afetiva paixão: os amados livros. Cuidei dela algum tempo e ali percebi muita coisa. [...]²⁸⁵

Um bilhete, escrito a lápis, parece ter sido acrescentado à capa posteriormente por um de seus filhos, quando da venda de sua biblioteca. O anúncio dizia-se que a biblioteca foi vendida após a morte de sua esposa, ‘D. Milota’, e que ele desfazia de sua segunda paixão, os livros. A venda de sua biblioteca foi confirmada no segundo catálogo, em um trecho manuscrito localizado na parte superior da capa, conforme demonstrado abaixo.

²⁸⁵ A transcrição foi realizada até onde foi possível, em razão do desgaste e deterioração de parte do papel da folha de rosto.

Figura 46 – Recorte da capa do segundo catálogo da Biblioteca Brasileiro-Americana de Nelson de Senna



Fonte: SENNA, Nelson Coelho de. Catálogo da “Bibliotheca Brasileiro-Americana do professor Nelson de Senna (da Universidade de Bello Horizonte). Belo Horizonte, 1936.

[TRANSCRIÇÃO]

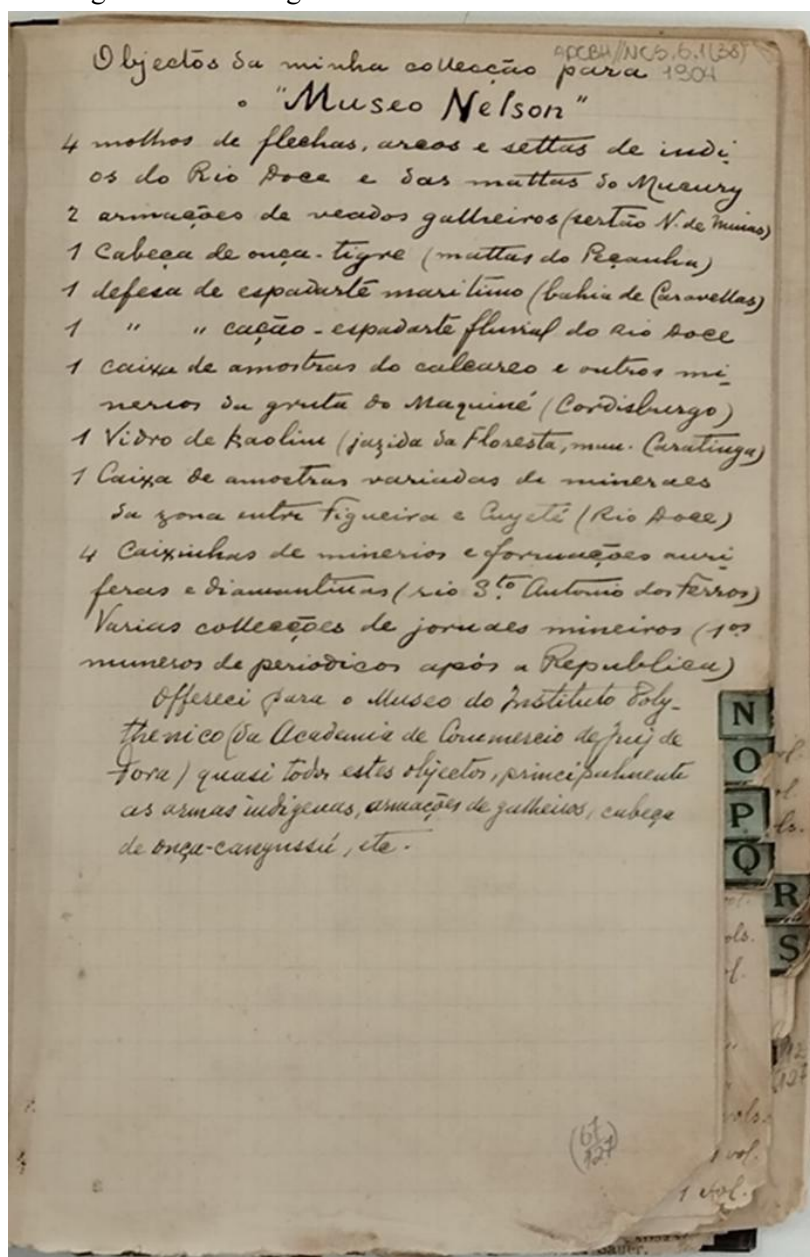
Em 14 de abril de 1941, vendo à Livraria “Kosmos” (do Rio e São Paulo) a minha Bibliotheca e Mapotheca, por 40:000 [ilegível], recebendo do Sr. Eichewer um cheque visado de n.º C 204.462 – dessa importância conta no “Banco alemão Transatlantico”, do Rio de Janeiro.

Não se sabe ao certo o período em que iniciou o processo de formação de sua biblioteca, contudo, o primeiro catálogo, datado de 1904, com então 28 anos, é indicativo de que se deu quando, ainda jovem, nos tempos de estudante de Direito, em Ouro Preto. Aos poucos sua biblioteca foi ganhando o ritmo de sua atuação pública, sendo constituída como parte das permutas e doações entre seus pares.

De modo geral, a *biblioteca nelsina*²⁸⁶ é composta por livros comprados, recebidos /ou permutados, que testemunham as diferentes fases profissionais de seu titular. Como instrumento de consulta, tornou-se uma referência na construção de suas ideias e pensamentos, possibilitando indicar certos caminhos e tomadas de decisão, contudo, não parece compor um critério bem definido. No primeiro catálogo, observa-se que é um material em construção, uma espécie de caderneta de bolso para acesso e anotações rápidas, concentrando-os em um único material para consultas cotidianas. Embora não encontra-se organizado em categoria de temas e assuntos, possui um ordenamento alfabético. Além dos títulos e autores, possui algumas informações adicionais, como os indicativos de recebimento de livros, folhetos, anais e periódicos doados por seus pares e/ou instituições, além de uma descrição dos objetos que recolheu para um projeto futuro de criação do museu do qual indicamos no segundo capítulo. Segue abaixo.

²⁸⁶ Em uma referência direta ao nome dado por Nelson de Senna à sua própria biblioteca.

Figura 47 – Catálogo da Biblioteca do Dr. Nelson de Senna



Fonte: Publicações: Obras de referência. APCBH, NCS.6.1 (38).

Ao oferecer sua “biblioteca” aos olhos alheios, parece-nos uma tentativa de dar autenticidade intelectual à sua atividade, numa implícita declaração da imagem pública que procurou sustentar em vida: “de tudo que demonstrei ser, eis aquilo que li”.²⁸⁷ Nesse sentido, a ‘operação das letras’ foi fundamental para sua inserção aos espaços socialmente reconhecidos pelo meio letrado. Se levarmos em consideração que o elemento propulsor de sua atuação, tenha

²⁸⁷ ALMEIDA, Vinicius Furquim. *Das prateleiras da Alcidiana: os livros, a leitura e a escrita na trajetória intelectual de Alcides Cruz*. 2018. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018. p. 65.

sido sua atividade erudito-intelectual, é possível presumir que sua biblioteca teve importância capital na constituição de seu pensamento.

Assim, da exploração direta dos títulos compostos em sua biblioteca, buscamos cotejar aqueles em que a apropriação de leitura se fez mais obstinadamente. Mostrando, por vezes, um percurso em que as afinidades de leituras ou mesmo sua discordância indicaram o caminho. Em sua biblioteca observa-se exemplares de obras vocabulares de autores como Rodolfo Garcia, Cândido de Figueiredo, Jacques Raimundo, Renato Mendonça, Antenor Nascentes, servindo-se de referência para suas críticas; obras de História Geral do Brasil escrito por autores brasileiros como Gilberto Freyre; Visconde de Taunay; Viriato Côrrea; Francisco Varnhagen; Visconde de Porto Seguro; Rocha Pombo; Diogo de Vasconcelos; Oliveira Lima, dentre outros. Além dos estudos históricos e corográficos regionais; relatórios emitidos pelo governo com dados estatísticos e demográficos, coleção de revistas do IHGB, IHGMG e outros.

Na somatória de títulos, encontra-se um vasto repertório de leitura, como também, oferece-nos elementos relevantes para a compreensão do universo político-intelectual ao qual pertence. Observa-se ainda, que a biblioteca foi construída através de uma diversificada composição de gêneros textuais que vão desde clássicos da literatura brasileira e estrangeira às obras completas de autores singulares da história, antropologia, literatura.

Para exemplificar, indicamos a seguir a página compostas pela letra “E” do primeiro catálogo manuscrito, em que contempla uma obra do escritor e jurista Ernesto Corrêa da Silva com o “Manual do jurados”, em seguida, várias obras do diplomata e literato português Eça de Queiroz, com a indicação das obras como “Os Maias”, “As Minas de Salomão”, A cidade e as Serras”, dentre outras; em seguida, autores como Eugênio Werneck com “Antologia Brasileira” e Emilio Alcides com “Método fácilimo para aprender a ler”.

Figura 48 – Abertura da letra ‘E’ do catálogo dos títulos que compõem a Biblioteca de Nelson de Senna, datado de 1904

NCS.6.1 (38) 1904 *Encadernados:*

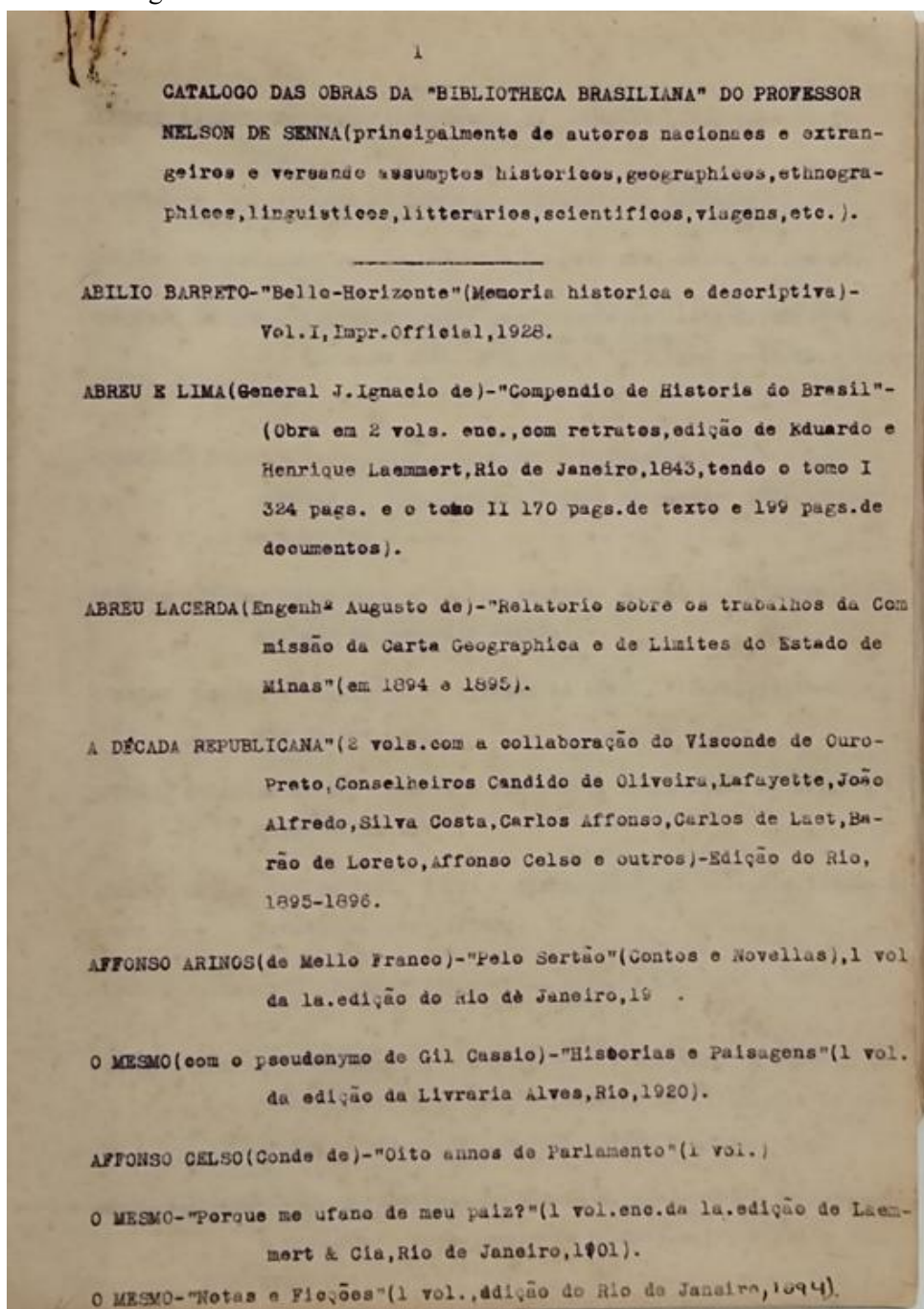
Ernesto Correia (Arfeno) - Manual dos Jurados -	1 volume
Ebom (N) - Resumo de Historia Sagrada -	1 "
Eça de Queiroz - Os Melicos	2 vols.
O mesmo - As Minas de Salomão (Trad.)	1 vol.
O mesmo - Crime do Padre Amaro	1 vol.
O mesmo - O Mandarim	1 "
O mesmo - Correspondência de Fradique Mendes	1 "
O mesmo - A Cidade e as Serras	1 "
O mesmo - A Ilustre Casa de Ramires	1 "
O mesmo - Dicionário de Milagres	1 "
O mesmo - Contos	1 "
O mesmo - Prosas Barbudas	1 "
O mesmo - Echoes de Paris (ed. de 1905)	1 "
Eduardo Prado - Ilusão Americana (N)	1 "
O mesmo	
Esquiros - Martyres da Liberdade (Historia dos) -	1 " (fina)
Eugenio Wernick - Anthologia Brasileira -	1 "
Ernest Nys - les theories politiques du Droit International	1 "
Edmundo Amicis - O Coração (Trad. de João Ribeiro) -	1 "
Estacio de Sá e Almeida - Historia do Brasil contida nos volumes -	1 "
Emilio Archiles Monteverde - Methodo facilissimo para aprender a ler -	1 "

Fonte: Obras de referência. APCBH, NCS.6.1 (38).

Seguindo essa lógica, o segundo catálogo, intitulado *Bibliotheca Brasiliano-Americana*", datado de 1936, encontra-se organizado em formato de um catálogo-guia datilografado e sistematizado ao longo de 58 páginas numeradas. Nele procuramos percorrer os pontos referenciais que contribuíram para fundamentar suas ideias e posicionamentos. Nesse percurso, uma visão panorâmica dos títulos e autores contribuem para um olhar mais geral das obras que compõem sua biblioteca.

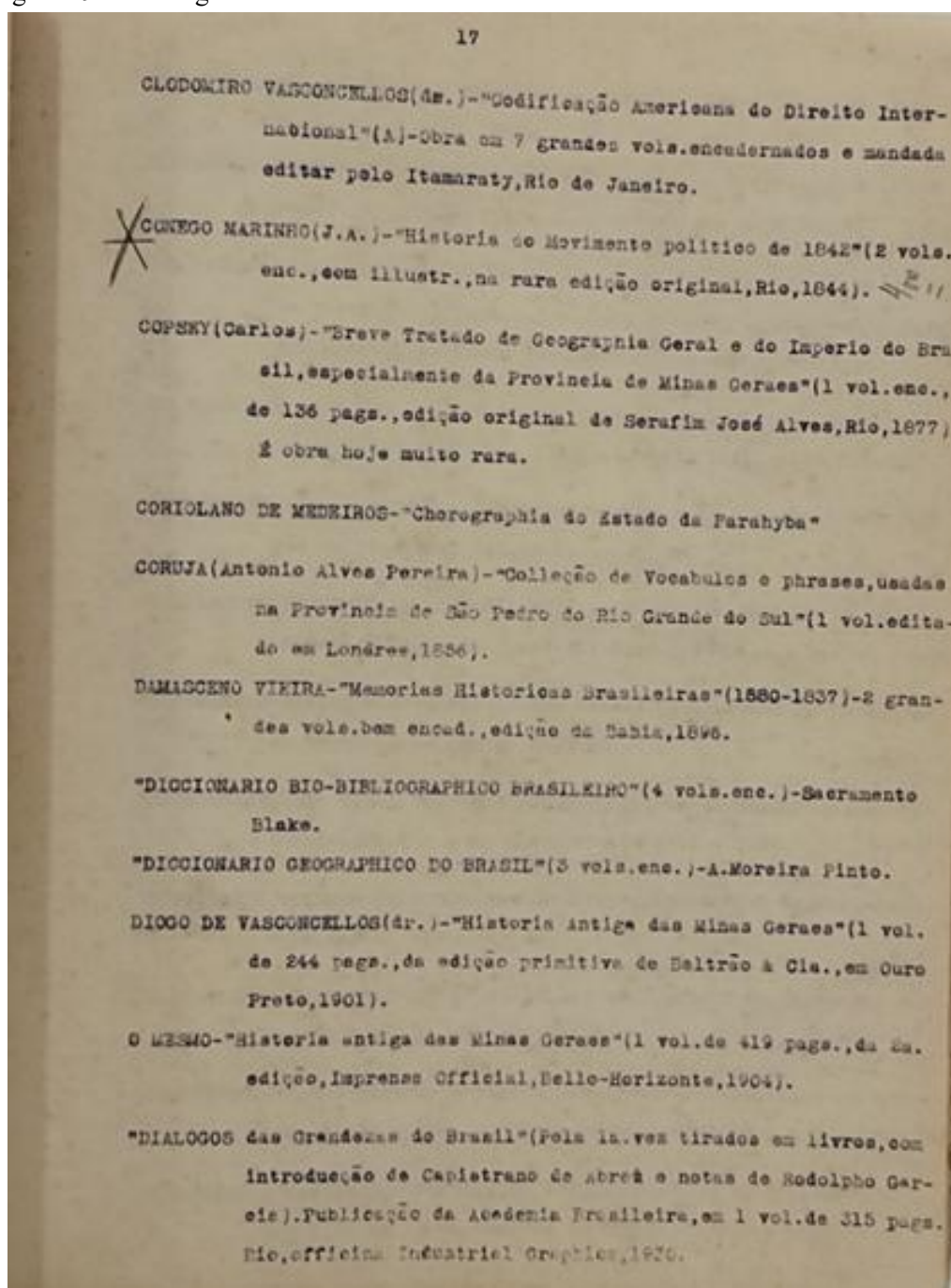
Essa escolha implica, ainda, trazer à tona alguns aspectos que marcaram a sua própria concepção de “biblioteca”, visto que, por meio dela, reconhece-se uma certa intencionalidade político-intelectual. Portanto, o que se mostra, escolhe, classifica também configura um espaço de disputas e negociações, sendo, indissociável da própria dinâmica que compõe o exercício intelectual. Para exemplificar, segue abaixo a primeira página do catálogo,

Figura 49 – Catálogo dos títulos da Biblioteca Brasiliano-Americana de Nelson de Senna



Fonte: SENNA, Nelson Coelho de. Catálogo da "Bibliotheca Brasiliano-Americana do professor Nelson de Senna (da Universidade de Bello Horizonte). Belo Horizonte, 1936.

Figura 49 – Catálogo dos títulos da Biblioteca Brasiliano-Americana de Nelson de Senna



Fonte: SENNA, Nelson Coelho de. Catálogo da “Bibliotheca Brasiliano-Americana do professor Nelson de Senna (da Universidade de Bello Horizonte). Belo Horizonte, 1936.

Nas páginas acima, indicando a relação de autores em ordem alfabética, foram compostas pelas letras “A”, “C” e “D” e seus respectivos livros e/ou coletâneas. Nelas, encontram-se escritores como, o político e historiador Abílio Barreto com a obra “Memória histórica e descritiva” publicada em dois volumes; o compêndio de “História do Brasil” do político e general pernambucano José Inácio de Abreu e Lima, conhecido por sua participação nas guerras de independência da América espanhola ao lado de Simon Bolívar; além do livro

de contos e novelas de Affonso Arinos “Pelo Sertão” e o primeiro volume da obra do conde Affonso Celso “Porque me ufano de meu paiz?”. Além disso, quatro volumes do “Dicionário Biobibliográfico Brasileiro” e um volume do “Dicionário Geográfico Brasileiro”, bem como, a obra do político e escritor Diogo de Vasconcelos “História Antiga das Minas Gerais”.

Se atentarmos para o fato de que muitos dos autores citados por Nelson de Senna circularam entre as primeiras décadas do século XX, participando juntamente com ele do círculo político-intelectual mineiro, podemos inferir que foi por meio desse debate que ele construiu um espaço para a circulação de suas ideias. Portanto, em um período em que os estudos sobre a língua assumiram acirradas disputas, Nelson de Senna demonstrou grande conhecimento, mobilizando importantes estudiosos de modo a posicionar-se publicamente, conforme observado anteriormente. No próximo capítulo, buscamos estabelecer diálogo com o debate sobre a história e a língua na construção de um certo ideal de brasilidade, construído no esteio do debate nacional étnico-racial.

CAPÍTULO 4

HISTÓRIA E LÍNGUA: EM TORNO DE UM DOMÍNIO HISTORIOGRÁFICO

4.1 No subterrâneo da língua

(...) para bem conhecermos as fontes e directrizes da civilização brasileira, não nos basta examinar o elemento colonizador europeu e a forte atividade conquistadora e povoadora do elemento reinol ou portuguez, a quem devemos incontestavelmente a descoberta da posse da terra, a unidade territorial, a língua nacional, a crença christã, a organização social e familiar. É muito tudo isso; não é porém, tudo. Temos então, de descer aos subterrâneos da Historia Patria, sahindo por algum tempo da superfície (no caso, a civilização de raça branca) e aprofundando as buscas e pesquisas nos elementos “ameríndio” e “africano”, plasmadores, em concorrência com os elementos luso-ibéricos, das muitas feições typicas do character, das tendencias, do temperamento, da sentimentalidade, enfim, dos defeitos e qualidades do Povo Brasileiro.²⁸⁸

A língua teve a amplitude que lhes deram os historiadores, filólogos e estudiosos brasileiros. Durante o século XIX e as primeiras décadas do século XX uma profusão de projetos escriturários foram responsáveis por difundir um conjunto de elementos simbólico-discursivos que conformariam o ideal de nação brasileira à época. Pode-se afirmar que, na busca pela construção da identidade nacional, a língua assumiu a tônica nos debates travados pela elite político-intelectual oitocentista, caudatária do discurso nacionalista.²⁸⁹

Na tentativa de responder às questões do período, muitos intelectuais estiveram comprometidos com a formulação de modelos teóricos capazes de explicar a formação da população brasileira, resultante da mistura racial.²⁹⁰ Nessa direção, chamamos a atenção para

²⁸⁸ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 25-26.

²⁸⁹ Em 15 de outubro de 1827, foi sancionada por D. Pedro I a Lei Geral, a primeira lei educacional do Brasil. Em 17 artigos, ela criava “escolas de primeiras letras para todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império”, para ambos os sexos, de 7 a 14 anos de idade. A Lei estabelecia um padrão de alfabetização primária, criando a obrigatoriedade da língua portuguesa como língua oficial de instrução. Ver: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Entre as luzes e o romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL NAÇÃO E CIDADANIA NO OITOCENTOS. 2006, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. v. 1. p. 73-84.

²⁹⁰ No contexto da primeira metade do século XIX, José Bonifácio resumiu bem o dilema: “amalgamação muito difícil será a liga de tanto metal heterogêneo, como brancos, mulatos, pretos livres e escravos, índios etc. [...] em um corpo sólido”. Ver: CEZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da história historiografia e nação no Brasil do século XIX. *Diálogos*, v. 8, n. 1, p. 11-29, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38021>. Acesso em: 24 abr. 2025.

um conjunto de ideias linguísticas²⁹¹ responsáveis pela conformação de um discurso em que a busca por uma ancestralidade comum pudesse ligar o Brasil às raízes europeias.²⁹² Essa ideia refletiu as tensões e disputas em torno da origem dos povos indígenas, indicando um conjunto de ações e movimentos que marcaram a escrita da história nesse período.

A tentativa de proximidade com uma antiguidade comum à civilização europeia, abriu caminho para a construção de uma identidade para a nação brasileira que ora se estabelecia. A escrita da história deveria produzir um passado cuja ancestralidade estabeleceria uma *gênese* com os povos do Brasil. Por meio desse discurso, tornava-se possível a construção de uma ponte que ligava a nação brasileira aos colonizadores, indicando o lugar dos povos indígenas nesse projeto.²⁹³

Tomemos como mote dessa análise o debate encabeçado pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) durante a segunda metade do século XIX. Das preocupações que se fizeram presentes, a sistematização de uma escrita da história geral do Brasil tornou-se a maior delas. Disso resultaria, no ano de 1840, a criação de um concurso promovido pelo IHGB.

Para atingir tal objetivo, caberia ao Instituto indicar as diretrizes que ditariam os rumos que a escrita da história deveria seguir. No discurso de fundação do IHGB, em 1838, o secretário perpétuo Januário da Cunha Barbosa (1780-1846) chamou a atenção para a missão que, segundo o estatuto, consistia em “preservar a cultura e a memória nacional”, de modo a assegurar uma escrita da história nacional “única e coerente”. Nas palavras dele:

Eis-nos hoje congregados para encetarmos os trabalhos do proposto Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, e desta arte mostramos às nações cultas que também prezamos a glória da pátria [...]. Nós vamos salvar da indigna obscuridade, em que jaziam até hoje, muitas memórias da pátria, e os nomes de seus melhores filhos; nós vamos assinalar, com a possível exatidão, o assento de suas cidades e vilas mais notáveis, a corrente de seus caudalosos rios.²⁹⁴

²⁹¹ A aproximação entre a história e a filologia constitui nesse capítulo uma escolha para a análise de um conjunto de ideias linguísticas que se consolidaram no debate público brasileiro. Ver: ORLANDI, E. P. (Org.). *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes, 2001.

²⁹² CEZAR, Temístocles. A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o Mundo Antigo. In: GUIMARÃES, M. Salgado (Org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 29-41.

²⁹³ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

²⁹⁴ BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso recitado no ato de estatuir-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (25 de novembro). Rio de Janeiro, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. I, ano 1839, p. 9-17, 1839. Disponível em: <https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=144733>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Ao analisar o conteúdo e os principais temas publicados na revista nas primeiras décadas de sua edição, Guimarães²⁹⁵ aponta que a questão dos povos indígenas ocupava maior espaço, tornando-se uma preocupação naquele momento. Essa seria, portanto, o ponto de amálgama na inclusão dos povos autóctones na composição étnica do Brasil.

No entendimento dos intelectuais do período, os portugueses tinham sua origem europeia, os negros escravizados sua origem africana, e qual seria a origem dos indígenas? Portanto, foi por meio da língua que os intelectuais buscaram uma ancestralidade comum junto aos “modelos civilizados”, de modo a garantir-lhe um lugar na história brasileira.²⁹⁶ Logo, deve-se ao intelectual carioca Januário da Cunha Barbosa a proposta de premiar a quem apresentasse um plano de escrita da história, organizado de forma a abarcar a história geral do Brasil.²⁹⁷

Com esse propósito, a monografia premiada foi apresentada pelo botânico e naturalista alemão Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), tornando uma referência para a historiografia nacional nas décadas seguintes. No trabalho, intitulado *Como se deve escrever a história do Brasil*, von Martius organizou um plano de escrita que chamou a atenção dos avaliadores do concurso. No modelo adotado por ele, a história foi dividida em quatro grandes temas, assim distribuídos: “1) Ideias gerais sobre a história do Brasil; 2) Os índios (a raça cor de cobre) e sua história como parte da história do Brasil; 3) Os portugueses e sua parte na história do Brasil; 4) A raça africana em suas relações para com a história do Brasil”.²⁹⁸

De maneira geral, seu trabalho constituiu-se numa espécie de manual, em que pressupunha um modelo de escrita da história para o século XIX. Assim, no plano apresentado pelo naturalista, os povos indígenas, até então ignorados, foram incorporados à história do Brasil. Para isso, von Martius lançou mão de suas explorações científicas realizadas junto à Missão Artística Austro-Alemã iniciada no ano de 1818.²⁹⁹ Esse trabalho, fruto da expedição

²⁹⁵ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A Revista do IHGB e os temas de sua historiografia (1839-1857): fazendo a história nacional. In: WEHLING, Arno (Coord.). *Origens do IHGB: ideias filosóficas e sociais e estrutura de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, p. 5 – 27, 1988; GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003. p. 9-24.

²⁹⁶ ALBUQUERQUE JR. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar*.

²⁹⁷ GUIMARÃES. Nação e civilização nos trópicos.

²⁹⁸ De acordo com a comissão julgadora, composta pelo médico Francisco Freire Alemão (1797-1874), pelo político Thomaz Gomes dos Santos (1803-74) e pelo cônego Manuel Joaquim da Silveira (1807-75), a monografia de Martius “satisfaz exuberantemente ao programa do Instituto, e deve ser premiada”. Tal premiação, se dava, então, “a quem apresentar o mais acertado plano de se escrever a história antiga e moderna do Brasil”. O naturalista elaborou um plano detalhado para a confecção de uma história que amalgamasse todo o território nacional. IHGB, Suplemento ao segundo Tomo. RIHGB, 1840, p. 72. Disponível em: https://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CRV_RevistaIHGB&hf=armazemmemoria.com.br&pagfis=309. Acesso em 20 fev. 2025.

²⁹⁹ A Missão Artística Austro-Alemã foi composta por cientistas, artistas e estudiosos, que tiveram como missão explorar o território brasileiro, participando dela os alemães von Martius, naturalista e botânico, e Johann Baptist Von Spix (1781-1826), zoólogo. A missão resultou na publicação da obra *Viagem pelo Brasil*, em três volumes,

científica pelo país, permitiu-lhe o contato com diferentes povos indígenas, tornando-o um dos primeiros estudiosos dos dialetos e línguas nativas.³⁰⁰ Assim, para explicar o povoamento e a presença dos nativos no vasto território brasileiro, chamou a atenção para as forças indígenas que concorreram para o desenvolvimento físico e moral da formação da população, afirmando a necessidade de estudar seus costumes, tradições e sua língua.

Para mostrar que os indígenas da América “não eram selvagens, mas asselvajados e decaídos”,³⁰¹ fundamentou sua análise utilizando-se de modelos filológicos comparativos a partir dos estudos empiristas existentes.³⁰² Em sua observação, atribuiu aos fenômenos das ciências naturais as condições necessárias para assegurar a origem dos povos indígenas às civilizações antigas. Desse modo, pautou sua teoria no reconhecimento de um ancestral comum, que estaria ligado por um mesmo tronco linguístico.

Como ponto de partida para se chegar ao estudo de uma herança genética, o naturalista apoiou-se no estudo da língua Tupi, aplicada ao modelo escrito por Catarina II, imperatriz da Rússia.³⁰³ Utilizando-se do método histórico-comparativo, através da análise de mutação genética e dos processos evolutivos aplicados às variações morfolinguísticas. Para fundamentar suas ideias, apoiou-se nos estudos filológicos do século XIX, através do trabalho do linguista alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835) sobre o agrupamento das línguas germânicas e

considerada fonte de referência para os estudos do Brasil da época. Ver: GUIMARÃES, Manoel L. S. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 7, n. 2, p. 389-410. jul./out. 2000.

³⁰⁰ Von Martius permaneceu no Brasil entre os anos de 1817 e 1820, percorrendo boa parte do território brasileiro para recolher e explorar espécies da flora e vegetais brasileiros, produzindo uma série de registros, anotações, desenhos sobre a flora e a paisagem brasileira, além de realizar estudos e a catalogação de informações sobre os povos indígenas e registrar vocábulos de diversas etnias. A principal obra foi o conjunto de glossários de línguas indígenas publicado no *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, em 1863. Ver: KALTNER, Leonardo F. Anotações sobre a biografia do naturalista Carl Friedrich Philipp von Martius. *Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira*, 2012. Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/139/Kaltner-Carl-Friedrich-Philipp-von-Martius.html>. Acesso em: 27 set. 2024; DIENER, Pablo. Martius e as línguas indígenas do Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 6, n. 2, p. 353-376, dez. 2014.

³⁰¹ Como resposta à ideia de decadência dos povos indígenas, o estudioso partia do princípio de que caberia à etnografia investigar, sustentando que as alterações de caráter encontravam-se na mistura racial. Ver: CEZAR, Temístocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, S. J. (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003. p. 182; GUIMARÃES. História e natureza em von Martius.

³⁰² O século XIX foi um período em que o pensamento filológico, através do método histórico-comparativo, se desenvolveu, resultado dos estudos empiristas de Alexander von Humboldt, renomado explorador, naturalista e geógrafo que realizou expedições pela América Latina, coletando dados para a biogeografia e do filósofo e linguista Wilhelm von Humboldt, reconhecido por suas contribuições fundamentais para a filosofia da linguagem e a etnolinguística. Franz Bopp, linguista alemão e professor de filologia e sânscrito na Universidade de Berlim, foi um dos principais criadores da gramática comparada, em *Sobre o sistema de conjugação do sânscrito comparado aos das línguas grega, latina, persa e germânica* (1816), demonstrou a afinidade genética entre essas línguas, deduzindo os princípios gerais de sua formação.

³⁰³ O naturalista embasou-se na obra *Linguarum totius orbis vocabularia comparativa*, escrita em 1789, em seus estudos sobre as línguas asiáticas. Ver: KALTNER, L. F. O pensamento linguístico de Carl Fr. Ph. von Martius (1794- 1868) e o idioma nacional no Brasil oitocentista. *Revista Philologus*, v. 75, 2020.

nos estudos do filólogo alemão Friedrich Diez (1794-1876) com as classificações das línguas românicas.³⁰⁴ Segue abaixo um trecho em que especifica essa ideia:

A língua principal falada outrora pelos índios do Brasil em vastíssima extensão, e entendida ainda em muitas partes, é a *língua Geral ou Tupi*. É sem dúvida muito significativo que um grande complexo de raças brasileiras entendam este idioma. Assim como no Peru com as línguas Quichua e Aymará que se estendiam sobre vastíssimos territórios, aconteceu no Brasil com a língua Tupi; e não podemos duvidar que todas as tribos, que nela sabem fazer-se inteligíveis, pertencem a um único e grande Povo, que sem dúvida possuiu a sua história própria, e que de um estado florescente de civilização, recaiu para o atual estado de degradação e dissolução, do mesmo modo como o observamos entre os Povos ocidentais, que falavam a língua dos Incas, ou o Aymará. Não deve passar inapercebidamente que os Caraíbas nas Guianas e nas Antilhas falavam uma língua, por uma sintaxe e vocabulário parente da língua Tupi. [...] Assim tornaram-se as investigações sobre a língua dos aborígenes Brasileiros um objeto de interesse geral, conduzindo a investigações etnográficas, e compreendendo uma grande parte do Novo Mundo. A língua devem em primeiro lugar ligar-se os estudos sobre a Mitologia, as Teogonias e Geogonias das raças brasileiras. Um observador filosófico não deixará de descobrir nos restos de mitos, e no balbucimento poético, que ainda hoje se encontram vestígios muito significativos de uma perda filosofia natural, e de um culto ainda enigmático.³⁰⁵

Uma citação longa, mas bastante elucidativa, que exprime bem o modo como o naturalista compreendia essa ancestralidade. Disso resultaria a tentativa de articular genealogicamente a língua como um meio para se chegar à origem pretendida para os brasileiros. Essa seria a maneira pela qual os povos nativos estariam incorporados à identidade e à formação do Brasil. Para Diehl, a narrativa de origem comum “quebra a linearidade do tempo”, passando a operar com uma espécie de “salto para fora da sucessão cronológica”.³⁰⁶ Com esse raciocínio, buscou inserir o passado brasileiro numa ordem singular, a fim de provar que as línguas dos povos autóctones participavam de um grupo amplo, composto por várias ramificações linguísticas que os interligava a uma ascendência comum.

Portanto, a ideia de uma civilização decaída, mas passível de aprimoramento, poderia ser justificada através da catequização jesuítica, defendida pelo naturalista alemão. Nas palavras de von Martius, os povos indígenas da América pertenciam a “um único e grande Povo, que sem dúvida possuiu a sua história própria, e que de um estado florescente de civilização, decaiu para o actual estado de degradação e dissolução”.³⁰⁷

³⁰⁴ WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

³⁰⁵ VON MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista Trimestral de História e Geografia*, Rio de Janeiro: IHGB, t. 6, v. 6, n. 24, p. 386-387, jan. 1845.

³⁰⁶ DIEHL. *A cultura historiográfica brasileira*, p. 115.

³⁰⁷ VON MARTIUS. Como se deve escrever a história do Brasil, p. 386.

Logo, a presença das comunidades nativas plurilinguísticas eram a prova de que os indígenas do Brasil tinham um passado europeu, superando a ausência de uma antiguidade. No texto fundador da tradição historiográfica oitocentista do IHGB, o trabalho de von Martius assumiu incontornável relevância à época, dada sua contribuição aos estudos étnico-filológicos.³⁰⁸

Formulado em um ambiente de disputas e indeterminações frente aos possíveis modelos de representação do passado, a origem dos povos indígenas também foi objeto de estudo e pesquisa do historiador e diplomata brasileiro Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878). Em seu projeto escriturário, buscou traçar uma antiguidade para os nativos do Brasil, pautando-se no movimento migratório que, segundo ele, seria responsável pela dispersão dos povos autóctones para outras regiões, inclusive para as terras brasileiras.³⁰⁹

A crença na ancestralidade comum também foi compartilhada por Varnhagen que, através do método filológico regressivo, buscou uma ascendência para os “selvagens”³¹⁰ brasileiros. No procedimento adotado, lançou mão da ideia de uma genealogia linguística, utilizando-se de vários estudos e modelos comparativos na tentativa de chegar a uma mesma fonte de origem. Desse modo, foi através da etnografia e da filologia que o visconde de Porto Seguro dedicou-se ao mapeamento dos povos indígenas do Brasil.

Numa visão monogenista da língua, admitia a presença de um único tronco linguístico, proveniente, segundo ele, de uma “única fonte pura” de origem dos antigos europeus. A partir de análises comparativas, percorreu diversos dialetos e línguas dos povos nativos a fim de garantir uma ascendência, que resultou na aproximação dos povos tupi com os povos egípcios que teriam emigrado pelo mar. Ao considerar a origem egípcia dos índios do Brasil, afirmou que “ambos, tupis e egípcios, pertenciam a estas raças uralo-altaicas que dizemos geralmente turanianas (bem como o basco, o turco e húngaro)”.³¹¹

³⁰⁸ Seus estudos o conduziram à diretoria da Secção de Etnografia do Museu Paulista, sendo um dos primeiros estudiosos a sistematizar a etnografia brasileira. GUIMARÃES. História e natureza em von Martius.

³⁰⁹ Opondo-se à orientação geográfica de von Martius, Varnhagen afirmava que o deslocamento de origem teria se dado no sentido “Norte e não pelo Sul”, como afirmava aquele outro. Essa teoria admitia a hipotética migração dos povos, cruzando o Atlântico por via marítima. Em 1849, Varnhagen publicou uma carta na *Revista do IHGB* para demonstrar sua hipótese migratória dos indígenas. Ver: VARNAHGEN, Francisco Adolfo de. Etnografia indígena, línguas, emigrações e arqueologia: Padrões de mármore dos primeiros descobridores. *Revista do IHGB*, p. 366-376, 1849; VON MARTIUS. Como se deve escrever a história do Brasil.

³¹⁰ Para os intelectuais, os povos indígenas encontravam-se fora dos modelos de civilização criado pelos europeus, sendo tema de diferentes vertentes teóricas que vão desde as ideias do “degenerado canibal” à do “bom selvagem”. Ver: OLIVEIRA, Laura Nogueira. *Os índios bravos e o Sr. Visconde*: os indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 2000. p. 38-73.

³¹¹ A hipótese de Varnhagen seria a de que os povos de origem Tupi eram oriundos do cruzamento entre os Cários (sugestão encontrada em Lafitau), povo navegador da Ásia menor, que teriam em grande parte emigrado para a América Central, e os povos indígenas pertencentes à grande família mongólica. Ver: TURIN, Rodrigo. A “obscura

Com essa tese, reunia-se os argumentos que justificariam a ideia de “civilizar os selvagens”, tomando como condição a potencialidade que facultaria sua capacidade de aperfeiçoamento. Para isso, partia do princípio de que a “condição selvagem e seu estado decadente” provinham dos movimentos migratórios, distanciando-os dos povos tidos como civilizados. Nessa direção, Varnhagen se valeu de fontes quinhentistas produzidas pelos viajantes europeus, quando do colonialismo português e do projeto colonizador francês no sul do Brasil. Como é o caso do trabalho do escritor e religioso francês Jean Léry (1534-1611) em expedição ao Brasil, “Viagem à Terra do Brasil” (1536) bem como do trabalho do viajante alemão, Hans Staden (1525-1576) em “Duas Viagens ao Brasil” (1557).³¹²

De acordo com as descrições e relatos desses viajantes sobre os povos indígenas habitados no Brasil, causava-lhes um estranhamento o modo de organização social e cultural, visto que as avaliações partiam de sistemas socioculturais europeus. O relato de Hans Staden ficou bastante conhecido por ter sido capturado pelos tupinambá, permanecendo entre eles, por cerca de nove meses. Ao descrever os povos indígenas, mais precisamente, o povo Tupinambá, destacou diferentes costumes e práticas culturais, enfatizando o canibalismo.

Não obstante ao valor moral e religioso impresso nos trabalhos desses estudiosos, foi com base nessas referências que Varnhagen procurou formular seu método de análise tomando o modelo europeu como civilizatório. Em razão dessa influência, defendeu a escravização indígena, por meio da ideia de “civilizar os índios por tutela”, um memorial escrito em 1849/1850, que consistia em capturar os povos indígenas e educá-los em famílias e/ou instituições para que se adaptassem aos padrões europeus, constituindo-se em mão de obra. Dessa ideia, depreende-se a retórica da “decadência como possibilidade de futuro”.³¹³

Das línguas europeias, ter-se-ia notícia da elaboração de estudos descritivo-comparativos junto aos gregos, latinos, hebreus, fenícios, siríaco, armênio, dentre outros. Com essa concepção, um tanto “fantasiosa”, encontrava uma forma de acessar uma origem gloriosa para os indígenas, incorporando-os ao mudo antigo. Com isso, Varnhagen acreditava ter solucionado a questão originária dos povos do Brasil.

história” indígena: o discurso etnográfico no IHGB (1848-1870). In: GUIMARÃES, M. Salgado (Org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 86-113.

³¹² As literaturas de viajantes no Brasil, surgiram desde o século XVI, são relatos escritos por missões estrangeiras sobre suas experiências e observações no Brasil, com o objetivo de informar sobre a terra, sua natureza, fauna, flora, povos e costumes. Ver: GASPAR, Lúcia. *Viajantes (relatos sobre o Brasil, século XVI a XIX)*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 17 janeiro de 2025.

³¹³ Dessa ideia, admite-se por parte da elite político-intelectual a concepção de que as sociedades indígenas eram formas decaídas de civilizações anteriores, sendo capazes de civilizar-se. Tornando viável o projeto de catequização, uma vez que essas sociedades já teriam experimentado uma organização social mais complexa. Ver: TURIN. *Os antigos e a nação*.

Publicada originalmente no ano de 1854, a obra *Historia Geral do Brasil*, foi organizada em dois extensos volumes que abarcam desde a origem do descobrimento da América Central, o processo de conquista, catequese e civilização dos indígenas, até a escravização africana e as sucessivas administrações coloniais. No capítulo que trata dos povos da América, Varnhagen pretendia provar a “verdadeira origem de nossos selvagens”, através da presença de uma língua geral proveniente de um mesmo tronco linguístico, buscando estabelecer aproximações entre as línguas Tupi, Guaraní e Caribenho das Antilhas.³¹⁴

Diante da tentativa de superar a ausência de um passado antigo, pode-se afirmar que os modelos linguísticos apresentados pelos historiadores surgem a fim de consolidar, ainda que indiretamente, a construção de uma antiguidade brasileira e, portanto, partilhar de um passado comum junto aos europeus. Assim, o pensamento de von Martius e de Varnhagen reflete uma postura compartilhada pelos membros da elite político-intelectual do período, que defendiam uma identidade nacional pautada nos ideais europeus.

Ao analisar a produção desse período, César³¹⁵ afirma a existência de uma “retórica da nacionalidade”, cujo discurso buscava afirmar a presença indígena junto a um passado comum, fundamental na construção da identidade. Como parte dessa operação historiográfica, a língua assumia uma finalidade prática e a questão indígena disputava então, os principais projetos escriturários oitocentistas.

Portanto, ainda que, ao seu modo, esses estudiosos tenham buscado defender uma origem para os povos nativos do Brasil, o fato é que ambos utilizaram-se da língua como elemento fundador dessa ancestralidade, tomando como referência os povos indo-europeus. Desse modo, o elemento indígena passava a integrar a “nação dos trópicos”. Conforme aponta Turin,

De qualquer forma, para ambos os lados, a investigação que permitiria o esclarecimento e a justificação sobre esses posicionamentos seria de natureza eminentemente histórica. O resgate de um passado para esses povos tornava-se uma maneira de “provar” a possibilidade de sua “conversão” à civilização, ou, ao contrário, a sua condenação a um estado de barbárie.³¹⁶

³¹⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1907.

³¹⁵ CEZAR, Temístocles. Varnhagen entre os antigos, os modernos e os “selvagens”: estudo introdutório de “A origem turaniana dos tupis e dos antigos egípcios”. In: GLEZER, Raquel; GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal (Org.). *Varnhagen no caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. p. 317-345.

³¹⁶ TURIN, Rodrigo. Entre “antigos” e “selvagens”: notas sobre os usos da comparação no IHGB. *Revista de História*, ed. especial, p. 138, 2010.

Dessa ideia subjaz o predomínio das ideias linguísticas na construção de sentido e, portanto, na conformação dos discursos nacionalistas.³¹⁷ Como chave de leitura, essa vertente possibilita o entendimento de que a língua não é um dado natural, mas construído para atender diferentes projetos político-historiográficos. Assim, a língua assumiu condição indispensável na formulação dos modelos filológicos na construção do ideal nacional, sendo, portanto, um caminho alternativo para a produção historiográfica do período.³¹⁸

Desse modo, a busca pelo ideal linguístico parece ter inspirado não somente os discursos desses intelectuais oitocentistas, mas remonta aos calorosos debates travados pela elite político-intelectual dos anos de 1930. Nessa perspectiva, os cultores da brasilidade linguística assumem parte dos debates do período, buscando indicar os elementos que conformam a singularidade brasileira, sendo esses, responsáveis por um conjunto de produção escrita em que a miscigenação assumiu contorno nos regionalismos linguísticos. Considerando a origem e a natureza dos debates linguísticos no Brasil, destacamos na próxima seção, seus desdobramentos durante as primeiras décadas do século XX, fincando suas raízes nos anos de 1930.

³¹⁷ Por isso a descrição da terra brasílica era feita preferencialmente em linguagem “ufanista”, enfatizando uma concepção discursiva sobre o “Paraíso”, através do ideal de exuberância, beleza, colorido, superioridade em relação às realidades correspondentes europeias.

³¹⁸ Sobre a questão indígena, chamamos a atenção para a coexistência de diferentes projetos historiográficos durante o século XIX. Na experiência literária, emerge o romantismo indianista como escrita da nação, ocupando-se do idealismo e da exaltação da beleza e das riquezas naturais do território. Por trás dessa ideia, utilizou-se as particularidades culturais do povo, de forma a enfatizar seus atributos como expressão de uma realidade própria, particularizada. Como corrente de pensamento, o nacionalismo romântico e o historicismo possibilitaram a consolidação de uma escrita da nação brasileira. Foi, portanto, pelo veio da língua, que o nacionalismo romântico alemão possibilitou seu distanciamento das raízes clássicas, construindo sua própria antiguidade. Assim, a relação existente entre o historicismo alemão e a filologia surge na medida em que viabiliza a construção de uma antiguidade brasileira. Ver: VARELLA, Flávia et al. (orgs.). *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008, 247 pp.

4.2 Amolecendo a língua nas folhas de bananeira

*Escutando fallar a nossa gente, a primeira impressão sentida é a de que a lingua portugueza tem, na “bôca brasileira”, uma prosodia mais dôce, abemolada, sem inflexões gutturaes, sem consoantes ásperas, e notando-se que no Brasil a fál-la é macia, com um surdo abrandamento das mais nitidas vózes lusitanas. O phenomeno é tão patente, que, ao primeiro vozêio tão cadenciado da linguaem brasileira, esta se distingue, immediatamente, do sibilante e energico sotaque de um portuguez nato.*³¹⁹

Ao fazer referência à presença e circulação das muitas “vozes e falas” que compõem a brasilidade idiomática,³²⁰ Nelson de Senna chamou a atenção para os *africanismos*, *indigenismos* e *estrangeirismos* presentes na língua falada no Brasil. Esta, foi entendida por ele, como resultado do processo de miscigenação racial proveniente do projeto colonizador no Brasil. Trata-se, portanto, da análise de uma certa concepção de língua que abriu caminho para colocar em relevo um conjunto de valores e representações que conduziu a presença dos regionalismos linguísticos existentes no país.

Nessa direção, buscamos sublinhar um certo modo de abasileiramento da língua portuguesa de Portugal, em que a ênfase nos falares populares e na oralidade regional constituíram-se em importantes produções escritas durante as décadas de 1920 e 1930. Utilizando-se dessa concepção, chamamos a atenção para a conformação de um conjunto simbólico-discursivo com que parte da elite intelectual defendeu a brasilidade linguística.³²¹

A questão nacional parecia ainda ser o grande problema a ser resolvido pela elite político-intelectual, que procurava arregimentar os elementos que conformariam a identidade brasileira. O período marcou a presença do debate pautado nos estudos culturais responsáveis por fazer ventilar outros paradigmas de análise,³²² concomitantemente àqueles que defendiam a vertente cientificista advinda das teorias raciais.

³¹⁹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 176.

³²⁰ SENNA, Nelson Coelho de. *Brasilidades Idiomáticas* “Originais do meu vocabulário brasileiro”: índice sistemático organizado por ordem alfabética abrangendo as palavras, termos e expressões em uso corrente, na linguagem popular brasileira. Letra A-Z. Folhas Avulsas, 1934-1945. APCBH, NCS3.4 (5).

³²¹ Na contramão da brasilidade linguística, vimos que os debates do século XIX encaminhavam-se em outra direção, buscando conformar um ideal de língua nacional a partir de uma antiguidade comum junto aos povos europeus. Durante o período, a preocupação com a língua nacional ganhou força em diferentes projetos historiográficos e político-intelectuais. Contudo, não obstante às duras tentativas de prevalecer o discurso em defesa da ‘língua pura’ (sem mistura), o debate das primeiras décadas do século XX abriu caminho para uma outra perspectiva, ocupando-se do debate em defesa da brasilidade linguística com a incorporação da miscigenação e, portanto, dos africanismos, presentes na língua portuguesa do Brasil. Ver: PETTER. *Africanismos no Português do Brasil*.

³²² O período marcou a entrada da antropologia cultural nos debates intelectuais, com a presença de estudos que buscavam incorporar diferentes aspectos da cultura afro-brasileira em meio aos debates eugênicos e sanitaristas.

Para os cultores da brasilidade linguística, os africanismos provenientes da mistura étnico-racial criou as condições para a existência de uma acentuada variação linguística, cujas particularidades contornaram a existência de uma “língua brasileira” ou mesmo de um português brasileiro. Partindo desse entendimento, os povos africanos tornavam-se fontes indispensáveis na construção dos regionalismos linguísticos, sendo esses, responsáveis por “talhar” a língua dando-lhe um contorno abasileirado. Nas palavras de Senna,

Brasileirismos, afronegrismos, americanismos, indigenismos – enriquecem o fallar do nosso povo, que tem costumes e modismos seus; idiotismos de linguagem, dialeção e pronuncia sua; construções originaes de pharases; um folklore opulentissimo; tudo, afinal, bem differente da linguagem fallada e escripta pelos filhos da actual República Peninsular, que foi nossa metropole durante 322 anos (1500 a 1822).³²³

Temos então um conjunto de elementos étnico-linguísticos capazes de explicar os traços “adocicados” e “amolengados” atribuídos aos falares populares, cuja valoração produziu as riquezas fonéticas e prosódicas que compõem a língua falada do Brasil. Se tomados singularmente, esses estudos assumem protagonismo na construção dos dialetos regionais, realçando uma expressiva produção vocabular. São estudos que tomam a presença e o contato das línguas africanas com o português lusitano, buscando demonstrar a variação e a diversidade dos falares que compõem o português do Brasil.³²⁴

Para essa análise, adotamos como marco temporal os congressos afro-brasileiros realizados na década de 1930 na região Nordeste do país. Esses configuram, à época, um importante espaço de divulgação e circulação de ideias quando da indefinição do estabelecimento das universidades como principais centros acadêmicos, ficando, assim, a cargo das instituições histórico-culturais e políticas a responsabilidade com a organização e o direcionamento dos debates intelectuais.

Ver: LIMA, Nísia Trindade; SÁ, D. Miranda de (Org.). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

³²³ SENNA. *Elucidário de africanismos*.

³²⁴ Nesse período, ganham força diferentes projetos político-intelectuais que marcaram a polarização entre aqueles que defendiam a pureza étnico-linguística de herança portuguesa, definido por fronteiras sociais e, outros tantos, que, admitiam a emergência de uma língua brasileira, fruto da miscigenação. O período foi marcado por uma profusão de projetos nacionalistas que, à época, ganhou diferentes usos e sentidos políticos na construção de uma língua nacional. Não sem disputas e conflitos, os congressos afro-brasileiros (I e II CAB) assumiram relevância diante do contexto político do período. Durante os anos de 1930, na esteira do movimento modernizador, o governo de Getúlio Vargas (1882-1954) imprimia um conjunto de medidas político-sociais de caráter higienista. Ver: LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003; SEVERO, Cristine Gorski. A açucarada língua portuguesa: lusotropicalismo e lusofonia no século XXI. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 85-107, 2015.

Propomos, então, explorar alguns estudos que marcaram o período, atribuindo aos africanismos o elemento de variação linguística na construção das especificidades do português brasileiro. Nessa direção, tomamos como panorama de análise o *1º e o 2º Congresso Afro-Brasileiro* ocorridos nos anos de 1934 e 1937, respectivamente. Diante de um contexto de disputas político-intelectuais, buscamos nos congressos os projetos escriturários que, de algum modo, conformam uma especificidade linguística na formação da brasilidade.

Afim de criar as condições de análise e produção de sentido, esses devem ser compreendidos dentro de um contexto mais amplo, representativos de uma tradição intelectual marcada por antagonismos e rivalidades. Nessa direção, privilegiamos aqueles estudos que mantiveram uma forma privilegiada de análise junto aos africanismos, produzindo importantes referências simbólicas, capazes de marcar certas particularidades locais e/ou regionais.

Tomemos então, o 1º Congresso Afro-brasileiro (CAB), realizado em Recife, no Teatro Santa Isabel em 1934. Com inspiração nos debates que já vinham tomando forma, realizou-se um ano após a publicação da obra de Gilberto de Mello Freyre “*Casa grande & senzala*”, de 1933, tendo esse como um de seus principais idealizadores.³²⁵ De caráter nacional, o evento contou com a participação do então diretor do Museu Nacional, o médico e antropólogo Edgard Roquette Pinto (1884-1954), e do psiquiatra Ulysses Pernambuco (1892-1943), primo de Freyre.

Inicialmente, seus idealizadores pretendiam que o Congresso fosse destinado aos estudos sobre as religiões afro-brasileiras, uma vez que, muitos desses estudiosos, já se debruçavam sobre o tema. Contudo, teve seu escopo ampliado, contando com uma temática voltada para os aspectos mais gerais da cultura afro-brasileira, sendo então, organizado em quatro sessões temáticas: 1º Etnografia (Ulysses Pernambuco); 2º Antropologia/Sociologia/Etnologia (Olvio Montenegro); 3º Folclore/Arte (Rodrigues de Carvalho); 4º Psicologia social (Silvio Rabelo).³²⁶

³²⁵ A concepção de história e o viés interpretativo defendido por Gilberto Freyre foram considerados, à época, um “divisor de águas”, tornando-se alvo das atenções da elite intelectual brasileira nas décadas seguintes. Nos anos de 1950, o sociólogo Florestan Fernandes, membro da Escola Paulista de Sociologia, inaugura as críticas ao pensamento freyriano, confrontando-o. A partir de então, muitas são as contribuições de pesquisadores na construção de novas análises, chamamos a atenção para os trabalhos de: ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa grande & senzala* e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 2017; NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

³²⁶ Se observarmos a programação completa publicada nos anais, podemos afirmar que esses estudos indicam um panorama bastante diversificado de objetos e temas de investigação. Ver: SKOLAUDE, Mateus Silva. *Identidade nacional e historicidade: o 1º Congresso Afro-Brasileiro de 1934*. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH, 12, 2014, São Leopoldo. *Caderno de Resumos* [...]. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 200-201.

Na tentativa de promover uma agenda antirracista, em oposição às concepções científicas alicerçadas na inferioridade do negro e do mestiço, Gilberto Freyre buscou construir seus argumentos pautando-se no culturalismo. Conforme observa-se no trecho do discurso proferido na sessão inaugural,

O Afro-Brasileiro que hoje se reúne, às 15 horas, com toda a simplicidade, numa sala do Santa Izabel talvez venha a ser o início de *um movimento considerável de cultura e de ação social*. A primeira tentativa seria de clarificação do ambiente brasileiro *no sentido de se separar o preto do escravo* (como já queria Nabuco, que neste mesmo Santa Izabel fez a campanha da abolição) *e de se reconhecer no negro, assim rehabilitado, uma raça capaz e com contribuições já notáveis para o desenvolvimento nacional*. Por muito tempo nos dominou, um arianismo ridículo, ligado a preconceitos de classe e de exploração econômica. [...] O sangue negro no Brasil não deve ser vergonha para ninguém. Nem o sangue negro nem a influência africana, que alcança a todo brasileiro sincero o *authentic* como uma enorme “mancha mongólica” que se tivesse alastrado por toda alma nacional.³²⁷

O evento, que repercutiu nacionalmente, contou com a participação de um grupo bastante heterogêneo, constituído por filólogos, etnógrafos, cientistas, políticos, estudantes, artistas, além de representantes de cultos africanos e militantes da Frente Negra.³²⁸ Dentro do escopo pretendido, buscou-se reunir pesquisadores e membros da chamada cultura popular, contando com a participação de babalorixás, do culto Xangô e outros membros religiosos de matriz africana. Além de contar com a demonstração de iguarias típicas da culinária africana.³²⁹

Nesse jogo de equilíbrio, o evento buscou conciliar a presença de acadêmicos junto à participação popular. Essa particularidade, um tanto inovadora,³³⁰ foi recebida por parte da imprensa com entusiasmo, conforme noticiado pelo jornal carioca, constituindo-se em um importante momento para se pensar os sentidos atribuídos à própria miscigenação.³³¹ Abaixo, o recorte de jornal contribui para uma visão mais geral do evento,

³²⁷ FREYRE, G. Entrevista. *Diário de Pernambuco*, 11 nov. 1934, p. 3.

³²⁸ Ainda que, em tese, assumiam posições opostas, o período configurou o engajamento de pensadores modernistas paulistas e regionalistas do Nordeste, convergindo a presença de médicos e psiquiatras adeptos dos pressupostos eugênicos, modernistas e folcloristas. Dentre eles, encontram-se os pintores Cícero Dias e Di Cavalcante; o maestro Ernani Braga; os escritores José Lins do Rego; Mario de Andrade e Jorge Amado; o folclorista Câmara Cascudo; o etnólogo Edson Carneiro; o antropólogo Roquette-Pinto; o psiquiatra Arthur Ramos. Contou ainda, com a participação de Albertina Fleury, rainha de maracatu, de babalorixás e ialorixás do Recife e de Miguel Barros, representante da Frente Negra Pelotense. Ver: SKOLAUDE. *Identidade nacional e historicidade*.

³²⁹ Para esses, a participação no congresso possibilitava a tentativa de garantir proteção às suas práticas diante da perseguição religiosa por parte dos órgãos públicos que adotavam medidas proibitivas dos cultos afro-religiosos. Ver: SKOLAUDE. *Identidade nacional e historicidade*.

³³⁰ Não sem disputas, o evento ocasionou, à época, muitas críticas por parte da elite conservadora, conforme aponta SKOLAUDE. *Identidade nacional e historicidade*.

³³¹ Os jornais tiveram uma importante participação na divulgação das ideias do congresso, sobretudo na cobertura do evento. Além dos periódicos de Pernambuco, Williams fez um levantamento dos artigos e reportagens

Figura 50 – 1º Congresso Afro-Brasileiro. *Jornal do Povo*, Rio de Janeiro, n. 8, 17 out. 1934

1º Congresso Afro-Brasileiro

“ESTE CONGRESSO, QUE ESTA’ SENDO ORGANIZADO POR ESTUDANTES, ARTISTAS, SCIENTISTAS OPERARIOS, BABALORIXÁS, VAE MARCAR O INICIO DE UM MOVIMENTO DE GRANDES POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CONSCIENCIA SOCIAL E ARTISTICA MAIS HONESTAMENTE BRASILEIRA” — PALAVRAS DE GILBERTO FREYRE

Vae se realizar no proximo mez de novembro, em Recife, do dia 11 ao dia 15, o 1º Congresso Afro-Brasileiro, movimento de indiscutível relevo cultural e científico. Todos os aspectos da “cultura” negra no Brasil vão ser estudados neste certame: os cultos, as artes, o folk-lore, a musica, etc., de que resultará um extraordinário in-



teresse para a inteira reabilitação da raça negra entre nós, secularmente explorada e ignorada em suas manifestações de caracter.

Consta do programma do Congresso a exposição de objectos de cultos afro-brasileiros e de arte popular, de desenhos e pinturas sobre motivos afro-brasileiros de

Cicero Dias, Santa Rosa, Di Cavalcanti, Noemia, Luiz Jardim, Taraila do Amaral, Nestor Figueiredo, Manuel Bandeira e Ramires Azevedo, e de photographias de Francisco Rebello, actores para colher uma vasta repertagem dos seus trabalhos.

Haverá tres toques em terreiros de Babalorixás do Recife, de cultos nagô, pége e xambá. No dia 15 a Escola Domestica de Pernambuco oferecerá uma ceia de quitutes afro-brasileiros, durante a qual funcionará uma orquestra typica afro-brasileira.

A parte scientifica constará da leitura e discussão de trabalhos sobre: ethnographia, ethnologia, folk-lore, arte, anthropologia, sociologia e psychologia social, podendo-se desde já annunciar os seguintes: “O negro no folk-lore e na literatura do Brasil”, de Renato Mendonça; “Influencia Ethnologica do africano no Brasil”, de Rodrigues de Carvalho; “O Negro na Historia de Alagoas”, de Alfredo Brandão; “O negro na arte popular e domestica de Pernambuco”, de Gilberto Freyre em colaboração com Cicero Dias; “Macumba no Rio de Janeiro”, de Nobrega da Cunha; “O negro na poesia brasileira”, de Odorico Tavares; “Potencia Revolucionaria do negro americano”, de Adneral Jurca. Apresentarão tambem memorias: Arthur Ramos, Roquette Pinto, Ruy Coutinho, Ulysses Pernambucano, Geraldo de Andrade, Mario Marroquim, Edson Carneiro, Samuel Campello, etc. Trabalhos, cates,

que serão posteriormente publicados em annuaes.

A revista “Momento” dará um numero especial sobre Congresso.

As exposições e as sessões terão lugar no Theatro Santa Isabel. Ahu venderão lembranças, objectos que lembrem a vida africana no Brasil, como gravatas de chita, ligas, postaes, lenços, estatuetas, etc.

Em carta recente para um dos nossos redactores, salientou o sociologo Gilberto Freyre: “Este Congresso, que está sendo organizado por estudantes, artistas, scientistas, operarios, babalorixás, vai marcar o inicio de um movimento de grandes possibilidades para o desenvolvimento de uma consciencia social e artistica mais honestamente brasileira”.

O JORNAL DO POVO, que tem em seu programma a defesa das massas trabalhadoras, reconhece o valor do 1º Congresso Afro-Brasileiro, a realizar-se em Recife, uma vez que este Congresso se urde a estudar, do ponto de vista da sciencia, a posição do Negro no Brasil, desde o periodo da colonial até os nossos dias; mesmo porque de tais estudos só a uma conclusão chegarão todos os estudiosos do Congresso — a absoluta negação da theoria do negro como elemento inferior de colonização (theoria forjada, “pour cause”, socieologos sustentados pelos governos interessados, como é o caso, entre nós, do sr. Oliveira Vianna) e a documentação, a mais solida, da situação de explorados e oprimidos que é a dos negros no Brasil.

Deste ponto de vista, o JORNAL DO POVO abre as suas columnas ao 1º Congresso Afro-Brasileiro e annuncia, desde já, que enviará a Recife um de seus redac-



PAÉ JOÃO

Fonte: UNESP/CEDEM.³³²

Não obstante às disputas político-intelectuais em torno das narrativas africanistas, os estudos científicos buscaram explorar uma variedade de temas, como a escravização, a mistura racial, a influência africana na língua, na música, na arte, na literatura e na religião. É, portanto, nesse esforço de “arejamento” cultural que uma profusão de manifestações culturais fizeram-se presentes.

Diante desse universo bastante heterogêneo, seguimos nossa análise junto aos estudiosos que, ao seu modo, buscaram incorporar os africanismos, ou seja, os elementos étnico-linguísticos e culturais no português falado no Brasil. Em que pese as posições conservadoras e tradicionais de boa parte dos congressistas, a presença dos estudos voltados aos regionalismos linguísticos configuram uma importante produção na conformação de uma brasilidade linguística.

Dentre esses estudiosos, enfatizamos a produção escrita pelos filólogos Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) e Rodolfo Augusto de Amorim Garcia (1873-1949). Cada um à sua maneira, foi responsável por difundir em seus estudos os regionalismos de tradição oral

publicadas na capital do país, examinando jornais como *Diário Carioca*, *Diário da Manhã* e *Jornal do Brasil*. Ver: WILLIAMS, C. “*Coisas do negro*” além do pitoresco: The first Afro-Brazilian Congress of 1934. Dissertação (Mestrado em Artes e Estudos Ibéricos e Latino Americanos) – University of Califórnia Santa Barbara, 2004.

³³² O Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM) possui exemplares digitalizados do *Jornal do Povo*, que podem ser consultados online. Disponível em: www.cedem.unesp.br. Acesso em: 3 abr. 2024.

presentes na mestiçagem brasileira. Sem perder de vista os elementos de matriz africana, assumiram posições e embates que lhes permitiram colocar-se na cena pública.

Numa perspectiva linguístico-cultural, os estudos regionais tiveram à frente um dos mais importantes folcloristas e etnógrafo, Luís da Câmara Cascudo (1898-1986).³³³ Como estudioso, manteve uma rede ampla de contatos com figuras da elite e da cultura popular, o que lhe possibilitou articular um pensamento multifacetado, mantendo-se, de certa forma, aberto à herança cultural em busca de uma identidade brasileira.

A ênfase no regionalismo linguístico foi tema da apresentação do congressista, que tomou como referência os aspectos cotidianos presentes nos rituais religiosos, gestos e falas da “gente simples”.³³⁴ À época, notabilizavam-se os estudos etnográficos marcados pela análise das misturas étnico-linguísticas presentes na tradição oral dos grupos populares. Havia uma preocupação do folclorista com o registro documental das experiências vivenciadas na cultura popular, privilegiando a oralidade.

Um dos principais legados foram seus estudos sobre a experiência sertaneja e o mundo nordestino, até então ignorados pelos intelectuais do país. Como marcas da oralidade, buscou incorporar ao seu trabalho a presença do folclore através de expressões coloquiais e/ou populares, termos, festividades, danças e falares presentes nas práticas culturais e crendices religiosas.³³⁵

Nos trabalhos de Câmara Cascudo, o sertão nordestino é atravessado por uma nostalgia um tanto idealizada, imaginada. Contudo, a relevância de suas ideias e representações que definem uma fisionomia do sertão são importantes fontes de estudo.³³⁶ Aqui, as marcas de uma topografia social castigada pela seca é acolhida como pertença e funciona como um esforço discursivo na construção da brasilidade. Nas palavras dele,

Conheci e vivi no sertão que era da “era de setecentos” [...] Chuva vinha do céu e trovão era castigo. O sol se escondia no mar até o outro dia. Imperavam

³³³ Suas ideias foram alvo de profundas críticas posteriores, contudo, seus trabalhos estabelecem importantes referências para os estudos regionalistas e da cultura popular, tornando-se um dos principais folcloristas brasileiros. Ver: SILVA, Marcos. Cultura como patrimônio popular: perspectivas de Câmara Cascudo. *Projeto História*, v. 33, p. 195-204, 2006.

³³⁴ FERREIRA, José Luiz. Aboio: o canto melódico do vaqueiro. *Imburana: Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses*, n. 9, p. 47-60, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/Lucimar%20Lacerda/Downloads/harajo,+Aboio++%C3%BAltima+corre%C3%A7%C3%A3o%20(2).pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.

³³⁵ Esses estudos contribuíram para a publicação do *Dicionário do folclore Brasileiro*, em 1954, que se tornou uma referência para os estudos brasileiros.

³³⁶ O trabalho de Câmara Cascudo foi responsável por definir parte das particularidades locais e/ou regionais do sertão. Ver: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. Recife: FJN; Massangana; São Paulo: Cortez, 2009; ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

tabus de alimentação e os cardápios cheiravam ao Brasil colonial. [...] A herança feudal pesava como uma luva de ferro. [...] Vivi nesse meio. E deliciosamente.³³⁷

Ao buscar incorporar a presença da miscigenação, o folclorista trouxe para a sua narrativa a presença de figuras populares sertanejas, como o – *cantador* e o *aboiador* – aquele que conduz a boiada do fazendeiro. Sobre o tema, Câmara Cascudo publicou as obras, *O aboiador* (1921) e *Vaqueiros e cantadores* (1939), em que buscou retratar os efeitos drásticos da vida do sertanejo à própria condição racial, envolvendo-o numa atmosfera de um canto sofrido marcado pelas dores: “Cantava naquela tarantela febril, a ânsia dolorida de uma raça”.³³⁸ Mesmo sem dar voz direta ao personagem, o lamento sôfrego do aboiador é retratado pelo folclorista como,

Um canto tristíssimo que impressionava. Cantos doloridos de pesar, era o aboio, o lamento lançado ao sol moribundo, como se imprecasse a sua luz que fecundava a terra e que depois a ressequia. Recordava o sofrer angustioso das retiradas, quando faiscava a luz da madrugada, e a levada dos retirantes, sem pão, sem lar, sem descanso, nua, esfarrapada, doente, cambaleando procurava o caminho de uma natureza mais clemente, das terras melhores, de um céu mais amigo. Desenrolava-se no ar a sonoridade doentia do aboio.³³⁹

Lançando mão da tradição oral e de uma certa estética, seu canto é marcado pela lentidão rítmica e melódica que embala o cotidiano saudoso da “África longínqua de seus avós”. Aqui, o canto parece funcionar como expressão de uma linguagem popular contornada por um conjunto de elementos africanistas, observado no modo sonoro com que o sertanejo entoava livremente o seu canto.³⁴⁰

O efeito poético ressaltado pela atmosfera árida que envolve o cantador é, pois, embalado pela mistura dos elementos herdados dos fonemas (sons) produzidos pelos falantes de origem africana presente na língua portuguesa. Esse imaginário é contornado pelos africanismos presentes na cultura popular e regional marcado pela miscigenação. Nesse sentido, pode-se afirmar que a língua está lá, não como competência linguística, mas simbólica, ligada ao pitoresco e exótico.³⁴¹

³³⁷ CASCUDO, L. da C. O aboiador. *Imburana: Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses*, v. 5, n. 9, 2016; CASCUDO, L. C. *Vaqueiros e Cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984, p. 16-17.

³³⁸ CASCUDO. O aboiador.

³³⁹ CASCUDO. O aboiador.

³⁴⁰ Iniciados na década de 1920, os estudos sobre a cultura popular foram ressaltados em outras obras do autor, como, *Literatura oral no Brasil* (1952) e *Dicionário do folclore brasileiro* (1954). O período foi marcado por uma efervescência cultural, sendo ele, um dos pioneiros do folclorismo presente no debate político-intelectual à época.

³⁴¹ Essa ideia reforçou o imaginário político-intelectual, relacionando a cultura popular ao exótico, por vezes, ligada ao incômodo e à estranheza dos costumes e falares, frente à hegemonia que marca os elementos da cultura

A aproximação nostálgica da infância vivida na fazenda e o afastamento marcado como intérprete da cultura popular produzem um efeito por vezes contraditório, entremeado pelas memórias que se misturam aos relatos orais coletados. É a partir dessa postura que interpretava a sociedade e produzia seus estudos, tornando-se um importante divulgador da cultura e literatura locais.³⁴² Como síntese desses estudos, Câmara Cascudo apresentou um artigo, intitulado “Notas sobre o catimbó”, em que afirmou a contribuição dos povos miscigenados e suas práticas religiosas brasileiras. Nele estão presentes referências ao universo vocabular que engloba as influências de cultos africanos, indígenas e católicos que compõem o folclore brasileiro.

Dedicando-se mais diretamente às explorações vocabulares, o etnógrafo e historiador Rodolfo Augusto de Amorim Garcia (1873-1949) concentrou-se nos estudos e glossários de origem indígena e africana, publicando importantes obras como o *Dicionário de brasileirismos*, *Glossário das palavras e frases da língua tupi*, *Catecismo da doutrina cristã na língua brasílica da nação Kariri*, *Dicionário histórico, geográfico e etnográfico do Brasil*, organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em que escreveu a *Etnografia indígena e História das explorações científicas no Brasil*. Juntamente com o historiador João Capistrano Honório de Abreu (1853-1927), foi responsável por organizar a terceira edição da *História Geral do Brasil*, escrito por Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878).

Considerado um dos mais importantes diretores da Biblioteca Nacional, sua atuação remonta às atividades que desempenhou durante os anos de 1932 e 1945, devotando um reconhecido esforço na ampliação e organização do acervo da instituição. Os trabalhos etnográficos e linguísticos foram a tônica de suas pesquisas e registram um importante acervo composto por notas, verbetes, apontamentos, obras dicionarizadas, que constituem trabalhos de relevo em sua trajetória intelectual.

de elite. Ver: ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Olho d'Água, 1992. p. 40; FRANCO Jr., Hilário. Contos Tradicionais do Brasil. In: SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva; FFLCH/USP; Fapesp; Natal: Editora UFRN; Fundação José Augusto, 2003. p. 46-47.

³⁴² A qualidade literária e a originalidade da produção intelectual de Câmara Cascudo foram reconhecidas assegurando-lhe um lugar entre os principais intérpretes do Brasil à época. Dedicando a maior parte de sua vida aos estudos da cultura popular e folclórica, foi reconhecido e premiado pela Academia Brasileira de Letras, em 1956, pelo conjunto de sua obra. Em 1941, fundou a Sociedade Brasileira de Folclore. Sua obra é vasta, composta por estudos sobre música, sociologia e geografia, além de escritos memorialistas, biografias e crônicas, crítica literária, romances e poesias, traduções. Dentre suas obras destacam-se ainda, *Dicionário do folclore brasileiro* (1954); *Superstições e costumes* (1958); *A cozinha africana no Brasil* (1964); *História da alimentação no Brasil* (1963-1967).

Para o 1º Congresso Afro-brasileiro, Rodolfo Garcia apresentou o trabalho “O vocabulário nagô” (1934),³⁴³ que teria sido recolhido em Pernambuco, mas sobre o qual não fornece nenhuma informação precisa. Segundo ele, “a obra teria sido escrita na primeira metade do século XIX, em Pernambuco, por alguém que lhe entregou, porém não se lembrava mais de quem poderia ter sido”.³⁴⁴ Ainda que incerta a autoria, a publicação do estudioso contou com cerca de 223 itens lexicais portugueses com equivalentes em “nagô”, ou seja, iorubá. Esses equivalentes correspondiam a termos e expressões de cultos afro-brasileiros, além de palavras referentes à indumentária, culinária e objetos do universo cultural de matriz africana.³⁴⁵

Trata-se, portanto, de um conjunto vocabular composto pelos falares, gírias e dialetos das camadas populares produzido na interação entre as diferentes línguas de matriz africana e o português falado no Brasil. Distante das formalidades estabelecida pela escrita, as palavras de origem africana identificadas por Rodolfo Garcia ocupavam-se de um significativo universo da oralidade. Seu trabalho faz parte de uma série de estudos de cunho regionalista produzido durante o período, demarcando um importante registro da presença das línguas africanas em diversas regiões do país.

Para demonstrar a presença dos africanismos ligados, sobretudo, aos cultos afro-brasileiros, o estudioso buscou transcrever as palavras pronunciada no iorubá e que foram trazidas para o português falado, registrando assim, os tons e linguagens presentes nos cultos religiosos. Com ênfase aos aspectos culturais, quando possível, trouxe contribuições fonética, morfológica ou sintática, seu trabalho revela reflexões importantes acerca dos atributos vocabulares para a conformação dos brasileirismos.

Ao identificar a mistura nos costumes, ritos e crenças presentes na língua brasileira, Castro³⁴⁶ destaca que influência de matriz africana é composta por um conjunto lexical bastante amplo, sendo pensado nos diferentes regionalismos marcados pela interação com os “dialetos da Senzala, dialetos rurais, dialetos urbanos, dialetos das Minas” de que participaram as línguas africanas juntamente com a língua portuguesa. Para a autora, são registros que encontram-se presentes nas construções morfossintáticas, no léxico e na fonologia, determinando assim, as variações linguísticas regionais atribuídas ao português do Brasil.

³⁴³ Publicado no volume 1 dos *Anais de Estudos Afro-Brasileiros*, Ariel: Rio de Janeiro, em 1935.

³⁴⁴ COUTO, Hildo Honório do. Resquícios de Africanismos Linguísticos no Brasil. *Pápiá*, n. 13, p. 125, 2003.

³⁴⁵ SILVA, Odalta Alves da. *A influência Africana no Português em Pernambuco: um mergulho em Ascenso Ferreira* Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

³⁴⁶ CASTRO, Yeda Pessoa de. Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos. In: MELLO, Linalda de A. (Org.). *Sociedade, cultura e língua: ensaios de sócio e etnolingüística*. João Pessoa: Shorin, 1990, p. 91.

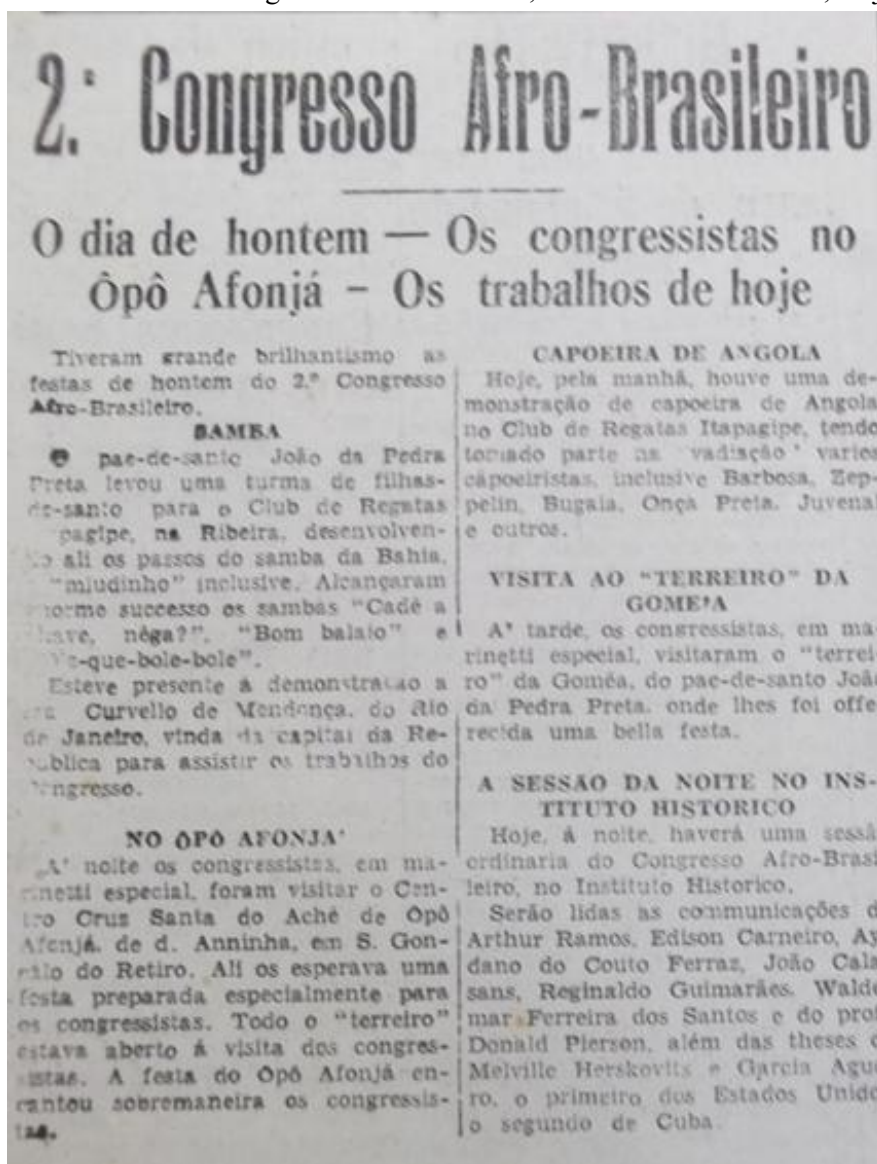
Nesse contexto, a relação entre língua e cultura constitui um universo bastante complexo, marcado pelos usos e aplicações dos falares incorporados ao vocabulário português. Numa perspectiva simbólico-cultural, chamamos a atenção para a ênfase nos aspectos semânticos e fonológicos com destaque para a sonoridade “vagarosa” e “cantada” dos falantes, de modo a inventar uma certa brasilidade linguística.

Ainda nessa direção, o 2º Congresso Afro-Brasileiro, ocorrido em 1937 em Salvador, seguiu os passos do primeiro congresso realizado em 1934, reforçando assim, o diálogo com outros estudos sobre os africanismos. O evento sediado pelo Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (IHGBA), teve à frente de sua organização nomes como o etnólogo baiano Edison Carneiro (1912-1972), o jornalista Aydano Couto Ferraz (1914-?) e o etnólogo Arthur Ramos (1903-1949). Contando, ainda, com a participação do professor alagoano Renato Mendonça, do advogado paraibano Ademar Vidal (1897-1986), do professor Dario de Bittencourt (1901-1974), do jornalista e poeta baiano Aydano Pereira de Couto Ferraz (1914- 1985), dentre outros.

No encontro, a ênfase dada à contribuição da população de origem africana foi mais uma vez explorada nos trabalhos apresentados por membros da elite intelectual, contando com a participação de pesquisadores, cientistas sociais, militantes e personalidades afro-religiosas, muitos deles, com participação anterior. O recorte de jornal abaixo, contribui para localizar uma certa ambiência social com que seus idealizadores pretenderam promover, dando ênfase às apresentações de capoeira de Angola, batuque e samba.³⁴⁷

³⁴⁷ Em um período em que as perseguições policiais eram constantes, o 2º Congresso Afro-brasileiro possibilitou a criação da União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia, favorecendo a liberdade de culto e práticas religiosas afro-brasileiras. Ver: SILVA, Sarah Calvi Amaral. *Africanos e afrodescendentes nas origens do Brasil: raça e relações raciais no II Congresso Afro-Brasileiro de Salvador (1937) e no III Congresso Sul- 15 Rio-Grandense de História e Geografia do IHGRS (1940)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

Figura 51 – Notícia do 2º Congresso Afro-Brasileiro, *Jornal Estado da Bahia*, 14 jan. 1937



Fonte: UNESP/CEDEM

Vale destacar que, sob o paradigma cultural, a miscigenação foi incorporada nas análises desses estudiosos assumindo diferentes vertentes. Para explicar a presença da variação linguística no português brasileiro, muitos intelectuais buscaram enfatizar aspectos socioculturais e regionais presentes na cultura popular, privilegiando a variação da língua através da oralidade.

Nessa direção, tomamos os trabalhos de Arthur Ramos (1903 - 1949) e Edison de Souza Carneiro (1912-1972), ambos com estudos direcionados às religiões de matriz africana. Para esses, as questões étnico-raciais e linguísticas ganharam espaço nas abordagens relacionadas às crenças e cultos religiosos.

Na obra *O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise* de Arthur Ramos, publicada em 1934 e, apresentada ao segundo congresso em 1937, o autor articulou estudos de psicanálise e etnografia aplicada à cultura africana. Ao trabalhar com a religiosidade, realizou importantes investigações trazendo as especificidades dos diferentes grupos étnicos e práticas religiosas, em especial o candomblé,

O presente trabalho é o primeiro resultado de um largo inquérito procedido diretamente nos “candomblés” da Bahia, nas “macumbas” do Rio de Janeiro e nos “catimbós” de alguns estados do nordeste, sobre as formas elementares de sentimento religioso de origem negra, no Brasil. Foi em virtude da minha profissão de médico legista e clínico, que me puz em contacto, na Bahia, com as classes negra e mestiça da sua população, indo surpreender a muito custo e após tenaz e paciente esforço, todos os mysterios das religiões negras e as formas de todo esse cerimonial magico-religioso de origem africana. [...] Deste modo, o presente trabalho não deixa de ter um largo alcance hygienico e educacional.³⁴⁸

Suas pesquisas marcaram os estudos etnográficos brasileiros à época, obtendo reconhecimento da comunidade acadêmica internacional, além de sua contribuição para a institucionalização da Antropologia no Brasil. O trabalho de Arthur Ramos tem uma vasta contribuição para os estudos sobre os africanismos no Brasil, seu pensamento, formulado desde a década de 1920, se entrecruza com o contexto brasileiro decorrente do movimento modernista.

A pluralidade linguística está presente em sua obra, a partir dos elementos religiosos, em que destacou as trocas culturais e o contato linguístico identificado nas diferentes crenças e práticas religiosas. Nessa direção, ao analisar a entrada de diferentes grupos étnico-linguísticos, Arthur Ramos realizou um mapeamento, distinguindo as muitas “vozes e falas” presentes na religião. Ao buscar desvendar o “não dito” na obra de Arthur Ramos, chamamos a atenção para as contribuições do antropólogo, evidenciadas no trecho abaixo,

A obra vem suprir as lacunas por ele mesmo reclamadas em relação, principalmente, às tribos africanas introduzidas em nosso território, nota-se que, tendo abarcado os dois grandes grupos religiosos, sudaneses e bantus, introduzidos inicialmente nos Estados da Bahia e Pernambuco, respectivamente, o foco de sua análise irá se voltar, principalmente, sobre os candomblés da Bahia e sobre as macumbas do Rio de Janeiro, local para onde depois se irradiaram grandes focos do grupo banto.³⁴⁹

³⁴⁸ RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. [2001]

³⁴⁹ RAFAEL, Ulisses Neves. O não dito na obra de Arthur Ramos. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 496, maio/ago. 2009.

Arthur Ramos aponta a presença de diferentes grupos e povos de origem africana, que constituem as especificidades religiosas no Brasil, indicando uma forma de pensar os dialetos e as línguas faladas no Brasil por meio dos rituais religiosos afro-brasileiros.³⁵⁰ Em seu trabalho documentou a significativa influência do grupo banto na formação do português brasileiro, especialmente no vocabulário e expressões idiomáticas. Esse grupo linguístico, abrange um vasto número de línguas africanas, principalmente proveniente da África Central e Oriental, como evidenciado em seus estudos. Sendo identificado importantes documentos linguísticos produzidos pelo antropólogo em que registrou palavras e expressões de origem banto.³⁵¹

Segundo Castro³⁵² os grupos banto foram os mais importantes agentes de variação linguística na língua portuguesa, dada sua densidade demográfica e amplitude geográfica, durante o processo colonizador. Regionalmente sua presença teve maior concentração no Nordeste brasileiro, em razão da ocupação da mão de obra escravizada e, configuram um universo amplo de práticas e manifestações populares.

Outro estudioso das religiões foi o etnólogo baiano Edison de Souza Carneiro (1912-1972), um dos organizadores do II CAB realizado em Salvador. No evento, o conferencista abordou seu estudo histórico-etnográfica sobre a religiosidade e as práticas culturais de matriz africana, publicado um ano antes, em 1936, notabilizando-se por importantes estudos.³⁵³

Na obra *Religiões negras: notas de etnografia religiosa*, considerada um marco nos estudos sobre as religiões de matriz africana, o autor realizou uma análise explorando as diferentes vertentes religiosas, como a umbanda, a quimbanda e o candomblé. Como um estudioso da cultura afro-brasileira, destacou a presença das línguas africanas como marcas na linguagem e na cultura popular, ainda que a predominância tenha sido do português de Portugal.

Destacou ainda, a presença dos costumes e folclores na cultura popular da Bahia, assinalando a complexidade da cultura afro-brasileira e colaborando com estudiosos que seguiram na mesma trajetória, dedicando-se às religiões de matriz africana. Nos estudos sobre os cultos afro-brasileiros e suas variantes, fez importantes trabalhos de pesquisa com publicações, como é o caso das obras: *Negros bantos* (1937), *Quilombo dos Palmares* (1947), *Candomblés da Bahia* (1947), *Antologia do negro brasileiro* (1950), *Ladinos e crioulos* (1964) e *Dinâmica do folclore* (1965).

³⁵⁰ RAFAEL. O não dito na obra de Arthur Ramos.

³⁵¹ CAMPOS, Maria José. Arthur Ramos: luz e sombra na antropologia brasileira. Uma versão da democracia racial no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. São Paulo, 2002. 281 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

³⁵² CASTRO. *Falares africanos na Bahia*.

³⁵³ GONÇALVES, Renata de Sá. Edison Carneiro e o samba: reflexões sobre folclore, ciências sociais e preservação cultural, *Anuário antropológico*, v. 38, n. 1, 2013.

Para Rossi,³⁵⁴ o intelectual baiano Edison Carneiro esteve envolvido em importantes projetos e militâncias a favor do movimento negro e do folclore brasileiro. Os interesses desse intelectual pelos africanismos presentes na sociedade baiana foram assumidos através de seu compromisso político e engajamento social. Sendo considerado um dos pioneiros nos estudos étnico-linguísticos e culturais, conforme ressaltado por Rossi,

(...) os compromissos ideológicos de Edison Carneiro não resultaram em perspectivas insensíveis à temática racial, cultural e religiosa afro-brasileira: temas centrais para a constituição dos universos de experiências da população negra brasileira e, em particular, a baiana, mas que não eram devidamente reconhecidas no âmbito dos enredos de revolução nutridos pelos comunistas do país. Pelo contrário, a militância do autor, além de lançar novas luzes ao problema das “raças oprimidas”, funcionou como um elemento catalizador de suas relações de proximidade e cumplicidade com os terreiros de candomblé da capital baiana, que passou a estudar de modo mais sistemático e onde, não raro, encontrou refúgio das perseguições policiais em razão de suas atividades políticas.³⁵⁵

Promovidos num contexto político-intelectual dos anos de 1930, em que os debates buscavam formular novos projetos de identidade, esses intelectuais deixaram uma importante contribuição para os estudos etnográficos, linguísticos e históricos. Demonstrando como o debate sobre a presença africana no português do Brasil constituem importantes referências na construção de um certo ideal de brasilidade.

Nessa direção, o I e II Congresso Afro-brasileiros configuraram um espaço privilegiado circulação e divulgação de ideias, ocupando centralidade no debate nacional. Guardadas as devidas diferenças e especificidades entre eles, os congressos refletem as disputas acerca da consolidação de uma identidade brasileira. Em que pese a força político-governamental do período,³⁵⁶ achava-se em efervescência um outro modo de pensar o Brasil, marcado pelos regionalismos linguísticos.³⁵⁷

³⁵⁴ ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *O intelectual "feiticeiro": Edison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

³⁵⁵ ROSSI. *O intelectual "feiticeiro"*, p. 5.

³⁵⁶ O período que ficou conhecido como Revolução de 1930 trouxe a tentativa de superação do modelo oligárquico para o modelo urbano-industrial. Para isso, intentava-se um discurso forjado na ideia de unidade nacional, defendida a partir do ideal sanitarista e higienista. Ver: CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *Brasil Republicano 2: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 107-143; PONTE, Carlos Fidelis. *O sanitarismo e os projetos de nação*. In: FIDELIS, Carlos; FALLEIROS, Ialê (Org.). *Na corda bamba de sombrinha: a saúde no fio da história*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; Fiocruz/EPSJV, 2010. p. 75-78.

³⁵⁷ A presença dos congressos afro-brasileiros na região nordeste do país, deslocando-se da região sudeste do país, reflete os próprios embates político-intelectual do período. Moraes chama a atenção para as disputas em torno dessa querela, destacando os embates de Gilberto Freyre em Recife e Edison Carneiro em Salvador, em que alegavam que “teria sido lá, inclusive, onde se iniciaram os estudos sobre o negro no Brasil”. Ver: MORAIS, Mariana Ramos.

Atentos às questões do período, chamamos a atenção para o modo como a língua assumiu a tônica na consolidação de uma brasilidade, sendo incorporada aos diferentes projetos escriturários. Nelson de Senna fez parte dessa tradição historiográfica, ainda que não tenha participado diretamente dos congressos afro-brasileiros marcou presença no debate sobre a língua. Buscando sempre defender os interesses regionais, sem deixar de posicionar-se nacionalmente, a seguir, procuramos acompanhar o modo como esse intelectual construiu os africanismos na relação entre a brasilidade e a mineiridade.

4.3. Colombo mineiro: construindo significados

*Assim, a língua faz parte da terra, e, em grande porção, é nascida da própria terra. Si queremos defender a nacionalidade, defendendo o solo, é urgente que defendamos também, e antes de tudo, a língua, que já se integrou no solo, e já é base da nacionalidade.*³⁵⁸

Ao procurar desvendar o ethos da “terra mineira”, o historiador Nelson Coelho de Senna parece ter encontrado junto à exploração dos diferentes povos indígenas e africanos os argumentos que lhe possibilitaram sustentar seu discurso em defesa do lugar de Minas Gerais junto à escrita da história pátria.³⁵⁹ Ao recuperar a herança étnico-cultural do estado, abriu caminho na escolha de um conjunto de elementos identitários capaz de construir as representações que contornam o seu discurso em torno da mineiridade.³⁶⁰

Nessa direção, estabelecemos diálogo com o conceito de identidade cultural,³⁶¹ entendida como o conjunto de elementos culturais que se formam em torno de um grupo e/ou povo e se manifestam na forma como constroem seus hábitos e costumes. Nesse sentido, ela seria um mecanismo discursivo que encontra-se em constante reformulação, dado o seu caráter

Raça, cultura e religião: os Congressos Afro-Brasileiros e a antropologia feita no Brasil nos anos 1930. In: Bérose: Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie, Paris, 2020, p. 1-31.

³⁵⁸ O fragmento do discurso de Educação Cívica proferido por Olavo Bilac foi reproduzido, na forma de citação, por Nelson de Senna no texto introdutório, intitulado “Explicação preliminar”, para justificar as razões e os objetivos dos estudos sobre o *Elucidário de africanismos*.

³⁵⁹ ARAÚJO, Valdei Lopes de; MEDEIROS, Bruno Franco. A história de Minas como história do Brasil: o projeto historiográfico do APM. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. XLIII, p. 22-37, 2007.

³⁶⁰ Não obstante a existência das concepções essencialista e relacional, atribuída ao discurso de mineiridade empreendido em estudos historiográficos anteriores, optamos por analisar um sistema de representação simbólico-cultural construído nos discursos de Nelson de Senna. Ver: RAMALHO. *A historiografia da mineiridade*, p. 173.

³⁶¹ HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 7-22. O conceito de comunidades imaginadas também serviu de apoio para essa análise. Ver: ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

dinâmico e fluido, ao mesmo tempo, internaliza e consolida valores de uma tradição, assumindo novos significados.

Nesse processo, a construção da identidade regional mineira, configura um espaço de disputas e possibilidades imaginárias em que muitos agentes públicos buscaram conformá-la aos seus interesses.³⁶² Pode-se afirmar que, Nelson de Senna, também construiu o seu projeto regional-integracionista com base na retórica mineiridade. Essa identidade parece ter sido expressa a partir do resgate dos diversos traços étnico-raciais que configuram o povoamento no território, resultante do processo colonizador.

Portanto, quais seriam os valores culturais presentes na mineiridade formulada por Nelson de Senna? No contexto de recuperação econômica do estado, explorou as riquezas naturais com foco nas potencialidades mineradoras, siderúrgicas e metalúrgicas,³⁶³ augurando um futuro promissor para Minas Gerais. Como exercício retórico, chamou a atenção para as especificidades de sua geografia, atribuindo-lhe a razão do progresso e “surto industrial”. Nas palavras dele,

Do ventre metálico das nossas serras têm de sair em breves tempos partos fecundos, que animem usinas e estaleiros e movimentem frotas e arsenais, enriquecendo o comércio e aperfeiçoando as artes e os ofícios em nosso País. [...] Ferrovias enroscarão o seu traçado por quantos desfiladeiros existam no alpestre território de Minas, sem temor de obstáculos nos pontos de maior encurtamento de seu percurso; hão de construir-se ao norte e ao sul, ao nascente e ao poente, túneis e viadutos mil, muralhas de arrimo e estradas de rodagem sem conta; pontes numerosas se estenderão sobre as correntes de tantos rios nossos, e obras de arte infinitamente multiplicadas irão afeiçoando os mais ásperos e bizarros trechos da nossa decantada natureza, para que em toda parte o homem colha proveito imediato e útil da terra, da água, da montanha, da floresta.³⁶⁴

No discurso, o caráter regional assume uma dupla função, atribuindo à dimensão geográfica uma propensão natural ao progresso, atrelada a uma capacidade uníssona de verter os desafios em um projeto comum. Nessa dinâmica, a topografia parece conferir aos seus

³⁶² REIS, Liana Maria. Mineiridade: identidade regional e ideologia. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 9, n. 11, p. 89-98, 2007. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/cadernoshistoria/article/view/2886>. Acesso em: 18 abr. 2025.

³⁶³ SENNA, Nelson Coelho. Mineração na Região do Rio Doce. 1900 – 1924). Dossiê contendo correspondências, artigos de jornais e revistas, procurações, contratos, concessão de licença, petições, escritura de compra e venda de imóveis, termos de compromisso, requerimento, relatórios, pareceres, laudos técnicos, regulamento do serviço de mineração. APCBH, NCS.3.6 (1).

³⁶⁴ Esse discurso norteou muitas ações políticas de Nelson de Senna junto ao congresso mineiro. SENNA. Discurso de abertura da assembleia inaugural da Academia Mineira de Letras, p. 3-4. Ver: GUSTIN; LANNA JR. *Memória política de Minas Gerais*, p. 70.

habitantes uma espécie de vocação, criando as condições que assegurariam o futuro da “civilização mineira”.³⁶⁵

Trata-se de uma retórica em que a especificidade regional³⁶⁶ entra no “jogo” discursivo, ocupando um lugar no imaginário e nas representações simbólicas. Nesse sentido, o passado minerador é tomado como fundamento para a defesa de uma tradição, cujo povoamento do estado seria marcado pela mistura das três raças. Nessa leitura, a população afro-negra teria sido incorporada à paisagem mineira “sem preconceitos raciaes, sendo o negro e sua mestiçagem com as outras raças – branca e vermelha – factores efficientes de nosso desenvolvimento demográfico, econômico e cultural”.³⁶⁷

Proveniente do legado minerador, a presença africana foi inserida nesse discurso como parte constitutiva da herança e da formação da identidade do povo mineiro, reafirmando ter sido um “fator poderoso e resistente, no povoamento social das Minas, desde os primórdios da organização administrativa da Capitania”.³⁶⁸ No discurso de Nelson de Senna, a história ocupa um lugar central na formulação da mineiridade,³⁶⁹ favorecendo a construção imaginária de uma identidade comum, que ligaria o “glorioso” passado mineiro às potencialidades de um futuro promissor para o estado.³⁷⁰ O sentimento de pertença constituiria, por si só, um valor identitário, conforme exemplificado abaixo no discurso pronunciado em 1907, ao mostrar-se favorável à construção férrea no norte do estado,

Lembrarei apenas aos Srs. deputados que no reinol mineral é seguramente essa a região que mereceu de sábios eminentes do velho mundo, como Saint-Hilaire, Mawe, Eschwege, Martius, Spix, Von Selow, Gorceix, Ferrand e outros especiais e lisonjeiras referências, sendo de notar a declaração formulada por Augusto de Saint-Hilaire de que *Minas Gerais era a terra que, no globo, podia dispensar o concurso de todos os outros países, porque tinha em seu seio toda a fartura dos três reinos da natureza* e que a região norte-mineira, no reino mineral, apresentava o mais brilhante e o mais opulento dos

³⁶⁵ SILVA, Rodrigo Machado. Entre antigos e mineiros: Diogo de Vasconcellos e a história da civilização mineira. 2013. 193 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013.

³⁶⁶ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

³⁶⁷ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 14.

³⁶⁸ SENNA, Nelson Coelho de. *A terra mineira*. 2. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1926. t. 1.

³⁶⁹ RAMALHO, W. S. C. Uma história da mineiridade: o sentido essencialista de uma representação. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 19, 2014, Juiz de Fora. *Anais [...]*. Disponível em: https://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/34/1398480269_ARQUIVO_Mineiridade-Walderez.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

³⁷⁰ SENNA, Nelson Coelho de. Texto sobre escritores, obras literárias, pintura, folclore, teatro e música brasileira. Folhas Avulsas. APCBH, NCS.5. (56).

quadros da natureza, porquanto ali todos os metais, todos os minerais e terras raras se encontravam.³⁷¹

Os atributos naturais característicos do território mineiro, teria sido agraciado por toda sorte de riquezas, sendo reforçado pela presença da literatura dos viajantes-cronistas em suas expedições por Minas Gerais.³⁷² Assim, das tradições que contornam a mineiridade no discurso de Senna, o foco no povoamento é admitido a partir do “caldeamento das três raças”, servindo-se de contraponto à política de exploração colonial. Para ele, a identidade mineira encontraria nos “vultos” do passado o caminho do progresso do estado.³⁷³

Nesse arranjo, o resgate dos aspectos étnico-culturais parece constituir-se no amálgama que explicaria a contribuição africana na história e na cultura do estado. Portanto, a miscigenação assume, junto à tradição mineradora, as especificidades de Minas Gerais. Ao retomar de forma privilegiada a questão do povoamento do estado, Senna faz seu apelo, argumentando:

E porque se haveria de contestar essa evidente e innegável influencia do “nêgro africano”, nem só nos costumes e na vida familiar da gente brasileira, como ainda na formação do nosso povo, no caldeamento do nosso sangue luso-americano? [...] no seio de uma população heteróclita, provinda de um amálgama ou fusão de tres fontes ethnicas (branca, prêta-africana e vermelha-americana ou indígena).³⁷⁴

Alinhando-se a uma postura de certo modo conservadora, a identidade mineira é construída a partir de um ordenamento simbólico em que a unidade regional se estabelece por meio da singularidade, ora favorecendo-se dela como elemento constituidor do folclore, dos ritos, dos costumes e hábitos que contornam a *nostra gente*, ora tomando-a como elemento de distanciamento, próprio da cultura popular.

³⁷¹ SENNA. [O transporte na região norte de Minas Gerais]. Grifo nosso.

³⁷² Em 1818 em expedição pelo Brasil, Martius e Spix visitaram a província de Minas Gerais, “região que já chamava a atenção na Europa pela sua grande quantidade de minérios e pedras preciosas”. Ver: EQUIPE Brasileira Iconográfica. Passeio por Minas Gerais com os viajantes. In: Brasileira Iconográfica. 29 mar. 2022. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/23408/passeio-por-minas-gerais-com-os-viajantes>. Acesso em: 23 fev. 2025. Em 1821, junto à missão francesa, o pintor e o viajante alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858) comparou a paisagem de Minas à dos Alpes: “Sob mais de um aspecto, a região lembra os Alpes suíços e poderíamos crer-nos transportados para essas montanhas ao contemplar as boas pastagens e as manadas de vacas e cavalos, que se encontram frequentemente”. Ver: RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Martins; Edusp, 1972.

³⁷³ Estamos operando com o conceito de tradição inventada como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”. HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9.

³⁷⁴ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 47.

Nesse sentido, o papel predominante da raça branca estaria nos elementos “civilizatórios” que moldariam os valores morais, cabendo às raças indígena e africana sua contribuição cultural. A estes últimos, competiria um saber construído através do resgate dos costumes, crendices, fazeres culinários, artísticos e linguísticos, que criariam as representações de pertencimento.

Em sua análise atribuiu à miscigenação étnico-linguística as razões para a variação semântica da língua, proveniente das entradas dos diferentes povos e grupos linguísticos. Sem, contudo, trazer uma análise mais aprofundada dos aspectos filológicos, afirmou que o elemento motivador das mudanças linguísticas advinha do contato dos povos africanos trazido para o Brasil.³⁷⁵ Logo, a ênfase dada às riquezas da terra é assim lembrada por Nelson de Senna,

Nas nossas terras de lavoura do algodão, café e canna, nas zonas agrícolas e de mineração do diamante e do ouro, o negro africano deixou assinalada a sua passagem [...] baptizando com termos e expressões de sua linguagem nativa as localidades brasileiras [...]. Resulta d’ahi serem os africanismos manancial abundante para os nossos nomes de lugares.³⁷⁶

Em seu levantamento, fez um esboço descritivo-vocabular das palavras, expressões e termos de matriz africana no contato com a língua portuguesa, conforme demonstrado no terceiro capítulo. Nesse sentido, podemos acompanhar um certo modo de pensar a língua, em que a ideia de uma *brasilidade* – *mineiridade* assumem uma intrínseca relação com os aspectos socioculturais. Como fruto da miscigenação, a contribuição africana é recuperada por meio de um conjunto de elementos culturais que legitimariam essa colaboração, afirmando que a influência do negro na cultura brasileira e mineira poderia ser facilmente notada no folclore, na música, na literatura, no teatro, na língua. Nas palavras dele:

Vêm agora, em nossos dias, homens de letras da atual geração explorando com brilho o veio literário inspirado no estudo da gente africana e de seus descendentes em nosso país. O tema afro-brasileiro os empolga. *O negro, o mulato e a mestiçada de sangue africano enchem de personagens interessantes* as comédias, dramas, contos, novelas, romances, ensaios e produções literárias dos nossos homens de letras, principalmente nas gerações dos nossos escritores.³⁷⁷

E ainda:

³⁷⁵ BORGES, Patrícia Souza. O contato entre o português brasileiro e as línguas africanas na visão de Mendonça (1935[1933]) e Raimundo (1933): uma análise historiográfica. In: POLACHINI, Bruna *et al.* *Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH: VII MiniENAPOL de Historiografia Linguística* (2013). São Paulo: FFLCH/USP, 2015. p. 34-53.

³⁷⁶ SENNA. *Elucidário de africanismos*.

³⁷⁷ SENNA. Texto sobre escritores, obras literárias, pintura, folclore, teatro e música brasileira. APCBH, NCS.5. (56). Grifo nosso.

Tudo que nos veio do negro africano adquire maior cotação e estima. Adquirem voga os quadros de velhos costumes brasileiros, que figuram nos preciosos desenhos de DEBRET, de FROGER e de RUGENDAS ou aparecem reproduzidos de estampas e vistas ilustradas de antigos livros de viajantes holandeses, alemães, franceses e ingleses que andaram pelo Brasil colonial, pintando-nos, ao vivo, cenas da vida familiar, da vida roceira e da vida de rua, no rio, na Bahia, no Recife, no Maranhão, no Tijuco (Distrito Diamantino), onde o elemento africano figurava com tipos característicos dos “moleques” e das “mucamas”, do “negro-do-ganho”, do preto-barbeiro”, dos boleiros, dos cocheiros e “sotas” de segas e carruagens, da “negra-mina” (quitandeira) da “Mãe-Bá”, dos pagens, dos condutores de “banguês”, de cadeirinhas, de liteiras, de palanquins, de redes e de tipoias; enfim, de toda essa população de cor que formigava pelos centros rurais (engenhos, fazendas, casas-grandes) e pelas praças e ruas das velhas cidades coloniais e das mais antigas capitais brasileiras, exercendo os mais rudes e variados misteres.³⁷⁸

As citações acima apresentam um otimismo exacerbado, que parece ter sido estabelecido, através de um processo de cooperação e consentimento mútuos. Nesse sentido, Senna parece dialogar com um modelo de interpretação muito comum à época, para quem a relação entre senhores e escravizados teria sido estabelecido naturalmente em um processo de assimilação.³⁷⁹

Desse modo, o ideal da convivência harmônica, marcada por uma sociedade etnicamente diversificada e sem preconceitos de cor, parece refletir em sua narrativa um caráter predominantemente discursivo. Não obstante aos limites, contradições e omissões que marcam sua leitura social, esses seriam os elementos que aglutinariam unidade e identidade ao povo mineiro. A miscigenação assume então, múltiplas formas de apropriação discursiva, de modo a elaborar um ideal de mineiridade.

Se atentarmos para o fato de que toda tentativa de recuperação de um passado responde às questões que se encontram no presente, podemos indicar que, no caso de Nelson de Senna, seu interesse esteve atrelado às disputas em torno da construção das identidades regionais

³⁷⁸ SENNA. Texto sobre escritores, obras literárias, pintura, folclore, teatro e música brasileira. APCBH, NCS.5. (56). Grifo nosso.

³⁷⁹ Não obstante às interpretações sociais que defendem o ideal harmônico, Araújo reforça a necessidade de matizar essas leituras, destacando a forte presença da violência nas relações entre senhores e escravizados. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. Vila Nova, S. Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos trinta. *Ciência & Trópico*, v. 23, n. 1, 2011.

e/locais durante o período.³⁸⁰ Portanto, o caminho seguido por Senna na construção de uma retórica da mineiridade, ganharia contornos mais amplos junto ao Congresso mineiro.³⁸¹

Uma outra evidência que reforça a tentativa de Nelson de Senna na consolidação de uma identidade mineira, encontra assento no modo como procurou acomodar as contradições político-econômicas e sociais do estado. Não obstante o reconhecimento de que havia muitas disparidades nas sub-regiões, buscou conciliar o desafio de superação do atraso da região norte, atribuindo-lhe apenas à falta de investimento, visto que se tratava de uma “região opulenta e bem fadada, de clima em geral saudável, tão vasta e populosa e tão bem dotada pela natureza”, pois, “se aquela zona não entra para o tesouro público com a renda que o estado podia dali auferir [...] é porque não há escoamento para a sua produção, em virtude da falta completa e absoluta de viação”.³⁸²

Desse modo, na tentativa de reforçar ainda mais os elementos dessa mineiridade, o regionalismo mineiro ganhou contornos toponímicos. Nesse sentido, a influência africana é demonstrada também nos estudos de nomes locais que compõem regiões do estado, conforme veremos na próxima seção.

4.4 A toponímia africana em Minas Gerais

*Não obstante, convenci-me, com verdadeiro orgulho, de que é tempo de que no Brasil nós nos voltemos com envaidecido aprumo de uma justa ufanía para as coisas do nosso passado, salvando em toda a região brasileira, e mormente no coração do país que é Minas Gerais, as tradições quase apagadas que aqui se implantaram desde os nossos avoengos nos nomes primitivos de tantas localidades, hoje apenas conhecidas pelas modernas e nem sempre felizes denominações.*³⁸³

³⁸⁰ Do ponto de vista político-econômico, as elites mineiras representavam os interesses dos grandes proprietários de terras e produtores rurais, especialmente nas regiões menos favorecidas do estado. Os esforços para a integração das diversas regiões e para a elaboração de um plano de desenvolvimento e integração econômica orientaram as ações no estado. Foi, portanto, no bojo desse processo que os grupos dirigentes mobilizaram ações com intuito de obter intervenções e subsídios capitais para o estado de Minas Gerais. Para a compreensão desse debate, ressaltamos os trabalhos de: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005; PEREIRA, Anete Marília. A urbanização no sertão norte-mineiro: algumas reflexões. In: ALMEIDA, Maria Ivete; PEREIRA, Anete Marília (Org.). *Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais*. Montes Claros: Unimontes, 2004, p. 11-32; OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de; RODRIGUES, Luciene (Org.). *Formação social e econômica do norte de Minas*. Montes Claros: Unimontes, 2000.

³⁸¹ Outras formas de interação com o estado e a elite político-econômica foram os congressos que reuniam políticos, empresários, burocratas da administração pública. Dada a diversidade na formação profissional, juntamente à posição social que ocupavam, influenciavam diretamente as ações e diretrizes adotadas para o desenvolvimento do estado.

³⁸² SENNA. [O transporte na região norte de Minas Gerais].

³⁸³ SENNA, Nelson Coelho de. In: CONGRESSO MINEIRO. Anais da Câmara dos Deputados. Quarta sessão da quinta legislatura no ano de 1910. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do estado de Minas Gerais, 1910.

Ao chamar a atenção para a toponímia da região mineira, Nelson de Senna buscou demonstrar as contribuições linguístico-culturais deixadas pelos povos africanos nos nomes de lugares brasileiros, em especial, em Minas Gerais. Dessa intenção, resultou a tentativa de um trabalho de mapeamento e catalogação dos nomes e denominações locais de origem afro-negra ou compostos por elementos luso-africanos provenientes do tráfico negreiro para o Brasil, desde a primeira metade do século XVI.

A toponímia, entendida como o conjunto dos nomes de lugar e/ou região (município, vila, povoado, etc.), tem a função de denominar e distinguir um determinado espaço geográfico. Ao receber um nome próprio, um local se individualiza, destacando-se de outros. Portanto, é um campo de estudo que liga a história, a geografia, a etnografia, a linguística, além de outras áreas de estudo.³⁸⁴ E permite conhecer aspectos que vão desde a etimologia e significação dos nomes próprios de lugares à sua história, origem e cultura.

Consideramos a presença africana nos topônimos mineiros, determinado pela influência dos diferentes povos que caracterizam o processo de povoamento no estado. Nesse sentido, interessa-nos portanto, indicar a presença de um volumoso material organizado no acervo pessoal de Nelson de Senna, no sentido de apontar seu esforço na constituição de um vocabulário geográfico composto “pelos nomes e locais de acentuada origem afro-negra ou composto com elementos africanos”.³⁸⁵

Essa escolha nos ajuda a entender como esse intelectual recuperou um “vocabulário de localidades mineiras”³⁸⁶ para reforçar a contribuição africana na constituição dos designativos locais mineiros, bem como, enfatizar os africanismos presentes na língua portuguesa. De modo semelhante à constituição dos vocábulos para o *Elucidário*, acreditamos que os topônimos mineiros possibilitaram ao estudioso mobilizar outros elementos da história de Minas Gerais, fornecendo um arsenal valioso sobre a história e a cultura do estado. Além, de fortalecer os seus argumentos em defesa das riquezas naturais e culturais do território mineiro. Nas palavras dele,

³⁸⁴ Na definição de Dick: “A Toponímia é a disciplina que caminha ao lado da história, servindo-se de seus dados para dar legitimidade a topônimos de um determinado contexto regional, inteirando-se de sua origem para estabelecer as causas motivadoras, num espaço de tempo preciso, procurando relacionar um nome ao outro, de modo que, da distribuição conjunta, se infira um modelo onomástico dominante ou vários modelos simultâneos. [...] Procura, ainda, estabelecer pontos de interseção entre os designativos e as línguas faladas no local, de maneira a determinar as tendências linguísticas manifestadas nos topônimos, ou em que medida esses expressam formas antigas de linguagem, com as modificações experimentadas.” Ver: DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897*. São Paulo: Anna Blume, 1996. p. 3-12.

³⁸⁵ SENNA, Nelson Coelho de. *Influência africana na toponímia brasileira. Nomes e locais de acentuada origem afro-negra ou compostos com elementos africanos: relação de verbetes e estudos histórico-etimológicos de topônimos afro-brasileiros*. 2 volumes, 1940.

³⁸⁶ SENNA, Nelson Coelho de. *Vocabulário de localidades mineiras: relação por ordem de cidades do Estado de Minas Gerais. Letras A-C. Incompleto. Folhas Avulsas, Manuscritos e recortes de jornais*, s.d.

Regionalmente, surgem em vários pontos de território brasileiro modalidades, deformações e variantes gráficas e prosódicas de um mesmo e determinado vocábulo, nos toponimos occurrentes. Sem autoridade para uniformizá-los (o que equivaleria alterar expressões já consagradas no uso popular), preferimos (consignar), fielmente, todas as formas com que se apresentam, na chorographia nacional, essas duplicas e reduplicadas denominações locais.³⁸⁷

Do ponto de vista histórico-linguístico, Ramos e Venâncio³⁸⁸ afirmam que os topônimos mineiros contribuem para o estudo de uma história social da língua portuguesa. Nessa direção, a força dos fatores sóciohistóricos são fundamentais para o entendimento e análise do próprio território mineiro. Os autores chamam a atenção para o fato de após mais de trezentos anos de processo colonizador, os designativos indígenas e africanos ainda são presentes em diversas localidades do estado.³⁸⁹

Os autores afirmam ainda que, “um traço comum a todas essas designações é serem de autoria do povo, traduzindo especificidades locais”.³⁹⁰ Consideremos o repertório toponímico usado na oralidade, eles dizem respeito a uma densa rede de costumes e usos linguísticos que marcam os nossos regionalismos, presentes nos “caipirismos, ruralismos e idiotismos” identificados por Nelson de Senna. Desse modo, chamamos a atenção para o modo como Nelson de Senna buscou evidenciar os topônimos mineiros, os quais fizeram parte de sua manifestação em defesa dos africanismos na cultura brasileira e, em especial mineira. Nas palavras dele,

Em Minas, no serviço de mineração de ouro e lavra dos diamantes, o mesmo conceito foi externado: sem o braço africano tal exploração não teria sido feita, na intensidade com que outrora aqui se desventrou a terra, para do seo seio arrancar toneladas de gemmas e metaes preciosos, que só iam enriquecer a metrópole. [...] Continuando a receber novos reforços do braço escravo africano, não só para o serviço da mineração, como para os trabalhos rurais das fazendas agrícolas e de criação.³⁹¹

A presença dessa dinâmica colonial parece ser uma das características que nos permite reconhecer a maneira como estabeleceu diálogo com a toponímia. Por meio dela enfatizou a presença africana, afirmando a permanência da cultura no cotidiano do povo mineiro, decorrentes não apenas dos falares regionais, como também, dos nomes e localidades que organizam a geografia do estado.

³⁸⁷ SENNA. *Elucidário de africanismos*.

³⁸⁸ RAMOS, Jânia Martins; VENÂNCIO, Renato Pinto. Topônimos mineiros: uma fonte para a historia social. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ; FAPERJ, 2002. v. 4. p. 113-123.

³⁸⁹ RAMOS; VENÂNCIO. Topônimos mineiros.

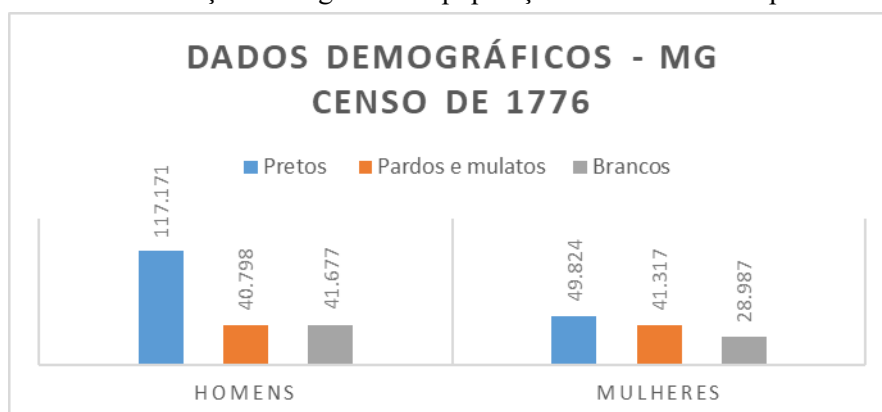
³⁹⁰ RAMOS; VENÂNCIO. Topônimos mineiros, p. 115.

³⁹¹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 49 e 59.

Dos elementos que compõem a defesa de uma vigorosa presença africana na toponímia mineira, enfatizamos a extensão territorial ligada às modalidades de assentamento e exploração estabelecidos no domínio colonial. A partir desse ordenamento político-econômico, o sistema de produção se organizou em torno das atividades mineradoras e agropecuárias, condição para o estabelecimento das vilas e lugarejos em que prevaleciam os dialetos e hábitos culturais africanos, contribuindo assim, para as denominações locais.

Para demonstrar a opulenta demografia de origem afro-negra na capitania de Minas Gerais, Senna buscou indicar numericamente a entrada da população negra no território mineiro, afirmando ser essa bastante expressiva. De acordo com o 1º Censo Regular da População das quatro comarcas da Capitania das Minas Gerais (Vila Rica – Mariana, Rio das Mortes, Sabará – Rio das Velhas, e Serro-Frio), organizado pelas autoridades coloniais no ano de 1776,³⁹² os dados contabilizavam o seguinte:

Gráfico 1 – Distribuição demográfica da população de Minas Gerais por sexo e raça



Elaborado pela autora com base nos dados SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 65-66.

Ao tomar os dados do primeiro censo, Senna afirmava o predomínio do “elemento de cor”, contabilizando um total de 166.995 habitantes negros puros, entre homens e mulheres, e 82.115 de cor parda ou mestiça (composta por cabras, cafuzos e mulatos) e 70.664 habitantes brancos. Portanto, nesse período, a população total do território mineiro, atingia a marca de 319.774 habitantes. Para demonstrar que a população negra (miscigenada) aumentava no território mineiro em detrimento da redução da população branca, Senna apresenta a taxa demográfica do ano de 1805, que, segundo ele, contava com um total geral de 407.004 habitantes na capitania de Minas Gerais. Desses, 188.791 contabilizava o número de escravizados, além da população liberta e/ou alforriada que não havia entrada nesse cômputo.³⁹³

³⁹² SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 58.

³⁹³ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 59.

Reafirmando o domínio numérico da população afro-negra em Minas Gerais, fez levantamento dos dados do censo regencial de 1835, afirmando que Oliveira Viana também já havia apontado a maciça entrada de africanos durante a exploração das minas (de ouro de diamante), em que os africanos “penetrariam copiosamente e ahi dominaram numericamente a população das zonas auríferas”.³⁹⁴

Os dados revelam que a estatística demográfica indicava o estado de Minas Gerais como uma das regiões com maior proporcionalidade de afro-negros e mestiços do país, ocupando a terceira posição, segundo o censo republicano de 1890, perdendo apenas para o Rio de Janeiro e a Bahia.³⁹⁵ Logo, a presença da cultura e das línguas africanas encontravam-se predominante na formação do estado mineiro, identificado assim, uma extensa relação de localidades mineiras com designativos africanos.

Ao relacionar os diversos aspectos da cultura local com ênfase aos topônimos mineiros, Senna procurou enumerar as principais fontes étnicas, chamando a atenção para um conjunto bastante diversificado composto pelos diferentes grupos étnico-raciais e linguísticos que, segundo ele, teriam contribuído com diversos aspectos para a formação da cultura mineira, inclusive para o “vocabulário geográfico”. Segue abaixo,

Ambudos, Angólas, Balántos, Bambás, Bantús em geral, Bechuános, Bégas, Benguélas, Bégues, Benis, Cabindas, Cacimbas, Cacóndas, Cacumbas, Cáfres, Cafúsos, Calabáres, Congolêzes ou Congos, Dahomeyanos, Egbános ou Egbás, Efáns ou Efôns (os cara-queimadas”), Félahins ou Fellanins, Fôlas ou Fúlas, Gêges ou Gêgis, Gingas, Guineános ou Guiné, Haussás, Kissâmas, Krumános, Macúas, Maguixas, Malês (ou nêgros musulmis), Mandingas, Manjángas, Manjongues ou manjungas, Minas-Yorubanos (ou “Nêgros-Minas”), Moçambiques-cafrede, Munjôjos ou Munjôlos, Mussocógnos, Nagôas ou Nagôs, Quiléngas ou Quiléngues, Quilôas, Quimbundas ou Quimbundos, em geral, Quissâmas, Sudanezes-Fulas, Tápas, Vatuános ou Vatuas, Yalôfos, Yorubanos ou Yorubas).³⁹⁶

Desse levantamento, destacou aqueles com maior registro de adensamento linguístico no território de Minas Gerais, sendo eles: “Bantús, Cafreães e guineanos-sudanezes”. O reconhecimento de remanescentes linguístico-culturais distribuídos em vários troncos e famílias explica a pluralidade do povo mineiro, refletindo características próprias capazes de se revelar nos costumes e nas tradições locais e/ou regionais.

Ao dedicar atenção aos estudos relacionados à contribuição dos povos de matriz africana no estado, o historiador buscou mapear os aspectos que marcariam a singularidade regional.

³⁹⁴ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 58.

³⁹⁵ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 66.

³⁹⁶ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 120-121.

Em suas obras, o reconhecimento dos povos africanos encontra-se na língua, nas denominações geográficas, nos costumes, na culinária, nas crenças, nos artefatos e nas manifestações folclóricas. Afirmando ainda, ser os “remanescentes dessa raça forte que pelejou pelo desbravamento do nosso território, raça onde se fundiram elementos étnicos os mais notáveis”.³⁹⁷

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a nomenclatura geográfica do território mineiro formada no processo de ocupação e definição do território, encontra-se distribuída em doze mesorregiões, que correspondem à concentração populacional, econômica, histórica e geopolítica, assim estabelecidas: Noroeste de Minas, Norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Central Mineira, Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Rio Doce, Oeste de Minas, Sul e Sudoeste de Minas, Campos das Vertentes e Zona da Mata.³⁹⁸

Como um traço marcante na designação toponímica mineira, estaria a forte presença dos diferentes grupos afro-negros. Esse fator nos ajuda a explicar a existência dos africanismos presentes também nos topônimos mineiros. Desse modo, buscamos acompanhar os movimentos e debates político-intelectuais em torno do diálogo entre a história e a língua, afim de evidenciar os projetos historiográficos e linguísticos em defesa de uma língua nacional. Para isso, indicamos o caminho seguido por historiadores do IHGB na busca por uma antiguidade brasileira e os modelos filológicos de análise sustentados por eles. Percorremos ainda, o debate dos anos de 1930 e as disputas em defesa de uma brasilidade linguística, na contramão de outros tantos, que defendiam as análises eugênicas provenientes das teorias raciais.

Nesse contexto, procuramos mostrar como Nelson de Senna esteve inserido nesse debate, dialogando como uma tradição em que defendeu a presença de uma *brasilidade-mineiridade* marcada pelos africanismos linguísticos. Por meio da influência africana na língua e na cultura em geral, indicamos também suas contribuições na catalogação vocabular dos topônimos geográficos mineiros, sem contudo, adentrar nos meandros dessa análise, às quais nos faltaria tempo e domínio de área.

³⁹⁷ SENNA, Nelson Coelho de. Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados ao Congresso Nacional da República, em sessão de 18 de maio de 1923. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923. APM, 11 F 338 S Cx. F.4d.2.

³⁹⁸ O primeiro estudo linguístico voltado especificamente para o estado de Minas Gerais foi o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), realizado pela UFJF em 1977. Ver: CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 3, 2012. Ressalta-se, ainda, o projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG), desenvolvido pela Faculdade de Letras da UFMG e coordenado pela professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, que tem por finalidade o estudo dos nomes de lugares dessas regiões e demonstrar as contribuições linguístico-culturais para a formação toponímica de Minas Gerais.

No próximo capítulo, buscamos localizar essas ideias na obra *Africanos no Brasil*, publicada no ano de 1938. Não por acaso, essa publicação ocorreu no mesmo ano de realização da Semana de Estudos Afro-Brasileiros, sediada na capital mineira, reverberando parte das questões que fomentavam o debate nacional. Através dessa produção escrita, o historiador parece ter tornado público parte do seu projeto escriturário ao qual almejou ambições ainda maiores.³⁹⁹

³⁹⁹ Destaca-se o interesse na publicação do próprio *Elucidário de Africanismos*, cuja sistematização e organização abrangeu um vasto conjunto vocabular recolhido ao longo de mais de cinquenta anos de pesquisa. Talvez, o seu trabalho de maior fôlego, sendo a expressão de um projeto de valor histórico-cultural e de grande envergadura em que buscou sempre levar adiante, sem, contudo, resultar numa edição publicada.

CAPÍTULO 5

AFRICANOS NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR NA HISTÓRIA

5.1 A ocasião faz a obra

Já de há muito venho estudando o assumpto dos “africanismos” e “indigenismos americanos”, no seio da nossa linguagem luso-brasileira. Mais de trinta anos tenho consumido em taes pesquisas e venho organizando um archivo de fixarios e abundante material de estudos para, um dia, talvez, com o favor de Deos, ainda poder editar o Elucidário e Vocabulário, no preparo dos quaes consumo todo o tempo sobranste das minhas occupaões universitárias. E como amostra desse esforço só me foi possível apresentar, nesta oportunidade, um “Esbôço desse Vocabulário de Africanismos”.⁴⁰⁰

Em 1938, por ocasião das comemorações do Cinquentenário da Abolição, a cidade de Belo Horizonte sediou a *Semana de Estudos Afro-brasileiros*. Sob a presidência do professor e crítico de arte Aníbal Pinto Mattos (1886-1969), o evento foi organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais em parceria com a Sociedade Mineira de Belas-Artes e reuniu parte da elite político-intelectual, contando com a presença de estudiosos, pesquisadores, autoridades políticas e representantes da imprensa.

Procurando demonstrar sintonia com as demais festividades que vinham ocorrendo em todo o país, seus organizadores planejavam mobilizar recursos humanos e financeiros para tal realização na capital mineira. Contudo, por razões de ordem econômica, o evento marcado para ocorrer entre os dias 13 e 19 de maio foi adiado por duas vezes, tendo sua realização somente no final de setembro e início de outubro daquele ano. Ao demonstrar o interesse pela realização de um evento “mais grandioso”, mas que por “motivos alheios à vontade da direção do Instituto”, “se dava uma denominação mais modesta à aspiração dos que [iriam] estudar a escravidão no Brasil sob tão variados aspectos”.⁴⁰¹

Assim, com proporções menores do que almejavam seus idealizadores, Aníbal Mattos, abriu a sessão. Em cerimônia oficial realizada em 22 de setembro de 1938, no Palacete Álvaro José dos Santos, sede do IHGMG, advertiu aos participantes quanto a “magnitude do encontro”, que, na ocasião, representava uma importante iniciativa do estado de Minas Gerais. No

⁴⁰⁰ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 23-24.

⁴⁰¹ Ata da 26ª Sessão do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, p. 20.

discurso, ressaltou ainda, que o evento configurava um importante espaço para dar visibilidade aos estudos de intelectuais mineiros que se dedicavam ao tema da escravidão no Brasil sob diferentes aspectos.

Tal empenho foi reforçado pelo orador oficial do IHGMG, Roberto Vasconcelos, que saudou o trabalho que o presidente Aníbal Mattos vinha “realizando pelo desenvolvimento da História de Minas Gerais”,⁴⁰² sendo a *Semana de Estudos Afro-Brasileiros* interpretada como interesse e “sentimento de todos” que advogam pelo progresso do estado.⁴⁰³ Nessa direção, o conferencista Waldemar Gontijo Maciel destacou “o trabalho de cultura que essa agremiação de talentosos jovens está realizando em Minas”,⁴⁰⁴ enfatizando a atenção dada à história mineira.

Conforme registrado em ata, definiu-se uma programação ampla e diversificada sendo organizada em 20 seções temáticas, contando com palestras e leituras de teses proferidas por alguns de seus sócios, além da organização de uma exposição de Artes Plásticas sobre o tema. Coube aos seus organizadores definir o regimento do evento, ficando assim estabelecido,

Art. 2º. Serão considerados membros da Semana de Estudos Afro-Brasileiros: a) Todos os sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; b) Os Institutos Históricos e Geográficos do país; c) As instituições que forem convidadas e aceitarem o convite; d) Sociedade Mineira de Belas Artes. Art. 16. Serão presidentes de honra da Semana de Estudos Afro-Brasileiros, o presidente da República, o Governador do Estado, os Secretários de Estado, o Prefeito da capital, o Arcebispo de Belo Horizonte e o presidente do Instituto Histórico de Minas Gerais.

Para dar destaque às comemorações da Abolição, não faltaram proposições afim de exaltar a presença e cultura africana no estado de Minas Gerais, sendo noticiada com entusiasmo pelos principais jornais mineiros e alguns nacionais. A sessão inaugural contou com a participação dos congressistas Nelson de Senna, Roberto Vasconcelos, Benedito José dos Santos, Benedito Quintino dos Santos, Heitor Antunes de Souza, Rodolfo Jacó, Noronha Guarani, Francisco Martins Carvalho, Aníbal Matos, dentre outras autoridades políticas, representantes da imprensa, estudiosos do tema e convidados.⁴⁰⁵

⁴⁰² Ata da 26ª Sessão do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, p. 20.

⁴⁰³ Ata da 26ª Sessão do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, p. 20.

⁴⁰⁴ Ata da 26ª Sessão do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, p. 21.

⁴⁰⁵ Dentre os conferencistas encontram-se: Lindolfo Gomes, com o trabalho “Folclore dos negros africanos”; João Dornas Filho, com a “Influência social do negro brasileiro”; Raul Tavini, com a “Contribuição cultural dos negros escravos”; Arnaldo Cathould, com “Elementos étnicos da raça negra”; Roberto Vasconcelos, com “Isabel, a redentora”; Aníbal Matos, com “A situação do elemento negro no período colonial em Minas Gerais”; Salomão Vasconcelos, com “A escravidão africana em Minas Gerais”. Ver: Ata da 26ª Sessão do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, 1938.

Diante do contexto de trabalho e seus respectivos autores, Nelson de Senna foi o primeiro conferencista, sendo muito aplaudido e elogiado pelos participantes. Na tese intitulada “A linguagem dos africanos e sua influência na língua portuguesa falada no Brasil”, o autor apresentou uma tese inédita contendo 200 páginas datilografadas, precedida de um sumário de 18 capítulos, em que buscou explorar os motivos históricos e sentimentais que orientavam sua pesquisa. Através de um detalhado exame sobre os costumes e a linguagem dos afro-negros no país, Senna salientou o contato luso-africano e o início do tráfico negreiro no país, enumerando estatisticamente a entrada de escravizados no estado de Minas Gerais. Como resultado desse processo, destacou a notória influência afro-negra na língua portuguesa, dando ênfase ao vulto numérico, evidenciado no terceiro capítulo.

Naquele contexto, Senna expunha o resultado de sua pesquisa produzida ao longo de décadas de trabalho e propunha contribuir com os estudos que já vinham sendo realizados.⁴⁰⁶ O evento que conferiu razoável repercussão em Minas Gerais,⁴⁰⁷ evidenciou o interesse em projetar-se para além das fronteiras do estado, buscando visibilidade junto aos principais centros intelectuais do país. Assumindo interlocução com as questões que já vinham sendo discutidas nacionalmente, o evento se destacou como um importante espaço de produção e circulação de ideias à época.⁴⁰⁸

O evento significou um importante momento para se pensar a miscigenação, fazendo circular um conjunto de publicações literárias, artísticas, etnográficas e linguísticas em consonância com os debates nacionais e disputas historiográficas da década de 1930.⁴⁰⁹ À época, parte dos estudos buscavam contemplar as contribuições étnico-culturais de matriz africana na formação de uma identidade brasileira.

⁴⁰⁶ A tese original, antes de sua publicação, recebeu o título de “*A linguagem dos africanos e sua influência na língua portuguesa fallada no Brasil*”.

⁴⁰⁷ Em ata, foi registrada a leitura de congratulações recebidas de instituições regionais e nacionais, como do IHGB em reconhecimento ao trabalho do IHGMG na organização de um evento daquela natureza. Ver: Ata da 28ª Sessão do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, p. 20.

⁴⁰⁸ Diante do panorama das comemorações regionais organizadas no país afora, a *Semana de Estudos Afro-brasileiros* ganha relevância diante do panorama de tensões que circulavam durante o período, com a tentativa de deposição do então presidente Getúlio Vargas, no movimento conhecido como Intentona Integralista ou Levante Integralista de 1938. Ver: CALIL, Gilberto Grassi. *Os integralistas frente ao Estado Novo*: euforia, decepção e subordinação. Artigo, Locus - Revista de História UFJF, 2010.

⁴⁰⁹ Os debates em torno da raça, ocorridos durante a década de 1930, fez vigorar uma acirrada disputa nos principais centros intelectuais do país, conforme discorrido no capítulo anterior. Ver: COELHO, W. de N. *Raça, cor e diferença*. Belo Horizonte: Mazza, 2008; COSTA, S. O branco como meta: apontamentos sobre a difusão do racismo científico no Brasil pós-escravocrata. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 1/2/3, p. 47-68, jan./dez. 2006; GUIMARÃES, A. S. A. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002; HOFBAUER, A. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora UNESP, 2006; SEYFERTH, G. Os paradoxos da miscigenação: observação sobre o tema migração e raça no Brasil (1870-1930). *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 20, p. 165-185, 2001; SCHWARCZ, L. K. M. Quase pretos, quase brancos. *Revista Pesquisa FAPESP*, n. 134, abr. 2007; SKIDMORE. *Preto no branco*.

O evento que fez parte do circuito de comemorações do Cinquentenário da Lei Áurea, veio reafirmar a importância desses estudos no país, quer sob o ponto de vista social, cultural e/ou político. A hipótese que se levanta é a de que, embora o evento tenha sido regional e, ainda, muito pouco conhecido, representou um momento oportuno para as questões raciais no estado, trazendo visibilidade para muitos intelectuais.

No caso de Nelson de Senna, entendemos que a *Semana de Estudos Afro-brasileiros* proporcionou-lhe manifestar-se publicamente acerca das críticas lançadas aos estudiosos da língua, como também, impulsionou a publicação da obra “Africanos no Brasil”, entendida por nós, como síntese de seu pensamento político-intelectual. Trata-se de uma das publicações de maior vulto, senão a maior, de que temos conhecimento, foi por meio dela que uma pequena parte do *Elucidário de Africanismos* foi divulgado.

Na esteira desse debate, Nelson de Senna soube dispor das condições conjunturais para dar cabo ao seu projeto escriturário. Manifestando-se publicamente, pode-se afirmar que o autor conhecia os seus prováveis leitores, para quem direccionou a sua crítica. Essa afirmação decorre da maneira como sua escrita se impõe no solo das disputas político-historiográficas da década de 1930, quando os debates sobre o pensamento social brasileiro assumiram diferentes contornos.

Ao buscar fazer coro com o debate que vinha ocorrendo nos principais centros intelectuais do país, sua obra atravessa importantes aspectos da história nacional. Na próxima seção, buscamos apresentar a obra *Africanos no Brasil* a partir dos elementos pretextuais, que, além de fornecer informações contextuais, auxiliam na compreensão do trabalho de organização dos temas e conteúdo.

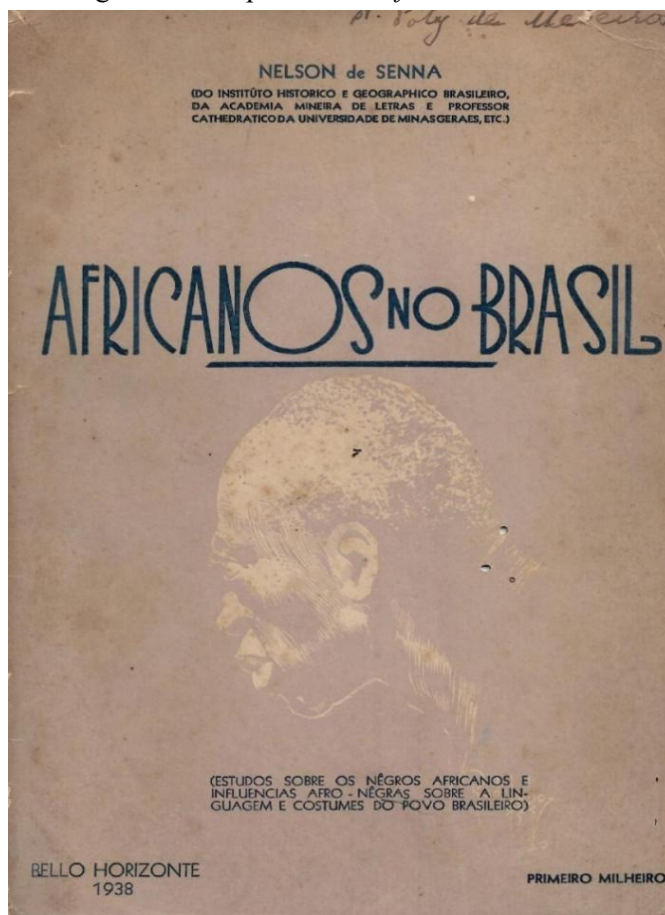
5.2 À margem do texto

Com o propósito de apresentar o ganho analítico que o modo de organização textual do livro assume nesse capítulo, indicamos o interesse duplo e simultâneo de familiarizar o leitor com os aspectos mais gerais relacionados às páginas prefaciais, bem como, situá-lo acerca de um conjunto de ações que caracterizam a busca por pertencimento entre seus pares. Reconhecemos nesse último, uma tentativa do autor de assegurar sua “presença no mundo”, vertendo habilidade em interesse prático.

Como componente discursivo, é possível afirmar que tal intenção, foi fundamental na construção da mediação entre suas ideias e os possíveis leitores da obra. Nessa direção, exibimos em seguida, um conjunto prefacial, marcado pelas homenagens, dedicatórias e

advertências preliminares que indicam parte das intencionalidades do autor. Abaixo a reprodução da capa do livro *Africanos no Brasil*,

Figura 52 – Capa do livro *Africanos no Brasil*



Fonte: Reprodução da obra *Africanos no Brasil*. Crédito da imagem: Olívia Almeida.

A fim de legitimar seu lugar de anúncio, exibe-se, logo abaixo do nome do autor, sua vinculação institucional, assim, indicada: “Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Mineira de Letras e Professor Cathedrático da Universidade de Minas Gerais, etc.”. Essa ideia, estabelece uma relação formal e legalmente reconhecida de pertencimento associativo. Um outro aspecto que parece complementar e reforçar sua participação em outras instituições é a presença da abreviatura “etc.”, indício de uma vinculação que se estende para além do nomeável.⁴¹⁰

Ainda na capa, o título grafado em caixa alta, vem acompanhando do subtítulo entre parênteses e funciona como um componente complementar que indica e antecipa o conteúdo da obra: *Estudos sobre os nêgros africanos e influências afro-nêgras sobre a linguagem e*

⁴¹⁰ Lembremos sua agremiação em mais de 40 instituições culturais nacionais e internacionais, conforme exibido no primeiro capítulo desta tese.

costumes do povo brasileiro. Como recurso de imagem, a fotografia/desenho centralizada na capa, traz a imagem de um homem com características étnico-africanas, em condição que reforça a representação de um tipo socialmente “coisificado”. Essa ideia reconstrói uma perspectiva da época em que a utilização de modelos tipificados encontrados nos estudos da antropologia criminal foram comumente utilizados para ilustrar livros sobre o tema.⁴¹¹

Logo abaixo e à esquerda estão indicados a localidade e o ano de publicação: “Belo Horizonte, 1938”.⁴¹² À direita, a constatação do número da tiragem da primeira edição: “Primeiro milheiro”. Ao analisar a expansão do mercado editorial a partir da década de 1930, Candido⁴¹³ aponta que publicar um livro no Brasil era uma tarefa difícil, na maioria das vezes, a edição era custeada pelo próprio autor e, geralmente, não passava de mil exemplares.

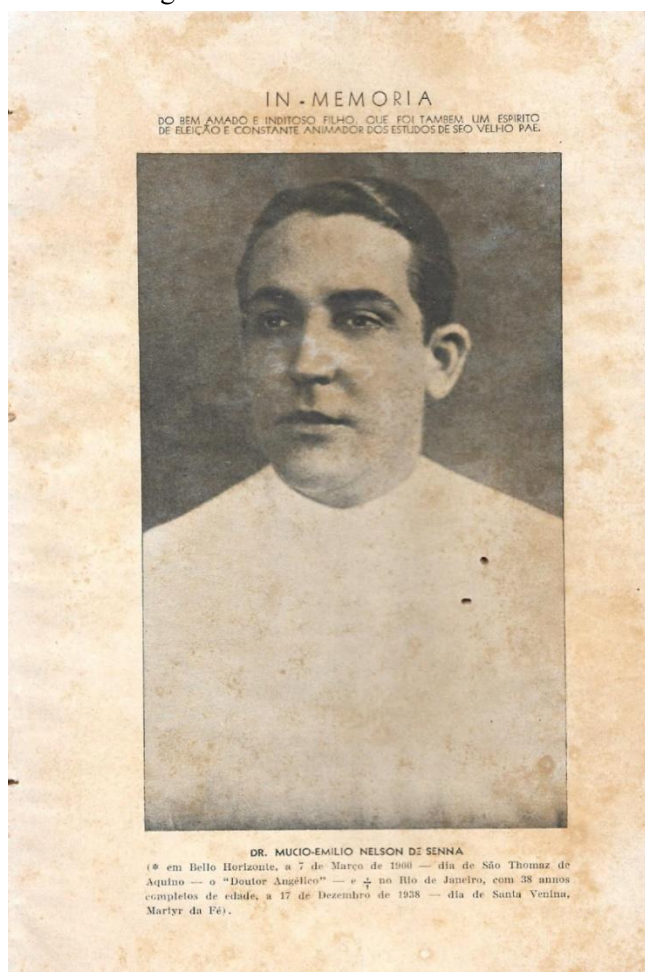
Nas folhas seguintes, uma sequência quase ritualística de citações, dedicatórias e homenagens são ofertadas pelo autor. A primeira traz uma dedicatória *in memoriam* dirigida ao filho primogênito, Mucio Emilio Nelson de Senna (1900-1938), que teve sua vida interrompida após um desastre de automóvel, falecendo no mesmo ano de publicação do livro. Esse foi lembrado pelo pai através de uma pequena mas significativa dedicatória, acompanhada de uma foto: “Do bem amado e inditoso filho, que foi também um espírito de eleição e constante animador dos estudos de seo velho pae”, conforme demonstrado abaixo,

⁴¹¹ SCHWARCZ. *O espetáculo das raças*.

⁴¹² Com uma única edição, contendo 297 páginas, a obra teve seu projeto gráfico e impressão realizados na oficina tipográfica Queiroz Breyner Limitada, localizada em Belo Horizonte. De acordo com Martini, a gráfica era a única da cidade que possuía maquinário dessa natureza, portanto, ficava também a cargo dela a impressão das principais revistas ilustradas mineiras que circulavam na capital, como é o caso da revista *Bello Horizonte*, criada em 1933 e a revista *Alterosa*, em 1939. Ver: MARTINI, Cristiane. O. P. *Regule-se, exercite-se, embeleze-se: pedagogias para o corpo feminino pelo discurso da revista Alterosa (1939-1964)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

⁴¹³ CANDIDO, Antônio. A Revolução de 1930 e a cultura. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 27-36, 1984.

Figura 53 – Homenagem ao filho Mucio Emilio Nelson de Senna



Fonte: Reprodução da obra *Africanos no Brasil*. Crédito da imagem: Olívia Almeida.

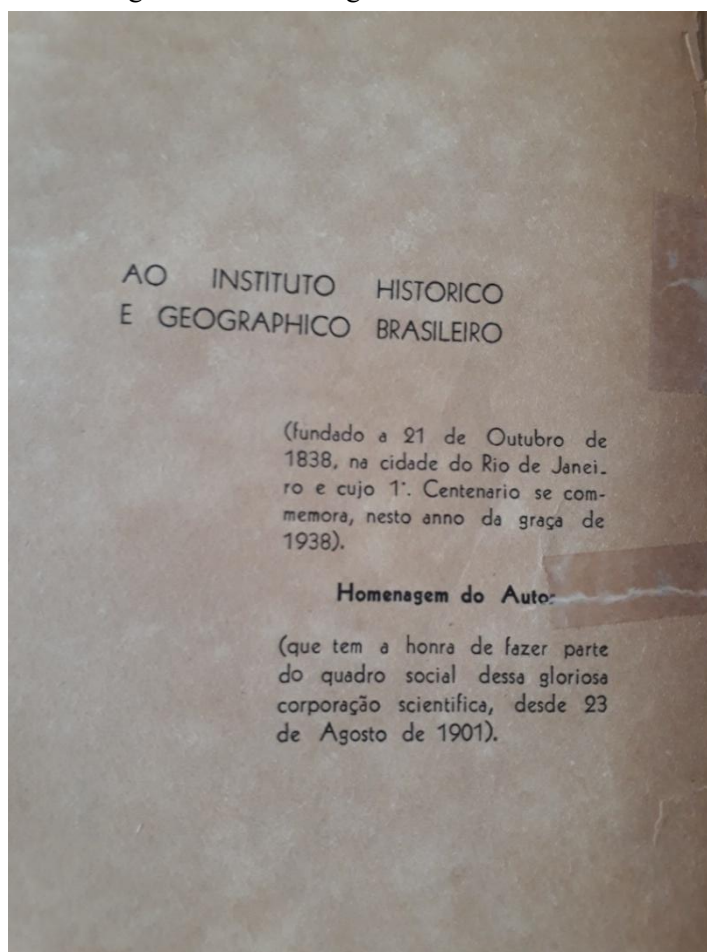
[TRANSCRIÇÃO]

DR. MUCIO-EMILIO NELSON DE SENNA

(* em Bello Horizonte, a 7 de março de 1900 – dia de São Tomaz de Aquino – o “Doutor Angélico” – e † no Rio de Janeiro, com 38 annos completos de idade, a 17 de Dezembro de 1938 – de Santa Venina, Martyr da Fé).

Em seguida, uma homenagem ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 21 de outubro de 1838, que, naquele ano, comemorava seu centenário. Senna expõe sua gratidão como membro daquela instituição, manifestando uma ligação de longa data: “Que tem a honra de fazer parte do quadro social dessa gloriosa corporação scientifica, desde 23 de agosto de 1901”. Uma vez mais, o autor primou por sua filiação institucional, fazendo valer o prestígio intelectual advindo dela.

Figura 54 – Homenagem do autor ao IHGB



Fonte: Reprodução do exemplar consultado da Biblioteca da FAFICH/UFGM.

Na sequência, a segunda homenagem é consagrada à memória dos escravizados, fazendo referência ao período marcado pela escravidão portuguesa no Brasil. Numa espécie de extensão da voz do autor, a citação abaixo aponta para uma certa concepção em que Nelson de Senna parece tomar para si o compromisso ético-moral de reparação dos povos submetidos à escravização durante o período colonial. Sendo assim lembrados pelo autor,

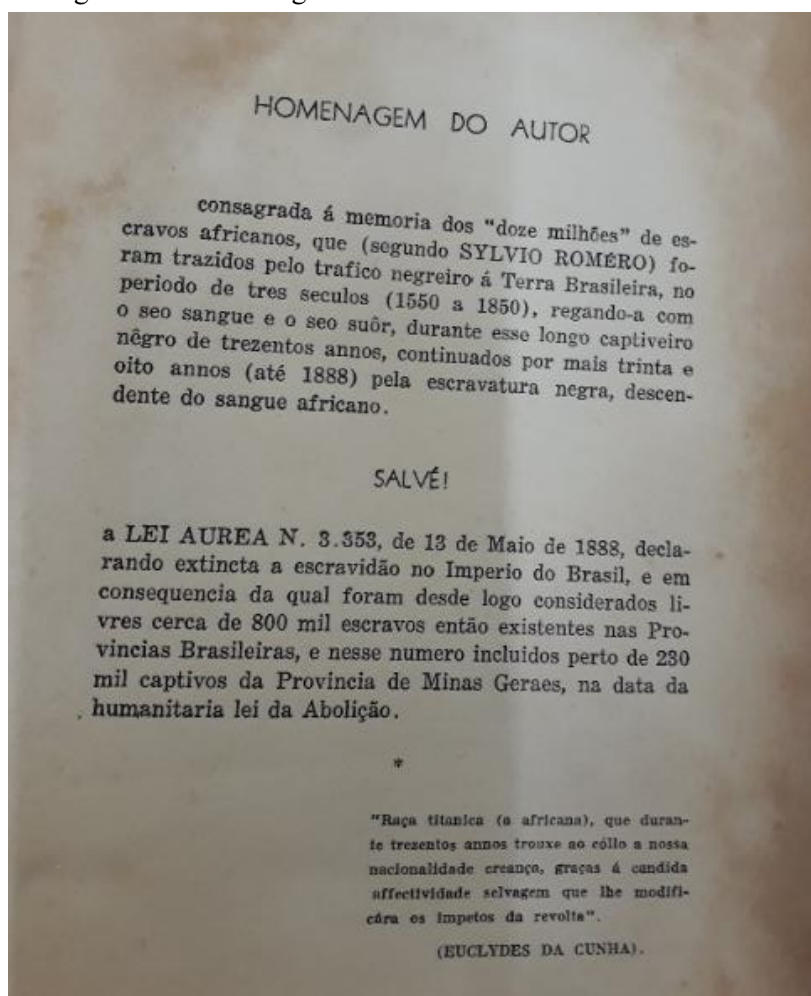
Consagrada à memória dos “doze milhões” de escravos africanos que (segundo SYLVIO ROMERO) foram trazidos pelo tráfico negreiro à Terra Brasileira, no período de três séculos (1550 a 1850), regando-a com o seu sangue e o seu suor, durante esse longo cativeiro negro de trezentos anos, continuados por mais trinta e oito anos (até 1888) pela escravatura negra, descendente do sangue africano.

Em seguida, enaltece a Lei Áurea, Lei nº 3.353, de 13 maio de 1888, que sancionou a abolição da escravidão no país, com a seguinte saudação: “Salve”. A expressão foi usada para cumprimentar a atitude da princesa regente, D. Isabel, no ato político ao qual ele chamou de “humanitária Lei da Abolição”. Ainda na mesma página, uma citação retirada da obra “Os

sertões”, de Euclides da Cunha, faz referência à “Raça titânica (a africana), que durante trezentos anos trouxe ao cóllo a nossa nacionalidade creança, graças à cândida affectividade selvagem que lhe modificara os ímpetos da revolta”.⁴¹⁴

Nessa sequência, observa-se que a estratégia discursiva utilizada por Nelson de Senna parece querer negociar com as palavras, a fim de produzir uma espécie de reconhecimento ou mesmo de “denúncia”. Como um espaço de ação, marcado pelo compromisso público de exercer, ainda que retoricamente, funções ético-políticas. Segue abaixo,

Figura 55 – Homenagem do autor à memória dos escravizados



Fonte: Reprodução do exemplar consultado da Biblioteca da FAFICH/UFMG.

A quarta folha, intitulada “Advertência preliminar”, é uma espécie de carta ao leitor com palavras de esclarecimento, direcionada a um público majoritariamente pertencente à elite político-intelectual. Uma vez mais, o autor utiliza-se dos elementos retóricos para expressar e

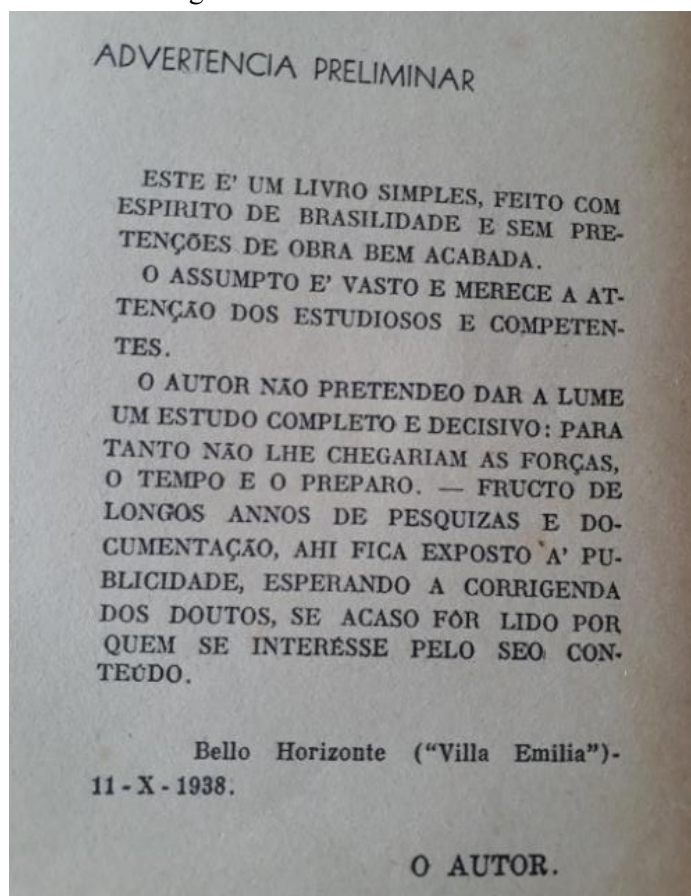
⁴¹⁴ SENNA, *Africanos no Brasil*, 1938.

firmar seu sentimento de pertença, referindo-se à publicação como “um livro simples, feito com espírito de brasilidade”.

Valendo-se de sua condição de homem público, buscou expressar um sentimento de empatia e identidade pelas coisas do Brasil, tendo como propósito criar um sentido de adesão e compartilhamento dos valores culturais que, naquele momento, contribuíam para definir a singularidade nacional. Logo, a brasilidade aqui é tomada como força retórica, que vem associada ao sentimento de orgulho e valorização da cultura brasileira. Ao identificar-se com ela, tem como propósito validar um lugar para a construção de sua escrita.

De outro modo, também é possível observar um outro dispositivo discursivo, que poderíamos chamar de “retórica da humildade”. Essa caracteriza-se pelos atributos daqueles que reconhecem as suas próprias limitações e, por isso, conquistam a simpatia do público. Esse raciocínio corrobora para a postura assumida pelo autor ao afirmar que “o assumpto é vasto e merece a atenção dos estudiosos e competentes”, não pretendendo “dar a lume um estudo completo e decisivo: para tanto não lhe chegariam as forças, o tempo e o preparo.” Segue abaixo a reprodução da “Advertência preliminar”.

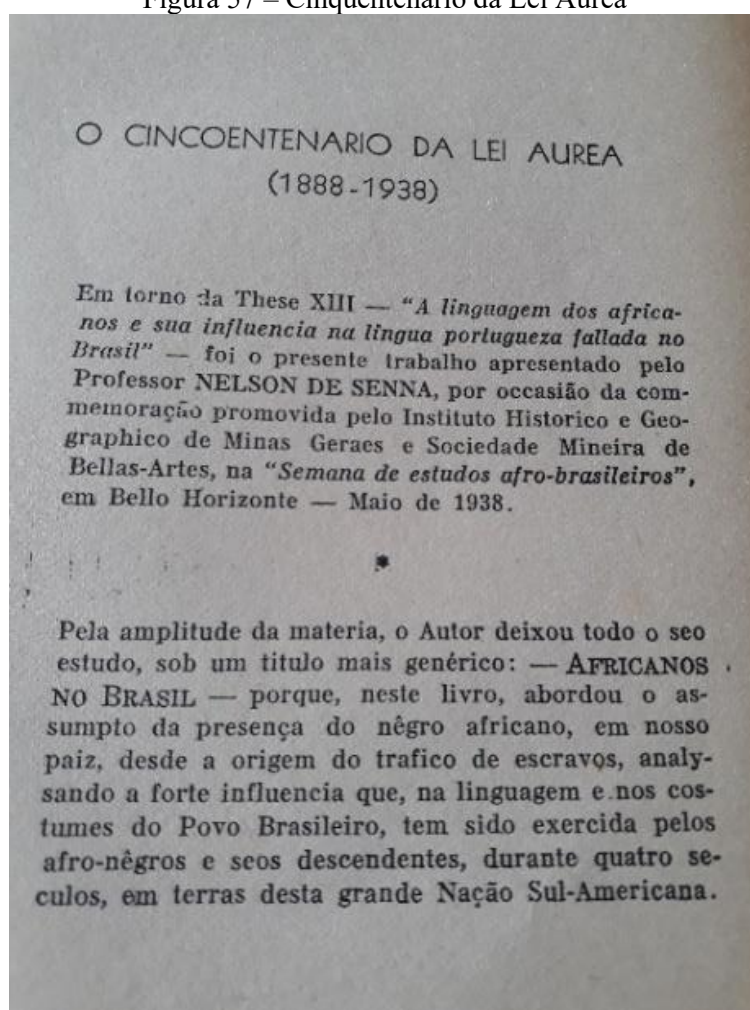
Figura 56 – “Carta ao leitor”



Fonte: Reprodução do exemplar consultado da Biblioteca da FAFICH/UFMG.

Na quinta folha do texto preliminar, o autor afirma ser aquela publicação resultado de sua tese apresentada na Semana de Estudos Afro-Brasileiros, realizada em Belo Horizonte no mesmo ano, em 1938, por ocasião das comemorações do Cinquentenário da Lei Áurea, conforme indicado na seção anterior. Na sequência, sob um título mais genérico, Senna justifica tal escolha, informando que, diante da “amplitude da matéria”, faltou-lhe tempo e espaço naquela publicação. Esse parece ser um argumento recorrente ao longo da obra e uma espécie de “queixa” em que reafirma seu desejo de apresentar um material mais completo. Conforme pode ser observado abaixo:

Figura 57 – Cinquentenário da Lei Áurea

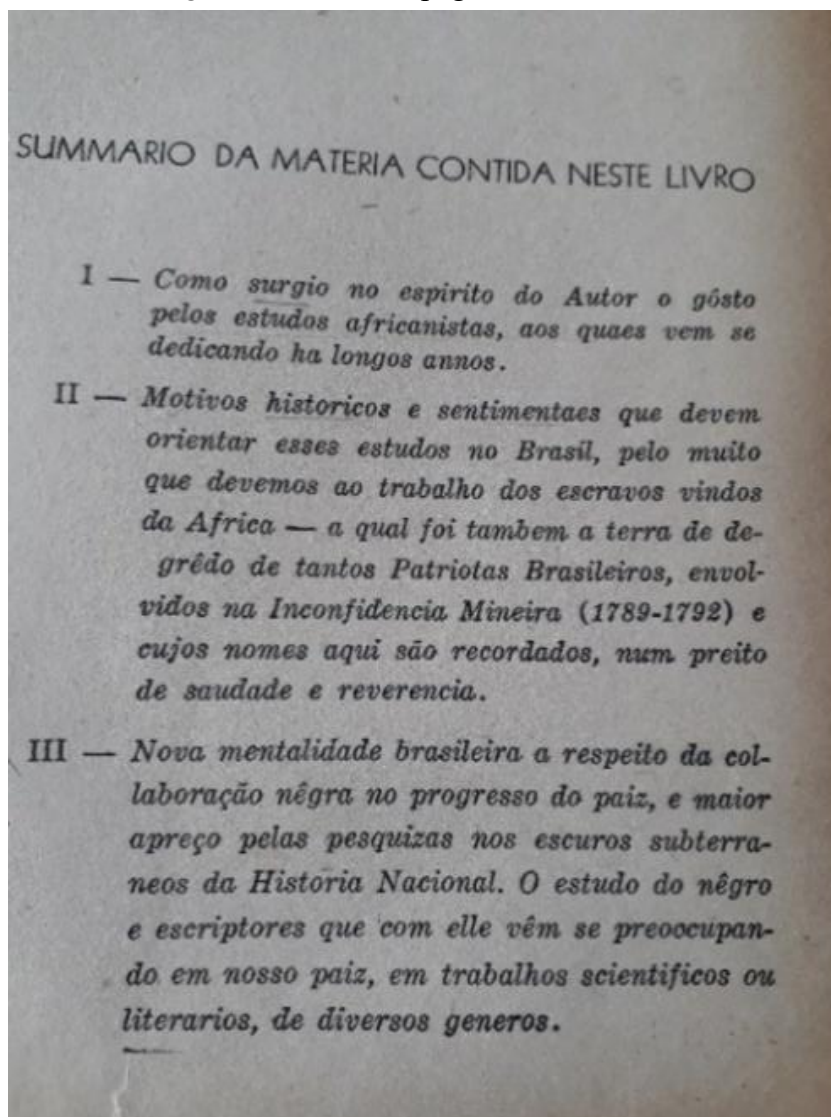


Fonte: Reprodução do exemplar consultado da Biblioteca da FAFICH/UFMG.

Por último, a presença de um extenso “sumário”, contendo nove páginas (p. 13-21) organizadas em 18 itens visa contextualizar o leitor sobre o conteúdo de cada um deles. Diferentemente de um índice comum aos projetos editoriais contemporâneos, sua estrutura não subdivide-se propriamente em capítulos, mas numa espécie de seções. Em razão do padrão de

organização estabelecido na obra, observa-se uma dificuldade em localizar o fechamento de um item e a abertura de outro. Para exemplificar, apresentamos a seguir a primeira página do sumário:

Figura 58 – Primeira página do sumário



Fonte: Reprodução do exemplar consultado da Biblioteca da FAFICH/UFMG.

De maneira breve, a exposição dos elementos pretextais indicam uma certa lógica e interesse de organização. Logo, o realce dado a tais componentes, constituem um espaço simbólico-discursivo com potencial de projeção e intervenção pública. A seguir, analisamos a obra propriamente dita, em que estão expostos os argumentos utilizados pelo autor para marcar a sua entrada no debate dos anos de 1930.

5.3 Com a palavra, o autor

*Devemos, portanto, até pelo lado moral, resgatar essa dívida de gratidão com duas raças esquecidas e injustamente desprezadas (a “prêta” e a “vermelha”), cujo sacrifício foi imposto, através de quatro séculos de opressão, pelas exigências da raça “branca”, mais civilizada e dispondo de melhores meios de dominação.*⁴¹⁵

Foi com a dívida de homem branco comprometido a reparar os “erros do passado” que Nelson de Senna construiu os primeiros argumentos para justificar as razões pelas quais a obra vinha a público. O autor lançou mão do discurso civilizatório, fazendo frente ao “fardo do homem branco”, destinado a conduzir as populações, segundo ele, menos civilizadas. Como sujeito desse discurso, posicionou-se como porta-voz dos interesses de uma elite político-intelectual oligárquica, favorecida por sua condição étnico-racial.

Num movimento de mão dupla, recuperou importantes aspectos de caráter moral e histórico-afetivo. Como homem público, julgou fazer parte de sua missão defender os “doze milhões” de escravizados trazidos pelo tráfico negreiro,⁴¹⁶ de outro, utilizou-se das condições pessoais para fazer prevalecer seus argumentos. Inicialmente, valendo-se do ambiente familiar, Senna sustentou as memórias da infância, marcada pelos carinhos da “Tia Eva”, uma criada da família de quem afirmou obter o primeiro contato com a cultura africana,

Accresce em mim a ternura de “branco” agradecido aos carinhos da velha “mãe-Bá, uma prêta africana (“Tia E’va”), que me embalou a infância com suas histórias e cantigas da “adusta patria distante”; e ainda a recordação dos folguêdos da meninice, em meio a outros companheiros de idade, no meio dos quaes se destacava um fiel e devotado pretinho (o Balbino), a quem consagrei affectuosa pagina dos meos “Contos Sertanejos”, editados em Portugal (1903).⁴¹⁷

Os argumentos assumem caráter pessoal ao afirmar que sua infância foi embalada pelas cantigas de sua ama e as meninices compartilhadas com ‘Balbino’. Essa ideia permeia uma linha tênue entre o público e o privado, entre o familiar e o poder senhorial, cujas relações

⁴¹⁵ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 26.

⁴¹⁶ Senna fez parte de uma geração de intelectuais movidos pelo entendimento de que seu papel enquanto figura pública encontrava-se diretamente atrelado ao homem de ação, portanto, a uma prática, a uma missão pública. Sobre esse debate, ver: ALTAMIRANO, Carlos. *Para um programa de história intelectual*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005; SIRINELLI, Jean-François; SAID, Edward. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁴¹⁷ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 24.

parecem constituir-se naturalmente em meio à intimidade e o convívio diário de uma família branca e seus empregados.⁴¹⁸

Ao recuperar os elementos de ordem afetiva, o autor criar um ambiente favorável para ignorar as condições étnico-raciais de privilégio de sua família, buscando aproximar-se de uma leitura social marcada por uma suposta “convivência harmônica” advinda do caldeamento étnico-racial. De certo modo, a postura assumida por Nelson de Senna, parece valer-se das ideias de Gilberto Freyre em *Casa grande & Senzala*, em que busca explorar uma certa ordem e controle na manutenção das estruturas e da sociedade patriarcal.⁴¹⁹ Reforçando a ideia de uma suposta absorção e/ou assimilação cultural como fator predominante na construção da identidade brasileira.

Ao mesmo tempo, o autor deixa entrever uma postura compassível com uma história branca, em que recupera o movimento de sedição ocorrido em Minas Gerais no século XVIII. Capitaneado pela posição político-intelectual de prestígio social, Senna fez referência à conspiração política organizada por membros da elite político-intelectual mineira contra o domínio português. Ao fazer referência aos compatriotas condenados e presos, mostrou-se solidário, reconhecendo o sofrimento dos “envolvidos na Inconfidência Mineira e degredados, em 1792, para inóspitas regiões africanas”⁴²⁰ lembrando a participação de alguns deles, como é o caso dos poetas Alvarenga Peixoto e Thomaz Gonzaga.

Para reforçar seu interesse nos estudos sobre a presença e cultura africana no Brasil, Senna aponta outros argumentos de natureza histórico-social. Segundo ele, era preciso conhecer as *fontes e diretrizes da civilização brasileira*, explorando os elementos mais profundos e escondidos da história, onde estariam localizados as origens mais remotas do povo brasileiro. Para isso, propunha “descer aos subterrâneos da história pátria”, conforme indicado abaixo,

(...) para bem conhecermos as fontes e directrizes da civilização brasileira, não nos basta examinar o elemento colonizador europeu e a forte atividade conquistadora e povoadora do elemento reinol ou portuguez, a quem devemos incontestavelmente a descoberta da posse da terra, a unidade territorial, a língua nacional, a crença christã, a organização social e familiar. E’ muito tudo isso; não é porém, tudo. Temos então, de descer aos subterrâneos da Historia Patria, sahindo por algum tempo da superfície (no caso, a civilização de raça branca) e aprofundando as buscas e pesquisas nos elementos ameríndio” e “africano”, plasmadores, em concurrencia com os elementos luso-ibéricos, das muitas feições typicas do character, das tendencias, do

⁴¹⁸ ALGRANTI, Leila M. Famílias e vida doméstica. In: MELLO E SOUZA, Laura de (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997. v. 1. p. 83-154.

⁴¹⁹ AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e Estado*, v. 15, n. 2, p. 303-330, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44600>. Acesso em: 10 jan. 2025.

⁴²⁰ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 25.

temperamento, da sentimentalidade, enfim, dos defeitos e qualidades do Povo Brasileiro.⁴²¹

Para demonstrar a presença dos costumes, dos ritos e crenças afro-brasileiras presentes no cotidiano, o autor buscou percorrer um amplo quadro de produções culturais cujo levantamento teve como finalidade demonstrar que o país vivia, à época, a “ausência de preconceitos raciais”, e portanto, já era visível a presença de uma “actual geração, explorando com brilho o vêio literário inspirado no estudo da gente africana e de seus descendentes em nosso paiz”.⁴²²

Para isso, elegeu um compilado de produções artístico-literárias, escritas por romancistas, poetas, escritores, folcloristas, artistas, compositores e interpretes brasileiros, elencando nomes como, José de Alencar; Aluizio de Azevedo; Bernardo Guimarães; JM Macedo; Afranio Peixoto; José Lins do Rego; Jorge Amado; Álvares de Azevedo; Castro Alves; Tobias Barreto; Baptista Junior, Câmara Cascudo; França Junior; Arthur Azevedo; Martins Penna; Paulo Magalhães; Joaquim Nabuco; Carlos Gomes; Villa-Lôbos; Barrôso Netto; Nelson Ferreira; Benedicto Lacerda; Olga Praguer; Lamartine Babo; Aracy de Almeida; Manoel de Araújo; Dalva de Oliveira; Ismael Santos; José Mariano; Ulysses Freyre; Natividade Saldanha; Manuel da Cunha; Aleijadinho; Padre Viegas de Menezes, além de figuras como Chico-Rei (ex-escravo que se tornou proprietário de lavra de ouro na região de Vila Rica); e Chica da Silva (notável por sua notabilidade social). A lista é extensa e bastante significativa, estendendo-se por páginas.

São obras que reforçam a mestiçagem através dos personagens presentes na literatura e na cultura popular, como o matuto, o sertanejo, a mulata, o moleque, a mucama, que circundam o cotidiano da elite branca. Na música, chamou a atenção para a produção musical “nacionalíssima”⁴²³ de inspiração da *gente africana* composta pelas modinhas, sambas, maracatus e batucadas, que, segundo ele, conquistava os “aplausos, dentro e fóra do paiz”.⁴²⁴

Na culinária, lembrou dos quitutes e temperos que influenciaram “na cosinha nortista, do Rio e da Bahia até Pernambuco e bacia do rio S. Francisco”,⁴²⁵ predominando comidas como o acarajé, cuscúz, vatapá, azeite-de-Dendê, carurú, maxixe, munguzá. Na pintura, destacou a presença dos viajantes europeus no Brasil Colonial, “pintando-nos, ao vivo, cenas da vida

⁴²¹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 25-26.

⁴²² SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 31.

⁴²³ O autor faz referência à ideia de um estilo próprio no cenário musical, responsável por representar a nação e construir, no país, uma identidade musical marcada pelos elementos constituidores da cultura popular.

⁴²⁴ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 39.

⁴²⁵ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 42.

familiar, da vida roceira e da vida de rua, no Rio, na Bahia, no Recife, no Maranhão, no Tejuco (Districto Diamantino), onde o elemento africano figurava com os typos característicos [...] de toda a população de côr”.⁴²⁶

Esses exemplos demonstram um certo alargamento na compreensão do autor ao incorporar um amplo conjunto cultural de matriz africana na cultura e identidade brasileira. Para ele, era preciso levar em consideração não apenas o contato linguístico, como também, as manifestações culturais expressas nos costumes e modos de vida dos diferentes povos africanos. Nos argumentos utilizados, o autor mantém-se firme no propósito de demonstrar a participação da “nossa gente de côr, nos meios ruraes e sertanêjos, do Norte a Sul do territorio nacional”.⁴²⁷ Alegando assim, o interesse crescente pelos costumes e tradições da *gente africana*.⁴²⁸ Segue abaixo,

(...) colhidas na nossa flora, fauna e avifauna, no nosso *folk-lore*, usos e costumes regionais, nos mythos e tradições indígenas e africanas, caipirismos, termos da gíria, nomes locais ou toponymos geográficos, alimentos, bebidas e pratos nacionais, dansas, cantigas e folguedos, typos e cruzamentos raciaes, doenças, superstições e credices, armas e embarcações, alcunhas e cacoetes, termos rurais e de mineração, neologismos formados cá no Brasil, etc.⁴²⁹

A tentativa de naturalizar a presença africana torna-se ainda mais incisiva ao afirmar que o país vivia naquele momento “uma mentalidade moderna”, com a “ausência de preconceitos raciaes, sendo o nêgro e sua mestiçagem com as outras raças – branca e vermelha – factores efficientes de nosso desenvolvimento demographico, economico e cultural”.⁴³⁰ Como forma de sustentar esse argumento, defendeu a presença de estudos sobre os negros africanos nos campos literário e científico. Nas palavras do autor,

A mentalidade moderna é outra, desde o fim do século passado para cá, vemos, em relação aos estudos sobre o “negro africano”, uma serie de escriptores e publicistas brasileiros [...] que se ocupam da “raça negra” em dissertações e memorias ethnograficas e scientificas, no romance, poesia, contos, narrativas e na literatura folk-lorica, em trabalhos philologicos e de crítica histórica, em estudos sobre arte, dança, música, costumes, doenças, religiosidades, mitos, lendas, ritos, superstições, etc.⁴³¹

⁴²⁶ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 40.

⁴²⁷ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 28.

⁴²⁸ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 73.

⁴²⁹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 73.

⁴³⁰ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 14.

⁴³¹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 26.

Sob a alegação de que esses estudos adquiriam “fóros de verdade científica, pela voz dos biólogos e eugénistas, nos estudos da *Anthropologia* e da *Ethnografia*,”⁴³² Senna lançou mão de importantes fontes que circulavam à época. Em sua análise, a contribuição africana ganhou destaque através da ênfase dada às figuras de relevo da história de Minas Gerais, como Chico-Rei; Aleijadinho; Chica da Silva, dentre outros. Ao enfatizar personalidades que em sua condição racial – “brasileiros de côr” – alcançaram projeção pública,⁴³³ Senna dá contorno a um tipo ideal do indivíduo miscigenado, cuja notoriedade é reforçada diante do espelhamento junto à elite branca.

Assim, assumindo uma postura conservadora, reconhecia no processo colonizador a condição indispensável para o desenvolvimento econômico e social do país, referenciando com frequência a presença portuguesa no território. Em discursos junto ao Congresso Mineiro, defendeu a contribuição da missão jesuíta na formação moral e educacional da colônia⁴³⁴ e o papel civilizatório dos imigrantes europeus, mostrando-se favorável às instituições e instrumentos reguladores da ordem no estado. Silva afirma que:⁴³⁵

Os elementos definidores desse ideário é a noção de progresso com ordem, de que se segue a valorização das instituições, do princípio da autoridade, bem como a preocupação com a fundamentação técnica e científica das ações e planos de fomento ao progresso das regiões do país.⁴³⁶

Em última análise, podemos indicar uma postura que defende, ao mesmo tempo, a manutenção das instituições e dos valores tradicionais ajustando-os às demandas de inovação e progresso. Uma lógica que expressa não propriamente uma contradição, mas um modo de ação cuja habilidade encontra-se na capacidade de articular múltiplos interesses. Nesse sentido, a mesma sensibilidade que o aproxima do negro-africano também o distancia em seu privilégio de raça.

Portanto, numa espécie de atitude conciliatória, os elementos discursivos permitem-lhe construir uma moralidade pública que se estabelece numa tentativa de amalgamento racial, em que a miscigenação foi defendida como condição indispensável à formação da identidade

⁴³² SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 47.

⁴³³ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 42.

⁴³⁴ SENNA. *A contribuição ethnographica dos padres da companhia de Jesus e dos cronistas leigos dos primeiros séculos*.

⁴³⁵ No “jogo” de equilíbrios, Nelson de Senna reconhecia a falta de mão de obra especializada no país, defendendo a migração estrangeira como condição indispensável ao progresso. Ao mesmo tempo, prezava pela instrução técnica dos trabalhadores, atribuindo-a como responsabilidade dos governantes. Ver: SILVA. Vera Alice Cardoso. Estudo Crítico: Nelson de Senna: ideias e ideais de um republicano conservador. In: GUSTIN, Fátua Maria de Souza; LANNA JR. Mário Cléber Martins (Org.). *Memória política de Minas Gerais*: Nelson Coelho de Senna. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2006. p. 31-53.

⁴³⁶ SILVA. *Memória Política de Minas Gerais*, p. 32.

brasileira. Logo, a presença dos “brasileiros de cor” foi recuperada junto aos diversos seguimentos sociais do país, conforme demonstrado abaixo,

(...) o nosso paiz tem tido, ao serviço do seo progresso material e moral, ao serviço da Patria, no governo e nas Assembléas politicas, na diplomacia, no clero, no magisterio superior, no Exercito e na Armada, na magistratura, no jornalismo, no exercicio das profissões liberaes, etc., innumerous “homens de côr”, que foram notaveis pesonalidades ligadas à Historia do Brasil.⁴³⁷

Em sua análise, Nelson de Senna parece reforçar essa ideia, enaltecendo a atitude da princesa regente do Brasil, D. Isabel, aclamada por ele como “princesa redemptora”.⁴³⁸ Para o autor, a lei abolicionista parece cumprir um papel formal, diante de um processo que, segundo ele, já vinha ocorrendo na prática. Ao afirmar ter sido um acordo pacífico e consensual entre os membros da elite branca, Senna enaltece uma espécie de qualidade, atribuída aos “homens de alma branca”, inclinados a fazer o bem. Segue o trecho abaixo,

A auto-emancipação do elemento servil se processava a galope: não havia lar que não celebrasse festa de familia (baptizado, casamento, anniversario, formatura de filhos), sem o indispensavel complemento de uma “carta de alfôrria” para escravos de casa. Fazendeiros houve, como o Barão do Alfié, em Minas, libertando d’uma só vez todos os seos escravos; e 20 de Novembro de 1887, por occasião do jubileu das “bôdas de ouro sacerdotaes” do Conego Joaquim J. de Sant’Anna, venerando Vigario da cidade de Ouro Preto e illustre chefe liberal abolicionista, esse bondoso Parocho distribuiu cerca de 200 “cartas de liberdade” a escravos que alli presentes e cuja alfôrria fôra obtida com os donativos obtidos por subscrição publica entre as familias ouropretanas. O proprio e bondoso Dom PEDRO II não possuia escravos, na Fazenda Imperial de Santa Cruz; e a Princeza Regente DONA ISABEL (depois de agraciada pelo Papa Leão XIII com a “Rosa de Ouro”) era francamente favorável á abolição total do captiveiro no Brasil.⁴³⁹

Tal pensamento, pode ser reforçado ao atribuir um caráter de reconhecimento e celebração coletiva ao movimento abolicionista, afirmando ter sido, “Desde esse dia feliz

⁴³⁷ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 45.

⁴³⁸ Lei nº 3.353, de 13 de Maio de 1888, que declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/Conteudo/Colecoes/Legislacao/leis1888_v1/indice%20leis1888-v1_1.pdf. Acesso em: 19 dez. 2024. “A Princesa Imperial Regente, em Nome de Sua Majestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, Faz saber a todos os súditos do Império que a Assembleia Geral decretou e Ela sancionou a Lei seguinte: Art. 1º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil”.

⁴³⁹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 56.

(marcando nos ‘fastos e annaes brasileiros’ cum albo lapillo),⁴⁴⁰ cerca de 800 mil brasileiros se incorporaram, como homens livres, aos outros habitantes da Patria”.⁴⁴¹

Dessa forma, na posição de autor, Nelson de Senna buscou elementos que lhe permitiu posicionar-se como uma voz de autoridade. Em diversas ocasiões indicou ter buscado fontes e leituras que à época circulavam nos principais centros intelectuais do país. Isso diz muito sobre seu pensamento e a forma como entendia a história, integrando um caráter nacionalista ao seu discurso, conforme veremos na próxima seção.

5.4 Uma nação mestiça

*O facto certo é que a mancha-azeviche diminúe na nossa carta geographica racial, enquanto o matiz amulatado cresce, e toda essa mestiçagem vae, sem continuo e progressivo cruzamento com elementos de raça branca (com o português, o alemão, o italiano, o syrio), adquirindo uma têz mais clara, dando-lhe apparencias de gente brancarãna (o “parecido com o branco”)...*⁴⁴²

Vimos que Nelson de Senna assume uma postura nacional-conservadora, combinando a defesa de uma identidade cultural nacional e o papel político das instituições governamentais. Dessa ideia, advinha a convicção de que a mistura das três raças resultaria na formação da nação e da identidade brasileira, através do aumento gradativo da “gente de côr – negros, mestiços e acaboclados”.⁴⁴³

Para demonstrar o aumento da população mestiça no país, Senna lançou mão de dados censitários, entendidos por ele como “verdade numérica”. Assim, em uma população de aproximadamente 20 milhões de habitantes no início do século XX, cerca de 12 milhões correspondiam à população mestiça, contabilizando 60%. Pouco mais de quatro milhões correspondiam à população branca, contando com 20%, sendo o restante, distribuídos entre a “gente cabocla”, que corresponderia a 12,5% “de índios bravos e civilizados, estes cruzados com brancos e com gente de côr” e 7,5% corresponderia a um contingente de pretos puros.⁴⁴⁴

⁴⁴⁰ A expressão completa *Albo lapillo notare diem*, vem do latim e quer dizer, “marcar o dia com pedra branca”. De acordo com o dicionário etimológico de latim, a expressão usada seguia os costumes dos antigos romanos que utilizavam pedras brancas para marcar os dias solenes, principalmente em contextos de vitórias em batalhas; também era símbolo de absolvição em um julgamento. Consulta em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/locucooes-expressoes/albo%20lapillo%20diem%20notare>. Acesso em 15 de dezembro de 2024.

⁴⁴¹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 57.

⁴⁴² SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 63.

⁴⁴³ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 66.

⁴⁴⁴ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 62-63.

Para mostrar o elevado coeficiente populacional proveniente da miscigenação, Senna dispõe de maneira comparativa, os censos gerais de 1872 e 1890. Com esses dados, buscava comprovar o crescimento do componente étnico na formação da população brasileira. Os dados da tabela abaixo nos permite uma visão geral desses números, distribuídos entre as províncias/estado.

Tabela 1 – Censo geral

Províncias – Estados	Negros puros (1872)	Negros puros (1890)	Pardos e mulatos (1872)	Pardos e mulatos (1890)
Alagoas	12,08	10,14	60,57	40,38
Amazonas	3,37	3,3	13,24	20,27
Bahia	26,61	20,39	45,79	46,19
Ceará	5,19	8,65	49,53	29,72
Distrito Federal	24,13	12,35	20,33	21,6
Espírito Santo	27,57	16,09	33,34	35,39
Goiás	14,79	13,03	56,42	42,18
Maranhão	21,40	16,16	46,64	37,
Mato Grosso	17,99	13,86	39,36	41,42
Minas Gerais	23,14	18,31	35,54	34,99
Pará	11,88	6,76	38,26	34,09
Paraíba do Norte	8,96	7,08	50,04	35,32
Paraná	10,42	5,17	27,41	18,66
Pernambuco	14,86	11,53	49,13	39,62
Piauí	14,2	15,18	57,45	39,29
Rio de Janeiro	34,57	26,79	25,68	28,31
Rio Grande do Norte	12,84	8,98	38,65	37,51
Rio Grande do Sul	18,27	8,68	16,41	15,8
Santa Catarina	8,99	4,8	10,39	7,16
São Paulo	20,06	12,97	23,46	7,16
Sergipe	18,4	14,77	51,66	48,99

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados SENNA, *Africanos no Brasil*, p. 65-66.

Em sua análise, chamou a atenção para as províncias que detinham o maior percentual de negros, que, de acordo com o censo de 1872, corresponderia ao Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Minas Gerais, Maranhão, São Paulo, Rio Grande do Norte, Sergipe, Mato Grosso, Pernambuco e Piauí. Comparando-o ao censo de 1890, a maior porcentagem de negros ficava entre o Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Piauí, Maranhão Sergipe, Mato

Grosso, São Paulo, Distrito Federal (município da cidade do Rio de Janeiro), Pernambuco e Alagoas.⁴⁴⁵

Em relação à gente mestiça e de cor (mulatos e pardos), em 1872, a maior proporcionalidade ficava para as províncias de Alagoas, Piauí, Pernambuco, Goiás, Sergipe, Paraíba do Norte, Pará, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo. De acordo com o censo de 1890, a mestiçagem étnica mais acentuada estava em Sergipe, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Espírito Santo, Paraíba do Norte, Minas Gerais, Pará, Ceará e Rio de Janeiro.⁴⁴⁶

Para demonstrar os efeitos da lei abolicionista e, conseqüentemente, a redução do número de escravizados, Senna se valeu novamente, dos censos de 1872 e 1890. De acordo com o censo de 1872, a taxa do “elemento negro-puro” aproximava-se dos dois milhões (1.954.452), sendo reduzida para um milhão e meio de pretos, entre os quais “só se contavam 800 mil negros escravos”⁴⁴⁷ em 1888, ano da abolição. No ano de 1872, o recenseamento do Império registrava um total de 10.192.061 habitantes para quase 50 milhões em 1890, já na República. O percentual de negros chegava perto de 20%, quase dois milhões de negros numa população de cerca de 10 milhões de habitantes para todo o Brasil.⁴⁴⁸

De acordo com o censo de 1890, produzido quase vinte anos depois daquele de 1872, a população brasileira ficava assim distribuída: 44,1% de brancos, 31,9% de mestiços, 12,1% de negros e 11,9% de indígenas.⁴⁴⁹ Segundo Senna, esses dados comprovavam o aumento gradativo do percentual de mestiços na população brasileira, “diluindo-se cada vez mais o sangue negro nos cruzamentos com o branco, com o índio e com os typos intermediarios, de maneira a se operar, no Brasil, uma rápida absorção do negro puro”.⁴⁵⁰

Como uma das principais fontes de dados demográficos do período, o censo tinha a finalidade de produzir um efeito comprobatório aos argumentos de que, no Brasil, a miscigenação já era um problema resolvido, livre de preconceitos raciais. Como parte do processo de “branqueamento da cutis” da população, somava-se o movimento migratório europeu do final do século XIX e início do século XX.⁴⁵¹ Atribuindo à entrada de “seis milhões de imigrantes da raça branca”, o fenômeno étnico racial de *amorenamento* da população. Nas palavras do autor,

⁴⁴⁵ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 67.

⁴⁴⁶ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 67-68.

⁴⁴⁷ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 62.

⁴⁴⁸ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 62.

⁴⁴⁹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 64.

⁴⁵⁰ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 61.

⁴⁵¹ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 68.

cada vez mais adeantada e apurada, vão absorvendo o negro e eliminando o *melanismo* da pelle e pigmento da sua descendência, no correr das várias gerações, em que o “mulatismo” vem se acentuando, com tendências do branqueamento da cútis, nesse pallido tom “máte” ou amorênado, da côr do *jambo*, que já nos apresenta talvez o typo definitivo da “sub-raça brasileira. [...] vae se mesclando com o Pôvo Brasileiro, em uniões productoras de intima fusão do sangue e depurando cada vez mais a “bôrra etnhica” (si assim a podemos chamar), como preparo do typo definitivo do bloco demográfico nacional, sob o céu do Cruzeiro do Sul”.⁴⁵²

Ao buscar comprovar, por meio dos dados estatísticos, a “diluição do sangue negro”, Nelson de Senna remonta um período em que os cruzamentos raciais se deram através da política de migração europeia adotada no país.⁴⁵³ Esse parece ser um fator preponderante em sua análise e, legitimador, dos argumentos de que a miscigenação seria reflexo de um país sem preconceitos de cor. Portanto, a redução do “negro puro” constituiria, segundo Senna, num “tom de maté ou amorênado”, que corresponderia ao tipo definitivo da raça brasileira. Esse ideal marcado por uma população “côr de jambo”, fez acomodar a utopia de um país sem discriminação racial.

Não obstante às críticas decorrentes desse pensamento,⁴⁵⁴ é, pois, justamente nessa “brecha” que durante as décadas de 1920 e 1930 parte da elite intelectual brasileira vai buscar incorporar a miscigenação como elemento de formação da identidade e da cultura nacional. Por meio dessa concepção, a formulação de um constructo cultural fez valer um conjunto de representações entre as quais a presença africana foi incorporada aos costumes, ritos, crenças e falares do povo brasileiro.

Dessa forma, Nelson de Senna busca, junto aos seus pares, o diálogo com os modelos sociais existentes, para a conformação de um tipo de brasileiro que colocasse o país na trilha da civilização. Essa postura admitia as contribuições da população de matriz africana na formação da cultura brasileira, tomando-a como parte indispensável à singularidade nacional. Assim, na ânsia por soluções, a coesão social vinha no sentido de aplacar os conflitos e construir no imaginário nacional a representação ideal de brasilidade.

Portanto, a contribuição dos aspectos culturais e linguísticos de matriz africana na cultura brasileira, ganha maior vulto na obra de Nelson de Senna. Essa é também uma saída

⁴⁵² SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 69.

⁴⁵³ No discurso parlamentar proferido junto ao Congresso Mineiro nos tempos em que foi deputado estadual, Senna defendeu a política migratória como um aspecto importante para o desenvolvimento e progresso mineiro e nacional.

⁴⁵⁴ Em um contexto em que o liberalismo tornava-se um paradigma político no país, a autora aponta que as teorias raciais assumiram um papel fundamental na legitimação das hierarquias sociais, sendo responsáveis por uma organização social cada vez mais desigual. Ver: SCHWARCZ, Lília Moritz. *Espetáculo da miscigenação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

para lançar suas críticas aos filólogos, dirigindo-se a um público específico, conforme apresentado no terceiro capítulo. Desse modo, segundo o autor, a entrada maciça de povos africanos teria contribuído para a presença das muitas “vozes e línguas” que compõem a população brasileira.

Ao buscar demonstrar a “verdadeira mescla idiomática no Vocabulário” proveniente do contato com os povos indígenas, africanos e indo-europeus, Nelson de Senna chamou a atenção para uma complexa variação linguística, ainda pouco estudada, das muitas vozes de milhões de negros-africanos no território brasileiro. Nessa direção, o autor parece fazer despontar um potencial linguístico que, segundo ele, os estudiosos não haviam considerado, daí a escassez de palavras africanistas em suas obras, conforme abordado.

Em seu trabalho de levantamento e recolhimento vocabular, procurou evidenciar uma exaustiva fonte, com as quais afirmou ter trabalhado por mais de trinta anos. Na ocasião, Senna lembrava aos leitores que seu propósito maior seria a edição completa do material arquivado para a publicação. Contudo, diante do volume documental e a escassez de tempo, tornava-se inviável naquele momento. Sendo a obra *Africanos no Brasil* uma “amostra desse esforço”:

E como amostra desse esforço só me foi possível apresentar, nesta oportunidade, um “Esboço desse Vocabulário de Africanismos”, dada a carência de tempo e exiguidade do prazo para fazer tirar as cópias dactylographadas necessárias, em se tratando de matéria de maior vulto ou proporção, nos meus estudos em mór parte inéditos.⁴⁵⁵

Se consideramos a imensa produção manuscrita produzida por Nelson de Senna, com mais de duas mil folhas avulsas, a obra parece ser de fato um “esboço” de seu esforço. Parte desse material encontra-se em anexo, organizado sob o título de *Resenhas Anexas – Esboço de Vocabulário afro-nêgro brasileiro*, composto por palavras, verbos, termos, ditos, provérbios e notas sobre os africanismos no português falado no Brasil. Segue abaixo,

- A) Verbos brasileiros derivados de vózes africanas (com algumas especificações de vozes derivadas do Tupi e de idiomas ameríndios);
- B) Expressões verbaes brasileiras, hybridamente compostas com varias vózes de origem africana; (antepostos ou apostos a outras vozes, seja lusa ou indígena);
- C) Expressões, frases, locuções, nomes locais, ditos e provérbios brasileiros, em que entram palavras de origem africana;
- D) Adagiário Afro-nêgro Brasileiro:
 - a) Verbos brasileiros derivados de vózes africanas, ou pelo menos tidas como taes;
 - b) Expressões verbaes brasileiras compostas com vózes consideradas de origem africana, unidas a elementos vernáculos e indígena-americanos;

⁴⁵⁵ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 24.

C) Expressões, frases, locuções, nomes locais e alguns ditos e provérbios brasileiros, em que entram palavras de origem africana.

Uma espécie de glossário “acompanhados de um modesto Elucidário dos africanismos, na Língua Portuguêsa, o qual virá a lume, em outra oportunidade”. Nele é possível observar um conjunto de elementos culturais e linguísticos, representativos do seu esforço em dar publicidade de tudo. Assim, com uma única edição financiada pelo próprio intelectual, tornava-se difícil publicar todo o material, sendo, portanto, resultado de um projeto inacabado.

A obra *Africanos no Brasil* revela a construção de seu pensamento e o labor do historiador, que, na esteira dos debates públicos, construiu um importante diálogo acerca da presença dos africanismos no português falado no Brasil. Durante o período, o estudo da língua foi alvo de muitos intelectuais que, como Nelson Coelho de Senna, defendiam a presença de um vocabulário afro-brasileiro presente na língua falada no Brasil. Assim, sem abolir sua postura conservadora, o estudioso manteve diálogo com importantes correntes científicas do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, transitando entre as “velhas e as novas” crenças.

Desse modo, segundo ele, os africanismos tornavam-se fonte inesgotável dos muitos *falares* que enriqueciam o vocabulário brasileiro. É aqui que ele insere a proposta de seu ineditismo, insistindo em demonstrar as evidências numéricas organizadas em seu acervo composto pelo Elucidário de Africanismos. Afirmando que, foi com o objetivo de “despertar a apatia dos que se recusam a admitir a importância numérica dos africanismos” que “enfileirava diante dos olhos algumas centenas das mais conhecidas expressões e palavras afronêgras-brasileiras”.⁴⁵⁶

Longe de ser uma leitura fluída, aprecia-se uma escrita densa, afeita ao exaustivo pragmatismo. A força retórica assume condição instrumental na obra, de modo a prevalecer uma “enxurrada” de elementos argumentativos com os quais vai construindo seu pensamento e expondo sua tese. Nesse sentido, a obra parece funcionar como uma espécie de evidência que atesta e garante uma intenção, oferecendo aos olhos um arsenal de provas que fundamentam e justificam as razões de sua escrita. Essas, alternam-se entre motivações de ordem pessoal afetiva e político-social, ambas acompanhadas de um suposto desejo de reparação histórica.

⁴⁵⁶ SENNA. *Africanos no Brasil*, p. 273.

5.5 Recepção e circulação da obra *Africanos no Brasil*

Tão importante quanto publicar uma obra é viabilizar a sua circulação, tornando-a acessível a um determinado público leitor. Consciente desse cuidado, Nelson de Senna soube mobilizar importantes redes de sociabilidade para dar projeção à sua produção escrita. Assim, ao interrogar sobre os possíveis leitores de Nelson de Senna e como sua obra circulou no ambiente político-intelectual mineiro e nacional da época, buscamos lançar um olhar em direção ao alcance e projeção pública.

Com esse propósito, procuramos apresentar um panorama sobre a recepção da obra *Africanos no Brasil* através das resenhas jornalísticas e correspondências protocolares que, além de realizar a divulgação, emitiram opinião sobre ela. Partimos da hipótese de que os jornais foram importantes espaços de divulgação e circulação de sua obra, sendo responsáveis por fornecer um balizamento crítico-literário. Nesse período, os impressos foram marcados por uma expressiva presença de escritores, literatos, intelectuais envolvidos com a publicação de artigos, ensaios e críticas literárias, congregando, sobretudo, um campo de interesses marcado pelas sociabilidades institucionais e/ou editoriais.

Tornando-se um indicador de prestígio social do meio letrado, muitos desses agentes circulavam também entre instituições político-culturais estando os jornais ao alcance de um público leitor seletivo, tanto pelo nível de instrução alcançada quanto pela posição social ocupada. Nessa direção, vale dizer que, tanto pelo impacto direto ou indireto que a resenha crítica possa ter proporcionado à atividade intelectual de Nelson de Senna, fato é que ela contribuiu para a divulgação e circulação de sua obra nos principais jornais da época.

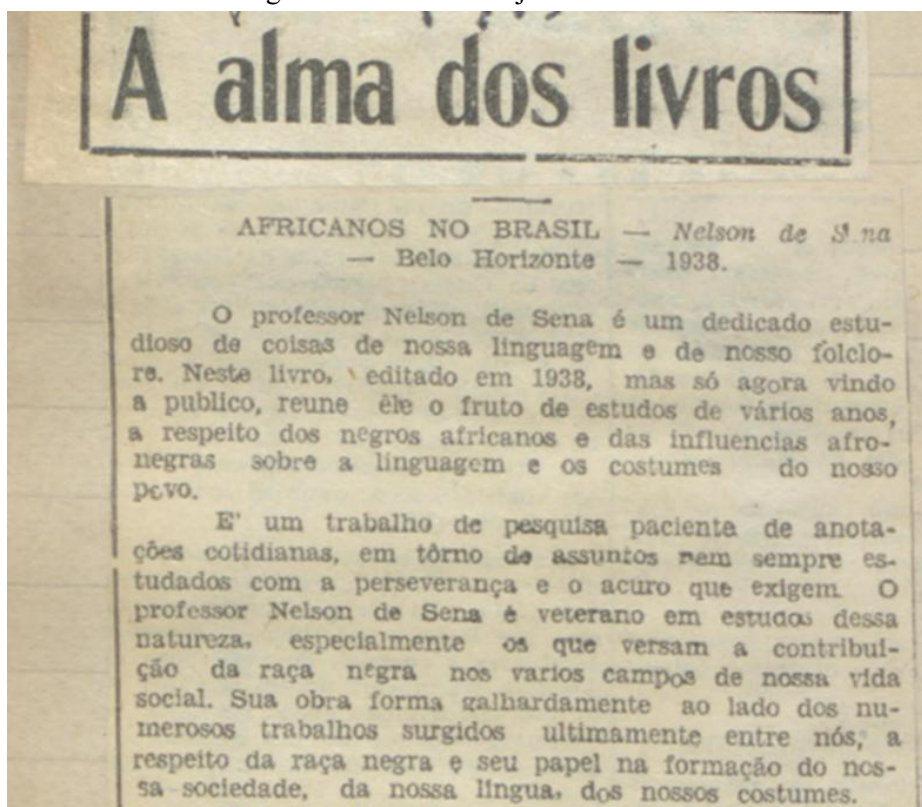
Desse modo, as colunas crítico-literárias assumem caráter opinativo e, exatamente por isso, nos ajuda no ajuizamento da obra de Nelson de Senna. Ou seja, como foi recebida por parte da elite letrada mineira e do país. Trata-se de traçar um panorama afim de indicar seu alcance e projeção pública. Nessa direção, interessa-nos acompanhar o modo como a imprensa especializada e não especializada recebeu sua obra. Dentre os jornais, chamamos a atenção para as colunas crítico-literárias, às quais possibilitaram um panorama do modo como a publicação de Nelson de Senna foi recebida pela imprensa.⁴⁵⁷

Destacamos a coluna *A alma dos livros*, do jornal *O Diário*, tendo como responsável o ensaísta e crítico literário pernambucano Oscar Mendes Guimarães (1902-1983), sucessor de Nelson de Senna na Academia Mineira de Letras. Em nota publicada em abril de 1940, o

⁴⁵⁷ Para essa análise, optamos por selecionar as críticas literárias que assumiram um ajuizamento sobre os méritos da obra *Africanos no Brasil*, no sentido de apresentar um panorama mais geral sobre sua recepção.

colunista dedicou uma matéria sobre a obra do estudioso, apontando o livro como fruto dos estudos de muitos anos de pesquisa sobre as “influências afro-negras na linguagem e nos costumes do nosso povo”, referindo-se a ele, como um “veterano em estudos dessa natureza, especialmente os que versam a contribuição da raça negra nos vários campos da nossa vida social”, conforme indicado a seguir.

Figura 59 – Recorte de jornal *O Diário*



Fonte: *O Diário*, Belo Horizonte, 14 de abril de 1940. APCBH, NCS. 1.6.13.

[TRANSCRIÇÃO]

O professor Nelson de Sena é um dedicado estudioso de coisas de nossa linguagem e de nosso folclore. Neste livro, editado em 1938, mas só agora vindo a público, reúne ele o fruto de estudos de vários anos, a respeito dos negros africanos e das influências afro-negras sobre a linguagem e os costumes do nosso povo.

É um trabalho de pesquisa paciente de anotações cotidianas, em torno de assuntos nem sempre estudados com a perseverança e o acuro que exigem. O professor Nelson de Sena é veterano em estudos dessa natureza, especialmente os que versam a contribuição da raça negra nos vários campos de nossa vida social. Sua obra forma galhardamente ao lado dos numerosos trabalhos surgidos ultimamente entre nós, a respeito da raça negra e seu papel na formação da nossa sociedade, da nossa língua, dos nossos costumes.

Seu trabalho também foi noticiado pelo ensaísta Joaquim Tomaz. No *Jornal do Brasil*, sob o título *Um espírito Investiga*, o escritor fez menção ao trabalho de Senna enaltecendo o esforço de pesquisa produzido ao longo de décadas de estudos e investigações histórico-

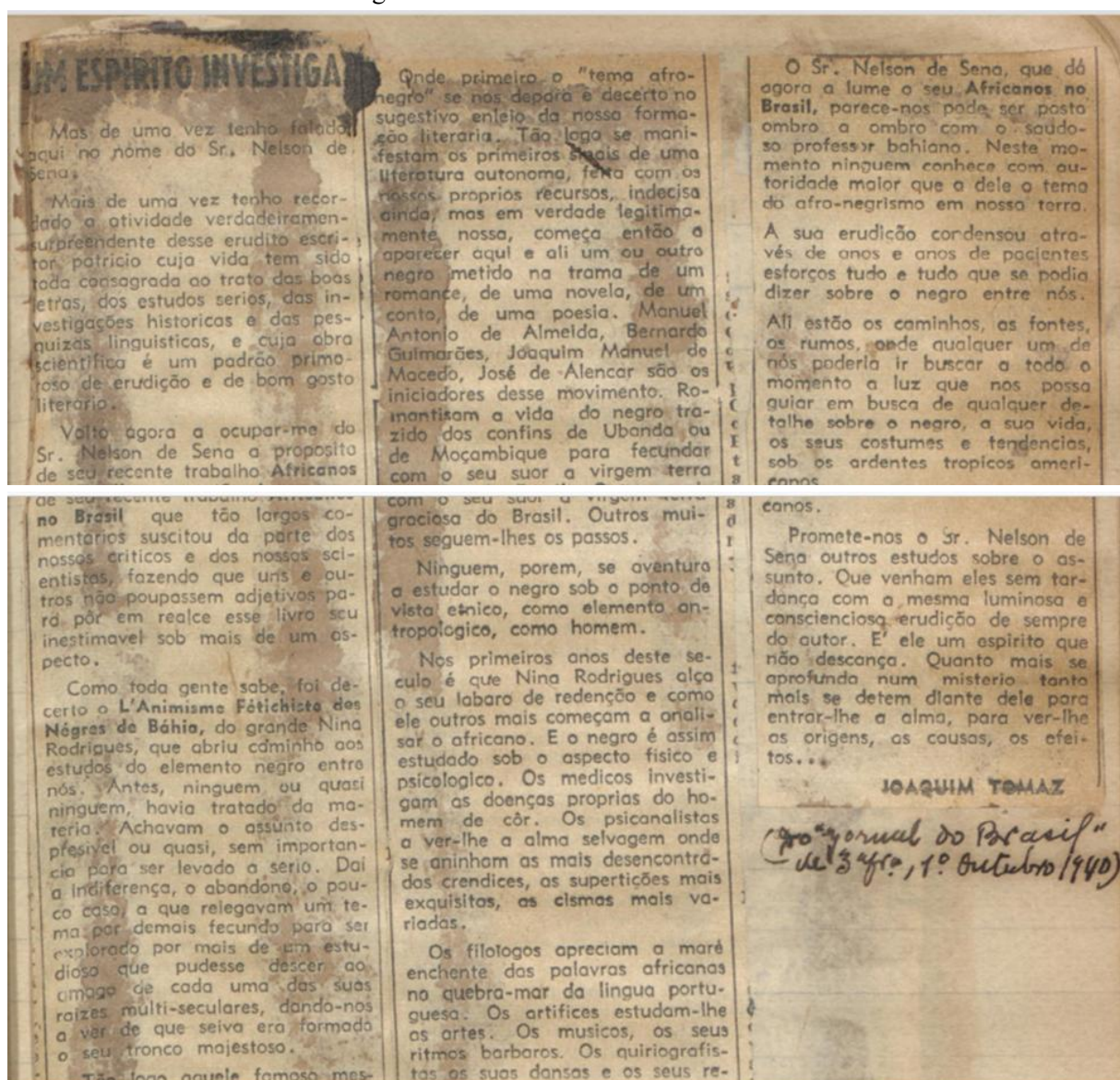
linguísticas. Ao ressaltar suas qualidades como pesquisador, chamou a atenção para o sólido conhecimento e erudição com que vinha aplicando em seu trabalho, afirmando que a “obra científica é um padrão primoroso de erudição e de bom gosto literário”.

Ainda em sua análise, o jornalista afirmou que, “ninguém conhece com autoridade maior que a dele o tema do afro-negrismo em nossa terra”. Essa afirmação pressupõe a aceitação de Senna junto aos principais estudiosos do período, sendo colocado “ombro a ombro com o saudoso professor bahiano”, fazendo referência ao médico e etnólogo Raymundo Nina Rodrigues (1862 – 1906). Nesse sentido, chamou a atenção para os esforços empreendidos por Senna no trabalho de levantamento e seleção, colocando em pauta a riqueza da contribuição africana na literatura e na cultura em geral. Diante da amplitude da matéria, exaltou a “copiosa literatura do negro, tão estudada e divulgada desde Nina Rodrigues aos modernos cultores do assunto”. Segue trecho da matéria,

Antes ninguém ou quase ninguém havia tratado da matéria. Tão logo aquele famoso mestre de Medicina Legal na veneranda faculdade de Medicina do Salvador começou a divulgar os seus escritos sobre o negro, foram surgindo de mais de uma parte deste país novos trabalhos sobre o debatido problema que começou a ser focalizado com mais justiça e com mais espírito de compreensão humana. Ninguém, porém, se aventura a estudar o negro sob o ponto de vista étnico, como elemento antropológico, como homem. Nos primeiros anos deste século é que Nina Rodrigues alça o seu labor de redenção e como ele outros mais começam a analisar o africano. E o negro é assim estudado, sob o aspecto físico e psicológico. Os médicos investigam as doenças próprias do homem de cor. Os psicanalistas a ver-lhe a alma selvagem. Os filólogos apreciam a maré enchente das palavras africanas no quebra-mar da língua portuguesa. [...] O negro passa daí em diante ser um mundo para os nossos estudos de todas as matizes. O Sr. Nelson de Senna, que dá agora a lume o seu *Africanos no Brasil*, *parece-me pode ser posto ombro a ombro com o saudoso professor bahiano*.⁴⁵⁸

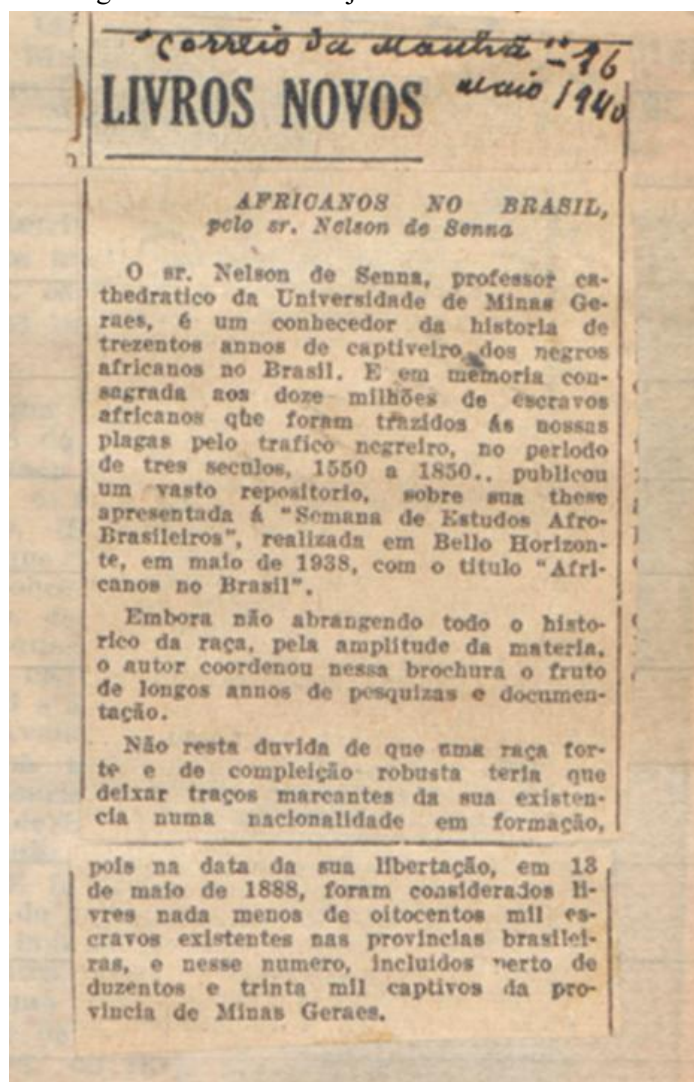
O trecho transcrito acima faz menção aos debates produzidos nas primeiras décadas do século XX, quando a questão racial assumiu os principais centros intelectuais do país. Nesse contexto, o jornalista chamou a atenção para os estudos que vinham sendo realizados na Escola de Medicina com Nina Rodrigues e na Escola de Direito com Arthur Ramos, encabeçando as ações político-governamentais no país. Ao comparar Nelson de Senna com o intelectual Nina Rodrigues, o escritor admitiu seu conhecimento sobre o tema, bem como, sua inserção no meio letrado da época, reportando-o como uma “autoridade” no assunto. Aqui, sua atuação parece construir-se à volta dessa intelectualidade, sendo ele mesmo, parte nesse debate. Segue abaixo,

⁴⁵⁸ *Jornal do Brasil*, 1 out. 1940. APCBH, NCS1.6.13.

Figura 60 – Recorte do *Jornal do Brasil*

Fonte: *Jornal do Brasil*, 1 de outubro de 1940. APCBH, NCS1.6.13.

Seu trabalho também foi noticiado pelo jornal carioca *Correio da Manhã*, sendo lembrado como professor catedrático e conhecedor da história dos africanos no Brasil. Numa síntese geral, o jornal apresentou uma resenha sobre o conteúdo da obra, destacando ser aquela publicação fruto de longos anos de trabalho e resultado da tese apresentada na Semana de Estudos Afro-Brasileiros, realizada em Belo Horizonte naquele mesmo ano, em 1938.

Figura 61 – Recorte de jornal *Correio da Manhã*

Fonte: *Correio da Manhã*, 16 de maio de 1940. APCBH, NCS. 1.6.13.

[TRANSCRIÇÃO]

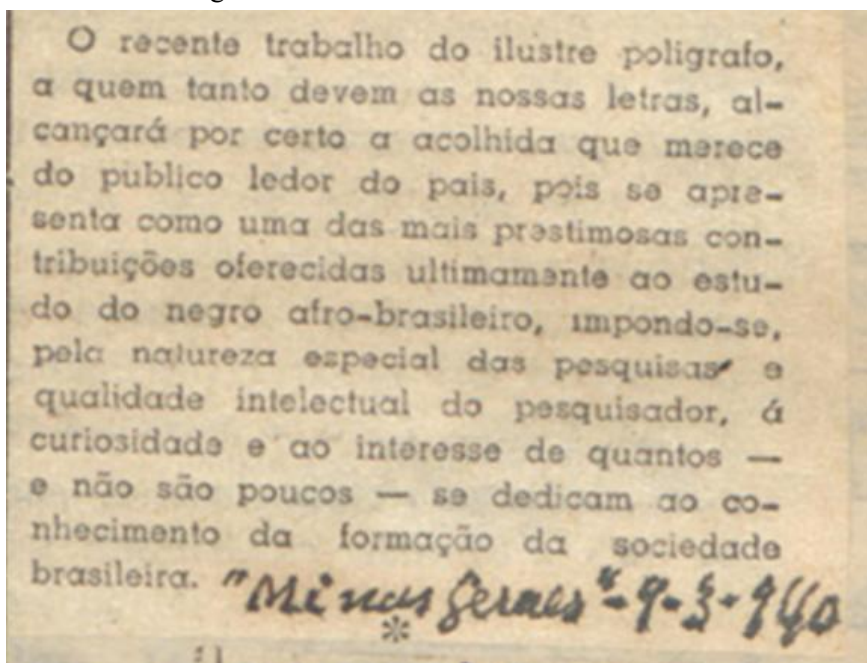
O sr. Nelson de Senna, professor cathedrático da Universidade de Minas Gerais, é um conhecedor da história de trezentos annos de captivoiro dos negros africanos no Brasil. E em memoria consagrada aos doze milhões de escravos africanos que foram trazidos às nossas plagas pelo trafico negreiro, no período de tres séculos, 1550 a 1850.. publicou um vasto repositório, sobre sua these apresentada à "Semana de Estudos Afro-brasileiros", realizada em Bello Horizonte, em maio de 1938, com o título "Africanos no Brasil".

Embora não abrangendo todo o histórico da raça, pela amplitude da matéria, o autor coordenou nessa brochura o fruto de longos annos de pequizas e documentação. Não resta duvida de que uma raça forte e de compleição robusta teria que deixar traços marcantes da suaexistência numa nacionalidade em formação, pois na data de sua libertação, em 18 de maio de 1888, foram considerados livres nada menos de oitocentos mil escravos existentes nas provincias brasileiras, e nesse número, incluídos perto de duzentos e trinta mil captivos da provincia de Minas Gerais.

Em nota, o jornal *Minas Gerais* referiu ao trabalho de Nelson de Senna de maneira elogiosa, afirmando que o ilustre polígrafo desempenhava uma importante contribuição para as

letras brasileiras, destacando sua qualidade como intelectual e pesquisador dedicado à formação da sociedade brasileira, conforme observa-se no recorte de jornal a seguir.

Figura 62 – Recorte do Jornal Minas Gerais



Fonte: *Jornal Minas Gerais*, 4 de março de 1940. APCBH, NCS1.6.13.

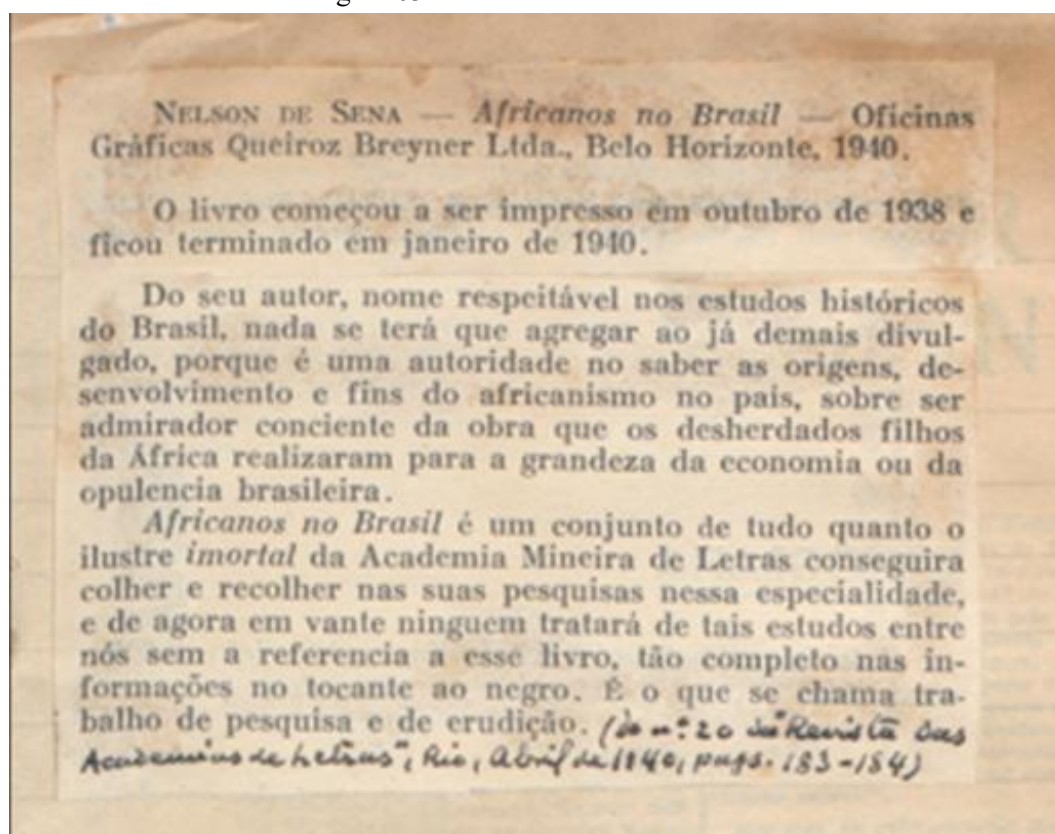
[TRANSCRIÇÃO]

O recente trabalho do ilustre polígrafo a quem tanto devem as nossas letras, alcançará por certo a acolhida que merece do público leitor do país, pois se apresenta como uma das mais prestimosas contribuições oferecidas ultimamente ao estudo do negro afro-brasileiro, impondo-se pela natureza especial das pesquisas e qualidade intelectual do pesquisador, à curiosidade e ao interesse de quantos — e não são poucos — se dedicam ao conhecimento da formação da sociedade brasileira.

No recorte abaixo, publicado em nota na *Revista das Academias de Letras* em 1940, a obra de Nelson de Senna foi indicada por sua contribuição para os estudos posteriores, sendo considerada como uma importante referência no assunto. A revista chamou a atenção para o trabalho desenvolvido pelo autor, apontando-o como um “nome respeitável nos estudos históricos do Brasil” e uma “autoridade no saber das origens, desenvolvimento e fins do africanismo no país”.⁴⁵⁹

⁴⁵⁹ *O Diário*, Belo Horizonte, 14 de abril de 1940. APCBH, NCS. 1.6.13.

Figura 63 – Recorte – Revista da ABL



Fonte: APCBH, NCS 1.6.13.

[TRANSCRIÇÃO]

O livro começou a ser impresso em outubro de 1938 e ficou terminado em janeiro de 1940. Do seu autor, nome respeitável nos estudos históricos do Brasil, nada se terá que agregar ao já demais divulgado, porque é uma autoridade no saber as origens, desenvolvimento e fins do africanismo no país, sobre ser admirador consciente da obra que os deserdados filhos da África realizaram para a grandeza da economia ou da opulência brasileira.

Africanos no Brasil é um conjunto de tudo quanto o ilustre *imortal* da Academia Mineira de Letras conseguira colher e recolher nas suas pesquisas nessa especialidade, e de agora em vante ninguém tratará de tais estudos entre nós sem a referência a esse livro, tão completo nas informações no tocante ao negro. É o que se chama trabalho de pesquisa e de erudição. (Do nº 20 da “Revista das Academias de Letras”, Rio, abril de 1940, págs. 183-184).

Considerando os jornais como narrativas que perpassam disputas e interesses políticos-institucionais, acreditamos que a avaliação e recepção da obra atingiu críticas contrárias, oferecendo ajuizamentos aos quais Nelson de Senna preferiu não colecionar em seus álbuns com recortes de jornais. Permanecendo, portanto, aquelas em que o “ilustre homem das letras” firmou-se como um “espírito mais bem dotado da atual geração”.⁴⁶⁰ Esse era também um

⁴⁶⁰ *Jornal do Brasil*, 1 de outubro de 1940. APCBH, NCS1.6.13.

momento para justificar suas escolhas perante seus pares e afirmar seu próprio percurso, destacando-se em contextos estabelecidos nacionalmente.

Portanto, ainda que uma pequena amostra dessa circulação tenha sido exibida, indicamos que os jornais foram importantes indicativos de alcance e projeção pública da obra de Nelson de Senna. Servindo-se de balizamento “para si mesmo e para os outros”, na medida em que ele próprio validava tais notícias catalogando-as em seu acervo pessoal. Portanto, o envio de notas aos jornais, constituiu-se em uma importante prática que, ao mesmo tempo, tinha a função de informar o leitor como atribuir valor e apreciação crítica.

Uma outra forma de ampliar a circulação de sua obra, consistiu no esforço de envio protocolar às instituições histórico-culturais e políticas das quais fez parte. Uma estratégia e uma prática bastante comum dedicada a criar visibilidade entre os pares e garantir inserção no “pequeno mundo letrado”. Para muitos pode ser considerado uma atividade proforma, indicando apenas uma formalidade, para outros tantos, como Nelson de Senna, foi uma intenção anunciada, desejosa de resposta.

Percebemos isso, através dos “ofícios-resposta”, indicando o recebimento do exemplar com notas de agradecimentos, considerações e/ou apontamentos. Significando uma oportunidade de estabelecer contatos e estreitar laços sociais, projetando-se para além das fronteiras do estado. Nesse sentido, indicamos um conjunto de correspondências que nos permitiu lançar um olhar para os *lugares* político-institucionais aos quais permitiram que sua obra tivesse destino estabelecido.

O ponto de partida foi a exploração dos ofícios em papel timbrado, de natureza institucional, como é o caso, do ofício enviado pela Universidade de Minas Gerais (UMG), que ao acusar recebimento de sua obra, também agradeceu o envio do retrato do prof. Paulo Candido para compor a galeria de fotos da sala principal. Em outra correspondência, assinada por Aristides Macedo, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, solicitava-lhe que enviasse outros exemplares para que colaborasse com a divulgação.

No ofício encaminhado por Dante de Laytano, da Secretaria de Educação e Saúde Pública, veio acompanhado de uma remessa solicitando-lhe análise de seus escritos. Christovam Leite de Castro, Secretário-Geral do Instituto Brasileiro de Geografia, solicitava-lhe uma doação do Anuário de Minas para compor a biblioteca do instituto. Olympio Costa, Diretor-interino da Biblioteca Pública de Pernambuco, solicitava-lhe opinião para uma publicação. Conforme indicado no quadro abaixo,

Quadro 2 – Instituições histórico-culturais e científicas

N.	Instituição	Estado
01	Arquivo Nacional	Rio de Janeiro
02	Academia Brasileira de Letras	Rio de Janeiro
03	Sociedade dos Amigos de Alberto Torres	Rio de Janeiro
04	Secretaria do Interior – Biblioteca Pública de Pernambuco	Pernambuco
05	Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (IHGBA)	Bahia
06	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1941	Rio de Janeiro
07	Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
08	Federação das Academias de Letras do Brasil	Rio de Janeiro
09	Instituto de Estudos Genealógicos	São Paulo
10	Conselho Federal de Engenharia	Rio de Janeiro
11	Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP)	São Paulo
12	Centro de Ciências, Letras e Artes de Campina	São Paulo
13	Universidade de Minas Gerais – Faculdade de Medicina	Minas Gerais
14	Secretaria de Educação e Saúde Pública	São Paulo
15	Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra	Portugal
16	Biblioteca de la Facultad de Derecho e Ciencias Sociales – Buenos Aires	Argentina
17	Embaixada britânica, Noel Charles	São Paulo
18	Biblioteca da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia	Bahia

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da série Correspondências. APCBH, NCS2.

Considerando um universo de centenas de cartas-resposta, consideramos aquelas em que acusam não apenas o recebimento, mas prolongam-se em elogiosos agradecimentos e considerações sobre a obra. Valendo-se do reconhecimento da posição que ocupava junto às agremiações, seu trabalho foi acolhido com entusiasmo e consideração pelos seus pares. À época, Nelson de Senna já era uma figura pública que circulava no meio letrado mineiro, o que, provavelmente, foi reforçado durante o período em que esteve residente no Rio de Janeiro, quando de seu mandato no Congresso nacional.

Portanto, *Africanos no Brasil* revela a construção do pensamento e do labor de Nelson de Senna. Com uma única edição financiada pelo próprio autor, a obra é resultado de um projeto escriturário de décadas de investigação e pesquisa. Suas ideias abrem diálogo com o contexto de produção, bem como, revela o seu interesse em torná-la pública, a qual acreditou trazer importantes contribuições para futuros estudos histórico-culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

UM PROJETO INACABADO

Dar forma final a esta tese foi tarefa embaraçosa. Por isso, chegamos até aqui conscientes da incompletude, das possíveis omissões e/ou ausências, que por ventura o leitor possa identificar. Contudo, buscamos oferecer uma retrospectiva do percurso, de modo a proporcionar maior clareza do esforço empreendido em nossa análise. Afinal, esperamos ter contribuído para o alcance de outras investigações de pesquisa.

Assim, ao longo desse trabalho, buscamos acompanhar a trajetória do jurista, professor, político e historiador mineiro Nelson Coelho de Senna construindo seu percurso na esteira de ofícios polivalentes. Essa escolha nos fez deparar com a figura de um intelectual multifacetado, marcado pela própria condição de sua atuação à época – um polígrafo. Diante das incertezas, de um terreno fronteiro, contornado por saberes e práticas que se confundem e se somam, o desafio que encontramos foi o de dar sentido ao ofício de historiador. Uma atuação reveladora dos entroncamentos que constitui a própria escrita da história nesse período, em meio às indefinições de área. Talvez, exatamente por isso, a dificuldade seja maior, exigindo-nos sair da “zona de conforto” das especializações acadêmicas e, encarar um terreno arenoso, sublinhado por ações que, aos poucos foi perdendo espaço, distanciando-se de nossas práticas atuais.

Investigando seu arquivo, foi possível acompanhar a maneira como construiu a sua trajetória, buscando dialogar com intelectuais e instituições. Essa atitude revelou-nos um intelectual hábil, tendo sempre o sentido de direção para suas ambições político-intelectuais. Para isso, soube articular uma sólida rede de contato e sociabilidades que lhe permitiu projetar-se publicamente, alçando voos ainda maiores. Sua imagem pública, exibida em sua *memória de papel*, é prova da extensa atuação e reconhecimento profissional. Da plasticidade que dá corpo ao seu exercício memorialístico, o balizamento ético-moral revela-se na figura exemplar que procurou erigir.

Tal desempenho possibilitou-lhe articular projetos e pessoas, colocando-se como um homem de ação, porta-voz dos interesses de seu estado natal, Minas Gerais. Pode-se dizer que não há hierarquia entre a atuação profissional e a reflexão intelectual, uma nasce da outra e a retroalimenta. É notável o esforço mobilizado por ele afim de garantir sua projeção para além

dos limites do Legislativo estadual, assumindo mandato no Congresso Nacional, como deputado federal.

Não há dúvidas que foi uma personalidade importante na política, pode-se notar, ainda, seu esforço e desempenho de atuação junto aos projetos historiográficos relacionados à escrita e sistematização da história no estado. Participando ativamente da criação de importantes instituições mineiras como é o caso do Arquivo Público Mineiro (APM), do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG) e da Academia Mineira de Letras (AML). Além de sua agremiação em mais de 40 instituições histórico-culturais nacionais e internacionais, em muitas delas, representando o estado mineiro em congressos e comitês técnicos.

Especialmente naquilo que correspondia ao ofício de historiador à época, envolveu-se em atividades como, o recolhimento de “papéis” para a composição dos fundos arquivísticos, a arrecadação de pecúlio, a organização e doação de acervos, além, da participação em comissões técnico-científicas e de apoio político. Refletindo sobre tais práticas, a atuação de Nelson de Senna nos ajuda a remontar um período em que a própria concepção de história assumiu um caráter mais pragmático, estabelecendo uma estreita relação com um conhecimento mais instrumental, cujo propósito atendia às necessidades de construção da memória oficial do estado e de sua recuperação político-econômica.

Sobre sua atuação e produção escrita, podemos afirmar que o historiador mineiro buscou responder às questões que o presente lhe impôs, não escusando de nenhuma delas. Daí a habilidade e competência estratégica com que demonstrou desempenhar, caminhando entre escolhas, sempre atento às oportunidades. Sua atividade intelectual de produção, caracteriza-se por um grande volume de publicações, compostas por folhetos, artigos, dossiês, pareceres e obras completas que, de certo modo, correspondem à avaliação que ele fez de sua própria responsabilidade pública. Entende-se, portanto, a presença de uma inteligência político-intelectual lúcida, cuja postura determinou seu engajamento, possibilitando-lhe construir as condições de enunciação e reconhecimento entre seus pares.

Nessa direção, sua produção escrita, pode ser entendida como parte de suas contribuições rumo ao desenvolvimento do estado, criando assim, as expectativas de futuro que almejava para o progresso de Minas Gerais. Conforme observa-se nos estudos relacionados à *Bacia do Rio Doce* (1905), *A hulha branca em Minas Gerais* (1911), *O problema da siderurgia nacional* (1924), *Riquezas naturais, desenvolvimento econômico e expansão industrial do Brasil* (1923), além de outras publicações, que indicam tanto a abrangência dos temas quanto as consequências práticas de seu investimento de pesquisa. Daí desponta uma certa objetividade e ambição com que direcionou seus projetos escriturários.

No que diz respeito aos estudos étnico-linguístico, o historiador demonstrou interesse pelos aspectos histórico-culturais de influência africana na formação e identidade brasileira. Seus estudos sobre os africanismos na língua falada no Brasil, são reveladores do modo como mobilizou estratégias para projetar-se junto aos seus pares. Transitando entre as correntes científicas do final do século XIX e a antropologia cultural da década de 1920 e 1930, buscou interlocução com o debate da época, estabelecendo-se junto àqueles estudiosos que defendiam a brasilidade idiomática.

Em meio ao debate sobre a identidade brasileira, o estudo da língua fez parte dos principais centros intelectuais que vigoravam nesse período. Sendo responsável por contribuir com a formulação de um certo ideal de brasilidade, em que admitia-se a presença africana nos costumes e nos falares populares. Sem, contudo, abolir uma postura conservadora, condizente com o momento político-intelectual, buscou entender o que havia de autêntico na cultura popular, incorporando a miscigenação como parte do processo de formação do povo brasileiro. Seu engajamento reflete a postura assumida publicamente, talvez a principal delas, seja a crítica lançada aos renomados filólogos e estudiosos brasileiros.

Desse modo, o *Elucidário de Africanismos*, produzido ao longo de décadas de pesquisa, cujo artesanato intelectual revelou um trabalho de fôlego, aponta para uma produção que se encontra nas regiões de fronteira, transitando entre a história, a geografia, a etnografia, a filologia e tantos outros saberes. Nesta pesquisa, procuramos dialogar com essa escrita, indicando seu esforço na construção de um trabalho vocabular, dedicado às “vozes e línguas”, que atravessam sua compreensão acerca da própria história.

Os estudos corográficos e toponímicos produzidos por ele, também revelam parte desse esforço e contribuição dedicados à compreensão dos diferentes grupos étnico-sociais, assinalando os regionalismos presente na língua e nos costumes. Como resultado desse trabalho, acreditamos que a publicação da obra *Africanos no Brasil* apresentava, naquele momento, força de tese, afirmando ter cumprido seu papel de “reparação histórica” de resgatar a opulenta riqueza cultural e vocabular de origem africana.

Na condição de autor, sua obra é resultado de um projeto político-historiográfico, cujas oportunidades fez reverberar publicamente suas ideias e posicionamentos. Para nós, a obra representa uma síntese de seu pensamento e posicionamento político e intelectual, sendo o seu trabalho de maior visibilidade. Nessa direção, buscamos analisar uma certa concepção da língua, que perpassa um campo historiográfico em que esses estudos assumiram relevo na construção de um ideal nacional, trazendo importantes contribuições para a escrita da história à época. Entendemos, portanto, que foi por meio da língua que o historiador conseguiu

incorporar a miscigenação junto ao ideal nacional, constituindo-se parte do pensamento histórico-social brasileiro daquele momento.

Nessa direção, buscamos analisar a trajetória e atuação de Nelson de Senna como um historiador de seu tempo, contemporâneo às ideias que vigoravam no período, sem cobrar dele reparações e/ou soluções que pertencem às demandas do presente. Isso implica encontrar em sua ação política e intelectual uma postura, por vezes, contraditória, outras, conciliatória, sobretudo, naquilo que estivesse ligado aos interesses do estado mineiro. Nesse sentido, fincou suas raízes numa espécie de conservadorismo moderno, defendendo a preservação das instituições e valores tradicionais, sem abrir mão das mudanças necessárias ao desenvolvimento e progresso do estado. Desse modo, mostrou-se um hábil articulador e um “intelectual incansável”, seguindo os movimentos que lhe permitiram desbravar as montanhas, rumo ao “Mediterrâneo em Minas”.

Ainda que sua trajetória e produção intelectual sejam quase desconhecida nos estudos historiográficos, acreditamos que há sempre uma “franja” que permite visibilidade para aqueles agentes sociais que orbitam em torno de figuras estelares. Em sua maioria, ocupando posições de menor projeção nacional, são capazes de colocar-se à luz do projetor, tendo sua imagem atravessada por um feixe de luz que se estende em dimensões ampliadas. Essa ideia permitiu-nos reconhecer na atuação de Nelson de Senna situações em que buscou maior luminosidade, afim de dar alcance às suas ideias.

Assim, nessa tese, permanece a figura do *passeur* como aquele barqueiro que, mesmo em condições adversas, soube aproveitar-se das ocasiões, afim de atravessar o “mar de montanhas”, seguindo sempre adiante. Sua trajetória expressa um oceano de significados, indicando a necessidade de outros mergulhos mar adentro. Dado a amplitude e diversidade documental presente no *Acervo Pessoal Nelson de Senna* que, ao mesmo tempo, o torna singular, também define limites e escolhas. Da “vontade de continuar”, organizamos em anexo, um conjunto documental que permite ampliar o texto escrito, como reflete um universo de possibilidades de pesquisas futuras tornando-se um indicativo de leitura.

REFERÊNCIAS

Fontes

Álbum (n. III), ano de 1900, em Deante. Referências, Críticas e Notícias (a mim, pessoalmente, ou a meus trabalhos). APCBH, NCS 1.6.5.

Álbum 10: 1916 a 1919. Álbum de referências ao Dr. Nelson de Senna (Retratos e ilustrações). Anos de 1916 a 1919. Bello Horizonte. APCBH, NCS.1.6.14.

Álbum 14: 1930 a 1934. Referências de Imprensa. Notas e recortes de vários jornais. Nelson de Senna, 1930-1934. APCBH, NCS.1.6.14.

Álbum de família 3: 1894-1930. Livro de família: Para meus filhos. Nelson de Senna. Notas biográficas e assentamentos íntimos. APCBH, NCS1.6.3.

Ata da 26ª Sessão do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, 1938.

Ata da sessão de fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 14, p. 8, 1909.

Discurso do orador oficial Nelson de Senna, na sessão inaugural da Academia Mineira de Letras, em Juiz de Fora, em 13 de maio de 1910

Parecer da comissão criada para julgar as “Efemérides Mineiras”, redigida por José Pedro Xavier da Veiga, diretor do Arquivo Mineiro. Cidade de Minas. 4 fls. 1898.08.01-1898.08.04.

SENNA, Nelson Coelho de. *A terra mineira*. 2. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1926. t. 1.

SENNA, Nelson Coelho de. Apontamentos para a criação do Instituto Histórico, Arqueológico e Geográfico de Minas Gerais e proposições de nomes para sócios efetivos e correspondentes. Folhas Avulsas.

SENNA, Nelson Coelho de. Catálogo da “Bibliotheca Brasiliano-Americana do professor Nelson de Senna (da Universidade de Bello Horizonte). Belo Horizonte, 1936.

SENNA, Nelson Coelho de. Discurso de abertura da assembleia inaugural da Academia Mineira de Letras. Belo Horizonte, maio 1910. p. 3-4 [Título atribuído pela Coleção Mineiriana – Série Obras de Referência].

SENNA, Nelson Coelho de. Discurso na Câmara Federal em 3 de outubro de 1928. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano XXIII, 1929.

SENNA, Nelson Coelho de. Influência africana na toponímia brasileira. Nomes e locais de acentuada origem afro-negra ou compostos com elementos africanos: relação de verbetes e estudos histórico-etimológicos de topônimos afro-brasileiros. 2 v.

SENNA, Nelson Coelho de. *Memória histórica descritiva da cidade e município do Serro*. Ouro Preto: Ferreira Lopes & C., 1895.

SENNA, Nelson Coelho de. *Texto sobre estradas que ligam redes mineiras do norte da República e sobre a importância da mineração de alguns locais mineiros*. Folhas Avulsas, 1907, Série Estudos Temáticos. Mineração e Siderurgia. APCBH, NCS.3.6.4.

SENNA, Nelson Coelho de. Um mineiro Ilustre – Conselheiro Francisco de Paula Candido. 1897, p. 397-401. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1119.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

SENNA, Nelson Coelho de. Vocabulário de africanismos e afro-negrismos: índice de termos africanos presentes na linguagem popular brasileira. Letras A-Z. 16 cadernos. 1940-1942. APCBH, NCS. 3.3 (4).

SENNA, Nelson Coelho de. Vocabulário de localidades mineiras: relação por ordem de cidades do Estado de Minas Gerais. Letras A-C. Incompleto. Folhas Avulsas, Manuscritos e recortes de jornais, s.d.

SENNA, Nelson Coelho. Mineração na Região do Rio Doce. 1900-1924). APCBH, NCS.3.6 (1).

SENNA, Nelson Coelho. *Programa de História do Brasil apresentado no Externato do Ginásio Mineiro*. Folhas Avulsas, 1897. APCBH, NCS.5.1.

SENNA, Nelson Coelho. Synopse das principais quedas d'água existentes no Estado de Minas Gerais e instalações hydro-electricas nella realizadas. Incompleto. Folhas avulsas, 1911. APCBH, NCS.3.6.5. SENNA, Nelson Coelho de. [O transporte na região norte de Minas Gerais]. In: CONGRESSO MINEIRO. Anais da Câmara dos Deputados. Primeira sessão da quinta legislatura no ano de 1907. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1907.

SENNA, Nelson Coelho de. A Linguagem dos Africanos e sua influência na língua portuguesa do Brasil: tese apresentada na semana de estudos afro-brasileiros em comemoração do cinquentenário da Lei Áurea. Folhas Avulsas, 1938. APCBH, NCS.3.3 (2);

SENNA, Nelson Coelho de. Bibliografia para o Elucidário de Afronegrismos: relação por ordem alfabética das obras consultadas para a elaboração do Elucidário de afro-negrismos do Brasil. 2 exemplares. I Incompleto. Folhas Avulsas, s.d. APCBH, NCS 3.3 (6).

SENNA, Nelson Coelho de. Discurso pronunciado pelo Dr. Nelson de Senna, como orador oficial, na sessão inaugural da Academia Mineira de Letras, no Theatro de Juiz de Fôra a 13 de Maio de 1910, sobre o thema “O Futuro de Minas Geraes”. *Revista do Archivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, p. 17-27, 1911.

SENNA, Nelson Coelho de. In. CONGRESSO MINEIRO. Anais da Câmara dos Deputados. Quarta sessão da quinta legislatura no ano de 1910. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do estado de Minas Gerais, 1910.

SENNA, Nelson Coelho de. *Texto sobre estradas que ligam redes mineiras do norte da República e sobre a importância da mineração de alguns locais mineiros*. Folhas Avulsas, 1907, Série Estudos Temáticos. Mineração e Siderurgia. APCBH, NCS.3.6.4.

SENNA, Nelson Coelho de. Um dos primeiros discursos pronunciados no Instituto Histórico e Geográfico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 5, p. 34-40, 1958.

SENNA, Nelson Coelho de. Vocabulário de africanismos e afro-negrismos: índice de termos africanos presentes na linguagem popular brasileira. Letras A-Z. 16 cadernos. 1940-1942. APCBH, NCS. 3.3 (4).

SENNA, Nelson Coelho. *Programa de História do Brasil apresentado no Externato do Ginásio Mineiro*. Folhas Avulsas, 1897. APCBH, NCS.5.1.

Referências

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O filólogo Antenor Nascentes e os estudos lexicais. XI SEMOC Semana de mobilização científica. UCSAL: Universidade Católica do Salvador, p. 1-7. 2008. Disponível em: <https://ri.ucsal.br/server/api/core/bitstreams/0f9da2c3-fd0b-4ac7-8039-520070b77d0d/content>. Acesso em: 10 ago. 2014.

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e Estado*, v. 15, n. 2, p. 303-330, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44600>. Acesso em: 10 jan. 2025.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. Recife: FJN; Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALGRANTI, Leila M. Famílias e vida doméstica. In: MELLO E SOUZA, Laura de (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997. v. 1. p. 83-154.

ALKIMIM, Márcia Pereira. Correspondência proveitosa. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 51, n. 1, p. 153-161, 2015.

ALKMIM, T; PETTER, M. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Org.) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 145-178.

ALMEIDA, Olívia Nogueira. *Elucidário de Africanismos: resultados de um garimpo no Arquivo Pessoal de Nelson Coelho de Senna*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

ALMEIDA, Vinicius Furquim. *Das prateleiras da Alcidiana: os livros, a leitura e a escrita na trajetória intelectual de Alcides Cruz*. 2018. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018. ALONSO, Angela. Joaquim Nabuco: Diplomata Americanista. In: PIMENTEL, José Vicente de Sá. *Pensamento Diplomático Brasileiro*. Brasília: FUNAG, 2013. Parte II. p. 359-404.

ALTAMIRANO, Carlos. *Para um programa de história intelectual*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

ALVES PEREIRA PENHA, João. *Filólogos brasileiros*. Franca: Ribeirão Gráfica, 2002.

AMADO, Janaína. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos Antônio da (org.). *República em migalhas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero; CNPq, 1990. p. 6-15.

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro (coord.). *A terceira reunião do Congresso Científico Latino Americano: ciência e política*. Brasília: CGEE; Rio de Janeiro: MAST, 2002.

ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a história da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ANNUARIO Estatístico e Ilustrado do Estado de Minas Geraes. Belo Horizonte, 1911. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/212679/per212679_1907_00002.pdf. Acesso em: 20 dez. 2023.

ANTUNES, Álvaro de A.; SILVEIRA, Marco Antônio. Memória e identidade regional: historiografia, arquivos e museus em Minas Gerais. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, ano 2, n. 1, mar. 2007.

APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. *Inventário do arquivo pessoal Nelson Coelho de Senna*. Belo Horizonte: APCBH, 2000.

ARAGÃO, M. S. S. de. Africanismo no português do Brasil. *Revista de Letras*, v. 30, n. 1/4, p. 7-16, jan. 2010/dez. 2011.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa grande & senzala* e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 2017.

ARAÚJO, Valdei Lopes de; MEDEIROS, Bruno Franco. A história de Minas como história do Brasil: o projeto historiográfico do APM. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. XLIII, p. 22-37, 2007.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010.

ARTIÈRE, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061>. Acesso em: 20 set. 2022.

ARTIÈRES, Philippe. Arquiva-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, JoËlle; HEYMANN, Luciana (Org.). *Arquivos pessoais: reflexões e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013. p. 45-54.

ATA da sessão de inauguração do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Mineiro, Ouro Preto, Imprensa Oficial, ano I, fascículo 1, p. 176, jan./mar. 1896.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980 [2012]. 5 v.

BAHIA, Benedito J. *História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. v. 1.

BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso recitado no ato de estatuir-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (25 de novembro). Rio de Janeiro, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. I, ano 1839, p. 9-17, 1839. Disponível em: <https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=144733>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BARBOSA, Maria A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. p. 23-46.

BARROS, Dirlene Santos; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e memória: uma relação indissociável. *TransInformação*, Campinas, v. 21, n. 1, p. 55-61, jan./abr. 2009.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BATLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. Tradução de João Vergílio Gallerani. São Paulo: Planeta, 2003.

BAZERMAN, Charles. Cartas e a base social dos gêneros diferenciados. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução de Judith C. Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 83-99.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais como fonte de pesquisa. In: BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 263-278.

BENJAMIN, W. Obra das Passagens, 1927-40, trechos selecionados. In: SCHOLZ, L.A. *Noite do colecionar*. Bonn: InterNacioniones, 1999.

BENJAMIN, Walter. O Colecionador. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 237-246, 2009.

BENJAMIN, Walter. O jogo das letras. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*, v. II: Rua de mão única. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa de João Barrento. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 104-107.

BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 15-62.

BONVINI, E. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 101-144.

BORGES, Patrícia Souza. *Línguas africanas e português brasileiro: análise historiográfica de fontes e métodos de estudos no Brasil (séc. XIX-XXI)*. 2015. 239 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BORGES, Patrícia Souza. O contato entre o português brasileiro e as línguas africanas na visão de Mendonça (1935[1933]) e Raimundo (1933): uma análise historiográfica. In: POLACHINI, Bruna et al. *Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH: VII MiniENAPOL de Historiografia Linguística* (2013). São Paulo: FFLCH/USP, 2015. p. 34-53.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). *Uso & abuso da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-192.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, J. (org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro; Zahar, 1968. p. 105-145.

BRACARENSE. Mariana Sousa. Um patrimônio de pedra e cal. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 43, n, 1, p 23-41, 2015.

BRITO, Augusto César Luiz; Corradi, Analaura. O valor narrativo em arquivos pessoais compreendidos como “escrita de si”. *Ponto de Acesso*, v. 14, n. 2/3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/30446>. Acesso em: 9 jan. 2025.

BRÖNSTRUP, Gabriela D'Ávila. *Um ofício polivalente: Rodolfo Garcia e a escrita da história (1932-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

CANDIDO, Antônio. A Revolução de 1930 e a cultura. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 27-36, 1984.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *Brasil Republicano 2: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 107-143.

CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4924>. Acesso em: 22 fev. 2025.

CASCUDO, L. C. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.

CASCUDO, L. da C. O aboiador. *Imburana: Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses*, v. 5, n. 9, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/9912>. Acesso em: 3 dez. 2024.

CASTRO, Fabíola Fabiana Braga de. *Arduíno Bolívar: a trajetória de um intelectual tradicional na cidade de Belo Horizonte*. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras & Topbooks, 2001.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Marcas de africania no português do Brasil: o legado negroafricano nas Américas. *Interdisciplinar*, São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 11- 24, 2016. Disponível em:

CASTRO, Yeda Pessoa de. Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos. In: MELLO, Linalda de A. (Org.). *Sociedade, cultura e língua: ensaios de sócio e etnolinguística*. João Pessoa: Shorin, 1990. p. 91- 113.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011. p. 45-108.

CEZAR, Temístocles. A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o Mundo Antigo. In: GUIMARÃES, M. Salgado (Org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 29-41.

CEZAR, Temístocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, S. J. (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003. p. 173-208.

CEZAR, Temístocles. *Historia magistra vitae*: ensaio sobre a (in)definição do topos nos projetos de escrita da história do Brasil no século XIX. In: PROTÁSIO, Daniel Estudante (org.). *Historiografia, cultura e política na época do Visconde de Santarém*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2019. p. 21-44.

CEZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da história historiografia e nação no Brasil do século XIX. *Diálogos*, v. 8, n. 1, p. 11-29, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38021>. Acesso em: 24 abr. 2025.

CEZAR, Temístocles. Varnhagen entre os antigos, os modernos e os “selvagens”: estudo introdutório de “A origem turaniana dos tupis e dos antigos egípcios”. In: GLEZER, Raquel; GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal (Org.). *Varnhagen no caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. p. 317-345.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 97-113.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priore. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 1999.

COELHO, W. de N. *Raça, cor e diferença*. Belo Horizonte: Mazza, 2008.

COLEÇÃO LINHARES. *Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte (1895-1954)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Disponível em: <https://fjp.mg.gov.br/itinerario-da-imprensa-de-belo-horizonte-1895-1954>. Acesso em: 20 set. 2022.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CONGRESSO MINEIRO. *Anais da Câmara dos Deputados*. Segunda sessão da Quinta legislatura no ano de 1908. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1908.

COSTA, Célia. O Arquivo Público do Império: o legado absolutista na construção da nacionalidade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 217-231, 2000.

COSTA, S. O branco como meta: apontamentos sobre a difusão do racismo científico no Brasil pós-escravocrata. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 1/2/3, p. 47-68, jan./dez. 2006.

COUTO, Hildo Honório do. Resquícios de Africanismos Linguísticos no Brasil. *Papia*, n. 13, p. 125-135, 2003.

CRUZ, Robson Nascimento da; REZENDE, Junio. A escrita de notas como artesanato intelectual: Niklas Luhmann e a escrita acadêmica como processo. *Pro-Posições*, Campinas, v. 34, p. e20210123, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8675356>. Acesso em: 5 fev. 2025.

DIAS, Carlos Malheiro (Org.). *História da colonização portuguesa do Brasil*. ed. fac-sím. Brasília: Senado Federal, 2022. v. 3. Disponível em: <https://livraria.senado.leg.br/historia-da-colonizacao-portuguesa-no-brasil>. Acesso em: 9 jan. 2025.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Dinâmica dos Nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897*. São Paulo: Anna Blume, 1996.

DIEHL, Astor Antonio. *A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930*. Passo Fundo: UPF, 1998.

DIENER, Pablo. Martius e as línguas indígenas do Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 6, n. 2, p. 353-376, dez. 2014

EQUIPE Brasileira Iconográfica. Passeio por Minas Gerais com os viajantes. In: Brasileira Iconográfica. 29 mar. 2022. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/23408/passeio-por-minas-gerais-com-os-viajantes>. Acesso em: 23 fev. 2025.

ESTATUTOS do Instituto Histórico e Geographico do Estado de Minas Geraes. Belo Horizonte, 12 jul. 1906. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano 22, p. 355-370, 1928.

ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. *Desejo de enciclopédia: o saber total*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2023. (Coleção Cadernos da Biblioteca Nacional, 20).

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. *As efemérides mineiras*, José Pedro Xavier da Veiga: as histórias a favor da história. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

FARIA, Luciano Mendes de. Editoração, sociabilidades intelectuais e mediação cultural: a ação dos prefaciadores na publicação das obras completas de Rui Barbosa (1939/1949). In: GOMES, Ângela M. de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. p. 366-402.

FERRARI, Marcela. Prosopografia e historia política: algumas aproximaciones. *Antíteses*, v. 3, n. 5, jan./jun. de 2010.

FERREIRA, Antônio Celso. A historiografia profissional paulista: expansão e descentramento. In: GLEZER, Rachel (org.). *Do passado ao futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da ANPUH. São Paulo: Contexto, 2011. v.1. p. 321-341.

FERREIRA, José Luiz. Aboio: o canto melódico do vaqueiro. *Imburana: Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses*, v. 5, n. 9, p. 47-60, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/6860>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A história como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. A cidade refletida em seus museus. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 2, p. 130-143, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 114, p. 197-223, 2001.

FLEIÜSS, Max. Congresso Internacional de História da América. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 146, p. 381-385, 1922. Disponível em: https://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CRV_RevistaIHGB&hf=armazemmemoria.com.br&pagfis=79713. Acesso em: 24 ago. 2024.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade e Política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Coleção Ditos e Escritos). p. 144-162.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 2009.

FOUCAULT, Michel. *O cuidado de si*. 8 ed. São Paulo: Edições Graal, 1985. (A História da Sexualidade, 3). Disponível em: <http://www.legth.cfh.ufsc.br/files/2016/09/FOUCAULT-Michel-Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-III.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2025.

FRANCO Jr., Hilário. Contos Tradicionais do Brasil. In: SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva; FFLCH/ USP; Fapesp; Natal: Editora UFRN; Fundação José Augusto, 2003.

FREYRE, G. Entrevista. *Diário de Pernambuco*, 11 nov. 1934, p. 3.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *Viver para contar*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GENERAL Gomes Freire de Andrade. In: Departamento de Ciência e Tecnologia do Exército Brasileiro. Disponível em: <http://www.dct.eb.mil.br/index.php/patrono>. Acesso: 20 set. 2022.

GOMES, Ângela Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2009.

GONÇALVES, Renata de Sá. Edison Carneiro e o samba: reflexões sobre folclore, ciências sociais e preservação cultural, *Anuário antropológico*, v. 38, n. 1, 2013.

GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

GUEDES, M.; LEMOS, C. B. O Palacete Borges da Costa. In: LEMOS, C.B.; GUERRA, K.B (Org.). *Casa nobre: significados dos modos de morar nas primeiras décadas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Frente e Verso, 2019. p. 120-125.

GUIA de Fundos e Coleções do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais; Arquivo Público Mineiro, 2006. Disponível em: https://www.arquivopublico.mg.gov.br/wp-content/uploads/2023/06/Guia-de-Fundos-e-Colecoes-APM_miolo.pdf. Acesso em: 28 jan. 2025

GUIMARÃES, A. S. A. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Limites políticos de um projeto intelectual para a integração dos países do Novo Mundo: o Primeiro Congresso Internacional de História da América (1922). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, p. 192-212, jan./jun. 2005.

GUIMARÃES, Lúcia Paschoal. Debaixo da imediata proteção de sua majestade imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 156, n. 388, p. 459-613, jul./set. 1995.

GUIMARÃES, Manoel L. S. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 7, n. 2, p. 389-410. jul./out. 2000.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003. p. 9-24.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A Revista do IHGB e os temas de sua historiografia (1839-1857): fazendo a história nacional. In: WEHLING, Arno (Coord.). *Origens do IHGB: ideias filosóficas e sociais e estrutura de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989. p. 21-41.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Entre as luzes e o romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL NAÇÃO E CIDADANIA NO OITOCENTOS. 2006, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. v. 1. p. 73-84.

GUSTIN, Fádua Maria de Souza; LANNA JR. Mário Cléber Martins (Org.). *Memória política de Minas Gerais*: Nelson Coelho de Senna. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2006. (Coleção Mineiriana).

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 7-22.

HEYMANN, Luciana (Org.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

HEYMANN, Luciana Quiller. Arquivamento, indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Estudos históricos*, v. 19, n. 19, p. 41-66, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2041>. Acesso em: 20 set. 2022.

HEYMANN, Luciana. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-66, 1997.

HEYMANN, Luciana. O indivíduo fora do lugar. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 2, n. 45, p. 40-57, 2009.

HOBSBAWM, Eric. Introdução. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 7-25.

HOFBAUER, A. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora UNESP, 2006;

HRUBY, Hugo. *Obreiros diligentes e zelosos auxiliando no preparo da grande obra: a história do Brasil no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1912)*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/5398>. Acesso em: 12 jan. 2024.

IUMATTI, Paulo Teixeira; NICODEMO, Thiago Lima. Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico. *Revista Brasileira de História*, v. 38, n. 78, p. 97-120, 2018.

JANET, Pierre. *L'automatisme psychologique*. Essai de psychologie expérimentale sur les formes inférieures de l'activité humaine. Paris: Félix Alcan, 1889.

JOÃO Pinheiro da Silva. In: Sistema de Acesso Integrado do Arquivo Público Mineiro. [s.d.]. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=48. Acesso em: 21 set. 2022.

JULIÃO, L. Apontamentos sobre a história do museu. In: NASCIMENTO, S. et al. (Org.). *Caderno de diretrizes museológicas*. Brasília: MinC/Iphan/Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p. 19-32.

KALTNER, L. F. O pensamento linguístico de Carl Fr. Ph. von Martius (1794-1868) e o idioma nacional no Brasil oitocentista. *Revista Philologus*, v. 75, 2020.

KALTNER, Leonardo F. Anotações sobre a biografia do naturalista Carl Friedrich Philipp von Martius. *Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira*, 2012. Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/139/Kaltner-Carl-Friedrich-Philipp-von-Martius.html>. Acesso em: 27 set. 2024.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativas. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto. p. 311-337.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

Lei n. 126, de 11 de julho de 1895. Crea na cidade de Ouro Preto uma repartição denominada Archivo Publico Mineiro. *Imprensa Oficial de Minas Gerais*, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 175-196, 1896 [p. 175]. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=8>. Acesso em: 28 jan. 2025.

LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas*. Sentidos de mestiçagem no Império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

LIMA, Nísia Trindade; SÁ, D. Miranda de (Org.). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. LIMA, Olga Maria Guanabara de. O linguajar carioca: fatores de diferenciação. *Linguagem em (Re)vista*. v. 2, n. 2, 2005.

LOPEZ, Telê Ancona. A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo, Iluminuras/ Fapesp, 2002. p. 45-72.

MACHADO, Ana Maria. *Abílio Barreto e o museu: o homem e a memória da cidade*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2009.

MARKS, Larisse. *O egoísmo como virtude: um estudo da vida e obra de Ayn Rand*. Porto Alegre: Editora Fi, 2014.

MARTINI, Cristiane. O. P. *Regule-se, exercite-se, embeleze-se: pedagogias para o corpo feminino pelo discurso da revista Alterosa (1939-1964)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. MARTINS, Edson Ferreira. Atlas linguístico do estado de Minas Gerais: o princípio da uniformidade da mudança linguística nas características fonéticas do português mineiro. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 4, n. 7, ag. 2006.

MEDEIROS, Bruno Franco; ARAÚJO, Valdei Lopes. A história de Minas como história do Brasil. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 43, p. 22-37, 2007.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no Português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012.

MILLS, C. Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOLLO, Helena Miranda; SILVA, Rodrigo Machado da. Diogo de Vasconcelos e a “oficina central do pensamento”. In: ROMEIRO, Adriana, SILVEIRA, Marco Antônio (Org.). *Diogo de Vasconcelos: o ofício do historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 71-91.

MOMOGILANO, Arnaldo. História antiga e o antiquário. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 21, n. 39, p. 19-76, jul. 2014.

MONTEIRO, Norma de Góis. (Coord.). *Dicionário biográfico de Minas Gerais: período republicano 1889-1991*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994.

MORAIS, Mariana R. Raça, cultura e religião: os Congressos Afro-Brasileiros e a antropologia feita no Brasil nos anos 1930. In: BEROSE: *Encyclopédie Internationale des Histoires de L'anthropologie*, Paris, 2020. p. 1-31.

MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MOREIRA, Vivaldi. Esboço histórico da Academia Mineira de Letras. *Revista da Academia Mineira de Letras*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 21-30, 1922.

MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. "O leal conselheiro" e a tradição do espelho de príncipe: considerações sobre o gênero. In: PARRILLA GARCÍA, Carmen (Coord.). *Actas do IX Congreso da Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. A Coruña: Universidad d'A Coruña, 2005. p. 89-103.

NASCIMENTO, George Silva do. Cultura historiográfica e cultura histórica: conceitos antagônicos ou complementares? In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (org.). *Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: EDUFOP, 2009. p. 1-10.

NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi: memórias*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: DIFEL, 1974.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira; NEVES, Guilherme Pereira das. A Biblioteca de Francisco Agostinho Gomes: a permanência da Ilustração luso-brasileira entre Portugal e Brasil. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 165, n. 425, p. 11-28, out./dez. 2004.

NICOLAZZI, Fernando. Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28 dez. 1993.

NUNES, Valentina da Silva. Baú de máscaras. O arquivo da cantora e compositora Maysa. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2010.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. O historiador como *passeur*: considerações sobre Michel de Certeau e o ofício do historiador. *Caderno de Pesquisa CDHIS*, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 453-464, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, Laura Nogueira. *Os índios bravos e o Sr. Visconde*: os indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 2000.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de; RODRIGUES, Luciene (Org.). *Formação social e econômica do norte de Minas*. Montes Claros: Unimontes, 2000.

ORLANDI, E. P. (Org.). *História das ideias linguísticas*: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes, 2001.

ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas*: cultura popular. São Paulo: Olho d'Água, 1992.

PARRELA, Ivana D. *Entre arquivos, bibliotecas e museus: a construção do patrimônio documental para uma escrita da história da Pátria Mineira – 1895-1937*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009

PARRELA, Ivana. A lógica e o labirinto. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 43, n. 1, p. 92-105, jan./jun. 2007.

PARRELA, Ivana. Da gestão à difusão, avançar é preciso. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 51, n. 1, p. 61-79, jan./jun. 2015.

PENHA, João Alves Pereira. *Filólogos Brasileiros*. Franca: Editora Ribeirão Gráfica, 2002.

PEREIRA, Anete Marília. A urbanização no sertão norte-mineiro: algumas reflexões. In: ALMEIDA, Maria Ivete; PEREIRA, Anete Marília (Org.). *Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais*. Montes Claros: Unimontes, 2004. p. 11-32.

PESAVENTO, Sandra. *Exposições universais: espetáculos da Modernidade do século XX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Africanismos no Português do Brasil. In: ORLANDI, Eni (Org.). *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes, 2001. p. 223-234.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Línguas africanas no Brasil. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, São Paulo, n. 27-28, p. 63-89, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PONTE, Carlos Fidelis. O sanitarismo e os projetos de nação. In: FIDELIS, Carlos; FALLEIROS, Ialê (Org.). *Na corda bamba de sombrinha: a saúde no fio da história*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; Fiocruz/EPSJV, 2010. p. 75-78.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George (Org.). Dirigido por Roger Chartier. *História da vida privada*. Madrid: Taurus, 1987 [1985]. p. 13-19.

QUEIROZ, Sônia. Remanescentes culturais africanos no Brasil. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 9, p. 48-60, 2002.

RAFAEL, Ulisses Neves. O não dito na obra de Arthur Ramos. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 491-507, maio/ago. 2009.

RAGGI, Mariana Guedes. Belo Horizonte e a produção da primeira centralidade econômica da capital: a Praça da Estação. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 17., 2016, Diamantina. *Anais* [...]. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2016. Disponível em: https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/2016/anais/historia/385-657-1-RV_2016_10_09_00_45_41_033.pdf. Acesso em: 9 jan. 2025.

RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RAMALHO, W. S. C. Uma história da mineiridade: o sentido essencialista de uma representação. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 19., 2014, Juiz de Fora. *Anais* [...]. Disponível em:

https://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/34/1398480269_ARQUIVO_Mineiridade-Walderez.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. *A historiografia da mineiridade: trajetórias e significados na história republicana do Brasil*. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro: ethnographia religiosa*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasileira, 1940. v. 1.

RAMOS, Jânia Martins; VENÂNCIO, Renato Pinto. Topônimos mineiros: uma fonte para a história social. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ; FAPERJ, 2002. v. 4. p. 113-123. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/jania/RAMOS,%20J;%20Ven%C3%A2ncia,%20R.%20Top%C3%B4nimos%20mineiros:%20uma%20fonte%20para%20a%20hist%C3%B3ria%20social%20da%20l%C3%ADngua%20portuguesa.pdf. Acesso em: 3 fev. 2025.

REIS, Liana Maria. Mineiridade: identidade regional e ideologia. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 9, n. 11, p. 89-98, 2007. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/cadernoshistoria/article/view/2886>. Acesso em: 18 abr. 2025.

REVISTA da Academia Mineira de Letras, Belo Horizonte. Dossiê Academia Mineira de Letras 110 anos (1909-1919), ano 98, v. LXXIX, 2019.

REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Relatório do Secretário Perpétuo. Suplemento. t. II, p. 582-603, 1840.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *O intelectual "feiticeiro": Edison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Martins; Edusp, 1972.

SALLES, Cecília A. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 3. ed. rev. São Paulo: EDUC, 2008. (Série Trilhas).

SAYÃO DE PAULA, Jéssica Nayara. *Atas novecentistas do IHGMG: edição e proposta de dicionário biográfico*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SCHWARCZ, L. K. M. Quase pretos, quase brancos. *Revista Pesquisa FAPESP*, n. 134, abr. 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espetáculo da miscigenação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; AVVES, Ieda Maria. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. v. 3. p. 93-103.

SENNA, Nelson C. de. *Páginas tímidas: contos e escritos*. Ouro Preto: Silva Cabral, 1896.

SENNA, Nelson Coelho de. *Africanos no Brasil* (estudos sobre os negros africanos e influências afro-nêgras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro). Belo Horizonte: Typ. Queiroz Breyner, 1938.

SENNA, Nelson Coelho de. *Memória histórica descritiva da cidade e município do Serro*. Ouro Preto: Ferreira Lopes & C., 1895.

SENNA, Nelson Coelho. *A Terra Mineira*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1926. t. I.

SENNA, Nelson Coelho. *Synopse das principais quedas d'água existentes no Estado de Minas Gerais e instalações hydro-electricas nella realizadas*. Incompleto. Folhas avulsas, 1911. (APCBH, NCS.3.6.5).

SENRA, Franciny Constantin. *O egoísmo enquanto virtude: considerações acerca da filosofia moral objetivista de Ayn Rand*. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2017. SEVERO,

Cristine Gorski. A açucarada língua portuguesa: lusotropicalismo e lusofonia no século XXI. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 85-107, 2015.

SEYFERTH, G. Os paradoxos da miscigenação: observação sobre o tema migração e raça no Brasil (1870-1930). *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 20, p. 165-185, 2001.

SILVA, Ana Maria da. Aspectos biográficos de Antenor Nascentes. *Revista da Academia Brasileira de Filologia*, n. 14, 2014.

SILVA, Armando Malheiros da. O colecionador segundo Walter Benjamin ou um texto proto-sistêmico. *Revista Fontes Documentais*, v. 3, n. ed. especial, p. 602-615, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/57724>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SILVA, José Pereira. Uma breve história da Academia Brasileira de Filologia. *In: Academia Brasileira de Filologia*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.filologia.com.br/novo/quemsomos.html>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SILVA, Marcos. Cultura como patrimônio popular: perspectivas de Câmara Cascudo. *Projeto História*, v. 33, p. 195-204, 2006.

SILVA, Mariana Vargens. *O Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e a escrita da história do Brasil republicano*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, Marisa Ribeiro. *História, memória e poder: Xavier da Veiga, o Arconte do Arquivo Público Mineiro*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SILVA, Marisa Ribeiro. O artífice da memória. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 43, n. 1, p. 76-91, 2007.

SILVA, Odalta Alves da. *A influência Africana no Português em Pernambuco: um mergulho em Ascenso Ferreira* Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SILVA, Rodrigo Machado. A (re)invenção de uma historiografia: Diogo de Vasconcelos e os cânones da história de Minas Gerais na Primeira República. *Revista Ágora*, Vitória, n. 14, p. 1-32, 2011.

SILVA, Rodrigo Machado. *Entre antigos e mineiros: Diogo de Vasconcellos e a história da civilização mineira*. 2013. 193 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013.

SILVA, Sarah Calvi Amaral. *Africanos e afrodescendentes nas origens do Brasil: raça e relações raciais no II Congresso Afro-Brasileiro de Salvador (1937) e no III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia do IHGRS (1940)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Vera Alice Cardoso. Estudo Crítico: Nelson de Senna: ideias e ideais de um republicano conservador. In: GUSTIN, Fádua Maria de Souza; LANNA JR. Mário Cléber Martins (Org.). *Memória política de Minas Gerais: Nelson Coelho de Senna*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2006. p. 31-53.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998. p. 259-280.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. 3. reimp. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SIRINELLI, Jean-François; SAID, Edward. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SKIDMORE, T. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

SKOLAUDE, Mateus Silva. Identidade nacional e historicidade: o 1 Congresso Afro-Brasileiro de 1934. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH, 12., 2014, São Leopoldo. *Caderno de Resumos [...]*. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 200-201.

SOBRINHO, Machado. *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras*. Organização de Leila Maria Fonseca Brabosa e Marisa Timponi Pereira Rodrigues. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009.

SOUZA, Fabíula Sevilha de. *Astros, órbitas e poderes: modernidade, desenvolvimentismo e modernização na Primeira República*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

STRAUBE, Fernando Costa; SERIPIERRI, Dione. A resenha de Cândido de Figueiredo ao “Nomes de aves em língua Tupi” de Rodolfo Garcia e notas bibliográficas sobre esta obra. *Atualidades Ornitológicas*, n. 135, jan./fev. 2007.

TAUNAY, Afonso E. *Insufficiencia e deficiência dos grandes dictionarios portugueses: polemica com o snr. Candido de Figueiredo*. Tours: Arrault, 1928. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6965/1/45000009131_Output.o.pdf. Acesso em: 24 ago. 2024.

TAUNAY, Afonso E. *Vocabulario de omissões: Colletanea de milheiro e meio de palavras correntes no Brasil, e em Portugal, não registradas [!] na terceira ed. do Novo Dicionario da língua portuguesa do Sr. Candido de Figueiredo*. Tours: Arrault, 1924.

TOLEDO, A. A língua e a raça: a mestiçagem como uma ideia linguística das letras brasileiras do século XIX. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 1, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1725>. Acesso em: 10 nov. 2024.

TURIN, Rodrigo. A “obscura história indígena”: o discurso etnográfico no IHGB (1840-1870). In: GUIMARÃES, Manoel L. Salgado (Org.). *Historiografia e história política*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 111-132.

TURIN, Rodrigo. Entre “antigos” e “selvagens”: notas sobre os usos da comparação no IHGB. *Revista de História*, ed. especial, p. 131-146, 2010.

TURIN, Rodrigo. Os antigos e a nação: algumas reflexões sobre os usos da antiguidade clássica no IHGB (1840-1860). *L’Atelier du Centre de recherches historiques*, n. 7, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/acrh/3748>. Acesso em: 22 fev. 2025.

VARNAHGEN, Francisco Adolfo de. Ethografia indígena, línguas, emigrações e arqueologia: Padrões de mármore dos primeiros descobridores. *Revista do IHGB*, p. 366-376, 1849.

VAZ, Artur Emilio Alarcón; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda (Org.). *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemerides Mineiras (1664-1897)*. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897. v. 1. Disponível em: <https://fjp.mg.gov.br/efemerides-mineiras-1664-1897-volumes-1-e-2>. Acesso em: 28 jan. 2025.

VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

VENÂNCIO, Giselle Martins. *Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 23-47, 2001.

VENÂNCIO, Renato Pinto. O arquivo e a lei. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 48, n. 1, p. 134-145, jan./dez. 2012.

VIANA, Natercia Micheletti. *Juventude, cidade e educação: a experiência do ginásio mineiro em Belo Horizonte (1898-1914)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

VON MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista Trimestral de História e Geografia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 24, p. 381-403, jan. 1845.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: Edusp, 1995.

WILLIAMS, C. “*Coisas do negro*” *além do pitoresco*: The first Afro-Brazilian Congress of 1934. Dissertação (Mestrado em Artes e Estudos Ibéricos e Latino Americanos) – University of Califórnia Santa Barbara, 2004.

WIRTH, Jonh D. *O fiel da balança*: Minas Gerais na federação brasileira, 1889-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ZÁGARI, Mario Roberto L. Os falares mineiros. *In*: AGUILERA, Vanderci Andrade. *A Geografia Linguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora UEL, 1998. p. 31-55.

ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo*: ensaios de crítica genética. São Paulo: Iluminuras, 2002.

ANEXOS A – CRONOLOGIA DE NELSON DE SENNA⁴⁶¹

Ano	Acontecimento
1876	Nasceu no Serro, Minas Gerais.
1884-1890	Estudou o curso primário em São João Evangelista, MG.
1891	Iniciou o curso secundário no Externato da Escola Normal de Diamantina.
1893	Fundou o jornal <i>O Aprendiz</i> em Diamantina.
	Concluiu o curso secundário no Externato do Ginásio Mineiro em Ouro Preto, diplomando-se como professor-normalista.
1894	Nomeado, por concurso, para o cargo de amanuense da Secretaria de Polícia.
	Iniciou o Ginásio Nacional, no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro
	Presidiu a agremiação de estudantes Club União do Norte, em Ouro Preto.
	Assumiu o cargo de professor das classes preparatórias no Externato do Ginásio Mineiro, em Ouro Preto.
1895	Transferiu-se para a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, como adido ao gabinete do secretário de Estado.
	Eleito presidente da Sociedade Beneficente Mineira dos Estudantes.
1896	Foi nomeado por concurso público, para professor substituto da cadeira de História Universal e História do Brasil no Ginásio Mineiro em Ouro Preto, concorrendo à vaga de Afonso Arinos.
	Assumiu o cargo de professor interino no Externato do Ginásio Mineiro, em Ouro Preto.
	Casou-se com Emília Gentil Horta Gomes Candido.
1897	Assumiu o cargo de professor titular de História do Ginásio Mineiro, em Ouro Preto.
	Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, em Ouro Preto.
1898	Participou como relator da Comissão Estadual de História de Minas Gerais, para dar parecer sobre a obra <i>Efemérides Mineiras</i> de Xavier da Veiga.
	Mudou-se para a cidade de Belo Horizonte.
	Participou como membro da banca examinadora de concurso para a cadeira de Geografia Geral, Cosmografia e Corografia Pátria.
	Fundou o jornal <i>Belo Horizonte</i> , juntamente com o vigário Martins Dias e o professor Cândido Prado, exercendo o cargo de redator-chefe.

⁴⁶¹ Para a elaboração desta cronologia consultamos parte do acervo presente na série *Correspondências* (NCS.2.) e *Estudos Temáticos - Biografia* (NCS.3.1), bem como a obra: FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2006, p. 23-30. Agradeço à prof. Dra. Ana Paula Sampaio Caldeira pela sugestão de organização dessa cronologia.

Ano	Acontecimento
1899	Tornou-se sócio correspondente da Asociación de la Prensa, em Santiago do Chile.
1900-1902	Foi nomeado vice-presidente do Conselho Superior de Instrução Pública de Minas Gerais.
1901	Tornou-se sócio correspondente no Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil.
	Tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).
1903	Tornou-se sócio honorário do Instituto de Proteção aos Indígenas Brasileiros.
	Tornou-se sócio correspondente do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.
	Foi nomeado membro oficial da Comissão Organizadora da Exposição Preparatória do Estado de Minas Gerais para a Exposição Universal de St. Louis.
1904	Tornou-se membro honorário na Academia Pernambucana de Letras de Recife.
	Foi nomeado juiz de Direito do Estado de Minas Gerais.
	Tornou-se membro efetivo no Conselho Superior de Instrução Pública de Minas Gerais.
1905	Participou como membro da Comissão Cooperadora do III Congresso Científico Latino Americano, no Rio de Janeiro.
	Tornou-se sócio correspondente na Academia Nacional de la Historia na Venezuela.
	Presidiu o Club União do Norte.
	Presidiu a Sociedade Beneficente Norte Mineira.
	Presidiu a Sociedade Beneficente Acadêmica.
	Fundou o jornal <i>A Academia</i> .
	Foi nomeado para o posto de Coronel Comandante da 1ª.Brigada de Infantaria da Guarda Nacional da comarca de Belo Horizonte, Minas Gerais.
1906	Tornou-se sócio correspondente do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco.
	Tornou-se sócio correspondente da Academia Colombiana de Jurisprudência, em Bogotá.
	Fundou a Companhia Industrial Belo Horizonte.
	Representou o estado de Minas Gerais na Liga pan Latina, em Paris.
	Fundou e dirigiu o jornal <i>A Província</i> , em Belo Horizonte.

Ano	Acontecimento
1907	Tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará.
	Tornou-se sócio correspondente da Sociedade de Geografia, em Lisboa.
	Participou como sócio fundador e efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG).
	Tornou-se sócio correspondente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.
	Elegeu-se deputado estadual pelo Partido Republicano Mineiro, assumindo o mandato na Câmara Legislativa de Minas Gerais.
1908	Tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
	Foi nomeado Delegado Geral da Liga Marítima Brasileira.
	Participou como membro efetivo da 1ª. Junta Federal de Revisão e Sorteio Militar em Minas Gerais.
	Realizou viagem política a Diamantina, acompanhando o presidente do Estado, João Pinheiro da Silva.
	Recebeu patente de admissão à Pia União de Santo Antônio como sócio benemérito da Arquidiocese de Mariana.
1909	Participou como membro do 1º Congresso Brasileiro de Geografia do Rio de Janeiro.
	Dirigiu e organizou o Anuário de Minas Gerais.
1910	Tornou-se sócio titular perpétuo da Academia Mineira de Letras.
	Apresentou no Congresso Estadual, o projeto de Lei de criação do Museu Mineiro.
	Foi nomeado Superior Comandante da Comissão em representação a Guarda Nacional na posse do presidente da República Marechal Hermes da Fonseca e seu vice Wenceslau Braz.
1911	Foi nomeado vice-presidente da Liga marítima Brasileira.
	Assumiu o cargo de delegado e auxiliar do Arquivo Público Nacional.
	Tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.
	Foi nomeado representante oficial de Minas Gerais e presidente honorário do Congresso de Instrução e Educação, em São Paulo.
	Tornou-se sócio correspondente do Círculo de Periodistas de Santiago do Chile.
	Foi premiado com a medalha de ouro pela Societé Academique Internacionale de L'Histoire de Paris, pela relevância dos trabalhos históricos e geográficos apresentados.

Ano	Acontecimento
	Foi reconhecido como membro de honra na Societé Academique Internationale de L'Histoire de Paris.
	Participou como representante do estado de Minas Gerais no Congresso de Geografia em Curitiba.
	Tornou-se sócio correspondente da Sociedade de Folclore Chileno.
1912	Assumiu o cargo de professor substituto da Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais.
	Tornou-se sócio honorário do Centro Literário e Beneficente Paraense.
	Tornou-se sócio correspondente da Societé des Americanistes da França.
	Tornou-se sócio honorário correspondente da Asociación Datiloscópica Argentina.
	Realizou viagem política ao estado do Espírito Santo, a convite do Governo do Estado.
1913	Tornou-se sócio correspondente da National Geographie Society, de Washington.
	Tornou-se membro efetivo do Tribunal Especial do Estado.
1914	Tornou-se sócio honorário do Centro Cooperativo Paulistano.
1915	Tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Bahia, Santa Catarina e do Rio Grande do Norte.
	Tornou-se sócio efetivo da Sociedade de Homens de Letras do Rio de Janeiro.
	Presidiu a Cooperativa dos Funcionários Públicos de Belo Horizonte.
	Realizou viagem em missão política para a Argentina e Uruguai.
1916	Tornou-se sócio correspondente do Museu Nacional.
	Participou do V Congresso Brasileiro de Geografia realizado na Bahia.
1916-1917	Assumiu a patente de Coronel Comandante da Guarda Nacional em Minas Gerais.
1918	Tornou-se sócio benemérito do Club Militar de Minas Gerais.
	Recebeu o título de sócio honorário da Biblioteca Caldense. Cidade de Caldas.
1919	Assumiu o cargo de professor catedrático de Economia Política, na Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais.
1920	Tornou-se sócio benemérito da Associação Comercial de Minas Gerais.
1921	Tornou-se sócio benfeitor do Orfanato Santo Antônio.
	Elegeu-se deputado federal, assumindo o mandato no Congresso Nacional no Rio de Janeiro.
1922	Participou como representante de Minas Gerais no Congresso Internacional de História da América no Rio de Janeiro.

Ano	Acontecimento
	Recebeu o diploma de Congressista Benfeitor do Congresso Eucarístico do centenário. Rio de Janeiro.
1923	Tornou-se sócio correspondente da Sociedad Argentina de Estudios Geográficos.
	Participou como sócio fundador e efetivo do Instituto Varnhagen no Rio de Janeiro.
	Participou como sócio fundador e efetivo do Instituto de Americanistas do Brasil.
	Participou do II Congresso Internacional de Mutualidades e Previdência Social no Rio de Janeiro.
	Assumiu o cargo de professor de História da Civilização na Faculdade de Filosofia e Letras do Rio de Janeiro.
1924	Tornou-se sócio titular e perpétuo da Academia Brasileira de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais do Rio de Janeiro.
	Recebeu o título de Doutor <i>Honoris Causa</i> da Faculdade de Filosofia e Letras do Rio de Janeiro.
1925	Recebeu o título de Professor Honorário da Faculdade de Filosofia e Letras do Rio de Janeiro.
	Tornou-se membro efetivo da Comissão Defensora do Patrimônio Artístico de Minas Gerais.
	Realizou viagem em missão política para o estado de São Paulo, a convite do presidente do Estado Carlos Campos.
1926	Realizou viagem em missão política para Vitória, a convite do presidente Arthur Bernardes.
1927	Tornou-se sócio correspondente do Instituto Geográfico da Universidade Alemã de Wurzburg.
1928	Tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.
	Tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.
	Foi nomeado como relator no Congresso das Municipalidades do Norte de Minas.
	Tornou-se membro efetivo da Câmara do Comércio Belgo-Brasileira no Rio de Janeiro.
	Realizou viagem em missão política para o Rio Grande do Sul, após participar do evento de posse do presidente Getúlio Vargas.
1930	Reelegeu-se deputado federal, (abortando o cargo), pois teve seu nome incluído entre os deputados “depurados” pela Comissão de Verificação dos Poderes.
1943	Assinou o Manifesto dos Mineiros.

Ano	Acontecimento
1952	Faleceu na cidade de Belo Horizonte.
S/D	Foi membro da Diretoria Regional da Liga de Defesa Nacional, em Minas Gerais.
	Foi membro e presidente das Comissões Parlamentares de orçamento e de Instrução Pública da Câmara Legislativa de Minas Gerais.
	Foi nomeado membro das Comissões Parlamentares de Diplomacia e Tratados, e da elaboração do “Código das Águas”, no Congresso Nacional.

Fonte: Elaborado pela autora.

ANEXO B – OBRAS DE NELSON COELHO DE SENNA¹

Ano	Títulos	Tipo de obra
Década de 1890		
1895	Memória histórica e descritiva da cidade e município do Serro.	Memória
	Discursos pronunciados em diversas solenidades.	Discurso
1896	Páginas Tímidas: contos e escritos.	Contos
1896	Efemérides e fatos mineiros.	Efeméride
1897	Treze de Maio (Ginásio Mineiro em Ouro Preto)	Discurso/folheto
1899	Discurso de saudação ao Sr. Dr. Bias Fortes.	Discurso
Década de 1900		
1900	As nossas Questões Internacionais (Apresentada para concurso na Faculdade de Direito)	Tese
1901	Advogados e juízes	Folheto
1902	Contos sertanejos: lendas e fragmentos (pseudônimo de Pelayo Serrano).	Conto
1903	Contos sertanejos	Conto
1904	Notas Estatísticas de Minas Gerais.	Folheto
	Catálogo da Bibliotheca do Dr. Nelson de Senna [s.n.]	Catálogo
1905	Serranos Ilustres (Esboços biográficos)	Coletânea
	Traços Bibliográficos de Serranos ilustres	Coletânea
	Bacia do Rio Doce: descrição dos municípios de Peçanha e Caratinga.	Coletânea
	O Rio Doce: descrição de alguns municípios da bacia em Minas Gerais.	Coletânea
	A Edade da Pedra no Brasil (III Congresso Científico Latino-Americano, com versões parciais em espanhol, francês e inglês)	Tese/monografia
1906	Bacia do Rio Doce (Terceiro relatório apresentado ao governo do Estado de Minas Gerais para dar fundamento à mineração na região).	Relatório

¹ O quadro apresenta um levantamento geral de sua produção escrita, organizada e catalogada pelo APCBH através da série *Publicações* (NCS.6.1). Trata-se de um conjunto de publicações bastante amplo e diversificado contendo obras do autor, artigos, discursos, conferências, homenagens e folhetos ligados à vasta produção intelectual. Para os títulos dos trabalhos preservamos a grafia do texto original. Ver: APCBH, p. 63-71, 2000. Ver também: SENNA, Nelson Coelho de. Lista contendo obras publicadas por Nelson Coelho de Senna. s. l. s.d. APCBH/NCS.1 (60).

Ano	Títulos	Tipo de obra
	Bacia do Rio Doce e São João Evangelista: um futuro município mineiro na mata do Peçanha.	Relatório
	São João Evangelista: um futuro município na mata do Peçanha.	Relatório
1907	Description of some of the township of its basin travellers, engineers, brazilian and foreign naturalists in the valley of the Rio Doce.	Folheto
	Minning concession on the Rio Doce.	Folheto
	Notas e Crônicas: páginas da história religiosa do Brasil: séculos XVI a XX.	Folheto
	Discurso pronunciado na inauguração do Grupo Escolar da Cidade de Pitangui.	Discurso
1908	Os índios do Brasil (Tese “Distribuição geográfica dos índios do Brasil” apresentada ao III Congresso Científico Latino Americano no Rio de Janeiro em 1905).	Tese/monografia
	Os índios do Brasil	Memória
	Notas chorographica do districto de Antônio Dias Abaixo no valle do Piracicaba e Comarca de Itabira do Matto Dentro.	Coletânea
	Districto de Antônio Dias Abaixo	Coletânea
	Um futuro município mineiro.	Coletânea
1909	Discursos proferidos na Câmara Estadual Mineira	Discurso
	Geografia e seus progressos no Brasil (Discurso pronunciado na sessão inaugural do 1º Congresso Brasileiro de Geografia, realizado no Rio de Janeiro.	Discurso
	Um futuro município mineiro na Mata do Peçanha (São Evangelista – Exposição apresentada ao Congresso Legislativo do Estado de Minas Gerais em 1908).	Conferência
	Tradições Mineiras (Conferência realizada no Centro Mineiro da Capital Federal).	Conferência
	Anuário de Minas Gerais (Incompleto)	Anuário
	Balanço de Forças (Estudo político sobre a futura Presidência da República: junta central Pro-Hermes Wenceslau (Autoria discutível).	Folheto
Década de 1910		
1910	Discurso na Academia Mineira de Letras (como orador oficial da inauguração da Academia, na cidade de Juiz de Fora).	Discurso

Ano	Títulos	Tipo de obra
1911	A hulha branca em Minas Gerais: synopse das quedas d'água existentes no Estado.	Folheto
	Ouro Preto (Dous séculos de regimen municipal, 1711-1911). Apresentado ao bicentenário ouro-pretano.	Memória
	Elogio Historico e Literario de José Eloy Ottoni (1764-1851). Estudo crítico-biográfico apresentado para o patrono da cadeira assumida na Academia Mineira de Letras.	Memória
1913	Anuário de Minas Gerais	Anuário
1914	A hulha branca em Minas Gerais: quadros synopticos contendo 1.160 quedas d'água, em Minas Gerais.	Livro
	A proteção aos trabalhadores nacionaes	Discurso
1915	A contribuição ethnographica dos padres da Companhia de Jesus e dos chronistas leigos dos primeiros séculos (1º Congresso de História Nacional em 1914)	Tese/monografia
1916	Pátria e raça (Clube Acadêmico de Belo Horizonte)	Conferência
	Homenagem prestada ao Dr. Assis Brasil pela Sociedade Mineira de Agricultura.	Discurso/Folheto
1917	A Laura do Petrarca de Vila Rica (Marília de Dirceu)	Artigo
	O Petrarca da Laura de Vila Rica (Tomás Antônio Gonzaga). Estudo crítico-literário publicado na Revista Americana.	Artigo
	O Brasil e a guerra (Conferência pronunciada na sessão solene do Congresso da Mocidade).	Folheto para distribuição gratuita nas escolas brasileiras.
1918	Anuário de Minas Gerais, tomo 1, 2	Anuário
	O Brasil e a guerra (Congresso da Mocidade)	Discurso
1919	Reforma do systema tributário mineiro (Folheto)	Discurso
	Declaração de voto	Relatório
Década de 1920		
1920	Reforma do Sistema tributário mineiro	Discurso
1921	Projeto nº. 97, Câmara dos Deputados (Crédito para aplicação aos serviços, auxílios e custeios das despesas com as festividades e homenagens em comemoração do 1º. Centenário da Independência Nacional) [et. al.].	Proposta de projeto de lei
1922	Geografia do Brasil (Parte da publicação Geographia do Brasil, comemorativa do 1º. Centenário da Independência).	Publicação comemorativa

Ano	Títulos	Tipo de obra
	Primeiro centenário da Independência do Brasil: discurso comemorativo proferido na Câmara Federal.	Publicação em avulso para distribuição aos alunos das escolas nacionais
	Discurso comemorativo proferido na Câmara Federal	Discurso
1923	Riquezas naturais, desenvolvimento econômico e expansão industrial do Brasil.	Discurso/folheto
	Contribuições para a etnologia brasileira	<i>Extrato da Revista de Língua Portuguesa</i>
1924	O problema da siderurgia nacional	Discurso/folheto
	Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro [s.n.]	Artigo
	Missão do professorado. A Escola Primária	Artigo
1925	Alguns aspectos econômicos brasileiros	Discurso/folheto
1926	Pela marinha mercante brasileira	Discurso/folheto
	Pela unidade da pátria	Discurso/folheto
	A terra mineira, tomo 1, 2.	Livro
1927	Projeto nº. 643 (Dispõe que as missões diplomáticas do Brasil, na Colômbia e na Venezuela, sejam ocupadas por enviados extraordinários e ministros plenipotenciários, e dá outras providências).	Proposta de projeto de lei
1928	Vias marítimas de comunicação (Folheto)	Conferência
Década de 1930		
1934	Africanismos occurrentes na linguagem popular brasileira (fascículo III – IV da Revista de Philologia e Historia)	Artigo
1935	O que deve o Brasil à cultura e à cooperação germânicas	Coletânea
1936	Catálogo da “Bibliotheca Brasiliano-Americana” do professor Nelson de Senna	Catálogo
1937	Alguns estudos brasileiros	Separata – REAPM
	Algumas Notas Genealógicas	
	Um autêntico estadista da República: João Pinheiro	Artigo – REAPM
1938	Africanos no Brasil (Estudos sobre os negros africanos e influências afro-nêgras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro)	Livro
Década de 1940		
1944	A Nossa toponímia Geográfica	Coletânea

Ano	Títulos	Tipo de obra
	Notas bibliographicas [s.n.]	Folheto
1947	A influência do índio na linguagem brasileira (Sessão de encerramento das comemorações da semana do índio)	Conferência
1948	O Cinquentenário de Belo Horizonte (Folheto)	Conferência
1949	Mensagem à Bahia (I Congresso de História da Bahia, em comemoração ao IV Centenário da fundação da cidade de Salvador)	Jornal do Comércio
[s.n.t]	Brasil Industrial e agrícola. A salubridade do Planalto Mineiro. As fontes de águas minerais e thermaes. In: A Terra Mineira.	Capítulo de livro

Fonte: Elaborado pela autora.

ANEXOS C – IMAGENS E FOTOGRAFIAS

Consultamos parte da série *Correspondências* (NCS.2) e *Iconografias* (NCS.7). A primeira, composta por uma variedade material (cartas, ofícios, circulares, convites, telegramas) que contabiliza um total de 1.264 correspondências catalogadas pelo APCBH, a segunda, composta por álbuns fotográficos contendo retratos de personalidades e fotografias de localidades mineiras. Deste acervo consultamos 250 correspondências que nos serviu direta e indiretamente para a análise dos capítulos bem como para a organização deste anexo.

Iconografia

Caricaturas



Nelson de Senna, 1919



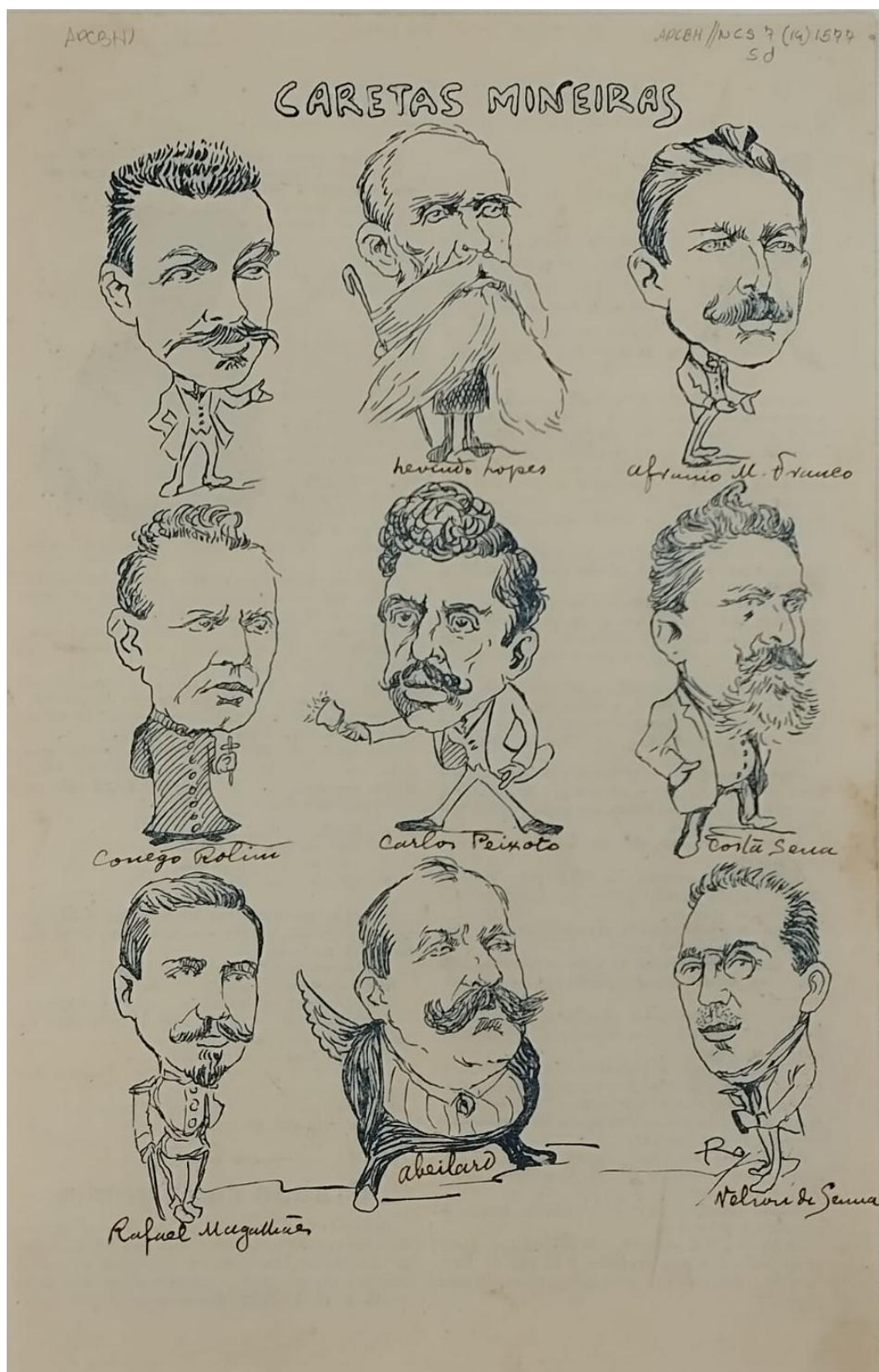
Nelson de Senna, s.d.



Nelson de Senna, 1922



Desenho de Pinheiro de Almeida, 1916



Caretas Mineiras: Levindo Lopes, Afranio de M. Franco, Cônego Rolim, Carlos Peixoto, Costa Senna, Rafael Magalhães, Abeilard, Nelson de Senna. s.d.

Fotografias

Álbum de família



Nelson de Nelson de Senna, 1896



Nelson de Senna, s.d.



Dona Francisca Elisa (sogra) com a filha Milota e as netas Yolanda e Maria Emília. s.d



Nelson de Senna e família, Rio de Janeiro, s.d.



Nelson de Senna e família em frente à sua casa. Urca, Rio de Janeiro, 1931

Personalidades públicas



Nas margens do rio São Francisco (excursão do presidente Mello Vianna), 1925



Congregação do Externato do Ginásio Mineiro em Belo Horizonte. s.d.



3º. Congresso Científico Latino-Americano no Rio de Janeiro, 1905



Banquete para leitura da plataforma de Raul Soares, candidato do PRM à presidência de Minas Gerais
 (Grande Hotel)



Nelson de Senna (segunda da esquerda para a direita) e amigos, Diamantina, 1928

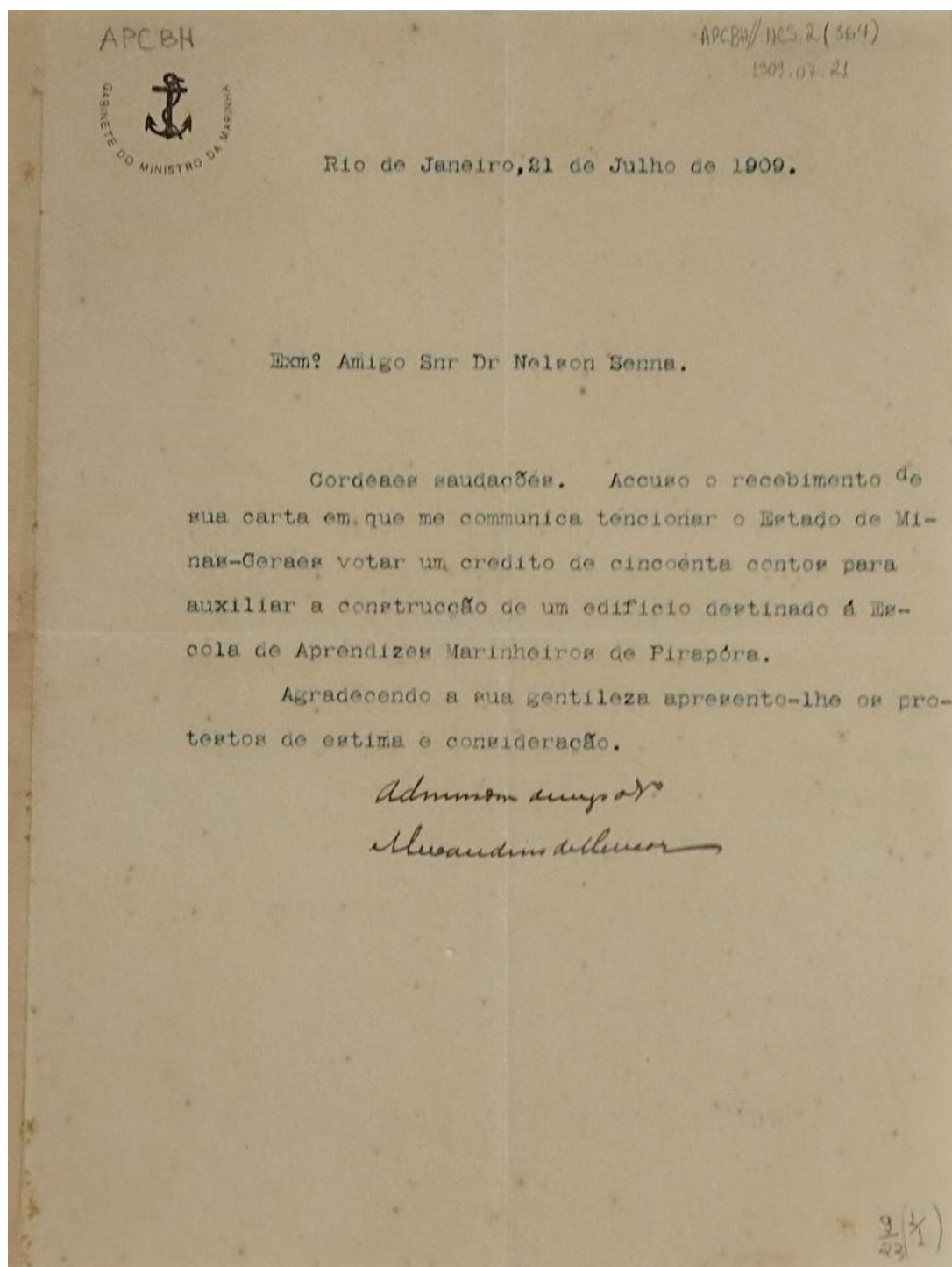


Nelson de Senna e Juan Vucetich, Buenos Aires, 1915



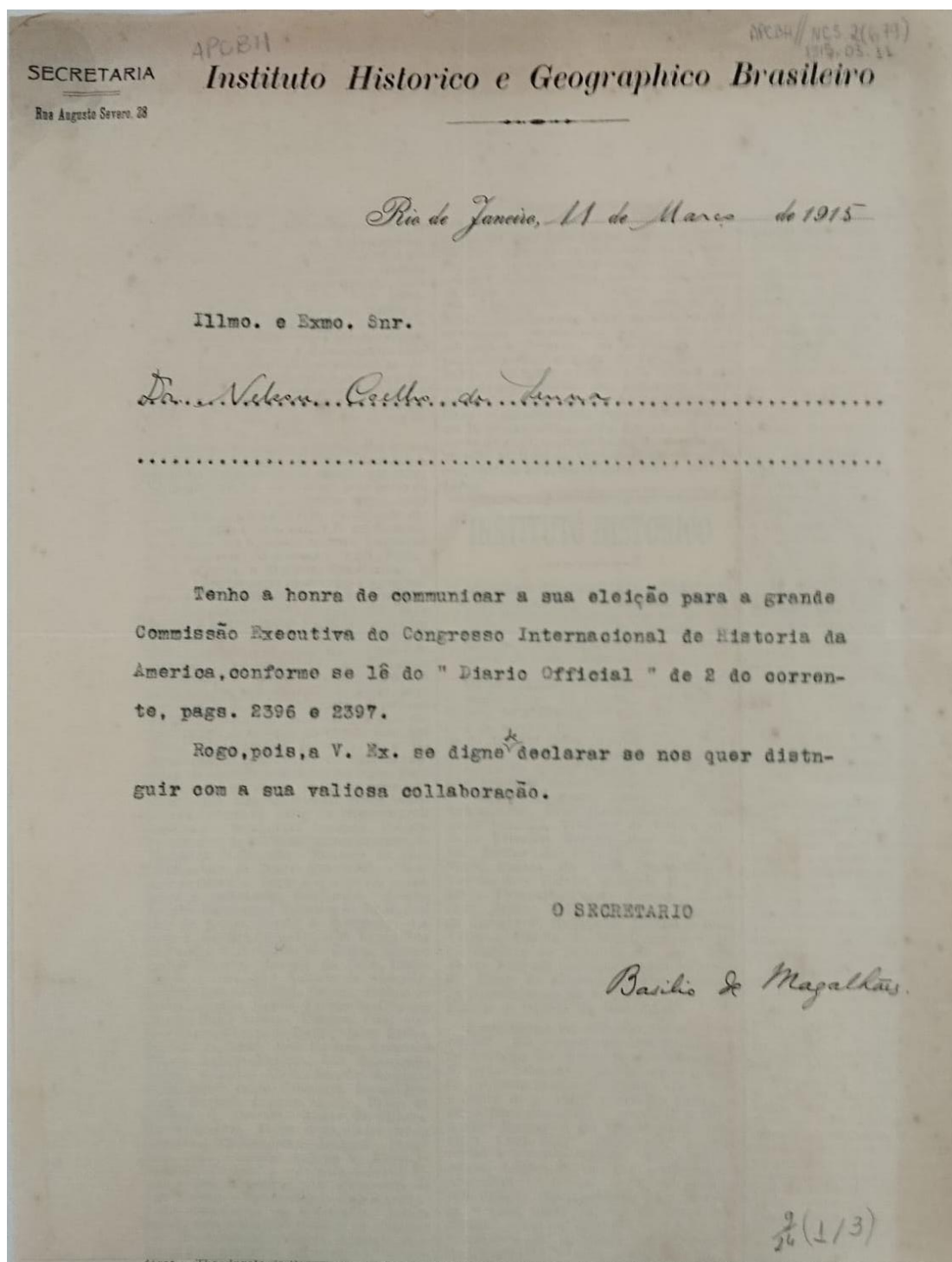
Cartão postal - Nelson de Senna e amigo (não identificado)

Ofícios e correspondências⁴⁶³

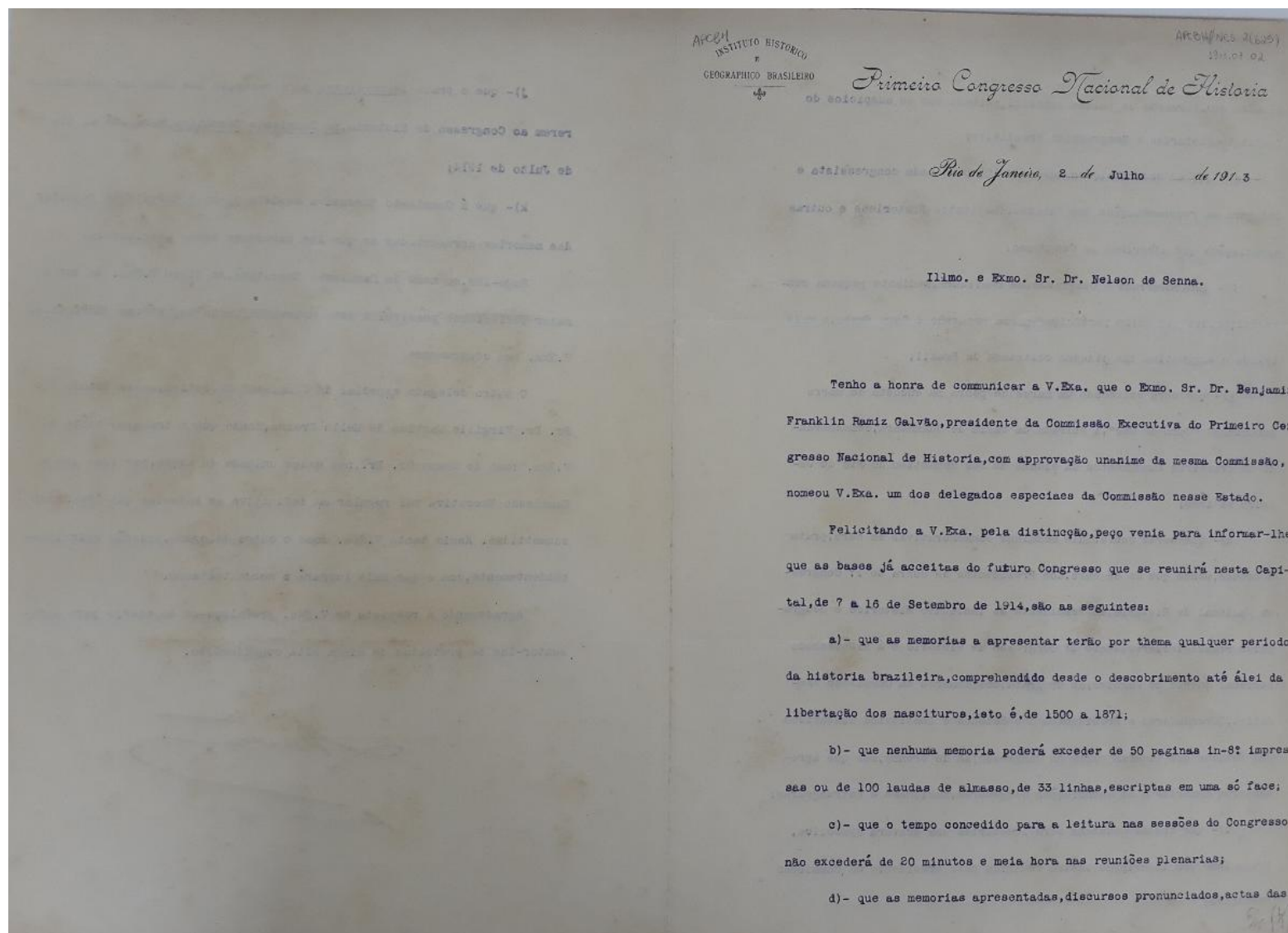


Ofício do gabinete do Ministério da Marinha parabenizando-o pelo empenho na construção de um edificio destinado à Escola de Aprendizizes Marinheiros de Pirapora. Rio de Janeiro, 1909. Fundo APCBH/NCS.2. (564)

⁴⁶³ Este fundo reúne correspondências que se compõe tanto de comunicações mantidas com familiares e amigos como as que deram suporte ao desenvolvimento de suas atividades profissionais.



Ofício do secretário Basílio de Magalhães do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comunicando-lhe a sua eleição para a Comissão Executiva do Congresso Internacional de História da América. Rio de Janeiro. 1915 (Em anexo folha do jornal Diário Oficial. Fundo: APCBH/NCS.2. (679)



Ofício do Secretário Geral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, comunicando sua nomeação como delegado da Comissão Executiva do Primeiro Congresso Nacional de História e as normas do mesmo. (Fl. 01) Fundo: APCBH/NCS.2. (625)

essões etc. formarão um volume especial editado sob os auspícios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro;

e)- que as contribuições serão de 10\$ para cada congressista e 50\$ para as representações dos Estados, Institutos Históricos e outras associações que adherirem ao Congresso;

f)- que, encerrado o Congresso, se realizará, mediante pequena contribuição, dos que nelle participarem, uma excursão a Ouro Preto, a mais typica e suggestiva das cidades colonias do Brazil;

g)- que será collocado um marco de pedra na encosta do morro denominado "Carna de Cão", á entrada da bahia de Guanabara, commemorando os primeiros fundamentos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em 1565;

h)- que serão conferidas medalhas commemorativas em ouro, prata e bronze, sendo que as de ouro, aos Presidentes de Honra do 1º Congresso Nacional de Historia, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Presidente do Congresso de Historia e á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro; as de prata, aos membros da Comissão Executiva, Governadores e Presidentes dos Estados e Institutos Históricos dos Estados que tomaram parte no Congresso; as de bronze, aos que apresentarem memorias e ás associações congêneras, nacionaes e estrangeiras;

i)- que nesses medalhas será inculpada uma gravura symbolica, traduzindo uma inscripção latina redigida pelo presidente da Comissão Executiva;

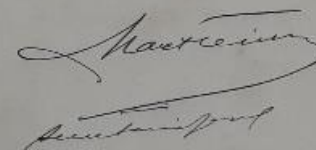
j)- que o prazo improrogavel para recepção das memorias que concorrerem ao Congresso de Historia, na Comissão Executiva, será até ao dia 7 de Julho de 1914;

k)- que á Comissão Executiva assiste pleno o direito de rejeitar das memorias apresentadas as que lhe parecerem menos aceitaveis;

Rogo-lhe, em nome da Comissão Executiva, se digne V. Exa. de dar a maior publicidade possivel a este empreendimento cujos fins patrioticos V. Exa. bem comprehende.

O outro delegado especial da Comissão Executiva, nesse Estado é o Sr. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, sendo que o trabalho tanto de V. Exa. como do mesmo Sr. Dr., não exige unidade de acção, por isso que a Comissão Executiva vai regular em definitivo as materias que lhe forem submettidas. Assim tanto V. Exa. como o outro delegado, poderão agir independentemente, com o que mais lucrará á nobre tentamen.

Agradecendo a resposta de V. Exa. prevaleço-me do ensejo para apresentar-lhe os protestos de minha alta consideração.



APCBH

APCBH//NCS.2(1263)
8 d.

COMISSÃO DE BIBLIOGRAPHIA

Academia Brasileira de Letras

RUA AUGUSTO SEVERO, N. 4
RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, ... de de 192

M. Ex. Sr.

Havendo esta **Academia** deliberado organizar um “**Diccionario Bibliographico Brasileiro**”—grande livro em que haverá noticia de todas as obras publicadas pelos nossos patricios, e os factos principaes de sua vida, sem o qual não se poderá ajuizar do progresso intellectual na produção literaria e scientifica, — a **Commissão** abaixo assignada tem a honra de convidar V. Ex. para collaborar com ella na realização de tão util quão patriótico empreendimento.

Assim que, a **Academia Brasileira** vem appellar com o maior empenho para que V. Ex. se digne prestar o seu valioso concurso, fornecendo á **Commissão de Bibliographia** todos os elementos e informações, que possam efficientemente contribuir para a feitura daquella obra, na parte relativa a

respondendo, com brevidade e precisão aos dizeres do **Questionario** incluso, ou em lista á parte, si V. Ex. assim desejar ou a materia o exigir, servindo de esclarecimento o modelo junto.

A **Academia** espera que V. Ex. não lhe recusará sua prestimosa collaboração nesse nobre designio, e a **Commissão** antecipa os seus agradecimentos pelo benevolo acolhimento dado a este appello, prestando-se a mesma a responder a quaesquer informações que lhe forem solicitadas.

A Commissão

Alberto de Oliveira, Presidente
Ataulpho de Paiva, Secretario
Coelho Netto
Felix Pacheco

Toda correspondencia deve ser assim endereçada:

Academia Brasileira
Commissão de Bibliographia
4 — Rua Augusto Severo
RIO DE JANEIRO

$\frac{11}{11} \left(\frac{1}{2} \right)$

Officio da Comissão da Academia Brasileira de Letras pedindo-lhe colaboração para a elaboração de um “Dicionário Bibliográfico Brasileiro”. Anexo modelo de formulário. Rio de Janeiro. APCBH//NCS.2 (1263). s.d. (Folha 01)

(M O D É L O)

NOME POR EXTENSO DO AUTOR — OLAVO Braz Martins dos Guimarães BILAC.

NOMES DE SEUS PAES — Dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac e D. Delphina Belmira dos Guimarães Bilac.

NOME DO LUGAR EM QUE NASCEU — Districto Federal (antigo Município Neutro).

DATA DO NASCIMENTO — 16 de dezembro de 1865. Falleceu em 28 de dezembro de 1918.

CARGOS QUE EXERCE OU TEM EXERCIDO — Official da secretaria do interior do Estado do Rio (1891); inspector escolar desde 1898 no Districto Federal; secretario geral da 3.^a Conferencia Pan-Americana (1906) e delegado do Brasil na 4.^a, reunida em Buenos-Aires (1910); secretario do Prefeito do Districto Federal (1907); director interino do «Pedagogium»; secretario geral da «Liga da Defesa Nacional».

TITULOS LITERARIOS OU SCIENTIFICOS — Membro fundador da «Academia Brasileira de Letras»; membro correspondente da «Academia de Sciencias de Lisboa» (1916).

OBRAS QUE TEM PUBLICADO, os titulos e a data da publicação destas, formato (ou dimensões por centímetros, largura e altura), numero de paginas, typographias em que foram impressas, edições que têm tido:

Poesias — S. Paulo, 1888, Teixeira & Irmão, editores, 226 pags. in-8.^o; 2.^a edição (ed. definitiva) Rio, 1902, Livr. H. Garnier, in-12.^o, 272 pags. com retrato do A.; 3.^a ed. idem, 1905, in-12.^o, VI-273 pgs. com retrato do A.; 4.^a edição, Rio, 1909, Livr. Alves, revista e augmentada, in-8.^o, typ. Aillaud & C.^a; 5.^a edição, Rio, 1914, Livr. Alves, in-8.^o; 6.^a edição, Rio, 1916, Livr. Alves, 271 pgs. in-8.^o.

Sagres (Poemeto em commemoração da descoberta do caminho da India) — Rio, 1898, typ. do «Jornal do Commercio», 15 pgs. in-8.^o.

Tarde (98 sonetos) — Rio, 1919, Livr. Alves, 208 pgs. in-8.^o, com retrato do Autor.

NO CASO DE LHE SER POSSIVEL E PARA POUPAR-SE A ESTES ESCLARECIMENTOS, ENVIAR UM EXEMPLAR A ACADEMIA.

Remetto um exemplar das «Poesias» (1888), um do poemeto «Sagres», e um de «Tarde».

QUAES OS PSEUDONYMOS QUE TEM USADO? — Fantasio — Puck — Flamminio. — O. — O. B.

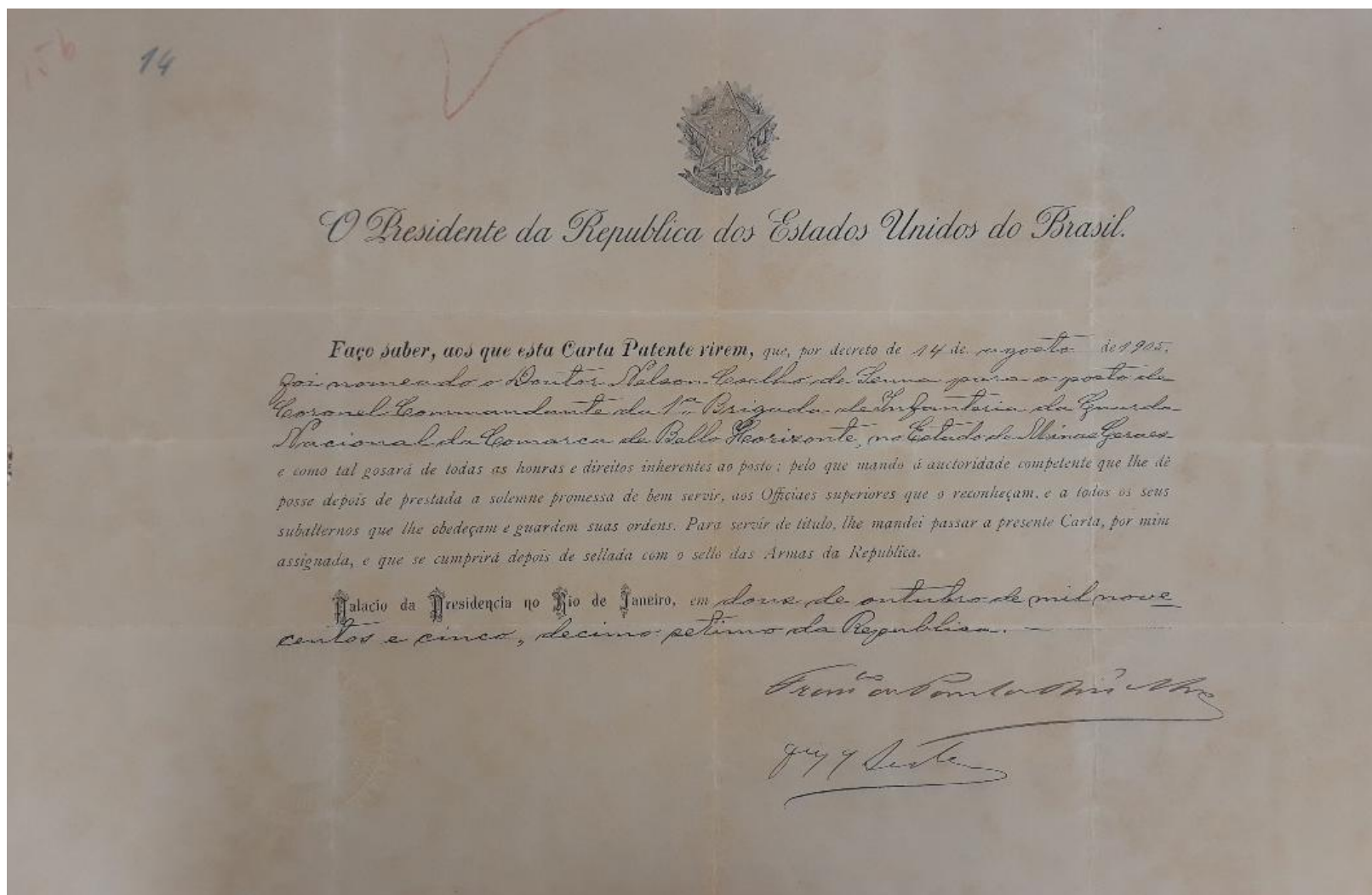
JORNAES OU REVISTAS QUE TEM DIRIGIDO, OU EM QUE TEM COLLABORADO. E OUTROS QUAESQUER DADOS BIO-BIBLIOGRAFICOS. — (VEDE VERSO).

Data, mencionando o Estado, e assignatura do informante

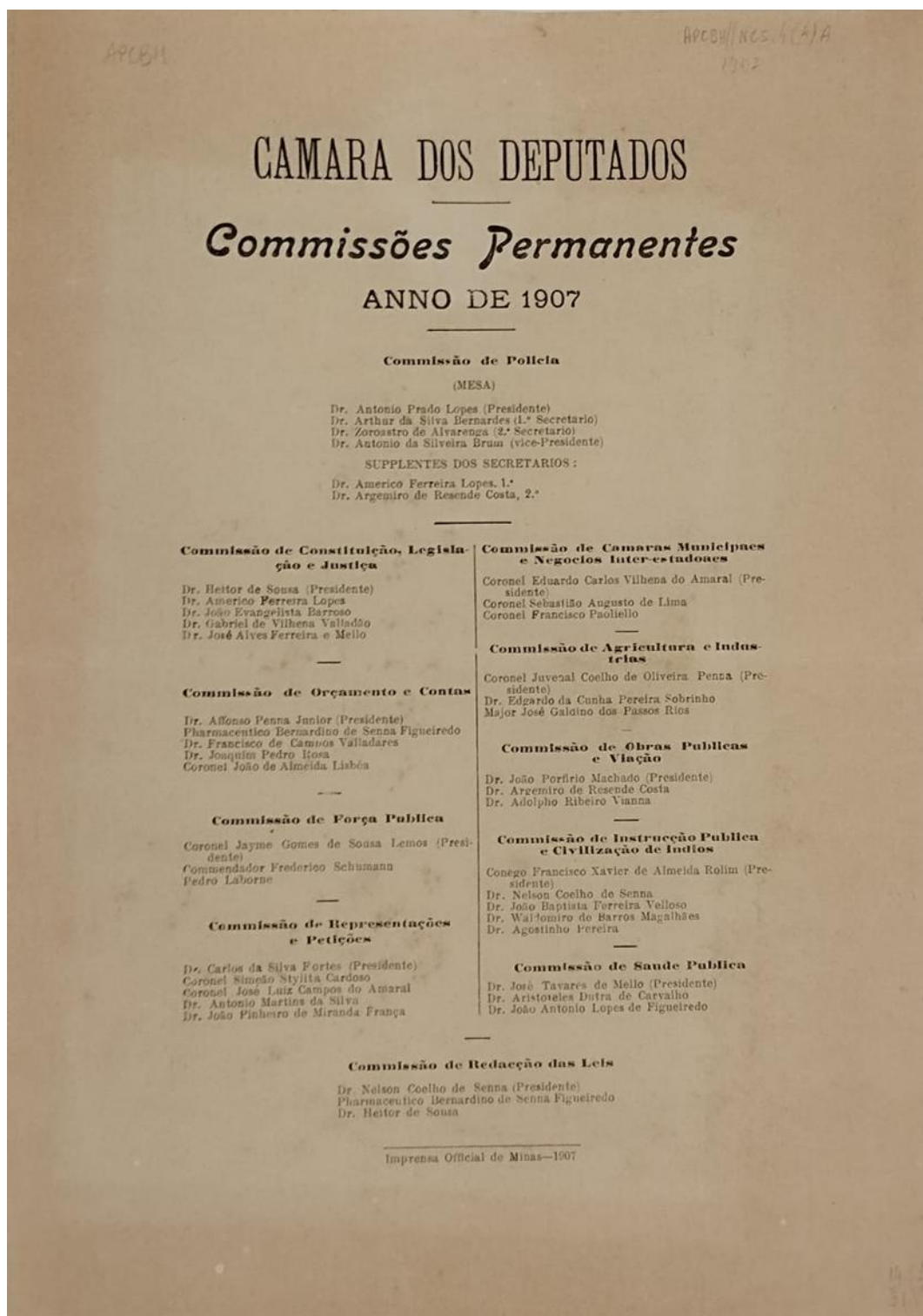
Rio Bonito (Estado do Rio), 1.^o de Outubro de 1920.

Antonio Gonçalves. $\frac{11}{11} \left(\frac{2}{2} \right)$

Ofício da Comissão da Academia Brasileira de Letras pedindo-lhe colaboração para a elaboração de um “Dicionário Bibliográfico Brasileiro”. Anexo modelo de formulário. Rio de Janeiro. APCBH/NCS.2 (1263). s.d. (Folha 02).



Carta-offício de nomeação do Dr. Nelson de Senna ao cargo de coronel comandante da 1ª. Brigada de Infantaria da Guarda Nacional da comarca de Belo Horizonte. 1fl. s.d. Fundo APCBH//NCS.2.



Relações dos membros das comissões permanentes da Câmara dos Deputados. Folhas avulsas, 1907-1919. APCBH/NCS.4 (4).

APCBH

APCBH/NCS.5(52) s.d. *Manoel*

Instituto Histórico, Arqueológico e Geográfico de Minas-Geraes

Molhar estatutos pelos do Instituto Histórico Brasileiro ou adoptal-os, provisoriamente, para o nosso.

Lições ordinarias, ás 5^{as} ou sábados, no Paesão de Jommaris, ou Secretaria de Interior, ás 3 hrs. da Tarde

Publicidade do "Trabalho", no "Minas-Geraes"

Para Socio effectivo, residentes ^{agora} em Capital, seriam nomes em destaque os seguintes:

- 1. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco (autor das "Viagens de Minas e Goyaz")
- 2. Dr. Antonio Augusto de Lima (dir. do Archivo Publico e autor do mem. de "Um munizipio do ouro")
- 3. Dr. Carlos Dominis de Arri Toleza (aut. prof. de Historia e Geogr.);
- 4. ~~Dr. Antonio Carlos de Almeida~~ ^{idem} ~~de Almeida~~ ^{idem}
- 5. ~~Dr. Carlos~~ ^{Dr. Carlos} ~~de Almeida~~ ^{de Almeida} ~~de Almeida~~ ^{de Almeida} (autor de "Trabalho de Almeida")
- 6. Dr. João Pimpão Calogeras (autor das "Minas no Brasil")
- 7. ~~Dr. Antonio Pimenta~~ ^{Dr. Antonio Pimenta} ~~Dr. Antonio Pimenta~~ ^{Dr. Antonio Pimenta} ~~Dr. Antonio Pimenta~~ ^{Dr. Antonio Pimenta}
- 8. Dr. Antonio de Almeida ^{idem} ~~idem~~ ^{idem}
- 9. Dr. Francisco Monte, Procurador - prof. de Geographia
- 10. Dr. Camillo Luiz Maria de Brito - prof. " Historia, aposentado
- 11. Dr. Francisco Luiz de Veiga - muito versado em historia politica brasileira
- 12. Dr. Antonio Olythio dos Santos Pires - autor de varias memorias sobre Hist. Min.
- 13. Desembargador Theophilo Pereira da Silva, dado a estudos historicos mineiros
- 14. Desemb. Dr. Francisco Julio de Veiga, idem, id.
- 15. Dr. Justo de Almeida - idem, id.
- 16. ~~Dr. Antonio de Almeida~~ ^{Dr. Antonio de Almeida} ~~Dr. Antonio de Almeida~~ ^{Dr. Antonio de Almeida} ~~Dr. Antonio de Almeida~~ ^{Dr. Antonio de Almeida}
- 17. Dr. Affonso Pimenta junior - idem, id.
- 18. Dr. Leopoldo Jacob - ex. Secretario do Archivo Publ. e dado a estudos " "
- 19. Coronel Antonio de Carvalho Brandão, 24. dees. " " " " " "
- 20. Dr. Josephat Bello - dado a estudos sobre geologia e geogr. de Minas.
- 21. Augusto Franco - autor de trabalhos de critica historico-literaria
- 22. Francisco de Paula Souza, autor da "Historia da Hist. do mun. de Juiz de Fora"
- 23. João Cancellato - " de chronica sobre "Tempos idos" (Rio de Janeiro)
- 24. ~~Dr. Carlos de Almeida~~ ^{Dr. Carlos de Almeida} ~~Dr. Carlos de Almeida~~ ^{Dr. Carlos de Almeida} ~~Dr. Carlos de Almeida~~ ^{Dr. Carlos de Almeida}

Apontamentos para a criação do Instituto Histórico, Arqueológico e Geográfico de Minas Gerais e proposição de nomes para sócios efetivos e correspondentes. Folhas avulsas, s.d. APCBH/NCS. 5 (52).

Os seguintes nomes se impoem

APCBH/NCS 5(52)

s.d

- (São as seguintes)* filhos de Minas, residindo dentro e fora do Estado.
- para Socio correspondentes
- 1 de ~~Delgado~~ Dr. Silveiro Pimenta (Mariana)
 - 2 Dr. Joaquim Silveiro. filho de Diamantina
 - 3 Dr. Antonio Augusto Velloso, (ouro Preto)
 - 4 Dr. Diogo de Vasconcellos - (ouro Preto)
 - 5 Dr. Affonso Amorim de Melles Franco - (São Paulo)
 - 6 Dr. Francisco Holo Leite Pereira - (Campesina)
 - 7 Dr. Antonio Carlos Silveiro de Faria (Juiz de Fora)
 - 8 Dr. Eduardo Machado de Castro (nun. de Juiz de Fora)
 - 9 Commendador Antonio Gomes da Silva - (Foz de Iguaçu)
 - 10 Pedro da Silveira - (Pombal)
 - 11 Arthur Alva de Abreu e Silva - (Rio de Janeiro)
 - 12 Dr. Fernando Holo Leite Pereira - (Juiz de Fora)
 - 13 Dr. Sylvio de Almeida - (São Paulo)
 - 14 Dr. Manoel Viotti - (idem)
 - 15 Lafayette de Toledo - (Casa Branca)
 - 16 Dr. Affonso de Almeida - (ouro Preto)
 - 17 Comm. Antonio Borges de Campesina - (Uberaba)
 - 18 Capitão de Alcaide - (Capital Federal)
 - 19 José Verissimo - (idem)
 - 20 Dr. Henrique Augusto de Oliveira Viçosa - (Barbacena)
 - 21 Dr. Gustavo da Cunha - (Capital Federal)
 - 22 Affonso Luiz Antonio Pinto - (Lavras)
 - 23 Caquillo Felinto Prates (Monasterio Claro)
 - 24 Prof. José Cyrilliano Soares Ferreira - (Barbacena)
 - 25 Prata Ernesto Junior - (Pari)
 - 26 Dr. Francisco Duarte Badaró - (Minas Novas)
 - 27 Dr. Theodomiro Alves Pereira - (Diamantina)
 - 28 Padre Francisco Martins Dias - (Araras)
 - 29 Visconde de Ouro Preto - (Rio de Janeiro)
 - 30 Dr. Pedro Lameiras de Lemos (Lagoa dos Carvalhos)
 - 31 Commend. Ameliano Timentel - (Capital Federal)
 - 32 José Maria de Aguiar Junior - (Juiz de Fora)
 - 33 Prof. Barandier - (Campesina)
 - 34 Prof. Francisco de Aguiar - (Campesina)
 - 35 Prof. Leopoldo de Faria - (Barbacena)

Tem todos pronunciado
nomes para os estudos
historicos, uns como
professores, outros como
escriptores e chro-
nistas. Não são
os únicos; são os
de que no momento
nos recordamos.

APCBH

Instituto Histórico Mineiro

Instalado a 15- VIII- 1907, em Belo Horizonte, sob os auspícios do
Presidente João Pinheiro. APCBH/NCS.5(36)

SEDE SOCIAL- (Provisória) Pelacete Alvaro José dos Santos. 1941.08
Rua Espírito Santo- 757- 1º andar- Sala 5-
(Esquina Afonso Pena)

CORRESPONDENCIA- Rua Rio Grande do Norte- 1545-
Belo- Horizonte- Minas-

-" PELAS ATIVIDADES DE SUAS ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS, LITERÁRIAS E CULTURAIS, PODE- SE MEDIR A CULTURA DE UM PAÍS "-

-" COMPARECER ÀS REUNIÕES ASSOCIATIVAS, LEVANDO CONSIGO O QUE PENSAR, OBSERVAR E O QUE SABE, PROCURANDO TORNAR- LAS ÚTILMENTES NÃO É SÓ UM DEVER ASSOCIATIVO MAS TAMBÉM UMA GRANDE ALEGRIA ESPIRITUAL "-

-" PROCURE DEDICAR ALGUNS MOMENTOS DE SUA EXISTÊNCIA AO ESTUDO DAS COISAS DE SUA TERRA "-

-" PARA ESTUDAR E CONHECER A PÁTRIA É PRECISO FAZER: LHE O SACRIFÍCIO DO TEMPO E DEDICAR: LHE VERDADEIRO AMOR. QUEM TRATA DO PAÍS- DO É DESINTERESSADO E SÓ O DESINTERESSE É NOBRE ELEVADO E DIGNIFICA AS ASPIRAÇÕES DOS HOMENS "- (Eduardo Prado).

Nº de SÓCIOS :

Classe - A-	Efetivos- 100
Classe - B-	Assistentes Municipais- Indeterminado.
Classe - C-	Correspondentes- "
Classe - D	Honorários- "
Classe - E-	Beneméritos- "

REUNIÕES Uma sessão ordinária mensal- (No 1º sábado de cada mês)
Sessões extraordinárias- (Quando convocadas)

DIRETORIA

<u>PRESIDENTE DE HONRA-</u>	DR. Getúlio Dornelas Vargas e Benedito Valadares Ribeiro.
Presidente-	Prof. Aníbal Matos
Vice -Presidentes-	Dr. Noronha Guerani, Cel. Herculano da Assunção, Dr. Lourenço Baeta Neves
	Dr. Milton Campos.
Secretário Geral-	Dr. Salomão Vasconcelos
2º Secretários-	Dr. Arnaldo Cathoud e Dr. Edelweiss Teixeira.
Oradores-	Dr. Roberto Vasconcelos e Dr. Célio Nelson de Sena.
Tesoureiro-	Dr. José Oswaldo de Araujo-
Bibliotecário e Conservador do Museu-	Dr. Emílio Jacob-

CONTRIBUIÇÕES- Diploma- 30\$000
Anuidade- 30\$000 (Com direito aos Anais).

2/13

Dados sobre o Instituto Histórico Mineiro: incluindo uma lista de nomes que compunham a diretoria e os sócios efetivos. Folhas avulsas. 1941.08. (Fl. 1) APCBH/NCS.5.(36)

CLASSE A- SÓCIOS EFETIVOS - (agosto - 1941)

APCBH/NCS.5(36)
1941.08

Cd.	NOMES	TÍTULOS	SECÇÃO	ENT.	ENDEREÇO
1	Abílio Velho Barreto	Jorn.F.P.	H.	1927	G. Dias- 385
2	Adolfo Ribeiro Viana	Bac.Jorn.	H.	1927	Amazonas- 1508
3	Afonso José dos Santos	Adv.Prof.	H.	1927	R.G.Norte- 1341
4	Alarico Torres	Agrn.	G.	1927	Sec. Viagem-
5	Alberto Alvares da Silva	Adv.Prof.	G.	1927	Timbiras- 1671
6	Alberto Deodato	Adv.Prof.	H.	1938	R.Je Janeiro-2162
7	Alvaro Astolfo da Silveira	Eng.Prof.	G.	1907	G.Dias- 1079
8	Anibal Matos	Bac.Prof.	Arq.Ar.	1927	F. Sales- 1446
9	Antônio dos Santos Cabral	Arq.	H.	1940	P. Liberdade-
10	Antonio Valadares Ribeiro	Adv.Prof.	G.	1927	E. Santo- 1292
11	A. Augusto Versiani Veloso	Adv.Prof.	H.G.	1927	Aimorés- 1231
12	Arduíno Fontes Bolívar	Adv.Prof.	H.Ar.	1927	A. Lima- 523
13	Argemiro Rezende Costa	Adv.	H.	1927	Pernambuco-
14	Arnaldo Cathoud	Med.	Arq.ant.	1938	Getúlio Vargas-1473
15	Arquimédes Pinto Coelho	Eng.	G.	1938	Sec.Viagem-
16	Augusto Couto	Bach.	H.G.	1938	Tupinambás-489
17	Benjamin de Lima	Bach.	G.	1927	Guajajaras-466
18	Benedito José dos Santos	Eng.	G.	1927	S.Rita Durão-848
19	Benedito Quintino dos Santos	Eng.	G.	1938	E.Santo- 2253
20	Cáio Nelson de Sena	Bach.	H.	1927	B.Guimarães-1070
21	Cincinato G.de Noronha Guarani	Bach.	H.	1927	E.Santo- 1431
22	Ciro Versiani dos Anjos	Bach.	Gen.	1940	Tomaz Gonzaga-531
23	Cipriano de Carvalho	Eng.Prof.	H.G.	1927	G.Vargas- 900
24	Copernico Pinto Coelho	Bach.	G.	1938	Curitiba- 1710
25	Cristiano Monteiro Machado	Bach.	H.	1927	B.Guimarães-2570
26	Edelweiss Teixeira	Med.	H.Gen.	1939	B.Monteiro-1548
27	Eduardo Borges da Costa	Med.Prof.	H.	1927	Báia- 1466
28	Emílio Jacób	Bach.	H.	1927	Sergipe- 939
29	Ernesto Von Sperling	Eng.	G.	1907	G.Dias- 1200
30	Estevao Leite Magalhães Pinto	Bach.	H.	1927	Chumbo- 347
31	Flauzino Rodrigues Vale	Prof.Bac.	Ar.	1927	Tomé de Souza-
32	Francisco Mmedee Peret	Prof.	G.	1927	Pernambuco-
33	Francisco Brant	Bac.Prof.	G.	1927	af.Pena- 1954
34	Franc.Diógo Décio de Vasconcel.	Eng.	H.G.	1940	Piçá- 39
35	Franklin de Sales	Bach.	H.	1939	Av.Contorno-7060
36	Franc. Martins Carvalho	Bach.	H.	1938	Tupis- 84
37	Floriano de Paula	Prof.	H.	1938	Chumbo- 39
38	Geraldo Dutra de Moraes	Jorn.	H.	1939	Silva Jardim-117
39	Guerino Casassanta	Prof.	H.	1940	SaoPaulo- 1842
40	Haroldo Walter	Eng.	Arq.	1938	G.Vargas- 1509
41	Heitor Antunes de Souza	Bach.	H.	1938	A.de Lima- 1844
42	Henrique Cabral	Bach.	H.	1927	Timbiras- 1375
43	Herculano Teixeira Assunção	Mil.Bach.	H.	1938	G.Dias- 2309
44	Herivelindo Lopes Rodrigues	Med.	H.	1940	T.Gonzaga- 420
45	Hidelbrando Clarck	Bach.	Est.	1940	Sergipe- 348
46	Honório Guimarães	Prof.Jorn.	H.	1927	Jaspe- 8
47	Ignácio Murta Junior	Bach.	H.	1927	São Paulo- 2249
48	Israel Pinheiro da Silva	Eng.	G.H.	1927	Ceará- 1250
49	Ivan Magalhães Pinto	Eng.	G.	1939	Paraná- 520
50	Lincoln Prates	Bach.	H.	1927	Sergipe- 77
51	Jefferson Daphne Mourão	Eng.	G.	1927	Inconfidentes-
52	Jogo Camilo Oliv. Torres	Bach.	H.	1940	Aimorés- 236 $\frac{2}{3}$
53	Jogo Dornas Filho	Jorn.	H. Etn.	1939	G.Dias- 1022 $\frac{2}{3}$
54	Jogo Libano Soares	F.P.	H.	1907	Pernambuco- 680
55	João Lúcio Brandão	Bach.	H.	1927	Av. Brasil-1243

Dados sobre o Instituto Histórico Mineiro: incluindo uma lista de nomes que compunham a diretoria e os sócios efetivos. Folhas avulsas. 1941.08. (Fl. 2) APCBH/NCS.5.(36)

Ord.	NOMES	TITULOS	SECÇÃO	ENT	ENDEREÇO
53	Jogo Martins Freire	Eng.	H.	1938	Piauí-
57	João Evangelista Pinheiro	Bach.	H.	1938	Ant. Albuquerque-729
58	Joaquim Nabuco Linhares	F.P.	H.	1927	F.Tourinho-1003
59	José Carneiro de Rezende	Bach.	H.	1927	Baía- 1742
60	José Magalhães Drumond	Bach.Prof.	H.	1938	Baía- 1605
61	José Melo Teixeira	Med.	H.	1940	R.de Janeiro-1200
62	José Oswaldo de Araujo	Bach.	H.	1927	A.Cabral-414
63	José Ribeiro Viana	Bach.	H.	1927	J.Pinheiro-297
64	José Viana Romanelli	Bach.	H.L.	1940	Platina-
64	Juscelino Barboza	Bach.	H.	1907	Tomé de Souza-658
66	Leon Renault	Prof.	H.	1907	B.Guimarães-1199
67	Leopoldo Cathoud	Prof.	G.A.	1938	Ceará- 1010
68	Laurence Baêta Neves	Eng.Prof.	G.	1927	ClaudioM. 1185
69	Lúcio José dos Santos	Eng.Prof.	H.G.	1927	G.Vargas-923
70	Manoel Casassanta	Prof.	H.	1940	Sergipe-1423
71	Manoel Teixeira de Sales	Bach.	H.	1938	G.Dias- 1885
72	Mário Casassanta	Bach.Prof.	H.	1936	Contorno-5351
73	Milton Soares Campos	Bach.	H.	1938	T.Gonzaga-271
74	Milton Martins Andrade	Bach.	H.	1939	A. Lima- 645
75	Nelson Coêlho de Sena	Bach.	H.G.		S.Rita Durão-910
76	Nelson Faria	Bach.	H.	1907	E.Santo-1320
77	Olinto Meireles	Med.	H.	1907	Guajajaras-568
78	Onofre Menezes Junior	Bach.	H.	1927	Piauí- 808
79	Oscar Bering	Bach.	H.	1940	R.G.Norte-1488
80	Otávio Coêlho Magalhães	Med.	H.	1939	Chumbo-570
81	Paulo Rehfeld	Bach.	H.	1938	Minas Novas-40
82	Roberto Vasconcelos	Bach.	H.	1927	B.Monteiro-1557
83	Rodolfo Jacób	Bach.Prof.	H.G.	1907	Af.Pena-1452
84	Salomão de Vasconcelos	Med.Bach.	H.Gen.	1938	R.G.Norte-1545
85	Silvio Alvim	Agrn.		1938	Inconfidentes-868
86	Socrates Renam Faria Alvim	Agrn.	G.	1907	Baía- 1441
87	Tabajara Pedrozo	Prof.	G.	1938	Mato Grosso-929
88	Tancredo Martins	Bach.	H.	1927	R.Janeiro-1144
89	Teófilo Feu de Carvalho	Bach.	G.	1907	Piauí-1175
90	Teófilo Ribeiro	Bach.	G.	1907	Tomé Souza-651
91	Tito Fulgencio	Bach.	H.	1938	Jacuí- 863
92					
92	Waldemar Tavares Pais	Bach.	H.	1938	Curitiba-2257
93	Walterdo Silvino dos Mares	Bach.	H.	1907	Hotel Majestic
	Guia-				
94	Zoroastro Viana Passos	Med.	H.	1939	Tomé Souza-1442

Dan/.

$$\frac{9}{10} \left(\frac{3}{3} \right)$$

Dados sobre o Instituto Histórico Mineiro: incluindo uma lista de nomes que compunham a diretoria e os sócios efetivos. Folhas avulsas. 1941.08. (Fl. 3). APCBH/NCS.5.(36)

APCBH

APCBH/NCS-2(104T)
1939.04.19Federação das Academias de Letras do Brasil

Secretaria: EDIFÍCIO REX, sala 704 - Caixa Postal, 32 (Lapa)

RIO DE JANEIRO, 19 de Abril de 1939

Mestre e amigo
Dr. Nelson*de Sena.

Afetuosos cumprimentos.

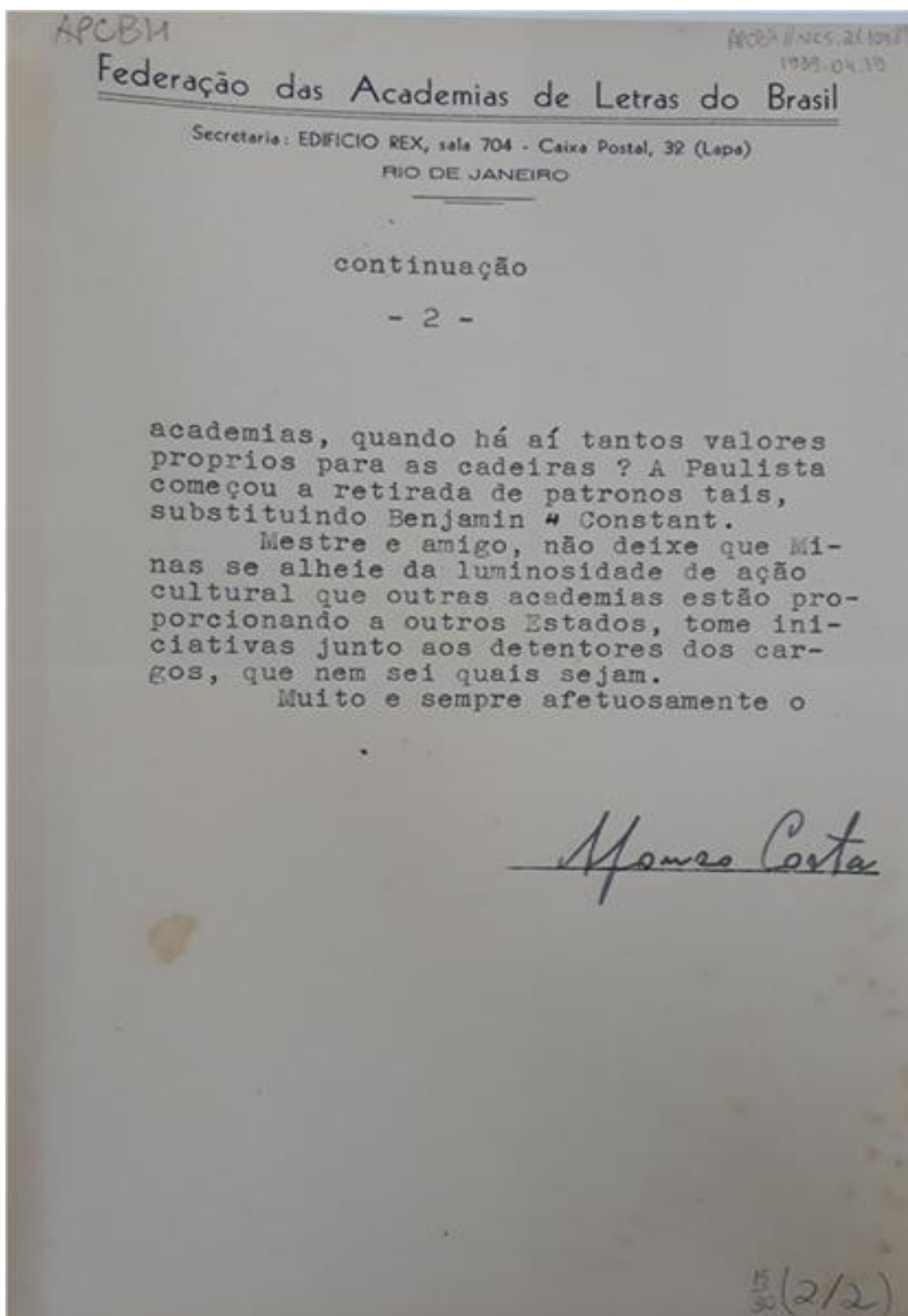
Que é da nossa Academia Mineira ? Quais os diretores eleitos, que se não dignaram de comunicar a eleição ? quais os candidatos eleitos às vagas postas em concurso ? Decididamente a Academia não quer colaborar conosco e eu não tenho o direito de incomodar frequentemente, com indagações, aos amigos.

Não querendo ela colaborar, não apoiou ainda a realização do Congresso e, pois, não designou seu representante no certame....

Mestre e amigo, tome conta aí dos nossos interesses. A Academia e o Instituto Historico designem representantes para o Congresso, o Governo igualmente, pois já solicitado; as adesões de congressistas devem ser feitas na proporção dos interesses intelectuais mineiros perante o certame.

Tentei, com os seus preciosos informes, organizar um quadro cronológico dos patronos da Academia, mas de alguns faltaram dados biográficos. Empenhemo-nos por obtê-los. Por que a Academia tem patronos de outros Estados, também já de outras

16
30(1/2)



Carta de A. Costa questionando a desorganização da Academia de Letras do Brasil. Rio de janeiro. 2 fls.
1939.04.19. APCBH/NCS.2. (1048)

UNIVERSIDADE DE S. PAULO
MUSEU PAULISTA
DIRECTORIA

APCBH//NCS.2 (1021)
1937.11.06

São Paulo, 6 de novembro de 1937

N. 870

Exmo. Snr.
Dr. Nelson de Senna,
Bello Horizonte

Exmo. e Illustre Amigo

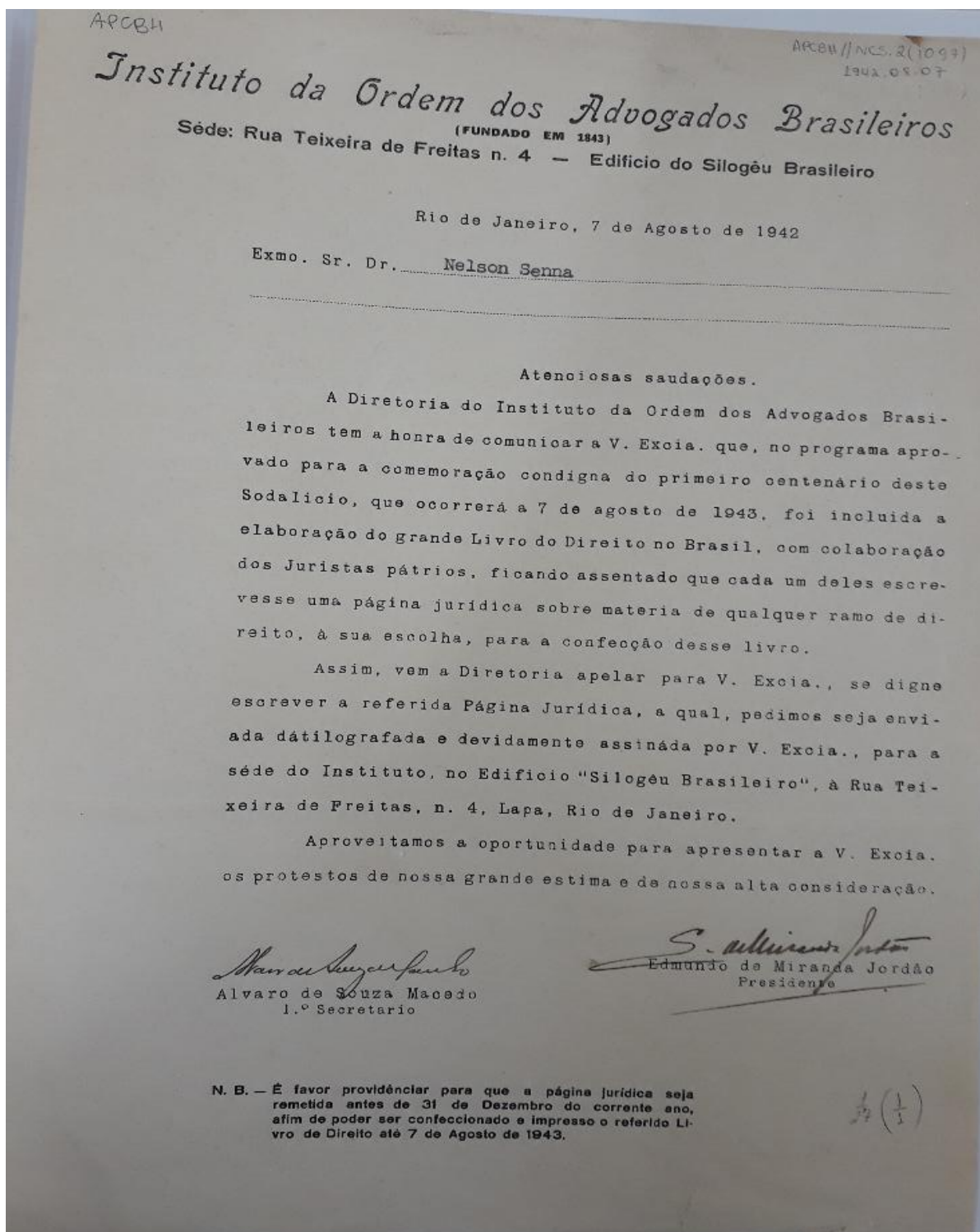
Recebi a sua carta a que deixei de responder logo por enorme atropello de correspondencia e precisar pensar sobre o caso que me propõe. Penso que infelizmente não posso de todo publicar os seus ineditos, ~~tenho~~ material immenso acumulado para a Revista, do pessoal da casa e as nossas impressões estão sahindo muito devagar com atrazo já grande; senão com muito prazer aceitaria tão brilhante collaboração, mas neste momento ^{he} é impossivel. Lembro-lhe a Revista do Instituto Historico Brasileiro, o Max facilmente lhe arranjará espaço, supponho.

Creia-me seu aff^o e gr^o admi^o - menor e

Affonso de E. V. de Moraes

$\frac{16}{29} \left(\frac{1}{1} \right)$

Ofício de Affonso de E.V. do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, comunicando-lhe a impossibilidade de publicação. São Paulo. 1. fl. APCBH//NCS.2. 1937.11.06.



Ofício de Edmundo de Miranda Jordão, presidente do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, pedindo-lhe sua colaboração para a elaboração de um livro sobre o Direito no Brasil pelo centenário do instituto. Rio de Janeiro. APCBH//NCS. 2. 1 fl. 1942.08.07.

APCBH//NCS, 2(1105)

1946.04.30

S. Paulo, 30, abril, 1946

Prezado e ilustre prof. Dr. Nelson de Lenna,

em resposta á carta em que pro-
põe ao diretor desta Companhia a publicação de
vários livros, todos para a Brasiliense, sob minha
direção, pedia a gentileza de me dar as seguin-
tes informações indispensáveis ao estudo da pro-
posta com que nos distinguia:

1) de quantos volumes se compõe a
sua obra "Topônimos brasileiros", que já tem pronta
para entregar aos editores e de que nos enviou
os três primeiros cadernos, da letra A a D, - ma-
téria para um volume;

2) se pode remeter-nos para exa-
me, por intermédio da Livreria Civilização Brasilei-
ra, no Rio, os originaes das duas obras "Elucida-
ção de afro-negrismo" e "Topônimos americanos
no Brasil";

3) se concordaria, no caso de poder
a Companhia encarregar-se da publicação dos livros
referidos, com o pagamento, que esta empresa

$$\frac{9}{11} \left(\frac{1}{2} \right)$$

APCBH/NCS. 2(1105)

1946.04.30 2

costuma pagar aos autores, de 10% sobre o preço de capa, a título de direitos autorais sobre a edição, e com o prazo não inferior a dois anos.

Não é preciso dizer-lhe que será para mim motivo de satisfação autorizar a inclusão na série Brasileira, de obras de um mestre de tão alta e reconhecida autoridade no domínio dos estudos históricos. Se dificuldades houver, serão de ordem estritamente comercial, e esperamos poder vencê-las.

Com a mais profunda consideração e estima,

Fernando de Azevedo

af. casa
Rua Bragança, 55
Paulo

2 (2/2)

APCBH

APCBH//NCS.2(1109)

1946.07.09

S. Paulo, 9. Julho, 1946

Prezado e ilustre prof. dr. Nelson de Sena,

dos dois livros cuja publicação vos propo-
 - "Causas Brasileiras" (2 vols.) e "Toponímicos Brasileiros",
 e sobre os quais dei parecer inteiramente favorável, a
 Companhia Editora, ao que me declarou o sur. Octales, só po-
 derá editar um, - este último, - e sem compromisso quan-
 to a prazo. O diretor da Companhia, sur. Octales, que
 deverá ir ao Rio no dia 23 do corrente, conversará
 pessoalmente com o amigo sobre o assunto. Em rela-
 ção à obra "Toponímicos Brasileiros", que interessa à
 Comp. publicar, deseja ele saber, antes de uma resolu-
 ção definitiva, o que falta para completar os origi-
 nais, de que nos foi entregue apenas (ao que pare-
 ce) uma pequena parte. Tudo será facilmente es-
 clarecido no encontro que tiverem no Rio.

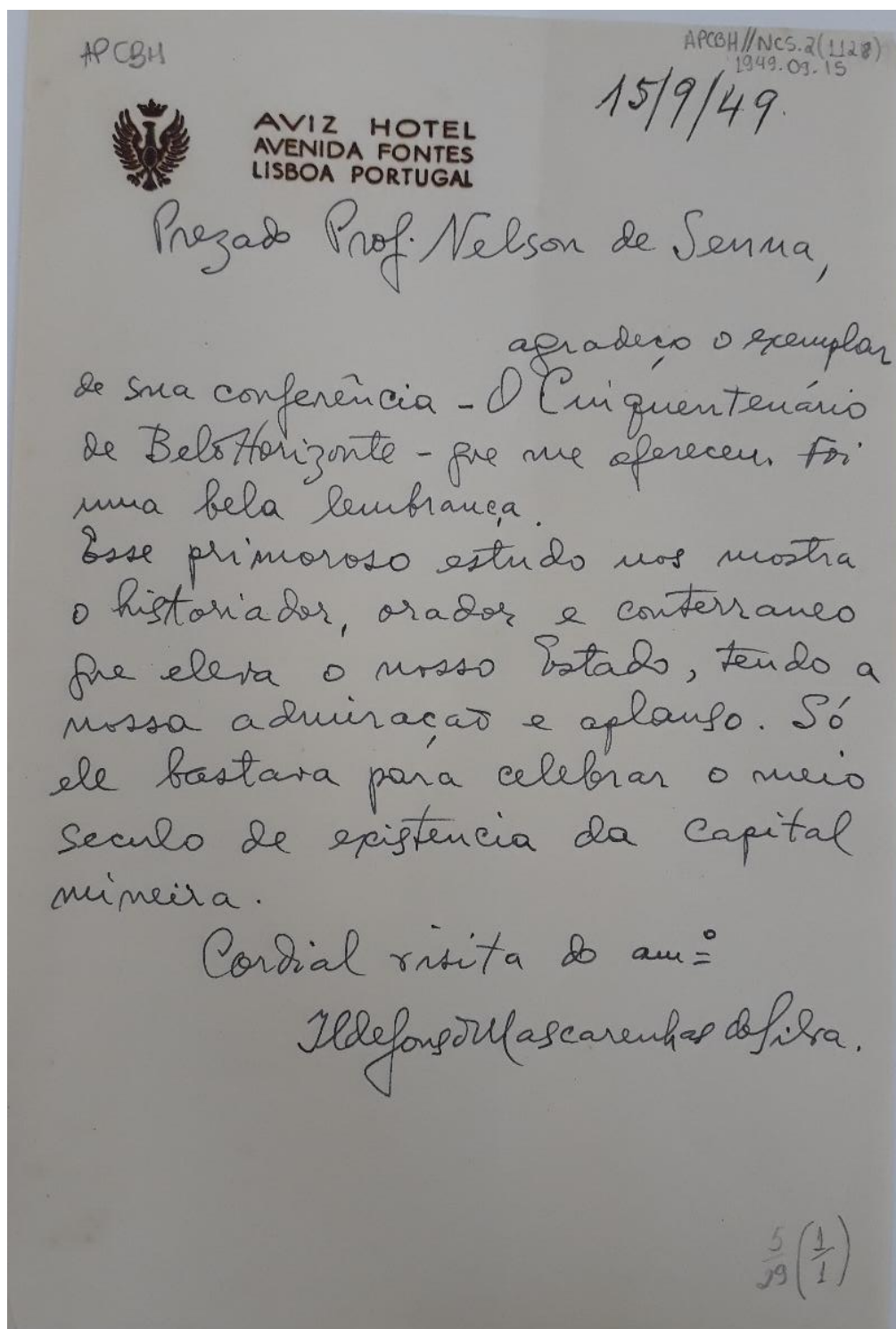
Com os melhores cumprimentos do
 amigo e admirador

M. Costa
 Rua Bragança, 55

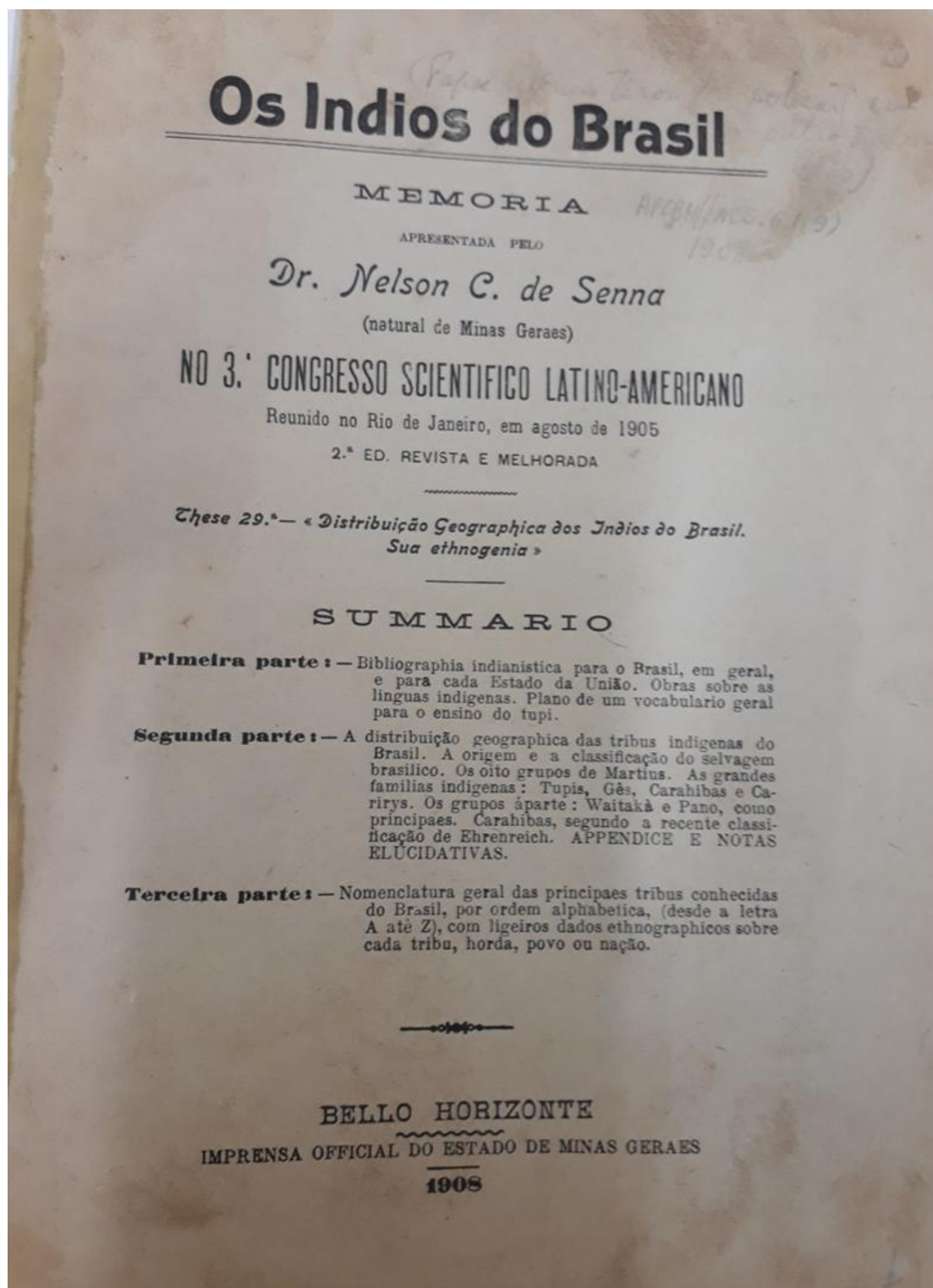
Fernando de Azevedo

$\frac{13}{27} \left(\frac{1}{1} \right)$

Ofício de Fernando de Azevedo dando-lhe parecer afirmativo para publicação de "Causas brasileiras".
 APCBH//NCS. 2. 1946.04.30.



Carta de Ildefonso Mascarenhas da Silva agradecendo-lhe o envio de "O Cinquentenário de Belo Horizonte". Lisboa. APCBH/NCS. 2. 1949.09.15.



Capa da publicação Os índios do Brasil, 1908. Memória apresentada ao III Congresso Científico Latino-Americano. Rio de Janeiro. APCBH//NCS.6.1 (9).